

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

MARCOS LANNER DE MOURA

**O papel da Orientação Profissional Clínica na trajetória de vida
no trabalho:**

Reflexões a partir da análise da narrativa de ex-orientandos

São Paulo

2021

MARCOS LANNER DE MOURA

**O papel da Orientação Profissional Clínica na trajetória de vida
no trabalho: Reflexões a partir da análise da narrativa de ex-
orientandos**

Versão Corrigida

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo, como parte das
exigências para obtenção do título de Doutor em
Psicologia.

Área de Concentração:
Psicologia Social

Orientadora: Prof^a Dr^a Yvette Piha Lehman

São Paulo
2021

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Moura, Marcos Lanner de

O papel da Orientação Profissional clínica na trajetória de vida no trabalho: reflexões a partir da análise da narrativa de ex-orientandos / Marcos Lanner de Moura; orientadora Yvette Piha Lehman. -- São Paulo, 2021.

209 f.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2021.

1. Narrativa. 2. Carreira. 3. Orientação Vocacional. 4. Trajetória Profissional. I. Lehman, Yvette Piha, orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: Marcos Lanner de Moura

Título: O papel da Orientação Profissional
Clínica na trajetória de vida no trabalho:
Reflexões a partir da análise da narrativa
de ex-orientandos

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo, para obtenção do
título de Doutor em Psicologia

Área de Concentração: Psicologia Social

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

À pequena Nina. Ao me fazer nascer pai, deslocou o eixo de rotação de meu universo. Nada mais se vê como antes. Dia, mês e hora ganham outro tempo e coloridos. E a vida pulsa mais intensamente.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Ori e Regina. Pela referência de força, luta, reflexão, ética, respeito, cuidado e dedicação. Pelo exemplo de vida, de educadores, de pesquisadores, de trabalhadores. Pelo incansável suporte, pela companhia, pelas cobranças, conversas, pelo apoio, incentivo, amor e conhecimento. Não seria muito dizer que foram pais incríveis e são, ainda, melhores avós.

À minha companheira, Ana, pelo incentivo inicial e por me acompanhar na longa trajetória deste trabalho, passando por quatro moradas, dois países, três escolas, gravidez, nascimento e pandemia. Pelas conversas, apoio, paciência e dedicação à nossa amada filha.

À Nina, que não só me fez conhecer um amor nunca antes imaginado, mas me ensina a cada dia um pouco mais sobre mim, sobre a Psicologia, sobre a imponderabilidade da vida e sobre a graça do viver.

Ao Otávio, à Marina, Paula e à pequena Irene. Pelos bons momentos em família. Pelas ajudas, conversas, reflexões, risadas e compartilhamentos.

À Prof.^a Dr.^a Yvette, pelo apoio, incentivo, criatividade e conhecimento. Por se fazer sempre disponível, nos momentos mais críticos. Pelo espaço de autoria e suporte a todos os movimentos que ocorreram e ideias que brotaram, ao longo do trabalho.

Ao Prof. Dr. Richard Young, por me receber na *University of British Columbia*, para intercâmbio de pesquisa, oportunizando uma experiência transformadora e de muitos aprendizados. Pelo incrível acolhimento que me proporcionou, convidando-me a participar de seu grupo de pesquisa e a frequentar disciplinas de Mestrado e Doutorado. Pelos apontamentos e direcionamentos em meu trabalho, indicações de leitura e pelas ricas trocas e discussões.

À equipe do laboratório de pesquisa do Prof. Young: Rosalynn, Magali, Meredith, Kesha e Vanessa, que carinhosamente me receberam e me integraram às atividades desenvolvidas pelo grupo.

À Prof.^a Dr.^a Maria da Conceição Coropos Uvaldo, ou simplesmente Con, por, de maneira carinhosa, cuidadosa e bem articulada, batalhar pela OP brasileira. Por me acompanhar em meus passos nesse campo, desde a Graduação, seja nos estudos, seja nos

movimentos de carreira e pesquisa. Pelas conversas em corredores e congressos, pelas oportunidades, pelo carinho e pelo abraço acadêmico, na reta final deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Marcelo Afonso Ribeiro, pelas contribuições em meu Mestrado e Doutorado. Pela ajuda em viabilizar o intercâmbio de pesquisa. Pelo conhecimento, aulas, palestras e trabalhos que inspiram, instigam e contribuem com o avançar das ideias e da OP brasileira. Pela referência como pesquisador.

Aos colegas do Sedes, Mario Costa, Cida Martins, Guilherme Fonçatti, Christiane Ferreira, Sandro Mazzio, Cecília Vardi, Milena Greve, Juca e Paula, pelas trocas e parcerias e, principalmente, pela paciência com minhas ausências. Ao Mário Costa, um dos principais responsáveis por eu seguir pelo campo da OP, ao final da Graduação. À Chris, pelos tantos anos de parceria na prática em OP, em colégios e cursinhos, e agora também na docência. Ao Guilherme, Sandro e Milena, pelas conversas sempre prazerosas e cheias de aprendizado.

Ao (Prof. Dr.) Danilo Silva Guimarães. Pela grande amizade desde os tempos da Graduação. Pela companhia nos momentos prazerosos e acolhida nos doloridos, por tantas conversas reflexivas e divertidas. E também pela contribuição (aqui o motivo dos parênteses em Prof. Dr.) com meu trabalho, lendo-o, trazendo apontamentos pertinentes e dando-lhe força.

Aos tantos e significativos amigos com quem partilhei bons momentos de trocas, risadas e reflexões: Schor, Ivan, Dulce, Renato, Carol, Silvia, Guilherme, Kate, Bruno.. Entre tantos outros, que não caberia aqui nomear.

Aos tantos mestres que iluminaram meu caminho, pelo conhecimento até aqui.

Aos orientandos e clientes, os quais me possibilitaram aprender, errar, refletir e encontrar sentido em minha prática.

Ao programa canadense Emerging Leaders in the Americas (ELAP), pela bolsa concedida, que viabilizou o intercâmbio de pesquisa na University of British Columbia.

A todos os que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho, meu muito obrigado.

RESUMO

Moura, M. L. (2021). *O papel da Orientação Profissional clínica na trajetória de vida no trabalho: reflexões a partir da análise da narrativa de ex-orientandos* (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

O presente trabalho analisa o papel da intervenção em Orientação Profissional (OP) clínica na trajetória de vida de ex-orientandos, a partir da exploração de suas narrativas de carreiras, visando a contribuir com reflexões a respeito da prática clínica de OP e seus efeitos. Foram realizadas entrevistas semidirigidas com seis (6) participantes (4 mulheres e 2 homens) que vivenciaram um processo individual de OP clínica pelo Serviço de Orientação Profissional e Núcleo de Orientação Profissional, ambos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, há sete (7) anos (n=2), dois (2) anos (n=2) e até um (1) ano (n=2), para explorar as trajetórias de vida no trabalho e a experiência da intervenção em OP. Aplicou-se o método de análise holística das narrativas produzidas nas entrevistas e posterior comparação, enfocando os aspectos relacionados à OP para cada participante. O referencial teórico utilizado para análise é o Construcionismo Social e a Psicanálise. As seis narrativas expressam o exercício contínuo de construção de sentidos em sua dimensão psicossocial, diante de transições e desafios do percurso de vida no trabalho, pautados por buscas por satisfação, segurança, realização, dignidade, respeito, reconhecimento e autonomia. A OP foi significativa e proveitosa a todos os participantes, em diferentes aspectos e intensidades. Elementos contextuais influenciam a percepção da própria carreira e do papel da OP, assim como o percurso anterior e posterior à OP. Para dois dos seis participantes, a OP ocupou papel central na aproximação com seus objetivos. Para um destes, possibilitou saída da crise. Para dois, permitiu fortalecer ações e delinear objetivos direta ou indiretamente. Para um, proporcionou segurança, autoconhecimento e o começo da busca pelos objetivos. Para um, a OP não se alinhou com a busca por objetivos. Para todos, promoveu autoconhecimento. Apontaram-se implicações para a prática clínica em OP: a. importância em abordar o entendimento e a expectativa de carreira do cliente, bem como os objetivos e meios da OP clínica; b. identificar o movimento progresso à OP, na narrativa do cliente, considerando movimentos de abertura, fechamento ou estabilidade no processo clínico; c. disponibilizar sessões de acompanhamento, considerando o amadurecimento ou a definição da decisão, após o processo; d. endereçar as especificidades da carreira da mulher.

Palavras-chave: Narrativa. Carreira. Orientação Vocacional. Trajetória Profissional.

ABSTRACT

Moura, M. L. (2021). *The role of clinical Vocational Guidance in working life trajectories: reflections from the analysis of narratives of people who have undergone Vocational Guidance*. (Doctoral Thesis). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

The purpose of this study was to analyze the role of the Career Counseling (CC) intervention in the trajectories of people who have undergone such service, from the examination of their career narratives, aiming at contributing to reflections concerning the practice in CC and its effects. Semi-structured interviews were conducted with six (6) participants (4 women and 2 men) who underwent an individual process of CC, seven years prior to the interview (n=2), two years prior to the interview (n=2) and one year prior to the interview (n=2). All of them attended either the *Serviço de Orientação Profissional* or the *Núcleo de Orientação Profissional*, being both services of CC in the *Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo* (Psychology Institute of São Paulo University). The interviews were analyzed using the holistic narrative form analysis. Further comparison among the six narratives analysis was conducted, focusing aspects related to CC and its outcomes. The theoretical approach consists of both Social Constructionism and Psychoanalysis. The six narratives express the continuous process of construction of meanings on its psychosocial dimension, facing transitions and challenges in their work trajectories, guided by the pursuit of satisfaction, security, fulfillment, dignity, respect, recognition and autonomy. CC was meaningful and useful to all the participants, in different aspects and intensity. For two of the six participants, CC played a central role in approximating their goals. For one of them, CC made it possible to overcome a crisis. For two of them, it has made it possible to strengthen actions and outline goals, either directly or indirectly. For one of them, it has provided security, self-knowledge and the beginning of pursuit of their goals. For one of them, CC has not aligned with the pursuit of goals. For all of them, it has provided self-knowledge. Some implications have been pointed out to the practice of CC: a) the importance in approaching the client's comprehension and career expectation, as well as the objectives and means of CC; b) to identify the client's trajectory dynamics prior to CC in the client's narrative, considering movements of opening, closing or stability for the CC intervention; c) to provide follow-up sessions, considering the maturation or decision definition, after the intervention; d) to address the specificity of women's careers.

Key words: Narrative. Career. Career Counseling. Professional Lifespan.

Lista de Gráficos

Figura 1 - Gráfico da narrativa de Fernanda	82
Figura 2 - Gráfico da narrativa de Rosa.....	98
Figura 3 - Gráfico da narrativa de Maria	113
Figura 4 - Gráfico da narrativa de José.....	127
Figura 5 - Gráfico da narrativa de Carol.....	140
Figura 6 - Gráfico da narrativa de Carlos	153

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Informações sobre as entrevistas	62
Tabela 2 - Informações sobre os participantes	62
Tabela 3 - Informações socioeconômica dos participantes constantes na ficha de inscrição para atendimento no SOP/NOP USP	196
Tabela 4 - Colocações dos participantes relacionadas ao processo de OP	197

Lista de Abreviaturas e Siglas

Sigla	Descrição
AACDM	<i>Assessment of Attributions for Career Decision-Making</i>
ADM	Administração, curso de graduação
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CDDQ	<i>Decision-Making Difficulties Questionnaire</i>
CDSE	<i>Career Decision Self-Efficacy Scale</i>
CEIP	Centro Escola do Instituto de Psicologia da USP
CES	Career Exploration Survey
E.	Entrevistador
EACH	Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo
EBT	<i>Evidence Based Therapy</i> (Terapia Baseada em Evidências)
EEV	Escala para Exploração Vocacional
EIV	Escala de Indecisão Vocacional
EM	Ensino Médio
EMEP	Escala de Maturidade para Escolha Profissional
EMESP	Escola de Música do Estado de São Paulo
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
EUA	Estados Unidos da América
GA	Graduação em Gestão Ambiental
ICM	<i>Integrative Contextual Model of Career Development</i>
IP	Instituto de Psicologia
O.	Referência ao nome próprio do orientador que atendeu o participante
OP	Orientação Profissional
OPC	Orientação Profissional e de Carreira
OV	Orientação Vocacional
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SWLS	<i>Satisfaction With Life Scale</i>
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo
USP	Universidade de São Paulo
UP	Universidade Pública
UP1	Universidade Pública 1
UP2	Universidade Pública 2

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	15
1. INTRODUÇÃO.....	20
1.1.1 Contexto.....	21
1.1.2 Orientação Profissional: demandas contemporâneas.....	22
1.1.3 A Estratégia Clínica e o cenário global em Orientação Profissional.....	23
1.1.4 Orientação Profissional: um breve histórico.....	25
1.1.5 A Estratégia Clínica em Orientação Profissional.....	29
1.1.7 Resultados de intervenções em Orientação Profissional e a Estratégia Clínica: buscando subsídios para uma exploração qualitativa.....	38
1.2 OBJETIVO.....	46
1.2.1 Objetivo geral.....	46
1.2.2 Objetivos específicos.....	46
1.3 EM RELAÇÃO AOS TERMOS ORIENTAÇÃO VOCACIONAL, ORIENTAÇÃO DE CARREIRA, ACONSELHAMENTO PROFISSIONAL, ACONSELHAMENTO VOCACIONAL, ACONSELHAMENTO DE CARREIRA, ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL E ESTRATÉGIA CLÍNICA.....	47
2. METODOLOGIA.....	50
2.1 SOBRE A ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	53
2.2 PERSPECTIVA TEÓRICA.....	55
3. MÉTODO.....	59
3.1 PROCEDIMENTOS.....	60
3.2 DOS PARTICIPANTES.....	61
3.3 SOBRE O SOP E O NOP.....	62
3.4 ENTREVISTAS.....	63
3.5 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	65
3.6 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	67
3.7 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS.....	67
3.8 SOBRE O ENTREVISTADOR-PESQUISADOR.....	68
4. RESULTADOS.....	69
4.1 SEIS TRAJETÓRIAS E SUAS HISTÓRIAS.....	70
4.1.1 Fernanda.....	70
4.1.1.1 Introdução.....	70
4.1.1.2 Síntese do relato.....	70
4.1.1.3 Análise.....	72
4.1.1.4 Gráfico da narrativa de Fernanda.....	81
4.1.1.5 Observações finais sobre o relato de Fernanda.....	82
4.1.2 Rosa.....	84
4.1.2.1 Introdução.....	84
4.1.2.2 Síntese do relato:.....	84
4.1.2.3 Análise:.....	85
4.1.2.4 Gráfico da narrativa de Rosa.....	97
4.1.2.5 Observações finais sobre o relato de Rosa.....	98
4.1.3 Maria.....	101
4.1.3.1 Introdução.....	101
4.1.3.2 Síntese do relato.....	101
4.1.3.3 Análise.....	104
4.1.3.4 Gráfico da narrativa de Maria.....	111
4.1.3.5 Observações finais sobre o relato de Maria.....	113
4.1.4 José.....	115
4.1.4.1 Introdução.....	115
4.1.4.2 Síntese do relato.....	115
4.1.4.3 Análise.....	117
4.1.4.4 Gráfico da narrativa de José.....	125
4.1.4.5 Observações finais sobre o relato de José.....	128

4.1.5 Carol.....	130
4.1.5.2 Síntese do relato	130
4.1.5.3 Análise.....	131
4.1.5.4 Gráfico da narrativa de Carol:	139
4.1.5.5 Observações finais sobre o relato de Carol.....	140
4.1.6 Carlos	142
4.1.6.2 Síntese do relato	142
4.1.6.3 Análise.....	143
4.1.6.4 Gráfico da narrativa de Carlos	152
4.1.6.5 Observações finais sobre o relato de Carlos	153
5. DISCUSSÃO	155
5.1 CONTEXTO	156
5.1.1 Carreira e a maternidade.....	159
5.2 OP E TEMPO.....	160
5.3 CONFLITO, CRISE E RESSIGNIFICAÇÃO	162
5.4 COMO OS PARTICIPANTES SIGNIFICAM O PROCESSO: QUAIS MOBILIZAÇÕES E MODIFICAÇÕES DESTACAM..	164
5.5 COMO O PROCESSO DE OP É AVALIADO PELOS PARTICIPANTES.....	165
5.6 NARRATIVA, ESTADO-META, PERCURSO DE VIDA E OP: CONSTRUÇÕES SOBRE O PAPEL DA OP PARA OS PARTICIPANTES.....	167
6. IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA CLÍNICA EM OP	173
6.1 Compreensão da carreira.....	174
6.2 Conflito, crise e ressignificação.....	175
6.3 Amadurecimento da decisão e sessões de acompanhamento (follow-up).....	175
6.4 Carreira e maternidade.....	176
7. LIMITAÇÕES DA PESQUISA E REFLEXÕES PARA FUTUROS ESTUDOS.....	177
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	180
9. REFERÊNCIAS	182
APÊNDICES	191
ANEXOS	203

APRESENTAÇÃO

Com a intenção de aproximar o leitor do tema de estudos proposto, farei¹ uma breve retomada de meu próprio percurso profissional e teórico e das questões que suscitaram e instigaram a produção do presente trabalho.

Meu primeiro contato com a Orientação Profissional (OP) se deu na graduação em Psicologia, na disciplina obrigatória e estágio, nos dois últimos semestres do curso. Lembro-me de estar ainda bastante em dúvida sobre o que faria na Psicologia, ou mesmo inseguro se deveria permanecer na Psicologia ou tomar outros rumos. Como parte do estágio, nós, alunos do curso, nos submetemos a um processo de Orientação Profissional. Nesse processo, pude entrar em contato com minhas resistências e angústias ligadas à minha identidade vocacional e ocupacional. Em uma atividade projetiva, na qual, através de colagem, realizamos um “retrato” de nossa vida atual, evidenciou-se meu desejo (e frustração) em conciliar meus vários interesses e o quanto me incomodava a limitação do tempo para tanto. A limitação do tempo era também a limitação que a escolha por um campo a seguir ou a necessidade por buscar o próprio sustento impunham.

No semestre seguinte, continuidade da disciplina de Orientação, atendemos a um grupo de adolescentes que buscavam escolher uma carreira universitária. Lembro-me de ter me encantado com aquela experiência. Imediatamente, eu me identifiquei com os jovens, tão cheios de potencialidades quanto angústias. Ajudá-los a construir uma narrativa que desse contorno às suas angústias e indicasse um caminho foi realizador. Parecia-me o retrato do que vivíamos todos: muitas opções, poucas referências para nos nortear e um futuro incerto. À época, nem tudo era claro para mim, mas posteriormente percebi como esses dois momentos tiveram impacto significativo na minha trajetória profissional. No primeiro, estar em contato com minhas dificuldades de escolha e fragmentação identitária; no segundo, realizando-me em poder “reparar” nos adolescentes, através de um fazer profissional socialmente reconhecido e pertinente, minhas próprias angústias.

Após a graduação, segui intrigado com a problemática da identidade profissional tanto quanto com o processo de orientação. Percorri duas especializações. Na primeira, em Orientação Profissional (OP), pude me instrumentalizar melhor para atuar como orientador.

¹ Optou-se por utilizar a primeira pessoa do singular na escrita desta seção, para preservar o relato pessoal e favorecer a contextualização da motivação da pesquisa.

Todavia, seguia inquieto sobre como de fato poderíamos ajudar os clientes nesse tortuoso processo de construção de uma escolha ou de formação de uma identidade vocacional/ocupacional. A abordagem da Estratégia Clínica, proposta por R. Bohoslavsky e outros autores, a qual pressupõe um atendimento clínico nos moldes de uma Psicoterapia Breve, com base na Psicanálise, foi a abordagem de referência apresentada no curso. Como monografia desse curso, explorei, a partir de entrevistas com alguns orientadores, reflexões sobre os recursos auxiliares (colagens, dinâmicas etc.) usados em OP e organizei um pequeno compilado de atividades.

A segunda especialização foi em Psicoterapia Breve Psicanalítica. Nela, pude me aprofundar na teoria psicanalítica e na clínica psicoterápica, proporcionando maior subsídio teórico e prático também para minha prática em Orientação Profissional pela Estratégia Clínica. A monografia dessa segunda especialização virou tema de um mestrado *stricto sensu*, onde busquei aplicar o repertório teórico da Psicoterapia Breve Psicanalítica, a fim de explorar as especificidades da OP clínica, culminando na organização de um quadro sinóptico comparativo das propostas de alguns autores da OP clínica. Assim, se, na monografia da primeira especialização, busquei compreender aquilo que mais afastava a OP clínica de uma psicoterapia tradicional, na segunda especialização e no mestrado, busquei os elementos que as aproximam e discutir sobre as fronteiras (ou inexistência delas) entre esses dois campos.

Contudo, ainda que ao longo desse percurso eu tenha ampliado um pouco mais minha compreensão do processo de OP na Estratégia Clínica, segui com a inquietação sobre qual seria o alcance dessa proposta. Se foi possível me aprofundar nos subsídios teóricos do modelo de intervenção, fazia-me falta escutar mais aquele para quem a intervenção é destinada: o orientando. O quanto daquilo que nos propomos fazer, como orientadores, alcança o orientando? Qual o sentido que o orientando constrói, para si, da experiência do processo de OP?

É particularmente difícil encontrar pesquisas que explorem os resultados e processos de abordagens em OP, de uma forma geral (Whiston, Li, Mitts, & Wright, 2017; Heppner, 2003), e, em especial, da OP Clínica. Durante a pesquisa de mestrado, observei que é muito comum o estudo de casos nos moldes utilizados no âmbito psicanalítico: o próprio orientador escreve sobre um caso que acompanhou, relacionando-o com o suporte teórico de que dispõe (Levenfus & Soares, 2002, 2010; Lehman, Silva, & Uvaldo, 2006; Lehman, 2001; Carvalho, 1979; Bohoslavsky, 2001; Lima, Uvaldo, & Dias 2018; Elizalde Corbal & Rodriguez de

Costa, 2002). Por outro lado, encontramos também algumas pesquisas quantitativas que buscam mensurar, de acordo com escalas pré-estabelecidas, como EIV (Escala de Indecisão Vocacional, Teixeira & Magalhães, 2001), EEV (Escala para Exploração Vocacional, Teixeira, Bardagi, & Hutz, 2007) ou EMEP (Escala de Maturidade para Escolha Profissional, Neiva 2002), a efetividade da intervenção, comparando medidas pré e pós-intervenção (Esbrogeo, 2008; Sparta, Bardagi, & Teixeira, 2006; Bardagi & Albanaes, 2015; Ambiel, Barros, Pereira, Tofoli, & Bacan, 2017).

Embora válidos, tais estudos não contemplavam meus anseios de escutar o orientando e buscar em sua narrativa os sentidos que atribui à intervenção, além de não darem conta, de maneira geral, de explorar o quanto de fato um processo de orientação pode transformar e contribuir com a construção do percurso e da identidade do orientando, ao longo do tempo. Na minha experiência profissional e na de outros colegas que atuam nesse campo, é comum colhermos relatos de ex-orientandos sobre seus percursos profissionais e pessoais, por vezes, anos depois de uma intervenção, os quais dão luz sobre a importância da vivência do processo em suas trajetórias, assim como relatei acima sobre a minha própria experiência e reverberações decorrentes.

A OP Clínica se propõe abordar o vínculo da pessoa com sua carreira (Lehman 2010 e 2011), possibilitar o (re)narrar de sua trajetória (Moura, 2014), visando à integração das identificações (Bohoslavsky, 2003b/1977), à elaboração de conflitos, medos e fantasias (Malki, 2015), entre outros aspectos, não exatamente abordados pelos testes e métricas pré-estabelecidos. Como melhor construir saberes em relação ao alcance dessa proposta para as pessoas? Como poderia qualitativamente explorar as implicações e modificações que o processo possibilitou? Não se trata de medir a eficiência, porém, de encontrar elementos que permitam melhor compreender a experiência daqueles que passaram por um processo, de maneira condizente com a profundidade e complexidade que a abordagem clínica almeja alcançar.

Em paralelo a isso, observam-se grandes transformações no campo da OP (*Career Counseling*) internacional (Guichard, 2012; Pelletier, 2001; Collin & Young, 2000; Savickas et al., 2009; Ribeiro & Melo-Silva, 2011; Walsh, 2001; Lehman, 2010). Propostas que almejam a coconstrução de projetos de vida, através do (re)narrar a própria história, em sessões periódicas, se difundiram em diferentes modelos pelo globo, nas décadas recentes. Sempre me chamou a atenção a proximidade desses “novos” modelos com a Estratégia

Clínica preconizada por Bohoslavsky, ainda no final da década de 60. Ribeiro, Uvaldo e Silva (2015) apontam o quanto o contexto de heterogeneidade, instabilidade e fragmentação comum à América Latina, há muitas décadas, foi se tornando também realidade para outros cantos do globo, possivelmente levando igualmente a um alinhamento ou aproximação dos modelos de intervenção em OP. Este se mostrou mais um aspecto a reforçar a pertinência e a atualidade da Estratégia Clínica em OP, para mim, ampliando o desejo de encontrar formas de melhor compreender e compartilhar seu alcance, potencialidades e limitações.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho se propõe explorar como sujeitos que vivenciaram um processo de Orientação Profissional na Estratégia Clínica o significam, ao narrar suas próprias trajetórias de vida no trabalho. Com isso, pretende-se aprofundar os conhecimentos acerca dos impactos do processo de Orientação Profissional e contribuir com o campo de intervenção em OP e, mais especificamente, com a abordagem clínica em OP.

Para apresentar a pesquisa aqui implicada e seu propósito, bem como fundamentar o método escolhido para realizá-la, serão explorados a seguir aspectos relacionados ao contexto contemporâneo em que nos inserimos, às demandas atuais para o campo da OP e à Estratégia Clínica, nesse contexto. Será também trazido um breve histórico da OP e um panorama da Estratégia Clínica e seus fundamentos. Por fim, será dirigido o olhar para a problemática, a partir do campo de pesquisa sobre carreira e daquele ligado à avaliação de intervenção em OP.

1.1.1 Contexto

Em tempos recentes, assiste-se a significativas modificações na relação do homem com o trabalho e o contexto sociolaboral. As revoluções tecnológicas (em especial, no campo da comunicação e informática) e o esgarçamento do modelo produtivo do capitalismo industrializado desenham novos padrões de organizações sociais. Enquanto o desenvolvimento da tecnologia amplia a possibilidade de comunicação, popularizando aparelhos eletrônicos, como computadores e celulares e formas de conectividade e comunicação, em uma rede global, o capitalismo industrial aos poucos dá lugar à economia do conhecimento: o produto material paradoxalmente reflete menor lucro, quanto mais efetivas são as formas de produção e reprodução, enquanto o capital imaterial (conceito, conhecimento, informação, imagem, ideia, *software*) assume centralidade no potencial lucrativo (Gorz, 2005). Após o desenvolvimento das tecnologias de informação, na era informacionalista, a fonte de produtividade e crescimento está na geração de conhecimento, estendendo-se para todos os ramos da atividade econômica, através do processamento de informação. A produção é reorganizada, maximizando a produtividade baseada em informação, na qual os recursos humanos são os vetores e engrenagens (Castells, 1999, citado por Young & Collin, 2000).

A globalização, intensificando-se, comprime espaço e tempo, colocando centro e periferia do capital justapostos, confrontando dinamicamente diferentes culturas, economias e políticas (Hall, 2011).

As instituições e estruturas ideológicas, em especial nas sociedades ocidentais ricas, se mostram mais frágeis, menos estáveis e cada vez menos amparadoras para os indivíduos, sendo atribuída a estes, cada vez mais, a responsabilidade pelo governo de seus percursos profissionais e, de maneira mais ampla, igualmente os de vida (Guichard, 2012).

Nesse contexto, o *emprego*, como forma de relação do homem com o trabalho, através de um vínculo estável com uma corporação, é aos poucos desconstruído. Trabalhadores circulam entre as instituições, ao longo de sua trajetória profissional, os vínculos duradouros tornam-se mais raros e as transições mais comuns. Exige-se flexibilidade do trabalhador e das instituições, para lidar com uma realidade contemporânea mais competitiva e exigente, fragmentada e instável. Segundo Malvezzi, “essa mudança re-equaciona tanto o desenvolvimento dos negócios como o crescimento psicológico do ser humano.” (Malvezzi, 1999 p. 313)

1.1.2 Orientação Profissional: demandas contemporâneas

A conjuntura de flexibilização, heterogeneidade, complexidade e fragmentação que marca o mundo sociolaboral contemporâneo apresenta novas demandas para o campo da Orientação Profissional (OP), colocando em questão modelos antigos e exigindo novas reflexões, que possam acessar múltiplos aspectos da vida, a partir de seus diversos contextos (Ribeiro, 2011d). Escolher uma profissão não se resume ao momento de escolha de um curso, ao final do Ensino Médio, e o percurso profissional trilhado, atualmente, se confunde com trajetória de vida. As mudanças são constantes e a construção da carreira é um processo contínuo.

As principais instituições sociais (religiosas, ideológicas, partidárias, associativas, sindicais etc.) cada vez menos oferecem suporte psíquico e/ou material (*holding* ou sustentação, conforme o conceito de D. Winnicott), restando ao indivíduo definir o sentido da vida, os valores fundamentais, as balizas que compõem a sustentação para orientar-se. Dessa forma, a orientação não deve se centrar apenas na reflexão a propósito do percurso profissional ou de formação, mas, para além disso, possibilitar que o indivíduo se implique na atividade de reflexão sobre si mesmo, sobre as próprias ações, expectativas, sobre seu

entorno, entre outras coisas, visando à integração do próprio percurso em uma vida que lhe faça sentido (Guichard, 2012).

Guichard (2001) aponta para a importância de o processo de orientação ajudar cada pessoa a diversificar o sistema subjetivo das formas de identidades nas quais ela se constrói. Se, em seus primórdios, a Orientação Profissional operava com um objetivo claro de contribuir para a realização de uma sociedade mais harmoniosa, baseada no entendimento de que cada um poderia ocupar o lugar correspondente às suas aptidões, no presente, a situação é diferente: os objetivos operacionais são mais diversos, os propósitos éticos e sociais pouco claros e as articulações entre finalidades e objetivos parecem ser relativamente complexas.

De acordo com Lehman (2010), o campo da Orientação Profissional atravessa um momento de transformações importantes. Enquanto o trabalho do orientador era majoritariamente voltado para o público adolescente em vias de escolher seu curso superior ou área de atuação, ao final do Ensino Médio, atualmente, a Orientação Profissional é buscada por diferentes públicos e em diversos momentos da vida: jovens universitários, profissionais já inseridos no campo profissional, desempregados, aposentados, entre outros. Mesmo aqueles que possuem emprego sofrem da sombra da instabilidade e da imprevisibilidade do mundo contemporâneo, em conjunto com a pressão pela solução individual na gestão da carreira. Procuram, na Orientação, um norte que os auxilie a navegar pelo infinito mar de possibilidades que se apresenta.

1.1.3 A Estratégia Clínica e o cenário global em Orientação Profissional

Diante de mudanças significativas no contexto sociolaboral em direção a um mundo mais heterogêneo, complexo, flexível, menos normativo, padronizado e estável, autores centrais do aconselhamento de carreira, ao redor do globo, sinalizam a necessidade de renovação teórica e técnica (Pelletier, 2001; Colling & Young, 2000, Savickas et al., 2009, Ribeiro, Uvaldo & Silva, 2015, Sparta, Bardagi & Teixeira, 2006; Guichard, 2012).

Ribeiro, Uvaldo e Silva (2015), citando Walsh (2001), apontam a busca e a valorização de abordagens mais ideográficas, qualitativas e contextualistas, as quais possam acessar múltiplos aspectos da vida das pessoas, em seus contextos, com base em modelos menos prescritivos e normativos, mais relacionais e contextuais, heterogêneos e psicossociais.

Savickas et al. (2009), em artigo de posicionamento da abordagem *Life Design*, indicam as mudanças em cinco fundamentos a que o aconselhamento de carreira (*Career Counseling*) contemporâneo deve se remeter: de traços e estados para contextos, de prescrição para processo, de causalidade linear para dinâmicas não lineares, de fato científico para realidades narrativas, da descrição para modelamento/construção.

É intrigante observar, contudo, que esses fundamentos já estavam presentes, em grande medida, em abordagens latino-americanas, em especial na Estratégia Clínica de Bohoslavsky. Ribeiro et al. (2015) apontam que isso se dá pelo contraste histórico de contextos socioeconômicos entre países do capital central e a América Latina. Enquanto, nos primeiros, houve um longo período de busca pelo bem-estar social, estabilizando garantias e recursos sociais para o trabalhador e possibilitando relações relativamente estáveis para trabalhadores e organizações, o contexto latino-americano foi marcado por grande desigualdade socioeconômica e relações instáveis. Assim, se hoje,

globalmente, parece clara a necessidade de novas direções ontológicas e epistemológicas para o campo do aconselhamento de carreira (*Career Counseling*) . . . na América Latina, essa demanda esteve sempre presente devido a contextos e situações de desigualdade socioeconômica e vulnerabilidade psicossocial, produzindo, frequentemente, trajetórias sócio-ocupacionais descontinuadas, fragmentadas, intermitentes e vulneráveis. (Ribeiro et al., 2015, p. 195, tradução livre)

Assim, embora pouco conhecidas mundialmente, propostas como a Estratégia Clínica de Bohoslavsky, dentre outras surgidas na América Latina, a partir dos anos 1970, enfatizam que não há intervenção possível sem se levar em conta a relação psicossocial e demarcam a indissociabilidade entre pessoa e contexto (Ribeiro et al., 2015). A Estratégia Clínica, em particular, estabelece um espaço de construção dinâmica dos vários aspectos que compõem uma identidade vocacional e profissional, considerando a história pessoal, contexto relacional e social, sendo o orientando agente e autor que coonstrói a narrativa de si com o orientador. É, portanto, qualitativo, contextualista, acessa múltiplos aspectos da vida em seus contextos, não normativo, não prescritivo, relacional, contextual e psicossocial, em acordo com o que se postulou no *main stream* global do aconselhamento de carreira, na virada do milênio, em torno de 30 a 40 anos depois da publicação do primeiro livro do autor.

Entende-se, pois, que pesquisar e buscar contribuir com a abordagem da Estratégia Clínica em OP é não só pertinente à contemporaneidade e condizente com o que se desenvolve globalmente em OP, mas é também uma desobediência epistêmica (Mignolo,

2009) em busca do desenvolvimento de conhecimento descolonizado, o qual atenda às necessidades do contexto sociolaboral brasileiro contemporâneo.

1.1.4 Orientação Profissional: um breve histórico

Embora o registro da reflexão a respeito do auxílio para a escolha de uma ocupação tenha mais de 400 anos (Bohoslavsky, 1980; Ribeiro & Uvaldo, 2007), a sistematização de uma prática em Orientação Profissional se deu na virada do século XIX para XX, surgindo de uma demanda emergencial pela prática, em um contexto de formalização e expansão da educação e com o crescimento do mercado de trabalho em processo acirrado da industrialização.

O entendimento da escolha profissional entre diversas áreas e das várias inserções no mundo do trabalho como uma problemática se tornou uma realidade, diante de três fatores que ganharam corpo, desde o século XVIII: as mudanças no modo de produção da Revolução Industrial, na passagem do trabalho predominantemente manual e mecânico para uma relação especializada e cada vez mais complexa com o trabalho; a passagem para um modelo social que compreende a possibilidade de mobilidade social, a partir do esforço pessoal iniciado com a Revolução Francesa; o surgimento e desenvolvimento da Psicologia, trazendo a possibilidade de identificar cientificamente as capacidades individuais e auxiliar no processo de inserção no mundo do trabalho (Ribeiro & Melo-Silva, 2011, p. 19).

Com a Revolução Industrial, houve a fragmentação e a especialização do trabalho, proporcionando uma ampliação das possibilidades de atuação profissional. Pela Revolução Francesa, adveio o ideário de igualdade (todos detêm os mesmos direitos e deveres enquanto cidadãos, rompendo com os privilégios de nascimento), a perspectiva de mobilidade social e o entendimento do indivíduo como base do social (ou seja, passa a ser compartilhado o sentimento de que o indivíduo constrói a sociedade, através de seu esforço pessoal). Junta-se a isso a busca pela produtividade e a otimização dos meios, através do desenvolvimento tecnológico e da ciência.

A Psicologia científica do final do século XIX e início do século XX, com a racionalização das funções dos trabalhadores, veio responder a essa demanda de ampliação da produtividade. Cada atividade e função eram minuciosamente organizadas em um processo

produtivo, medindo-se os tempos e as melhores formas de executá-las. Visando a otimizar a produção, procurava-se discriminar o melhor perfil de trabalhador, em determinadas funções. Essa ideologia, personificada na figura de Taylor, evidencia-se na máxima *the right man in the right place*.

A Orientação Profissional surgiu em contraste com a seleção. Operando na via reversa, trouxe reflexão para a relação do homem com o seu trabalho, movendo o foco para o indivíduo e preocupando-se com seu ajustamento no trabalho e na vida em geral (Lehman, 1980).

Frank Parsons, engenheiro civil e advogado de formação, é considerado o pai da Orientação Profissional. Motivado por uma incessante preocupação em transformar a sociedade, através de certos princípios, como a cooperação e o mutualismo, e com uma diversificada experiência no mundo do trabalho construída ao longo de sua vida, Parsons sistematizou um plano de OP, com base em entrevistas individuais que realizava com pessoas diversas, as quais lhe solicitavam ajuda para suas escolhas de carreira (Ribeiro & Uvaldo, 2011a). O autor entendia que a harmonia entre as aptidões, habilidades e interesses e o desempenho de uma função ensejaria maior satisfação e produtividade (Ribeiro & Uvaldo, 2007). Dessa forma, os princípios fundamentais que estabeleceu para a orientação vocacional foram, de maneira resumida, autoconhecimento, conhecimento sobre a realidade socio-laboral e "uma resultante verdadeira das relações entre esses dois grupos de fatores" (Parsons, 1909/2005, p. 5, citado por Ribeiro & Uvaldo, 2007).

Em 1908, Parsons inaugura o *Vocation Bureau*, mesmo ano em que vem a falecer prematuramente. Seus projetos, contudo, continuaram a ser desenvolvidos pelos seus discípulos e, em 1909, foi publicada postumamente a primeira bibliografia sobre Orientação Profissional – “Choosing a Vocation” –, de sua autoria.

Muitas perspectivas em Orientação Profissional se desenvolveram posteriormente, surgidas em diferentes contextos e trazendo outras concepções de indivíduo e sociedade.

Ribeiro e Melo-Silva (2011), a partir de sugestão de Guichard (2004), propõem-se organizar as principais construções teórico-técnicas da Orientação Profissional, a partir de perguntas-chave que representam as demandas para a OP, em cada contexto sócio-histórico, e as respostas fornecidas com base em suas teorias e estratégias. São elas:

- Como ajudar o indivíduo a realizar seu ajustamento vocacional/ocupacional?

- Encontra-se, nessa demanda, a perspectiva traço-fator, onde se incluem o método pragmático de Parsons, o enfoque tipológico hexagonal de Holland e o enfoque traço-fator. Pauta-se por uma visão mecanicista de ser humano e pressuposição de certa estabilidade nas configurações sociais e no indivíduo. O ajustamento vocacional, ou seja, a busca de congruência entre aptidões, habilidades e interesses individuais e a profissão escolhida é o princípio básico da Orientação Vocacional, objetivando maior produtividade, eficiência, sucesso e satisfação na carreira. (Ribeiro & Uvaldo, 2011).
- Como ajudar o indivíduo a entender os determinantes de sua escolha e poder escolher?
 - Nessa demanda, encontra-se a perspectiva psicodinâmica, onde se incluem o enfoque da satisfação das necessidades básicas de Roe, o enfoque psicanalítico de Bordin e a Estratégia Clínica de Rodolfo Bohoslavsky. “Tem suas raízes na psicanálise e busca compreender e explicar o comportamento vocacional pela dinâmica da personalidade, principalmente em seus aspectos inconscientes” (Lehman, Silva, Ribeiro, & Uvaldo, 2011, p. 111), concebendo o trabalho como mediador privilegiado entre o inconsciente e o campo social. Destacam-se duas vertentes teóricas: o *enfoque da satisfação das necessidades* e o *enfoque psicanalítico*.
- Como ajudar o indivíduo a desenvolver sua carreira?
 - Os enfoques desenvolvimentista e evolutivo compõem essa demanda-chave. Nesses enfoques, ao tomar a escolha profissional como fruto da experiência passada, circunstâncias presentes e visão de futuro, insere-se a dimensão de processo, transformando a visão de uma adequação estática e pontual da escolha vocacional em um processo evolutivo e dinâmico, assumindo a possibilidade de ajustes constantes entre as necessidades do indivíduo e as realidades do mundo do trabalho. (Lassance, Paradiso, & Silva, 2011).
- Como ajudar o indivíduo a compreender seu processo de tomada de decisões e desenvolver um método de escolha?

- Nessa demanda-chave, encontra-se o enfoque decisional cognitivo. Entende-se a pessoa “como agente do seu desenvolvimento e intencionalmente responsável perante seu destino individual e o mundo, cujos recursos monitoriza, no sentido de operar mudanças e de geri-las no seu sistema individual e ambiental” (Teixeira, 2011, p. 168). A abordagem do problema vocacional efetua-se numa sequência, etapas pré-determinadas a serem percorridas, as quais cumprem o desenvolvimento de operações cognitivas.
- Como ajudar o indivíduo a entender e enfrentar as múltiplas transições, em sua carreira?
 - Enfoque transicional. Considerando as mudanças no mundo do trabalho, agora marcado pela instabilidade, imprevisibilidade e mudanças periódicas, esse enfoque concebe a adaptabilidade de carreira como prontidão para lidar com mudanças no trabalho e em suas condições. “O termo responde a um contexto em que sujeitos adultos tomam inúmeras decisões de carreiras – voluntárias e forçadas” (Magalhães, 2011, p. 196). As intervenções do orientador têm “por objetivo o alcance de uma proporção mais favorável entre forças e fraquezas em cada fator do processo (situação, *self*, apoios e estratégias)” (p. 217).
- Como ajudar o indivíduo a construir dinamicamente sua carreira, em um mundo em transição?
 - Nessa demanda-chave, encontram-se os enfoques contemporâneos nos quais se dá o embate epistemológico em Orientação Profissional, entre as perspectivas objetivistas, construtivistas e construcionistas. A carreira, aqui, é concebida como um projeto social em construção conjunta com o projeto de vida de cada indivíduo, em uma dinâmica relacional, na qual *construção* se configura como a palavra-chave atual para descrever a operação de relação entre pessoa e mundo sociolaboral que dá origem à carreira. (Ribeiro, 2011d).

No Brasil, são cinco os estágios teórico-práticos da Orientação Profissional, de acordo com Lehman (2010): Informativo, Psicométrico, Clínico, Político e Social – e o atual Clínico

Social Ativo. Apesar dessa grande divergência de práticas e enfoques teóricos, é possível reconhecer uma definição comum da Orientação Profissional a todos eles, que é compreendida como “o processo pelo qual o indivíduo é ajudado a escolher e a se preparar para ingressar e progredir em uma ocupação” (Super & Bohn Jr., 1976, p. 199, citados por Lehman, p. 19).

Por fim, segundo Ribeiro (2014, p. 72), de uma forma geral, pode-se afirmar que “a OP . . . tem buscado propor concepções mais contextualizadas, que levem em conta a relação pessoa-mundo do trabalho e a compreensão das três dimensões envolvidas neste processo, a saber: a subjetiva, social e relacional.”

1.1.5 A Estratégia Clínica em Orientação Profissional

Na América do Sul, o argentino Rodolfo Bohoslavsky destacou-se, ao propor um modelo clínico de intervenção, com base na Psicologia clínica e social (Bohoslavsky, 1977/2003b, 1983).

O percurso teórico do autor torna particularmente difícil de enquadrar sua proposta em uma das demandas-chave exploradas por Ribeiro e Melo-Silva (2011). Em seu trabalho intitulado *Orientação Vocacional: A Estratégia Clínica* (1977/2003b), publicado ainda em plena ditadura, na Argentina de 1971, apresenta uma concepção psicodinâmica acerca da questão da escolha vocacional e estrutura uma proposta de intervenção, nos moldes de uma psicoterapia psicodinâmica breve. Em trabalho posterior, denominado *O Vocacional* (1983), tece críticas ao próprio modelo, ampliando seu olhar para as questões sociais e ideológicas presentes na problemática da escolha.

Assim, se, em um primeiro momento, é possível identificá-lo com a 2ª demanda-chave (*como ajudar o indivíduo a entender os determinantes de sua escolha e poder escolher*), a partir do enfoque psicanalítico que o embasa, o autor extrapola essa perspectiva, no entendimento da carreira como síntese do entrecruzamento das dimensões subjetiva e social, articulado no conceito de identidade, e na compreensão psicossocial de que o “homem é produzido em relações” (Bohoslavsky, 1983; Ribeiro, 2014). Se se considerar, ainda, que a proposta da Estratégia Clínica segue sendo desenvolvida e ampliada por outros autores, na América Latina, incorporando novos subsídios teóricos, demandas e práticas (Lehman, 2001, 2010; Lehman, Ribeiro, Uvaldo, & Silva, 2015; Lehman, Silva, & Uvaldo, 2006; Müller,

1988; Elizalde & Rodriguez, 2002; Levenfus, 2010; Moura, 2014, entre outros), torna-se mais complexa tal classificação.

A perspectiva clínica em OP tem como principal intuito voltar-se para aquele que escolhe, em seu processo de vinculação à realidade social, levando em conta sua história particular, contexto e anseios. O modelo clínico de intervenção, análogo ao de uma psicoterapia, favorece o processo de elaboração e subjetivação e propicia espaço para a construção de sentidos e apropriação pelo sujeito de seu próprio projeto pessoal e profissional em construção.

O trabalho, nessa perspectiva, é tomado como mediador privilegiado entre o inconsciente e o campo social. A tarefa do Orientador é a de ler o problema do entroncamento da vida de um sujeito – tendo em vista seu contexto, relações e percurso – que enfrenta o momento de escolher, com a problemática específica de escolher – considerando uma compreensão psicodinâmica do processo de escolha e suas implicações naquela pessoa, naquele determinado momento de seu existir – a partir de uma perspectiva clínica (Bohoslavsky, 2001).

É importante ressaltar que o entendimento de uma abordagem clínica em OP, nascida na Argentina das décadas de 1960 e 1970, está em diálogo com a perspectiva de que “todo ato terapêutico é um ato político”, defendido pela Escola de Psiquiatria Social encabeçada por Enrique Pichon-Rivière e José Bleger (Lehman, Silva, Ribeiro, & Uvaldo, 2011) e da compreensão de que o fazer clínico não deve se encerrar em consultórios.

Por Estratégia Clínica concebe-se uma intervenção não diretiva com o cliente, que tem na entrevista (no acontecer clínico) seu principal instrumento. Ocupa-se de *quem* e *como* escolhe, e este desempenha papel ativo no processo, na busca por uma decisão autônoma, consciente e responsável. Indivíduo e contexto são dinâmicos, não mensuráveis nem previsíveis, interdependentes e dialeticamente relacionados. Tal abordagem se volta para a singularidade humana, embora não se restrinja necessariamente à intervenção individual. O orientador se coloca também em campo, influenciando-o, em relação sujeito-sujeito com seu cliente, exercendo observação e ação autoconsciente concomitantes (observação-participante). Reflexão e ação, teoria e prática são indissociáveis, e a comunicação presta-se ao mesmo tempo como forma de conhecer o cliente e intervir; o vínculo é imprescindivelmente dinâmico e a subjetividade (do orientador e orientando) é ferramenta e não ruído.

Nessa perspectiva, o homem é tomado como sujeito de escolhas, e o futuro, enquanto projeto, tem importância atual-ativa e constitui parte da estrutura de sua personalidade, ou seja, entende-se que o que a pessoa procura ser também o estrutura no presente. O futuro, no intrapsíquico, está associado com os outros internalizados, de maneira que nenhuma carreira é pensada abstratamente. Portanto, a carreira, faculdade ou trabalho cristalizam as relações interpessoais passadas, presentes e futuras (Bohoslavsky, 1977/2003b).

O psicólogo ou orientador, por mais capacitado que seja, jamais deve se sobrepor à decisão de quem escolhe, pois "nenhuma adaptação a situação de trabalho ou estudo é boa se não supõe uma decisão autônoma" (Bohoslavsky, 2003, p. 21). O foco de atuação está voltado para o vínculo da pessoa com o trabalho (campo social) e os processos psíquicos operantes nessa vinculação, para que ocorra de maneira saudável, autônoma e potente.

Os problemas vocacionais são entendidos como resultantes de conflitos psíquicos vivenciados ante o processo de escolha, os quais não alcançaram solução autônoma. Os conflitos podem ser em relação à impossibilidade de integração de identificações diversas, à não elaboração do luto referente aos projetos abandonados, a idealizações e fantasias, entre expectativas e possibilidades etc. Enfatiza Bohoslavsky:

Todo conflito em relação à escolha de uma maneira de ser através de algo que fazer (de uma ocupação), expressa uma não integração de identidades diversas. Todas as dúvidas do jovem a respeito de "quem quer ser" obedecem a identificações que ainda não se integraram. Quando estas identificações se integram e perdem o caráter defensivo ou protetor original, o adolescente alcança sua identidade ocupacional O problema da orientação vocacional do adolescente esteja mais vinculado a tudo que ele tem de deixar do que ao que tem que tomar. (Bohoslavsky, 1977/2003b, p. 42-43)

Dessa maneira, o processo de escolha passa necessariamente por uma crise, caracterizada como ruptura da continuidade do ser e também como passagem e reajuste, ou seja, desestruturação e reestruturação da personalidade.

Bohoslavsky define *Identidade Ocupacional* como a autopercepção, ao longo do tempo, em termos de papéis ocupacionais. É, portanto, um aspecto da identidade pessoal, gerado na base da relação com os outros e influenciado pela gênese do ideal de ego, pelo grupo familiar, pelas identificações com os grupos de pares e identificações de gênero.

Em síntese, segundo essa proposta,

a escolha vocacional é uma escolha realizada por um sujeito (sujeito de escolhas), que busca elaborar seu passado e criar possibilidades vinculares futuras (processo de reparação) e as demandas subjetivas que daí surgem (identidade vocacional), por meio dos vínculos

estabelecidos (atuais, passados e potenciais) e das identificações realizadas com outros significativos do mundo sociolaboral (identidade ocupacional). (Lehman, Silva, Ribeiro, & Uvaldo, 2011, p. 124)

1.1.6 Carreira

Na virada do milênio, Collin e Young (2000) trazem à tona uma importante questão: diante de tantas mudanças no contexto sociolaboral e entendimentos diversos sobre o que, de fato, constitui uma “carreira”, na atualidade, caberia ainda usar tal termo?

Na era moderna, a concepção de carreira foi usada como uma forma de construir sentido para vida. O termo carregava (e ainda carrega, em alguma medida) sinônimo de *status*: alguns possuíam uma “carreira”, outros “apenas” uma sequência de trabalhos. Essa função social se prestava também às organizações, as quais se valiam desse atrativo para fidelizar seus colaboradores com “planos de carreira”, que desenham as etapas e benefícios a serem alcançados após o cumprimento de determinadas métricas.

Ao associar realização pessoal a um sistema produtivo (e ao benefício de organizações e sociedade), a ideia de carreira é uma retórica que dá suporte à ideologia vigente – do mérito individual, da busca por produtividade de base competitiva – e contribui para a estabilidade social (Collin & Young, 2000). Assim, embora em seu princípio o termo tenha carregado certo caráter elitista, ou seja, apenas para alguns,

a partir da metade do século 20, *carreira* se tornou um poderoso símbolo social que representa a ideia meritocrata de uma sociedade industrial em crescente complexidade e diferenciação, onde o *status* não mais depende de atribuição, mas sim podendo ser alcançado através do esforço, educação, mobilidade social, que são simbolizadas na ideia de carreira. (Young & Collin, 2000, p. 3, tradução livre)

Carreira, então, se constituiu como uma poderosa retórica, de modo que mesmo aqueles que se viram impossibilitados de acessar determinadas ocupações, ou progressão nelas, compartilham a ideia de que carreiras são "normais e desejadas". No contexto atual, contudo, diante de constantes experiências de descontinuidade e ruptura, tal significado inicial é colocado em questão (Young & Collin, 2000).

Richard Sennett (2009) assinala que a experiência de tempo desconexo na contemporaneidade ameaça a habilidade das pessoas de formar seus caracteres em uma narrativa sustentável, de estabelecer relações sustentáveis (e suportivas) e propósitos duráveis. Ressalta esse autor:

O que é singular na incerteza hoje é que ela existe sem qualquer desastre histórico iminente; ao contrário, está entremeada nas práticas cotidianas de um vigoroso capitalismo. A instabilidade pretende ser normal . . . Talvez a corrosão de caracteres seja uma consequência inevitável. “Não há mais longo prazo” desorienta a ação a longo prazo, afrouxa os laços de confiança e compromisso e divorcia a vontade do comportamento. (Sennett, 2009, p. 33)

Collin e Young (2000), contudo, defendem que o que se entende por carreira – e não o termo – é que deve se modificar, devendo abarcar o progresso em aprendizagem e trabalho, ao longo da vida, ou a sequência de experiências. Segundo os autores, o constructo deve se remeter a uma visão abrangente do indivíduo, tornando coerente as experiências simultâneas através da vida. Ou seja, o constructo *carreira* deixa de representar um determinado *status* social ou uma sequência previsível de papéis e funções, para ganhar sua força como elemento aglutinador de experiências, de uma multiplicidade organizada ou convergida em um ponto, relacionando passado e presente ao futuro. Carreira deixa de representar algo para ganhar força como construção de significados, tornando-se, portanto, relacional, processual, singular e psicossocial. Collin e Young (2000) concluem:

mesmo se as experiências dos indivíduos se tornam mais fragmentadas e atomizadas no mundo emergente, a carreira pode continuar agindo como um ímã que estabelece um campo de força entre as discrepantes experiências individuais, criando um produtivo conflito dos elementos contraditórios. Para criar esse campo de força, um de seus polos seria, por exemplo, retórica e controle, o outro seria práxis e potencial emancipação. Dessa forma, carreira poderia continuar a prover fonte de significado tanto para indivíduo como sociedade. (Collin & Young, 2000, p. 295-296, tradução livre)

Dries, Pepermans e Carlier (2008) retomam o percurso da forma como a carreira é definida por autores de referência do campo, no transcorrer do tempo: em 1961, Wilensky define carreira como sucessão de trabalhos organizados em uma hierarquia de prestígio, onde a pessoa percorre uma sequência de maneira ordenada e previsível; em 1980, D. Super a conceitua como a combinação e sequência de papéis assumidos por uma pessoa, durante o curso de vida e, por fim, em 1989, Arthur, Hall e Lawrence a identificam como a sequência evolutiva das experiências de trabalho de uma pessoa, ao longo do tempo. Esse percurso reflete bem a evolução de “emprego” para “experiências” e também a mudança de paradigma nas ciências sociais, no final dos anos 1980, com a atenção se voltando cada vez mais do mundo de trabalho objetivo para a experiência subjetiva.

A carreira passa a ser reconhecida e pesquisada, em seus aspectos objetivos e subjetivos, tanto pela Psicologia como pelas Ciências Sociais (Derr & Laurent, 1990; Khapova, Arthur, & Wilderom, 2007; Dries, Pepermans, & Carlier, 2008). Por carreira

subjetiva entende-se a interpretação do indivíduo sobre sua própria situação de carreira, em um momento qualquer (Khapova et al., 2007) ou o autoconceito do indivíduo em relação a organizações e ocupações (Derr & Laurent, 1990); a carreira objetiva, por outro lado, é a interpretação paralela de qualquer carreira provida pela sociedade e suas instituições (Barley, 1989, citado por Khapova et al., 2007) ou a percepção do contexto organizacional/ocupacional (Derr & Laurent, 1990).

Khapova et al. (2007) apontam que o estudo da carreira subjetiva apresenta quatro (4) propriedades em comum:

- Dualidade – Há sempre dois lados numa carreira, um observável publicamente (ou objetivo) e outro intrínseco (ou subjetivo). Embora coexistam, não necessariamente correspondem um ao outro, como, por exemplo, um gerente que tenha alcançado sucesso a partir de critérios objetivos de salário e cargo pode reportar menos satisfação pessoal que outro trabalhador, cuja função carrega menor prestígio social e proporciona remuneração mais baixa.
- Interdependência – Os dois lados da carreira não apenas coexistem, mas se influenciam mutuamente. Ou seja, a carreira objetiva proporciona experiências de trabalho capazes de influenciar a visão subjetiva de uma pessoa sobre sua carreira e vice-versa.
- Tempo – Traz a dimensão de processo entre os dois aspectos (objetivo e subjetivo) da carreira, além de ser intrínseco a certas questões, como estabilidade no emprego, habilidades e experiência ganhas, relacionamentos desenvolvidos, oportunidades encontradas etc.
- Múltiplas dimensões – Reflete diferentes aspectos da carreira subjetiva, como, por exemplo, buscar uma vocação, acumular novos conhecimentos, equilibrar vida pessoal e profissional etc.

Por sua vez, a carreira objetiva ou externa inclui realidades percebidas do mundo laboral (mercado de trabalho, demografia, estrutura de oportunidades, obsolescência etc.). Pode ser estudada através da coleta e análise de dados sobre as percepções das carreiras e como as organizações as manejam (Derr & Laurent, 1990).

Segundo Dries, Pepermans e Carlier (2008), os teóricos da carreira têm atribuído cada vez mais centralidade para a carreira subjetiva. Contudo, não se trata de dizer que a carreira subjetiva, hoje, se sobrepõe à objetiva, mas que são dois lados da mesma moeda. Não se pode

mais ignorar a carreira subjetiva, como foi feito em décadas passadas, ou simplesmente apenas olhar para a carreira subjetiva. Entretanto, constata-se o fato de que

teóricos da carreira estão se dando conta de que sucesso na carreira é antes uma construção social do que uma realidade objetiva; um conceito dinâmico antes de uma verdade estática; se transforma junto com os contextos sociais e culturais que o cercam. (Dries et al., 2008, p. 255)

Derr e Laurent (1990) sinalizam que, embora o campo de estudos da carreira estivessem inicialmente divididos entre dois polos – de um lado, partindo majoritariamente do campo da Psicologia e da compreensão de que “as pessoas fazem carreiras”, volta-se para aspectos como autodesenvolvimento na carreira, motivação, orientação e escolhas; do outro, partindo majoritariamente do campo das Ciências Sociais e da compreensão de que “carreiras fazem pessoas”, volta-se para os caminhos de carreira, correntes ocupacionais, estágios de carreira nas organizações etc. –, essa divisão não se sustenta, uma vez que a carreira tem natureza dialética e dualidade ontológica: liga indivíduos à estrutura social, através da fusão do subjetivo e do objetivo, fatos observáveis e interpretações individuais de experiência.

Por fim, após demonstrar as influências culturais no entendimento do que é carreira e sucesso na carreira, os autores levantam o ponto de que talvez seja mais útil e importante conceber a carreira externa como um artefato cultural; que tanto a carreira interna como externa são construções perceptivas e, dessa forma, amplamente influenciadas por concepções, valores e percepções profundas marcadas pelo contexto e lentes culturais em que se inserem. E concluem: o campo é mais bem compreendido como uma representação simbólica de padrões do trabalho do que como uma realidade objetiva e sistêmica (Derr & Laurent, 1990).

Os anos 1990 se mostraram como um divisor de águas, na compreensão da carreira: saímos da visão única de ascensão hierárquica para a visão complexa com múltiplas metáforas, disciplinas e concepções. Pela perspectiva do sujeito, é possível afirmar que antes havia a possibilidade de estabelecer harmonia entre projeto pessoal, projeto organizacional e percurso de carreira. Porém, na contemporaneidade, não mais se alinham. O vínculo entre sujeito e organização se flexibiliza e se fragiliza: as pessoas circulam por diversas organizações ao longo de sua trajetória em busca da realização de seus projetos profissionais e pessoais, assim como as organizações, para dar conta das rápidas transformações sociais e da exigência de contínua renovação, se valem da contínua renovação de seus projetos e

estratégias, de seus recursos humanos, num constante alinhar-se e desalinhar-se com as pessoas em seus projetos pessoais e profissionais que as compõem.

Estamos, no entanto, em plena transição, e não se sabe ainda para onde vamos e nem se haverá uma nova estabilização. Autores ao redor do globo buscam compreender a realidade sociolaboral contemporânea e as carreiras que os sujeitos percorrem, nesse cenário. Embora seja um campo rico em resultados empíricos, o que pode ser constatado em razão do grande número de termos de carreira em uso, carece ainda de um modelo de carreira comum (global) reconhecido e uma grande narrativa teórica do campo (Barush, Szucs, & Gunz, 2015).

Baruch, Szucs e Gunz (2015) realizam uma extensa cartografia dos termos relacionados a carreira, a partir de uma análise histórica baseada em evidências. Os resultados contrariam o senso comum de que alguns termos saem de moda e caem em desuso. Termos como carreira sem fronteira, adaptabilidade de carreira, âncoras de carreira, exploração de carreira, carreira proteana, resiliência na carreira, sucesso na carreira, empregabilidade, *life design*, carreira caleidoscópica, carreira nômade, portfólio de carreira, carreira interna e externa, entre outros, totalizando 50, são termos cunhados, moldados e compartilhados nas pesquisas de carreira, ao longo das últimas três décadas, numa tentativa de compreender as novas formas de carreiras que surgem. Os resultados demonstram claramente que se trata de um campo de pesquisa em franca expansão: enquanto, em 1993, o número de termos que eram utilizados em mais de 10 artigos anualmente era seis, saltou para 30, em 2012. Praticamente, nenhum termo teve decréscimo no uso ou desapareceu, o que também sinaliza a falta de convergência ou narrativas aglutinadoras/integrativas de diferentes perspectivas.

Dos 50 termos encontrados, fato intrigante a se destacar, 23 são metáforas (carreira nômade, caleidoscópica, proteana, sem fronteira etc.). O que igualmente sinaliza o esforço descritivo dos pesquisadores a respeito das novas formas de carreira e o potencial mutante que esse “objeto” apresenta, escapando de alguma forma às tentativas de descrevê-lo. Ainda, de maneira curiosa, os termos que aparecem nos últimos anos não refletem a tendência crescente de insegurança, rupturas e instabilidade que os trabalhadores vivenciam, hoje em dia. Ao contrário, termos como “carreira sem fronteiras” buscam dar um tom positivo para essa realidade e não são encontrados termos que reflitam os aspectos negativos desse fenômeno (Barush et al., 2015).

Por fim, os autores apontam três frentes comuns ao estudo da carreira: a relação do ator com seu contexto, sua condição em determinado espaço/tempo e a escala de tempo em que esses aspectos acontecem.

A diversidade crescente de termos, somada ao fato de que não caem em desuso, evidencia ainda a heterogeneidade de percursos profissionais ao redor do globo. A justaposição de contextos, nesse mundo em transição, diversifica as formas de organização sociolaboral, as quais, de maneira coexistente, produzem diferentes discursos e valores a propósito das trajetórias de vida no trabalho. Para Ribeiro (2014, p. 133), “as múltiplas tensões e polarizações estruturantes da vida de trabalho têm gerado possibilidades plurais de construção da carreira”, e não é possível estabelecer formas únicas de normatização ou referências hegemônicas únicas. Para o autor, a carreira não é uma estrutura, forma social ou pessoal objetiva, porém, constitui

um processo contínuo de deslocamento espaço-temporal constituído pela relação da pessoa com os outros e com o mundo do trabalho, que envolve reprodução e transformação, permanência e mudança, gerando diversas formas e caminhos através dos quais as pessoas compreendem suas vidas de trabalho. (Ribeiro, 2014, p. 127)

O autor busca estabelecer uma compreensão da carreira cujo eixo central seja a indissociabilidade entre as dimensões sociais e subjetivas e propõe a organização através de cinco *continua* que sustentam possibilidades discursivas e valorativas de percursos profissionais pelas quais sujeitos e organizações circulam (Ribeiro, 2014):

- *Continuum* Subjetivo-social – Subjetivo e social são polos extremos de uma mesma realidade discursiva (portanto, inseparáveis), que é sempre processual e nunca substantiva;
- *Continuum* Estabilidade-flexibilidade – Em um polo, encontra-se a estabilidade moderna, marcada pelo vínculo estável e duradouro entre trabalhador e organização e um percurso sociolaboral (carreira) linear e previsível, em contraste com o outro polo, da estabilidade contemporânea, ou flexissegurança, caracterizada por vínculos temporários, imprevisibilidade do percurso profissional, projetos de ação e foco no processo, sendo a segurança social gerada nas relações contínuas com as redes e instituições sociais;
- *Continuum* Organizações-redes – Vai do extremo das organizações de trabalho cujos espaços e processos são estáveis, delimitados e circunscritos às redes sociais, cujo espaço e processos são dispersos, temporários e não delimitáveis;
- *Continuum* Permanência-mudança – Vai do extremo da permanência, marcado por ações de reprodução de modelos, pela progressão gradativa e continuidade, ao

outro extremo da mudança, identificado por processos imprevistos, ações de produção contínua, busca por novidade etc.;

- *Continuum* Fechamento-abertura – Representa o extremo da busca por segurança, através de modelos pré-definidos, do pertencimento a grupos, organizações e especialidades, da busca por comunicação e relação entre iguais, transitando ao extremo da abertura, que atua pelo compromisso mútuo interpessoal, processos de negociação, ampliação comunicativa e possibilidades relacionais abertas. (Ribeiro, 2014)

A compreensão através de *continua* é particularmente potente, pois evidencia a indissociabilidade dos vários aspectos que compõem a carreira e também sinaliza como se relacionam, ao propor quais organizações discursivas se localizam em cada polo. Essa proposta também possibilita abarcar de maneira mais abrangente a heterogeneidade de contextos sociolaborais coexistentes. Por exemplo, encontram-se hoje tanto pessoas e instituições que buscam e valorizam a previsibilidade da ascensão hierárquica linear de uma carreira dita tradicional, bem como quem valorize a mudança, abertura ou flexibilidade de carreiras nomeadas contemporâneas, para além das diversas outras possíveis combinações discursivas e em diferentes matizes desses *continua*.

A partir do exposto acima, verifica-se que as discussões do campo da carreira, seja no campo das Ciências de Gestão, Ciências Sociais ou Psicologia, caminham no sentido de compreender carreira como um processo construtivo contínuo, contextual e relacional, o qual comporta heterogeneidade discursiva e de sentidos. Isso posto, entende-se que a construção de sentidos é algo central também em um processo de intervenção em OP hoje e, pelo mesmo motivo, deva ser explorada em relação à vivência do próprio processo. Ou seja, buscar na narrativa (construção de sentidos) de ex-orientandos, a respeito de seus próprios percursos e da OP experienciada, que sentidos atribuem ao processo de OP que vivenciaram e o que se pode depreender do papel que a OP exerceu em seus percursos, mostra-se abordagem coerente com o que se entende e se discute a propósito de carreira, na atualidade, considerando contribuir com o desenvolvimento de intervenções atuais e pertinentes.

1.1.7 Resultados de intervenções em Orientação Profissional e a Estratégia Clínica: buscando subsídios para uma exploração qualitativa

A Orientação Profissional é um campo prático por excelência e, desde seu princípio, buscou subsídios teóricos nos mais diversos campos de conhecimento (Ribeiro & Melo-Silva 2011). A partir da década de 1970, observa-se a expansão de modelos e abordagens em orientação, no Brasil e no mundo, diversificando e ampliando gradativamente o público atendido, criando e desenvolvendo novas estratégias de intervenção. Contudo, a avaliação dos resultados e efetividade das intervenções não avançam no mesmo passo (Ambiel et al., 2017).

Segundo Heppner e Heppner (2003), embora se saiba razoavelmente sobre a efetividade geral de intervenções em Aconselhamento de Carreira, sabe-se pouco ou quase nada sobre o processo ocorrido nas sessões e suas consequências, quando comparado com o campo da Psicoterapia, onde há muita pesquisa desenvolvida. De acordo com o autor, “para uma especialidade que remonta ao início do século XX, chama a atenção o pouco que se conhece a respeito do que torna o processo de aconselhamento de carreira efetivo” (Heppner & Heppner, 2003, p. 430, tradução livre).

Whiston et al. (2017) realizaram uma meta-análise de pesquisas sobre avaliação de intervenções em Orientação Profissional, usando modelo de efeitos randômicos, e encontraram resultados semelhantes e consistentes com estudos anteriores (Brown & Ryan Krane, 2000; Whiston et al., 1998, citados por Whiston et al., 2017): pessoas que receberam uma intervenção de carreira em diferentes abordagens marcam, em média, um terço de desvio-padrão acima de quem não recebeu, em diferentes escalas que abarcam identidade vocacional, maturidade de carreira, autoeficácia para tomada de decisão de carreira, percepção de suporte ambiental, percepção de barreiras de carreira e expectativas de resultados. Ambiel et al. (2017) sinalizam que, embora seja possível afirmar, de maneira genérica, que “passar por uma intervenção de carreira é melhor do que não passar, considerando que as conclusões das avaliações analisadas indicaram contribuições para o desenvolvimento de aspectos da vida profissional” (p. 135), ainda não é possível sustentar, de modo abrangente e objetivo, que a intervenção em orientação profissional funcione, ou seja, não é possível relacionar de forma causal que a vivência da intervenção foi responsável pelas modificações identificadas (Ambiel et al., 2017). De maneira geral, resultados de pesquisas indicam que a OP propicia benefícios nas condições e estabilidade da escolha e no bem-estar psicológico e satisfação em curto e médio prazo (Bardagi & Albanaes, 2015).

Ainda especificamente sobre os processos de orientação que pressupõem uma intervenção não diretiva por um orientador, Heppner e Heppner (2003) assinalam que as pesquisas ou focam em aconselhamento de forma mais ampla (não voltados para a escolha profissional), em testes ou ainda no recorte de apenas uma sessão, havendo importante falta

de literatura nos estudos que abranjam o processo de aconselhamento de carreira como um todo. Heppner e Heppner (2003) asseveram que, embora houvesse o questionamento de certos autores se a orientação seria um processo com implicações psicológicas ou se restringiria a apenas diagnóstico de perfil, através de testes psicológicos e informações (perspectivas traço-fator), há evidências e crescente suporte para o entendimento da natureza psicológica da Orientação Profissional e de carreira (Blustein & Spengler, 1995; Gysbers et al., 2003; Swanson, 1995; Swanson & Fouad, 1999, citados por Heppner & Heppner, 2003), além da forte tendência de romper com as dicotomias artificiais as quais procuram separar aconselhamento de carreira, pessoal e emocional, em busca de abordagens mais integrativas entre Orientação Profissional e Psicoterapia. Os autores concluem:

Assim, com o crescente reconhecimento da natureza psicológica do aconselhamento de carreira surge um reconhecimento paralelo da necessidade de investigar seu processo para entender os aspectos psicológicos do processo de mudança no aconselhamento de carreira. (Heppner & Heppner 2003, p. 432, tradução livre)

Tais colocações mais uma vez reforçam o pioneirismo da Estratégia Clínica proposta por Bohoslavsky e desenvolvida por outros autores da América Latina, que, desde a década de 1970, propõe uma leitura sobre os processos psicológicos e sociais operantes na escolha profissional e uma estratégia de intervenção nos moldes de uma psicoterapia. Moura (2014), ao explorar as bases teóricas e proposta metodológica de Bohoslavsky, bem como contribuições trazidas por outros autores (Y. Lehman, R. Levenfus, M. Müller, J. Corbal e A. Costa), verifica que é ponto comum para teóricos da Estratégia Clínica o entendimento de que esta opera como um processo psicoterápico breve, voltado para a problemática da escolha. Moura (2014) almeja contrastar elementos da Estratégia Clínica com a de autores da psicoterapia breve, identificando semelhanças e diferenças nesses dois campos e ilustrando que as fronteiras entre eles são opacas ou, ainda, como indicado por Ribeiro e Mello-Silva (2011), que se trata de um mesmo *continuum*, no qual os limites e definições de cada um são difíceis de precisar.

Segundo Gysbers et al. (2003), citados por Heppner e Heppner (2003), aconselhamento de carreira pertence à classe geral de aconselhamento, devido a apresentar as mesmas características e qualidades intrínsecas a todas as formas de processo de aconselhamento, contudo, deve-se também levar em consideração a especificidade do aconselhamento de carreira, pois os problemas apresentados estão relacionados ao trabalho,

carreira, escolha e futuro; procedimentos de avaliações qualitativas e quantitativas e informação são usados com mais frequência, conforme também apontado por Moura (2014).

Heppner e Heppner (2003) salientam ainda que um dos primeiros estudos de processo de aconselhamento de carreira encontrou que o maior ganho propiciado pela intervenção foi o autoconhecimento e *insight*, ou seja, aprender sobre si e transformar seu mundo perceptivo, resultados também caros à Psicoterapia e centrais à proposta da Estratégia Clínica, pois objetiva propiciar a elaboração de conflitos identitários, conscientização de defesas, identificações e sobredeterminações psicossociais operantes na escolha.

Todavia, de fato, há ausência de pesquisas a respeito da eficácia ou resultados da OP clínica, assim como em outras intervenções em OP (Ambiel et al., 2017, Bardagi & Albanaes 2015), e a necessidade de investigar seu processo, para entender os aspectos psicológicos dos processos de mudanças operantes, conforme indicado por Heppner e Heppner (2003), permanece.

Em sua meta-análise, Whiston et al. (2017) identificam que os três principais ingredientes preditores de resultados positivos na intervenção em OP são: *suporte do orientador*, *clarificação de valores* e *intervenções psicoeducativas*. Outros dois importantes preditores, porém menos significativos do que os destacados em pesquisas anteriores (Brown & Ryan Krane, 2000, citado por Whiston et al., 2017), foram *diálogo com orientador* e *informações do mundo do trabalho*. O resultado mais significativo foi *suporte do orientador*, mostrando-se um conceito crítico e condizendo com outras pesquisas que realçam a importância da aliança terapêutica (*working alliance*), termo utilizado de maneira equivalente. *Valores* são centrais para entender a motivação humana (Rounds & Jin, 2013, citados por Whiston et al., 2017) e prover informação ou educação (*psicoeducação*) ao cliente sobre os passos envolvidos para se chegar a uma decisão de carreira, sobre satisfação pessoal, sobre interesses e convergência desses com a ocupação, os quais se mostram particularmente pertinentes, uma vez que o cliente tomará diversas decisões futuras, de sorte que desenvolver um método de escolha pode ser útil.

Bohoslavsky faz uso do termo *deuteroescolha*, para reforçar a importância acerca da tomada de consciência sobre a forma de escolher de cada um, ganho esse que possibilitará melhores condições para decisões futuras e maior autonomia de escolha, sendo esse um dos objetivos de sua proposta. Aliança terapêutica, por outro lado, é um termo surgido da Psicanálise e caro a todo processo clínico que se vale desse repertório teórico (Shedler, 2010), como a Estratégia Clínica. Pesquisas apontam (Kazdin, 2008) que a aliança terapêutica é

responsável por em torno de 30% do resultado de uma Psicoterapia ou aconselhamento, em qualquer abordagem.

Shedler (2010), em meio ao contexto norte-americano de supervalorização de abordagens com base em evidências científicas (*EBT*, em inglês), faz a defesa da pertinência da abordagem psicodinâmica. Segundo esse autor, há uma seletividade das pesquisas divulgadas, excluindo a abordagem psicodinâmica do campo das teorias com base em evidência, embora pesquisas comprovem sua efetividade. Segundo o autor, no passado, a postura arrogante e autoritária de psicanalistas pode ter sido o disparador dessa cisão entre “abordagem científica” e abordagem psicodinâmica. O autor enfatiza ainda que o índice de efetividade para as terapias psicodinâmicas é maior que a média das demais EBT e ainda tendem a aumentar, comparativamente, após o tratamento.

Alguns exemplos de pesquisas publicadas sobre os resultados da OP clínica são: Melo-Silva, Oliveira e Coelho (2002, citados por Ambiel et al., 2017) utilizaram a aplicação da EMEP antes e depois da intervenção em OP clínica em 63 estudantes do Ensino Médio e encontraram diferenças significativas nas subescalas de determinação, autoconhecimento e conhecimento da realidade, concluindo que a intervenção promoveu desenvolvimento da maturidade para a escolha profissional; Pinho e Castanho (2012, citados por Bardagi & Albanaes 2015) promoveram estudo qualitativo, a partir de entrevista guiada por instrumentos (Relato Oral Sobre a Escolha Profissional, Trajetória Acadêmica e Frases Incompletas) com 7 participantes que haviam frequentado um programa de OP. Os resultados indicaram que a intervenção foi também relevante nas escolhas acadêmicas e profissionais, no percurso do Ensino Superior e para projetos futuros.

De forma geral, através da mensuração de determinadas variáveis, como maturidade, interesses, autoestima, autoconceito, reflexão sobre o planejamento de carreira, identidade vocacional, informação profissional entre outras, estudos brasileiros demonstram que intervenções em OP proporcionam impactos positivos em relação ao desenvolvimento da identidade vocacional, tomada de decisão profissional, satisfação com o curso universitário e adesão à instituição de ensino, desenvolvimento cognitivo, aumento do sentimento de segurança associado às decisões profissionais, do comportamento exploratório, bem como de informações sobre o mundo ocupacional (Almeida & Melo-Silva, 2006; Melo-Silva & Jacquemin, 2001; Melo-Silva, Oliveira, & Coelho, 2002; Moura, Sampaio, Gemelli, Rodrigues, & Menezes, 2005, citados por Alonso & Melo-Silva, 2013)

As formas de avaliação de intervenção em Orientação Profissional, contudo, também são colocadas em questão por Ambiel et al. (2017), Sparta, Bardagi e Teixeira (2006) e

Bardagi e Albanaes (2015). O tipo de avaliação mais utilizado pressupõe o uso de escalas pré-estabelecidas, como EIV (Escala de Indecisão Vocacional – Teixeira & Magalhães, 2001), EEV (Escala para Exploração Vocacional – Teixeira, Bardagi & Hutz, 2007) ou EMEP (Escala de Maturidade para Escolha Profissional – Neiva, 2002), no âmbito nacional, ou *Integrative Contextual Model of Career Development (ICM)*, *Career Exploration Survey (CES)*, *Career Decision-Making Difficulties Questionnaire (CDDQ)*, *Career Decision Self-Efficacy Scale (CDSE)*, *Assessment of Attributions for Career Decision-Making (AACDM)* e *Satisfaction With Life Scale (SWLS)*, entre outras (Ambiel et al., 2017), que são aplicadas antes e depois da intervenção ou, em alguns casos, algum tempo após a intervenção (*follow-up*).

Mesmo pertinente, essa forma de mensuração não necessariamente relaciona os pressupostos teóricos, metodológicos e epistemológicos da abordagem de intervenção com os resultados obtidos. Por exemplo, emprega-se uma escala para mensurar a indecisão vocacional antes e depois de uma intervenção em OP clínica, sem que necessariamente o que se pressupõe na escala como indecisão para escolha seja condizente com o que a proposta de Estratégia Clínica pressupõe como indecisão e seus determinantes ou mesmo o quanto considera esta uma medida da qualidade do processo.

Considerando que a Estratégia Clínica busca voltar-se para aquele que escolhe e a dinâmica psíquica, história pessoal, relações sociais e contexto, potencialidades e perspectivas do orientando, visando à qualidade do vínculo psicossocial através da construção de uma identidade vocacional/ocupacional consciente e potente, como seria possível avaliar os resultados dessa intervenção, em uma escala pré-estabelecida ao atendimento? Ou, ainda, como seria possível identificar as modificações (ressignificações, elaborações, *insights*, autoconhecimento etc.) operadas no processo e mensuradas ao longo do tempo, depois da intervenção? Seria necessária, talvez, a elaboração de um diferente instrumento por pessoa atendida, o qual considere a rede de valores, conflitos, suporte social e contexto em que essa pessoa se insere, para se comparar antes e depois da intervenção, porém, não possibilitaria a comparação entre participantes ou entre outros métodos. Assim, percebe-se a limitação do método quantitativo para essa empreitada.

O desafio em aproximar a pesquisa científica da prática clínica não é exclusividade da OP. Kazdin (2008) aborda a questão com respeito à Psicoterapia e aponta que, embora as pesquisas foquem, de maneira geral, na melhora ou supressão de determinados sintomas, a Psicoterapia visa a lidar com os múltiplos aspectos da vida e, mesmo que um determinado desenho de pesquisa indique que uma intervenção específica possibilitou melhora quanto a

um sintoma, não significa necessariamente que o paciente melhorou de modo a afetar sua vida cotidiana positivamente. O autor pondera ainda que as métricas adotadas em pesquisas de avaliação sobre sucesso e resultados terapêuticos são arbitrárias e não alcançam como a pessoa está vivendo seu dia a dia, após a intervenção. Transpondo essa reflexão para o âmbito específico da OP, pode-se ponderar que o uso de escalas que mensuram maturidade para a carreira, adaptabilidade de carreira, reflexão sobre o planejamento de carreira, entre outras conhecidas, para avaliar sobre a efetividade da intervenção em OP, não alcançam a qualidade da relação da pessoa com seu contexto sociolaboral, em seus múltiplos aspectos da vida.

Segundo Ribeiro, Silva e Uvaldo (2011), no contexto contemporâneo marcado pela instabilidade, fragmentação, heterogeneidade e mudança constantes, a busca por leis gerais e padrões normativos na carreira mostra-se infrutífera, indicando a necessidade de o foco das pesquisas nos dias correntes voltar-se mais para a exploração qualitativa. Ribeiro (2014) reitera que o desafio contemporâneo nos estudos de carreira demanda abranger tanto a mudança (movimento) quanto a permanência (essência) em uma posição em relação ao mundo, “pois a mudança sem permanência não eterniza nada, e a permanência sem mudança impede o desenvolvimento” (p. 84).

Em conformidade com o exposto acima, propõe-se, na presente pesquisa, um método para explorar aspectos que a vivência do processo de Orientação Profissional na Estratégia Clínica suscitou nos participantes, em diferentes contextos, momentos de carreira e tempos após a intervenção. Procura-se escutar a pessoa e, através de sua própria narrativa, identificar as questões de carreira, sua posição diante delas, como se relaciona em seu contexto e, por fim, como enxerga a vivência do processo de orientação e sua influência nesse percurso. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e de exploração, a qual não tem intenção avaliativa em si, mas pressupõe possibilitar fornecer elementos para pesquisas futuras com tal propósito, além de oferecer subsídios para a prática clínica em OP.

Em revisão de literatura, Heppner e Heppner (2003) apontam que examinar a mudança do cliente longitudinalmente, a fim de identificar a estabilidade da mudança e a funcionalidade prática dos resultados avaliados, é uma das veredas promissoras para pesquisa em processos de intervenção em aconselhamento de carreira. Kazdin (2008) indica o estudo qualitativo como capaz de estabelecer a ponte entre pesquisa e prática clínica.

Dessa forma, se a carreira passa a ser um conceito aglutinador de experiências, com o potencial de construir sentido e propósito de existência (Colling & Young, 2000), e a orientação nesse contexto deve possibilitar que o orientando se implique na reflexão sobre si mesmo e seu entorno, visando à integração do próprio percurso em uma vida que lhe faça

sentido (Guichard, 2012), faz-se necessário pensar a própria Orientação Profissional, sua pertinência e efetividade, com a escuta daquele que a vivenciou. Ou seja, em um exercício reverso, de construir sentidos e significados para a intervenção em OP, a partir da escuta de quem a vivenciou, procurando elementos para reinventá-la.

Buscar na narrativa das pessoas o significado atribuído à experiência da OP permite entender, de maneira mais próxima ao ponto de vista do orientando e, portanto, dos sentidos que este aglutinou sobre seu percurso profissional, em torno do que chama de carreira ou de trajetória de vida no trabalho, como reflete sobre si e seu entorno e como a orientação pôde contribuir com essa pessoa enquanto constrói sua carreira. Almeja-se, em conformidade com a demanda indicada por Ribeiro (2014) acima exposta, abranger movimento e permanência ao contrastar o percurso narrado por ex-orientandos com o que significam sobre a intervenção de OP. Ou seja, identificar, na trajetória dos ex-orientandos, o que permanece e o que se transforma e como se relacionam à intervenção de OP.

Assim, através de estudo qualitativo (com base em entrevistas semiestruturadas interativas), com pessoas que vivenciaram a OP em diferentes momentos de suas trajetórias, analisou-se o papel da intervenção de OP em suas percursos, visando contribuir com o constructo teórico-prática da OP.

1.2 Objetivo

1.2.1 Objetivo geral

Analisar o papel da intervenção em OP na trajetória de vida de ex-orientandos a partir da exploração de suas narrativas de carreira.

1.2.2 Objetivos específicos

- Construir sentido sobre o percurso de vida no trabalho (carreira) das pessoas entrevistadas.
- Analisar os significados atribuídos à vivência do processo de Orientação Profissional, em relação ao próprio percurso de vida no trabalho dos participantes.
- Explorar a percepção dos participantes sobre o processo de OP vivenciado: o que lembra, como o avaliou à época e como o avalia hoje.

1.3 Em relação aos termos Orientação Vocacional, Orientação de Carreira, Aconselhamento Profissional, Aconselhamento Vocacional, Aconselhamento de Carreira, Orientação Profissional e Estratégia Clínica

Como o título desta sessão sugere, vê-se que são diversos os termos utilizados no campo da Orientação Profissional, que ora parecem se referir a um mesmo referencial, ora buscam marcar uma diferenciação conceitual. Está-se em concordância com Ribeiro (2011b), quando afirma que a escolha de determinada nomenclatura nunca se faz de maneira neutra e sempre carregará uma tradição, história, opção epistemológica, metodológica, sócio-histórica e política.

Bohoslavsky (1983), através do termo *vocante* – variação de *vocação*, que, por sua vez, deriva de *vocatio*, que significa “chamado interior” (Levenfus, 2010) – sintetiza as diferentes leituras sobre a noção de vocação e a índole do vocado, por meio da história, evidenciando as visões da Orientação Vocacional que se seguem:

No momento religioso pré-científico, o vocante é Deus e o vocado, a alma posta a seu serviço. No momento científico-acadêmico pré-psicanalítico, o vocante é a estrutura educacional e o vocado, os interesses e aptidões do sujeito mediante a intervenção do psicometrista. No momento psicanalítico, o vocante são os objetos internos e o vocado o Ego (relativamente autônomo) do sujeito. Atualmente, reconhecemos no sistema produtivo e nos desejos do sujeito a determinação em última instância do vocante, e no Ego de um sujeito-determinado, a instância de reconhecimento-desconhecimento das demandas, daí as respostas vocadas. (Bohoslavsky, 1983, p. 15)

Levenfus (2010) diferencia a Orientação *Profissional* de Orientação *Vocacional Ocupacional*, entendendo a primeira como um trabalho limitado à informação e orientação sobre as profissões, mercado de trabalho, com aplicação de técnicas de aprendizagem, sem dar ênfase às questões intrapsíquicas do orientando, enquanto a segunda como um processo mais abrangente, o qual procura, além das informações sobre as profissões, o conhecimento a respeito de si, pela promoção do encontro das afinidades do sujeito com aquilo que pode vir a realizar no trabalho.

O termo *Vocação*, usado por autores argentinos (Bohoslavsky e Müller) e por alguns autores brasileiros (Levenfus e Soares), associa-se etimologicamente à palavra latina *vocatio*, que significa chamado interior, e remete à inclinação, destinação, disposição ou dom, ou seja,

algo que está no sujeito e será descoberto ou emergirá, embora nem todos que o empregam estejam de acordo com tal perspectiva.

É comum os termos ganharem novos significados com o uso, às vezes se deslocando de seu significado original, associando-se a outros. O termo *Guidance*, do inglês, por exemplo, é comumente traduzido por *Orientação*, enquanto *Counseling*, por *Aconselhamento*, nas produções acadêmicas do campo. Ribeiro (2011b) aponta a problemática dessa tradução: *Guidance*, na língua inglesa, remete a algo mais diretivo, informativo, quer dizer, se adequaria mais ao que se entende, no Brasil, por *Aconselhamento*, em português, enquanto o termo *counseling*, que remete, na língua inglesa, a uma ideia de não diretividade, isto é, de auxílio e amparo à pessoa para construir seu próprio caminho profissional, se adequaria mais ao termo *Orientação*, em português, a despeito de ser mais comumente traduzido por *Aconselhamento*.

Está-se em acordo com Ribeiro e Melo-Silva (2011), com o uso do termo Orientação Profissional, por entender que melhor retrata a tradição brasileira em orientação e os desafios a que vem a atender, na atualidade. O termo também se configura como representação predominante da área, no Brasil (Ribeiro, 2011b). A priorização do termo *Orientação*, em lugar de *Aconselhamento*, se dá por se acreditar que o orientador é aquele que auxilia no estabelecimento de balizas que servirão de guia para a busca do orientando, como um astrolábio, sextante ou bússola, instrumentos empregados pelos navegantes para se localizarem em alto-mar. Aconselhamento remete àquele que detém o saber e melhor conhece o caminho a ser seguido, devendo conduzir o inexperiente para encontrá-lo, o que se torna impraticável numa realidade sociolaboral instável, complexa e imprevisível, como a atual. Priorizar o termo Profissional em detrimento do Vocacional refere-se ao entendimento de que não há algo pré-determinado, como um chamado interior (vocação), cujo especialista encontrará para comunicar ao sujeito que busca por orientação. A ideia é de que o sujeito é sujeito de escolhas, em transformação contínua e dotado de potencial transformador. O termo *professional* remete ainda a papéis e funções sociais, engloba as condições objetivas e contexto em que estes se dão, bem como as identificações e estigmas a estes associados.

Chama-se de estratégia clínica os modelos que adotam a base teórica e técnica de autores da Psicanálise, para propor e desenvolver uma intervenção em Orientação Profissional, por intermédio de um processo constituído por entrevistas clínicas aos moldes de uma Psicoterapia de base psicanalítica. Em grande parte inaugurado por Bohoslavsky, diversos autores desenvolveram e complementaram esse modelo, resultando em diferentes

nomenclaturas, como Orientação Vocacional Ocupacional (Levenfus, 1997, 2010; Elizalde Corbal & Rodriguez de Costa, 2002); Orientação Vocacional na Estratégia Clínica (Bohoslavsky, 1983, 2001, 2003a, 2003b); Orientação Vocacional Clínico-operativa (Müller, 1988) e Orientação Profissional Clínico Social-Ativo (Lehman, Silva, Ribeiro, & Uvaldo, 2011). Todas se colocam em um mesmo grande campo teórico, o qual se denomina, desde o título do presente trabalho, Orientação Profissional na Estratégia (ou abordagem) Clínica.

A respeito do conceito de Clínica, Bohoslavsky o define como um “tipo de ‘observação’ e de ‘atuação’ sobre o comportamento humano, sem importar tanto *o que* se observa ou *sobre o que* se age” (1977/2006, p. 6). Trata-se de uma estratégia de abordagem do objeto de estudo (o comportamento dos seres humanos) que almeja “saber ver de um modo particular, a partir e através do fenômeno lógico, do aparente, do que se apresenta diante de nós, para compreender aquele que estruturalmente o determina” (Bohoslavsky, 2001, p. 30).

Compartilha-se da definição geral de Ribeiro (2011b) para Orientação Profissional:

um processo de ajuda de caráter mediador e cooperativo entre um profissional preparado teórica e tecnicamente com as competências básicas exigidas e desenvolvidas para um orientador profissional e um sujeito ou grupo de sujeitos, que necessite auxílio quanto à elaboração e consecução do seu projeto de vida profissional/ocupacional com todos os aspectos envolvidos do seu comportamento vocacional (conhecimento de seu processo de escolha, autoconhecimento, conhecimento do mundo do trabalho e dos modelos de elaboração de projetos). Pode ser realizado durante toda a vida, em todas as idades, com todos os sujeitos e em todos os espaços de organização social. (Ribeiro, 2011b p. 52-53)

Entende-se que a OP se aplica em qualquer momento da trajetória de vida no trabalho da pessoa, tornando dispensável incluir o termo Carreira, embora alguns autores o utilizem como adjunto de OP (OPC, adotado por Ambiel et al., 2017), para reforçar a perspectiva longitudinal e não apenas de intervenção na primeira escolha.

Em citações diretas e indiretas buscou-se preservar o termo original do(s) autor(es) ou sua tradução para o português, considerando o uso mais comum. No restante, foi priorizado o uso de Orientação Profissional (OP), pelos motivos acima expostos.

2. METODOLOGIA

Para atender à questão proposta na presente pesquisa - a saber, quais impactos do processo de Orientação Profissional na Estratégia Clínica se pode depreender, a partir da análise do relato do sujeito que o vivenciou em relação à própria trajetória de vida no trabalho? -, a abordagem utilizada é a qualitativa, por ser essa a mais adequada aos objetivos do presente estudo. A escolha justifica-se tendo em vista os seguintes fundamentos, conforme definido por Minayo (1996):

O método qualitativo consiste naquele capaz de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações, e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas. (p. 10)

Conforme já exposto, a construção de sentidos é central, tanto no campo de estudos da carreira como de intervenções em OP. A pesquisa qualitativa se mostra a mais indicada (Ribeiro, 2014; Heppner & Heppner, 2003) tanto para identificar os sentidos construídos como para possibilitar a construção de novos. Revela-se, ainda, a maneira mais adequada para prover compreensão sobre as experiências individuais das pessoas que vivenciaram uma determinada intervenção e identificar mudanças terapêuticas, possibilitando a construção de pontes entre a prática e a pesquisa (Kazdin, 2008).

Propõe-se, através da escuta daqueles que vivenciaram um processo de OP, construir sentidos e significados para a compreensão sobre o processo de OP e seu alcance. Buscou-se na narrativa das pessoas o significado atribuído à experiência da OP, visando a entender, de maneira mais próxima ao ponto de vista do narrador e, portanto, dos sentidos que este aglutinou sobre seu percurso profissional, em torno do que chama de carreira ou de trajetória de vida no trabalho, como a orientação pôde contribuir com essa pessoa enquanto constrói sua carreira.

Assim, procurou-se, neste trabalho, construir sentidos: a. sobre o percurso de vida no trabalho de pessoas que vivenciaram um processo de OP; b. sobre a intervenção em OP; c. sobre como as pessoas relacionam o processo de OP ao percurso de vida no trabalho.

Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com pessoas que vivenciaram o processo de OP, para que relatassem: a. sobre seus percursos de vida no trabalho; b. sobre o processo de OP; c. sobre como relacionam a intervenção com as experiências subsequentes.

De acordo com Bleger (2003), uma das técnicas mais comumente adotadas em pesquisas qualitativas é a entrevista, pois permite que cada entrevistado exponha de modo amplo sua experiência vivida. Acrescenta que, enquanto outros instrumentos têm seu destino selado no momento em que saem das mãos do pesquisador que os elaborou, a entrevista não estruturada ou a semiestruturada ganham vida, ao se iniciar o diálogo entre o entrevistador e o entrevistado, evitando-se a prevalência de um quadro conceitual preestabelecido pelo pesquisador.

No campo de estudo da OP, ainda, trata-se de uma abordagem metodológica reconhecida e pertinente (Young, 1994; Ribeiro, 2011, 2014; Savickas, 2004; Bohoslavsky, 2003b; Elizalde Corbal, 2002; Rodriguez de Costa; Lehman, 1988, 1996, 2001, entre outros). A entrevista não estruturada ou semiestruturada possibilita ao entrevistado a construção narrativa (construção de sentidos) de seu percurso de vida no trabalho. Destaca Ribeiro (2014):

Pensar a carreira como narrativa é concebê-la como um processo de fabricação do cotidiano pela transformação das incertezas oriundas das múltiplas referências psicossociais existentes (discursos e práticas) em movimentações espaço-temporais legíveis (trajetórias) traduzidas (produção de sentidos e significados) em construções de carreira (projetos). (Ribeiro, 2014, p.137)

De acordo com Young e Valach (2004), a narrativa é organizadora de si e do contexto, por meio do estabelecimento de coerência e continuidade nas ações vinculares e de um plano de ação, ensejando a construção de si direcionada ao outro. Através da narrativa, constrói-se a carreira e seu futuro é sugerido (Young, Valach, & Collin, 2002, citado por Ribeiro, 2011d, p. 33).

A narrativa é atualmente adotada de forma ampla como recurso de intervenção em OP (Maree & Di Fabio, 2015; McIlveen & Patton, 2007) e também indicada como método de pesquisa no campo (Young, Friedsen, & Borycki, 1994; Young, Marshal, Valach et al., 2011; Maree & Di Fabio, 2015; Cardoso, Silva, Gonçalves et al., 2014). No presente trabalho, a narrativa foi usada como método de análise das entrevistas semiestruturadas realizadas com os participantes, visando a explorar como os participantes relacionam a experiência do processo de OP no contexto de seus percursos de vida e organizam experiências e acontecimentos em uma sequência que lhes faça sentido.

Young, Friedsen e Borycki (1994) entendem que a narrativa é um recurso privilegiado para o estudo das influências. A influência é um processo interativo envolvendo indivíduos,

sua cultura e outros significantes; as narrativas sobre influência estabelecem conexão para o indivíduo entre eventos passados, presentes ou futuros.

A análise de narrativas é um método pelo qual se pode explorar os fenômenos sociais, através de sua incorporação em histórias de vida específicas. Através desse método, considera-se tanto a história particular de indivíduos quanto o contexto social no qual estas se inserem (Chase, 1995). Assim, ao mesmo tempo, alcança-se uma visão sobre como as pessoas fazem sentido de suas experiências, bem como sobre os recursos sociais que estas acessam, resistem e transformam, enquanto contam suas histórias.

Sabe-se que cada sujeito é singular em sua trajetória e trará um quadro distinto, no que diz respeito à relação de seu percurso de vida com o processo de OP experienciado. Logo, hipoteticamente, mesmo que dois indivíduos de um mesmo contexto e idade participem de um mesmo processo de OP, carregarão experiências distintas desse processo. Ou, embora uma mesma pessoa narre por mais de uma vez a sua experiência, em seu próprio ato de narrar, novos significados surgirão, pois a experiência é um campo dinâmico de subjetivação e não fatos objetivos estáveis, mesmo que no passado. Por esse ponto de vista, não haveria necessidade de buscar diversificar a amostra. Porém, diversificá-la possibilita um material mais rico para discussão e análise, trazendo maior contraste entre os vários percursos de vida e a forma como se relacionam com a OP.

2.1 Sobre a análise das entrevistas

O princípio da narrativa calca-se na observação primária de que as pessoas organizam registros sensoriais caóticos e sem sentido em padrões e estruturas significativas. Seres humanos pensam, percebem, imaginam e sonham, de acordo com uma estrutura narrativa (Mancuso & Sarbin, 1983). A análise holística da narrativa olha para o enredo e estruturas de histórias, localizando pontos de inflexão (viravoltas), direcionalidade, coerência e desfecho.

Gergen e Gergen (1983, 1986, 1988) descrevem uma abordagem para avaliar a forma ou linha narrativa, a partir do movimento e valor que o narrador atribui à sua história, estabelecendo a tipologia conhecida como “progressiva, regressiva e estabilidade”. Segundo os autores, a narrativa consiste em organizar/estruturar eventos, de sorte a construir conectividade ou coerência e movimento ou direcionalidade através do tempo (Gergen &

Gergen, 1986). Para tanto, o narrador estabelece um estado-meta², ou um ponto de chegada valorizado (algo ou um estado bom a ser alcançado, ruim a ser destruído/afastado, descoberta etc.), em torno do qual os eventos se relacionam. Os eventos são selecionados e organizados pelo narrador, de maneira a tornar o estado-meta mais ou menos provável.

Assim, uma narrativa progressiva é aquela que organiza os eventos em direção ao estado-meta, ou seja, os eventos acontecem de modo a aproximar os personagens/estória do estado-meta. A narrativa regressiva, por sua vez, organiza os eventos de maneira a afastar-se do estado-meta. A narrativa estável organiza os eventos de forma indiferente ou que permaneçam inalterados em relação ao estado-meta. Cada uma dessas narrativas possui inerentemente, portanto, implicações para o futuro e fornecem indicação ou antecipação de eventos futuros. Essas três formas abarcam as opções fundamentais para a direção do movimento no espaço avaliativo/valorativo e são bases rudimentares de variações mais complexas (Gergen & Gergen, 1983).

Baseando-se na proposta de Gergen e Gergen, Lieblich, Turval-Mashiach e Silber (1998) exploram as diretrizes para um método de análise de narrativas em uma perspectiva holística. A abordagem holística se contrapõe à categorial: enquanto, na segunda, a estória é dissecada e suas partes ou palavras pertencentes a uma determinada categoria são retiradas da narrativa ou de diversas narrativas, a abordagem holística olha para a estória como um todo, e as partes do texto são interpretadas no contexto de outras partes da narrativa.

A abordagem holística pode ainda ser trabalhada segundo uma perspectiva de conteúdo e de forma. A leitura holística de conteúdo vale-se da estória de um indivíduo, enquanto foca no conteúdo apresentado, analisando segmentos ou temas dos relatos à luz do todo do conteúdo narrado. A análise holística, a partir da forma, em contrapartida, volta-se para a estrutura ou enredo da narrativa como um todo, enfocando os movimentos como progressão, regressão ou estabilidade, clímax ou reviravoltas na relação com o desenvolvimento da estória narrada. Forma e conteúdo não são, no entanto, plenamente dissociáveis. Lieblich et al. (1998) salientam que a estrutura não é apenas um continente para

² O termo estado-meta é uma tradução livre do autor do termo *goal state* ou *valued endpoint*, utilizados por Gergen e Gergen 1983, 1986 e 1988, Lieblich et al 1998, Dyer 2006. Pressupõe que o objetivo ou ponto de chegada valorizado ao qual o encadeamento da narrativa se relaciona não se restrinja a algo, objeto ou fato, mas também a um estado. É possível que a narrativa organize-se em torno da busca por bem-estar, saúde, equilíbrio entre vida pessoa e profissional, por um estado civil ou social, etc.

o conteúdo, mas carrega em si significados. Aspectos formais da estrutura, tanto quanto conteúdos, expressam identidade, percepções e valores do narrador.

2.2 Perspectiva teórica

A compreensão de narrativa de Gergen e Gergen (1983, 1986, 1988) e a perspectiva holística de análise de Lieblich et al. (1998) estão inseridas em um movimento teórico denominado construcionismo social.

Segundo Young e Popadiuk (2012), o construcionismo social representa uma mudança substancial no campo da pesquisa em Psicologia, ao privilegiar a ênfase no processo em detrimento da busca por esquemas de explicação de comportamento humano, sugerindo que o conhecimento é construído pelas pessoas, na tentativa de trazer significado para suas experiências. O construcionismo social torna explícitos os discursos histórico, político e cultural, através dos quais a realidade social é construída (Young & Valach, 2004).

De acordo com Ribeiro (2014), assim se pode sintetizar os principais aspectos do construcionismo social:

- Compreensão dinâmica da realidade, sem partir de pressupostos conceituais fechados e deterministas;
- As dimensões subjetivas e sociais são consideradas como indissociáveis;
- Conhecimentos são produzidos na relação (ontologia relacional);
- Produção de conhecimentos e intervenção devem ser consideradas indissociáveis;
- Visa a gerar micronarrativas teóricas, não macronarrativas, as quais buscam coconstruir estratégias micropolíticas de mudança, por intermédio da transformação cultural.

O construcionismo social que é, como mencionado, um movimento, com implicações para a pesquisa e a intervenção. Não é sectário a outros constructos teóricos, justamente por compreender que a realidade é construção conjunta de narrativas compartilhadas. Os constructos teóricos são também narrativas, emergentes de contextos, de relações e também constituidores de relações, práticas e discursos.

Dessa forma, conceitos oriundos de diferentes perspectivas da prática clínica serão aqui utilizados, objetivando enriquecer a análise das entrevistas. Ademais, a Estratégia Clínica em Orientação Profissional – perspectiva que norteou os atendimentos dos participantes entrevistados para a presente pesquisa – conforme proposta inicialmente por Bohoslavsky (2003b) e posteriormente desenvolvida por outros autores (Müller, Carvalho, Levenfus, Lehman, Silva, Uvaldo, Ribeiro, Elizalde Corbal, Rodriguez de Costa, entre outros, citados por Moura, 2014), tem seus fundamentos na Psicanálise e Psicologia Social (Müller, 1988), de sorte que não seria pertinente eximir-se das reflexões oriundas desses campos para uma exploração sobre os efeitos de sua prática. Muito pelo contrário, procura-se ampliar o diálogo, agregando o ferramental da análise de narrativas em uma perspectiva construcionista social.

Vale apontar, ainda, que a Psicanálise se caracteriza por um método, técnica e teoria (Horstein, 1989). No caso deste trabalho, esteve presente tanto no atendimento de Orientação Profissional vivenciado pelos participantes entrevistados como na escuta e realização da entrevista e de sua análise. Afirma-se isso, diante do fato de que o autor da presente pesquisa e também entrevistador dos participantes tem, em seu percurso teórico-prático, a Psicanálise como suporte para sua experiência clínica, marcando, portanto, sua escuta e construção de sentidos.

Segundo Mancuso e Sarbin (1983), Psicanálise é justamente uma ciência que tem por base a narrativa, já que seus princípios de explicação consistem em possibilitar que a história seja contada, para, enfim, descobrir como ela começa. Dessa forma, Psicanálise é implicitamente preocupada com narrativa, pois “a teoria de Freud sustenta a promessa de ajudar o paciente a descobrir o ‘verdadeiro’ começo da história” (Mancuso & Sarbin 1983, p. 240).

Não se nega, com tal colocação, que a Psicanálise, em seus primórdios ou na atualidade, tenha epistemologia e ontologia diversas daquelas em que se centra o movimento socioconstrucionista, mas que há pontos possíveis de diálogo. No presente trabalho, por exemplo, não se concebe que haja um “verdadeiro começo da história”, ou que se possa chegar ao “real” entendimento do que se deu, dentro dos processos clínicos das intervenções em OP vividos pelos participantes. Entende-se, sim, que o escopo teórico da Psicanálise favorece a compreensão da organização de sentidos (narrativa) sobre o percurso e a experiência do processo de OP que nele se insere; ou seja, que a Psicanálise se soma enquanto léxico, ou, ainda, enquanto repertório conceitual para compreensão do que se apresenta nas

narrativas colhidas, embora não seja, aqui, adotada como gramática, ou seja, enquanto método ou técnica. Já a compreensão de que a análise aqui tecida é também uma narrativa, coconstruída a partir do encontro que se deu do pesquisador com os participantes em entrevista, esta é, em essência, socioconstrucionista.

Pode-se supor um problema teórico, ao buscar valer-se da perspectiva socioconstrucionista e do ferramental de análise holística de narrativa que nela se insere, para refletir sobre a relação da vivência da OP clínica, que tem por base – porém, não só – a Psicanálise, com a trajetória de vida dos participantes. Contudo, entende-se que a Psicanálise, enquanto método de análise, tem sua potência maior no acontecer clínico, quando método, teoria e técnica estão alinhados. Estar inserido em uma relação interpessoal e porosa a ela é o que potencializa a capacidade interpretativa dos fenômenos psíquicos por essa vertente. Afinal, a própria relação transferencial, a qual propicia elementos essenciais para guiar uma interpretação psicanalítica, demanda o encontro de sujeitos e suas histórias, em um contexto compartilhado.

Existem muitas propostas de discussão e análise psicanalítica de casos clínicos de intervenção em OP, em geral conduzidas pelo próprio clínico, seu supervisor ou em coautoria com estes (Levenfus & Soares, 2010; Lehman, 2006; Lehman, Ribeiro, & Uvaldo et al., 2015; Carvalho, 1979; Bohoslavsky, 2003a; Lima, Uvaldo, & Dias, 2018). São estudos de casos valiosos e que favorecem o desenvolvimento da clínica em OP e de uma metapsicologia psicanalítica da escolha. Porém, fica a questão: como compreender os resultados de uma intervenção clínica em OP, sem ser o próprio clínico?

O que se propõe, neste estudo, é olhar para os egressos da intervenção em OP clínica e suas trajetórias e não apenas para o processo de intervenção. O uso da noção de narrativa – da construção de sentidos sobre a trajetória e o processo de OP – possibilita sair da problemática dos pormenores do processo (possivelmente mais bem explorado por estudos de caso conduzidos pelos próprios clínicos), para entender que influências este ensejou, nas trajetórias do participante, a partir de seus próprios relatos.

Os participantes, ainda, foram atendidos por diferentes orientadores, em processos clínicos que não foram acompanhados direta ou indiretamente pelo pesquisador, para além da entrevista pontual realizada. Para tanto, acredita-se que restringir à Psicanálise como método e suporte teórico de análise do relato dos participantes limitaria o alcance da reflexão que aqui se delineia, uma vez que se faria impossível alinhar teoria, técnica e método psicanalítico.

Dessa forma, entende-se que a noção de narrativa e do método de análise holístico da narrativa, suportados por autores que se inserem no movimento do construcionismo social, contribuem com a compreensão do tema proposto, sem que se faça necessário excluir o léxico psicanalítico, o qual possibilita a descrição e a compreensão de aspectos observados na análise.

3. MÉTODO

Foram entrevistadas 6 pessoas que vivenciaram o processo de Orientação Profissional no Serviço de Orientação Profissional do Instituto de Psicologia da USP, no formato individual.

Procurou-se explorar variações do distanciamento no tempo da experiência do processo, com o objetivo de verificar que diferenças podem trazer para as narrativas. Dessa forma, fixou-se como critério a busca por pessoas que haviam recém-vivenciado o processo (até um ano), que tinham finalizado o processo há dois (2) anos e, ainda, sujeitos que finalizaram o processo há sete (7) anos, havendo dois (2) participantes em cada categoria.

Os participantes vivenciaram o processo em diferentes momentos de sua carreira: um (1) logo ao final do Ensino Médio, três (3) durante o curso da graduação e dois (2) em momentos diferentes do percurso de trabalho após a graduação.

3.1 Procedimentos

Para o levantamento dos participantes, foram coletados fichas e relatórios dos atendimentos realizados no Serviço de Orientação Profissional (SOP) e Núcleo de Orientação Profissional (NOP) da USP, relativos aos anos de 2009, 2014 e 2015/16, oferecidos na Centro Escola do Instituto de Psicologia da USP (CEIP). A coleta das fichas e relatórios foi autorizada pelas equipes dos serviços, após pedido formal feito pelo pesquisador (Anexo A).

Consideraram-se apenas pessoas atendidas individualmente e que realizaram o processo completo. As pessoas foram contatadas por telefone ou e-mail, de acordo com as informações disponíveis na ficha de cadastro. Elas foram escolhidas aleatoriamente, buscando preencher as categorias pré-estabelecidas - que tenham vivenciado a OP há sete, dois e até um ano, atendidas pelo NOP (público USP, em geral, cursando uma graduação ou pós na USP) ou SOP (público externo, buscando a escolha pelo curso superior ou em outro momento da carreira). Assim, havendo a confirmação de dois participantes condizente com uma das categorias, passou-se a buscar candidatos que pudessem preencher as demais, objetivando-se obter dois participante para cada categoria (total de 6).

Nesse primeiro contato, explicou-se o propósito e as características da pesquisa, bem como o tempo de duração da entrevista e temas a serem abordados, e foi feito o convite para participar. Caso houvesse interesse, buscou-se agendar um local e data de conveniência do

participante, para a realização da entrevista. A todos foram oferecidas as salas do CEIP para a realização da entrevista, além de se aventar a possibilidade de efetuar em local e data de escolha do participante, desde que respeitasse as condições mínimas para a boa comunicação e gravação do áudio da conversa e oferecesse cadeiras e mesa, como, por exemplo, a própria residência do participante ou um café. Dos 6 participantes, 4 optaram por realizar a entrevista no CEIP (mesmo local onde foram atendidos pelo serviço), enquanto outros 2 optaram por lugares públicos (café/restaurante) de maior conveniência para eles.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi enviado por *e-mail* previamente à entrevista e também apresentado em duas vias de cópia impressa, no momento da entrevista. O TCLE foi lido e explicado presencialmente, oferecendo-se a oportunidade de que dúvidas fossem esclarecidas, sempre reforçando que a participação na entrevista era opcional e a qualquer momento o participante poderia optar por encerrar o processo, sem qualquer ônus. Após o consentimento e a assinatura do Termo, começou-se a gravação do áudio e deu-se início à entrevista.

3.2 Dos participantes

Foram realizadas 6 entrevistas com pessoas que participaram de um processo de OP individual, de acordo com a Estratégia Clínica, através do Serviço de Orientação Profissional (SOP) e Núcleo de Orientação Profissional (NOP), ambos do Instituto de Psicologia da USP.

São 4 mulheres e 2 homens, de idade e situação socioeconômica variadas. Os nomes foram suprimidos, bem como outras referências, nos relatos, que pudessem identificá-los. Abaixo, os dados referentes às entrevistas e aos participantes:

Tabela 1 - Informações sobre as entrevistas

Participante	Data da entrevista	Duração	Local
Fernanda	17/08/2016	35min	Praça de alimentação do <i>shopping</i>
Rosa	31/08/2016	51mins	Sala de atendimento CEIP-USP
Maria	19/08/2016	1h31min	Sala de atendimento CEIP-USP
José	22/09/2016	50min	Café em <i>shopping</i>
Carol	01/09/2016	40min	Sala de atendimento CEIP-USP
Carlos	26/09/2016	58min	Sala de atendimento CEIP-USP

Fonte: Elaborada pelo autor

Tabela 2 - Informações sobre os participantes

Participante	Ano de atendimento	Serviço	Idade	Sexo	Escolaridade
Fernanda	2009	NOP	32	F	Pós-Graduação
Rosa	2009	NOP	41	F	Pós-Graduação
Maria	2014	SOP	52	F	Pós-Graduação
José	2014/2015	NOP	21	M	Graduação incompleta
Carol	2015	SOP	20	F	Ensino Médio
Carlos	2015	NOP	24	M	Graduação incompleta

Fonte: Elaborada pelo autor

Os dados socioeconômicos dos participantes constantes na ficha de inscrição à época da inscrição no SOP ou NOP podem ser verificados no Apêndice C.

3.3 Sobre o SOP e o NOP

O Serviço de Orientação Profissional do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (SOP-IPUSP) integra o Centro-Escola do Instituto de Psicologia da USP e é um centro de formação e serviço de extensão da universidade. O Serviço oferece atendimento gratuito em Orientação Profissional para a população em geral, realizado por alunos da Graduação, da Pós-Graduação ou pelos psicólogos do Serviço, e aborda a preparação para a

escolha profissional ou de um curso superior, reescolha de curso superior, planejamento de carreira, orientação de carreira e preparação para a aposentadoria.

Trata-se de um serviço de portas abertas, onde o interessado, que deve ter mais de 14 anos (não há idade máxima), se inscreve e é submetido a uma entrevista de triagem que pode ocorrer em grupo ou individualmente. Após a triagem, o interessado é encaminhado para atendimento individual, grupo ou eventualmente outros serviços (quando a demanda explícita é por psicoterapia e não OP, por exemplo). Em geral, prioriza-se o atendimento em grupo, pelo entendimento de que a troca entre pares favorece o processo de Orientação e por conta da grande demanda (Carvalho, 1979; Lehman, 2005; Lehman, Silva, & Uvaldo, 2006). O atendimento individual é direcionado a pessoas que apresentam alguma dificuldade afetivo-emocional mais agravada, que trazem demandas ou contextos muito específicos ou ainda que algo de ordem prática (como incompatibilidade de horários, número de participantes, entre outros) impeça a participação nos grupos oferecidos (Santos, 2020). De maneira geral, os atendimentos são feitos tendo por base a Estratégia Clínica proposta por Bohoslavsky (2003b/1977) e demais autores que com ela contribuíram, em 8 a 12 sessões, com duração de uma hora (Lehman et al., 2015).

O Núcleo de Orientação Profissional (NOP) surge como um desdobramento do SOP e destina-se especificamente ao suporte e atendimento em OP para os alunos da USP. Foi formalizado em 2004 e ganhou força política após a pesquisa de Lehman (2005) sobre evasão na USP (Malki, 2015). Com uma proposta abrangente, o NOP busca oferecer apoio ao aluno, tanto em relação às dúvidas e incertezas, que possam surgir em relação à escolha de carreira, quanto também na assessoria para o seu planejamento. Os atendimentos individuais têm igualmente por base a Estratégia Clínica e inicialmente seguiam os mesmos moldes do atendimento do SOP (8 a 12 sessões de 1h). Por volta de 2015, a partir de contribuições da pesquisa de Malki (2015), o modelo foi reformulado para possibilitar atendimentos em menor tempo e maior agilidade entre triagem e atendimento. Mantendo-se dentro da perspectiva clínica, o novo modelo passou a contar com três momentos (acolhimento, esclarecimento e elaboração do plano de ação), ao longo de 3 a 4 encontros (Audi, Fonçatti, & Uvaldo, 2020).

3.4 Entrevistas

Foram realizadas entrevistas em caráter semiestruturado e de modo interativo, abordando três temas: 1. A trajetória de vida no trabalho (carreira); 2. A experiência do processo de OP; 3. Avaliação do processo de OP.

Para os temas 1 e 2, foram propostas perguntas disparadoras e, após a resposta espontânea inicial, intervenções e outras questões foram colocadas, com o intuito de favorecer que o entrevistando prosseguisse com o relato, ou esclarecesse/aprofundasse determinado ponto do relato que estivesse relacionado à temática da pesquisa. O tema 3 foi composto por duas perguntas (*a* e *b*). O entrevistador estava munido de um guia com os temas a serem abordados e possíveis perguntas que pudessem facilitar a exploração dos temas.

A estrutura da entrevista, os temas e as perguntas de exploração seguiram conforme se explicita abaixo:

1. Trajetória de vida no trabalho:

Pergunta inicial: *Gostaria que você me contasse sobre seu percurso profissional. Caso houvesse necessidade de melhor explicação, mencionava-se trajetória de experiências profissionais, educacionais e o que mais considerasse pertinente.*

Tópicos para exploração: Trajetória educacional (cursos, escolhas, impressões); Experiências do primeiro trabalho (decisões, impressões); Transições e mudanças ao longo da vida; Momentos críticos da carreira; Momento atual da carreira; Perspectivas futuras

2. O processo de Orientação Profissional

Pergunta inicial: *Gostaria que você me contasse sobre o processo de Orientação Profissional: por que procurou, como foi, atividades de que se recorde e o que mais lembrar.*

Tópicos para exploração: Em qual momento se encontrava, quando procurou pela Orientação Profissional; Como foi o processo (atividades, cenas, o que conversaram etc.); Como você estava ao final do processo (como se sentia, planos e projetos etc.).

3. Avaliação do processo de Orientação Profissional

Pergunta a.: *Após o processo, houve outro(s) momento(s) de decisão que você considerou significativo(s)? Quais? Você pensa que houve alguma influência do processo de OP nessas decisões?*

Pergunta b.: *Como você avalia a sua experiência da Orientação Profissional? Você acha que o(a) ajudou, atrapalhou ou foi indiferente?*

Após finalizado o roteiro de entrevista e a exploração dos temas propostos, é perguntado ao entrevistado se gostaria de tecer mais algum comentário a respeito do que fora tratado até ali ou se surgira qualquer questão a propósito da pesquisa, no decorrer da entrevista.

3.5 Análise das entrevistas

As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. Utilizando o modelo de análise macroestrutural da narrativa, proposto por Gergen e Gergen (1983, 1988), foi realizada a análise holística das narrativas concedidas.

A presente pesquisa buscou valer-se da análise holística de forma e conteúdo, a fim de explorar as narrativas dos participantes. Para tanto, as entrevistas transcritas foram lidas diversas vezes e analisadas extensamente, de acordo com o seguinte processo, adaptado do passo a passo proposto por Lieblich et al. (1998):

Análise de conteúdo:

1. Identificar um padrão ou foco;
2. Escrever as impressões iniciais e globais sobre a narrativa. Buscar por exceções à impressão geral, bem como contradições, falas interrompidas ou episódios que produzam desarmonia na narração. Empregam-se também os dados do prontuário do participante, como complemento ao relato;
3. Definir focos de conteúdos ou temas; reler a narrativa, marcando todas as menções a esses temas em cores diferentes;
4. Seguir cada tema através da estória e anotar reflexões e conclusões.

Análise formal:

5. Focar nos movimentos da narrativa, no encadeamento dos episódios e desenvolvimento dos temas, buscando identificar os padrões de movimento progressivo, regressivo ou neutro;

6. Identificar a dinâmica dos enredos (buscar por expressões valorativas, como "foi a melhor fase da minha vida" ou "me dei conta de que..." etc.; referência a reviravoltas, encruzilhadas, curso de vida etc.; comentários que identificam gêneros narrativos, como "minha vida tinha sido como a estória de Cinderela");

7. Montagem de um gráfico que represente o curso de vida narrado, baseado nos padrões de progressão, regressão ou estabilidade. Cada narrativa foi colocada em um gráfico/linha do tempo, onde o eixo *x* representa o tempo e o eixo *y* representa a qualidade positiva, negativa ou neutra da experiência relatada, usando-se tanto o conteúdo temático da história quanto a linguagem do que estava sendo relatado (exemplo: “foi um bom momento”; “eu estava feliz naquele tempo”, “as coisas ficaram feias” etc.). Isso resultou no que Lieblich, Turval-Mashiach e Silber (1998) chamam de “gráfico do curso de vida”.

Inspirado na pesquisa realizada por Dyer (2006), acerca da narrativa de pessoas que superaram um processo de depressão, e com o intuito de melhor atender à questão e aos objetivos da presente pesquisa, os seguintes aspectos nortearam também o processo de análise das entrevistas:

- Como o narrador se posiciona em relação à sua história: vítima, herói ou onisciente; é agente ou sujeito dos eventos narrados?
- Tom utilizado: se ironia, triunfo, resignação, clínico;
- Características da dinâmica da narrativa: reviravoltas de onde para onde; se abruptas ou graduais; se muitas, poucas ou nenhuma;
- A relação da reviravolta com o eu-narrador: efeitos na identidade, se esse é sujeito ou agente etc.;
- O tema que atravessa a estória; o estado-meta almejado que motiva o narrador através dos eventos e também possibilita coerência na narrativa;
- A representação da OP através da estória;
- A relação da OP com os temas e movimentos narrados.

3.6 Apresentação dos resultados

As entrevistas realizadas e suas respectivas análises são apresentadas da seguinte forma:

1. Nome fictício do participante, seguido de dados gerais, como idade, composição familiar, formação e há quanto tempo participou do processo de OP, em relação à entrevista efetuada.
2. Introdução: apresentação geral do relato e condições da realização da entrevista.
3. Síntese do relato: apresentação resumida dos conteúdos da entrevista, organizados de maneira cronológica. Busca-se uma descrição objetiva e não interpretativa, para que o leitor possa acompanhar os fatos narrados com mais facilidade.
4. Análise:
 - a. Impressão global: expõem-se os pontos centrais de análise da entrevista e os temas elencados.
 - b. Apresentação e desenvolvimento dos temas de análise.
5. Gráfico da narrativa: apresentação do gráfico da narrativa (ver método, análise das entrevistas, análise formal, item 7), antecedido por um breve comentário sobre sua montagem.
6. Considerações finais sobre o relato: reflexões finais, destacando pontos principais levantados ou estabelecendo novas associações, a partir dos elementos expostos.

3.7 Considerações éticas

A presente pesquisa se norteou por diretrizes regulamentadoras de investigações que envolvem seres humanos, como consta na Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012, do Ministério da Saúde do Brasil; a Resolução nº 016, de 20 de dezembro de 2000, do Conselho Federal de Psicologia do Brasil, a qual dispõe sobre a realização de pesquisas em Psicologia com seres humanos; e o Código de Ética profissional do psicólogo brasileiro, de 2005.

Com base nisso, os participantes foram esclarecidos quanto ao tema, objetivos e procedimentos, tendo sido igualmente destacado o caráter totalmente voluntário de seu envolvimento. Também foram informados de que: estavam garantidos o sigilo e o anonimato, por meio da omissão de nomes ou eventos que possam identificá-los; as entrevistas foram gravadas apenas com o fim de facilitar a compilação dos dados; o uso das informações obtidas somente se daria para fins acadêmico-científicos; não precisavam dar informações que não queriam e poderiam interromper a participação, a qualquer momento.

Além disso, o pesquisador se colocou à disposição dos participantes para quaisquer esclarecimentos, orientações e/ou encaminhamentos, mesmo após o término das entrevistas.

3.8 Sobre o entrevistador-pesquisador

As entrevistas foram conduzidas pelo próprio autor da pesquisa e, dessa forma, cabe trazer algumas informações sobre seu percurso teórico-prático e que nortearam tanto a escuta como a análise das entrevistas feitas. O entrevistador é psicólogo de formação, com experiência em atendimento psicoterápico de adolescentes e adultos, em consultório particular. É praticante, no campo da Orientação Profissional, em consultório particular e na educação básica e curso pré-vestibular. É pesquisador no campo da OP e também docente em curso de especialização em Orientação Profissional. Assim, ele se vê envolvido na prática clínica e institucional em OP, nas reflexões teóricas sobre esse fazer e na formação de pessoas que buscam atuar com OP.

Desse modo, ressalta-se que, na condução das entrevistas, esteve presente tanto o pesquisador norteado pela questão de pesquisa estabelecida e rigor científico, quanto o psicólogo e orientador profissional, pautado por sua escuta clínica, a qual tem por base sua formação teórica e experiência pessoal e profissional. Não há como se iludir de que seria possível separar esses papéis e tampouco isso é almejado. Muito pelo contrário, busca-se, justamente, construir pontes entre prática e teoria, promover reflexão e desenvolvimento para ambas.

4. RESULTADOS

4.1 Seis trajetórias e suas histórias

4.1.1 Fernanda

Fernanda, 32 anos, arquiteta, solteira e sem filhos. Participou do processo de Orientação Profissional em 2009 (7 anos antes da entrevista).

4.1.1.1 Introdução

Fernanda conta uma história de busca por sua identidade profissional, passando por suas experiências profissionais, educacionais e pessoais. Ao narrar sua trajetória, ela traz muitos questionamentos e reflexões sobre si, como se tecesse sua identidade concomitante ao relato. Autoconhecimento, de fato, é tema recorrente e algo valorizado pela entrevistada.

Fernanda transmite a sensação de estar em constante movimento. Sentir-se confortável em seu próprio movimento, através da aceitação de suas escolhas e também das mudanças que ainda virão, parece emergir como uma valiosa conquista em sua narrativa.

O primeiro contato com Fernanda foi por *e-mail*, ao qual respondeu prontamente, dispondo-se a participar da entrevista. Esta ocorreu em lugar escolhido pela entrevistada, com a conveniência de ser próximo de seu trabalho. Assim, ela poderia, apesar do atarefado dia, ceder seu relato na hora de seu almoço. O encontro foi marcado nas mesas da praça de alimentação de um *shopping* aberto. Mesmo com o barulho e a agitação do lugar escolhido, a entrevista ocorreu normalmente, sem implicações significativas para a comunicação entre entrevistado e entrevistador ou para a gravação.

Fernanda falou de maneira acelerada. Falou, questionou-se, respondeu às suas questões e às do entrevistador e seguiu adiante, até que se sentiu satisfeita. Ela transmitiu alegria e disposição, através de sua fala, criando um ambiente amigável e informal para a entrevista, a qual durou aproximadamente 35 minutos.

4.1.1.2 Síntese do relato

Fernanda inicia seu relato a partir da escolha pelo curso superior. Conta que estava muito indecisa entre em torno de 4 ou 5 opções, tendo apenas certo de que seria algum curso da área de Humanidades. Seguindo o conselho de sua mãe, acabou optando por Arquitetura.

Ela dedicou-se bastante para entrar na faculdade mais concorrida, pois seria o curso que lhe traria mais opções de atuação. Porém, logo no começo do curso, já tinha a percepção de que não "seria arquiteta". Ao longo da Graduação, percebia que seus colegas possuíam mais facilidade que ela, o que foi favorecendo a construção dessa "descrença" na Arquitetura como possibilidade de atuação.

Diante desse desconforto, Fernanda prorrogou o término de sua Graduação: "fiz em 7 anos e meio, dei uma enrolada", conta. Dessa forma, pôde vivenciar experiências que ajudaram a construir seu percurso, tais como um intercâmbio para fora do país, o processo de Orientação, o estágio e o início de sua psicoterapia.

Por volta do quarto ano da Graduação, realizou um intercâmbio para a Alemanha, que propiciou a ela um olhar mais crítico sobre a arquitetura brasileira. Ao retornar para o Brasil, viu-se na iminência do final da Graduação e com a necessidade de tomar decisões profissionais. Assim, buscou pelo Serviço de Orientação Profissional do IP-USP:

Lembrei do que eu tinha visto [sobre o Serviço de Orientação Profissional na primeira Semana da Graduação], acho que aquilo nunca saiu da minha cabeça, que tinha orientação vocacional aqui e eu sempre quis fazer. . . . eu fui meio com o intuito de uma orientação do tipo "Agora eu vou me formar e vou para onde?"

Após o processo de Orientação Profissional, Fernanda começa um estágio como assistente de Conselho de *Marketing* de Luxo, onde permanece por aproximadamente um ano e meio. Fernanda viu-se na necessidade de finalizar sua Graduação e saiu de seu estágio para poder terminar o Trabalho de Conclusão de Curso.

A entrevistada deparava com dificuldades para conseguir emprego após formada, até que encontrou "um bico com decoração de Natal em *shopping*", por indicação de colegas da faculdade. Ao final dessa tarefa, chegou a ser convidada para participar de um processo seletivo para trabalhar na empresa que prestava o serviço, mas acabou não ficando com a vaga.

Ao mesmo tempo, Fernanda buscava por vagas de *Trainee*, tendo participado de diversos processos, sem, no entanto, conseguir aprovação. "Era muito tímida, não conseguia me expor muito", conclui.

Por fim, foi chamada para uma vaga em uma empresa do mercado imobiliário para atuar na área comercial, na qual atua até hoje. Após algum tempo, Fernanda migra para a área de *Marketing* nessa mesma empresa, função que ocupa até o momento.

As possibilidades futuras que Fernanda desenha para sua carreira, entre outras, são: permanecer mais um tempo na empresa onde está atualmente ou "mudanças de vida completas" (sic), como, por exemplo, voltar a sua cidade no interior paulista e trabalhar nos negócios de seu pai.

4.1.1.3 Análise

4.1.1.3.1 Impressão global

Fernanda inicia seu relato pela escolha do curso superior, quando, em meio a muitas opções e diante da dificuldade de tomar uma decisão, buscou o conselho de seus pais e seguiu a sugestão de sua mãe. A frase que abre seu relato nos fornece importante pista sobre o tema central de sua narrativa: "Eu sempre fui meio indecisa", diz ela. Fernanda fala sobre escolhas e suas influências em seu percurso profissional. O que está implícito nesse tema, porém, é a busca por uma identidade ou, ainda, a busca por aceitar a própria trajetória, decisões e indecisões.

Se, de maneira manifesta, Fernanda se diz "indecisa", no decorrer do relato, observam-se várias decisões sendo tomadas concomitantemente à busca de um valor positivo a cada etapa de seu percurso, culminando na inversão do valor negativo "indecisa" em um valor positivo, como "gosto de mudanças". Todavia, esse movimento não é linear e aparece de modo dinâmico, em diversos momentos de seu relato, sinalizando uma tensão entre dois polos discursivos: de um lado, a aceitação de que sua carreira não foi e nem precisava ser linear ou, ainda, que as várias experiências que teve a fortalecem e lhe dão mais possibilidades; e, de outro, a reflexão de que poderia estar mais bem colocada profissionalmente, se tivesse tomado outras decisões.

A narrativa de Fernanda é voltada para o aspecto profissional. Relações pessoais aparecem raramente e, quando mencionadas, estão associadas ao tema trabalho ou escolha. Exceção à regra se faz, quando a entrevistada traz reflexões sobre si mesma, mencionando seus pais como exemplo ou os processos de Orientação e Psicoterapia. Ao longo do relato, Fernanda alude algumas vezes à preocupação de deixar momentos voltados para o lazer e

"autorrealização", sinalizando o quanto a carreira é algo central para ela, por vezes se sobrepondo ao espaço pessoal.

Fernanda tece reflexões em torno de sua identidade profissional, a qual passa por um processo dinâmico de negociação entre as figuras parentais introjetadas e suas expectativas. Enquanto sua mãe é vista por ela como alguém que teria procurado seguir seus sonhos, porém, fracassou profissionalmente, seu pai é visto como alguém mais pragmático, que soube se adaptar às contingências e prosperar profissionalmente. Novamente, encontram-se dois polos que geram uma tensão dinâmica. Por um lado, Fernanda preocupa-se com um fazer profissional que lhe faça sentido (daí a importância dada ao autoconhecimento, ao relatar seu percurso pessoal/profissional); por outro, valoriza uma carreira "bem-sucedida", que pressupõe boa remuneração e estabilidade profissional.

Durante o relato, no entanto, Fernanda parece construir um percurso que parte do polo mais identificado com sua mãe (busca por autorrealização no fazer profissional) e finaliza no polo mais identificado com seu pai (flexibilidade, pragmatismo e sucesso profissional), culminando no convite feito por ele para atuar em sua empresa, como um sinal de reconhecimento da capacidade e competência de Fernanda.

Alguns valores que se pode depreender do relato de Fernanda são: autoconhecimento, dedicação, reconhecimento (social e profissional, associado ao retorno financeiro), mudança, flexibilidade e segurança profissional (ou flexissegurança, conforme definido por Ribeiro, 2014)

Com esse panorama em mente, segue-se a exploração de temas (focos) destacados de seu relato.

4.1.1.3.2. Conciliando-se com sua trajetória: buscando um sentido positivo para escolhas e percurso

Como mencionado acima, Fernanda procura atribuir um valor positivo ao seu percurso, ao longo do relato, frequentemente conflitando/negociando com uma postura crítica (ou negativa). Por exemplo, ao tratar do processo seletivo para atuar na empresa onde havia estagiado, conta primeiro que teve desempenho ruim no uso de um *software* específico da área e, em seguida, conclui que a vaga e a entrevistadora do processo estavam abaixo de suas qualificações:

Só que eu nunca mandei muito bem no Autocad, eu não usava, estava superperdida. . . . acho que ela até tinha uma formação talvez inferior à minha.

Seguindo a mesma linha, Fernanda se refere à sua busca por uma vaga em processos de *Trainee*; embora não tenha sido aprovada em nenhum, isso lhe proporcionou importante aprendizado, possibilitando a aprovação no processo seletivo para a empresa na qual atualmente trabalha:

Eu não passei em nenhum [processo de *trainee*], teve um que eu fui para a final, mas era muito tímida.

[sobre a entrevista do 1º emprego] Me dei superbem na entrevista, porque já tinha essa experiência de *trainee*, então, me preparei bem, e acabei passando.

Em outros dois momentos, é possível ver esse movimento, porém, de maneira menos explícita. O primeiro, quando relata sobre a mudança de área na atual empresa:

E aí me chamaram para ir para o *marketing*, e isso me trouxe outro desafio, porque o *marketing* lá é uma área muito... a empresa já é muito enxuta e o *marketing* tem uma posição só, que sou eu hoje, e eu toco o *marketing*.

O segundo, quando comenta sobre o processo de Orientação Profissional:

Eu gostaria de ter tido orientação vocacional antes. Acho que é mais importante do que quando você já está lá, quando você já está... não preso numa situação, eu não estava lá para abandonar a minha faculdade, não é o que eu estava buscando, começar outra coisa. Eu nem me lembro se isso foi uma conclusão lá, mas acho que me formar era uma coisa que já estava pré-definida para mim.

Nesses dois trechos, chama a atenção a ruptura de uma linha de raciocínio (evidenciada pelas reticências no texto) e retomada, seguindo outra linha. A frase é cortada exatamente quando, aparentemente, conduziria a um valor negativo: no primeiro caso, uma referência ao fato de o setor do *Marketing* ser precário ou pouco desenvolvido foi transformada em desafio, por este ter sido atribuído exclusivamente à sua responsabilidade; no segundo caso, a frase que parece conduzir à percepção de estar "presa" a uma escolha "inadequada" é interrompida e reconduzida para a afirmação de um posicionamento, recolocando-se como sujeito da ação dentro do relato.

Se, por um lado, Fernanda se define como "indecisa", por outro, diz "eu gosto disso, de mudar"; se, por um lado, fala sobre a "dificuldade de fechar portas", mostrando o quanto a escolha é uma preocupação para ela, ou seja, um desafio e também uma busca, por outro,

afirma o quanto para ela é importante abrir possibilidades, valorizando a política de rotacionamento de funções da empresa em que atua ou a amplitude de sua graduação.

Esses movimentos, com efeito, apontam para uma tensão dinâmica entre valores identitários de Fernanda. Esse aspecto aparecerá em outros temas, como se verá a seguir.

4.1.1.3.3. Identificações parentais; ou de Artes para Business:

Além de ser um tema bastante pertinente para o campo de estudos da OP e para a compreensão do processo de escolha, Fernanda traz espontaneamente muitas referências a seus pais, em seu relato, tornando este um tema significativo para a análise de sua narrativa.

Como foi afirmado acima, entende-se, a partir de uma perspectiva teórica da Psicanálise, que há uma tensão dinâmica entre a forma com que Fernanda se identifica com as figuras parentais introjetadas e negocia com as expectativas destes. No decorrer de seu relato, percebe-se que essa tensão parece traçar um percurso, no qual Fernanda parte de um lugar mais alinhado com as expectativas de sua mãe e direciona-se para um posicionamento mais crítico em relação a esta, com um maior alinhamento com a figura paterna.

Logo no início do relato, Fernanda conta que, diante da dificuldade de chegar a uma conclusão a respeito da escolha por um curso superior, buscou, como de costume, auxílio com seus pais:

Como sempre, eu contava para os meus pais e pedia a opinião deles.

Nesse gesto, percebe-se a importância das referências parentais em seu processo de escolha, que se confirmará em outros momentos de seu relato. Fernanda, em seguida, conta que sua mãe lhe indicou Arquitetura por três motivos: primeiro, porque gostava da área, pois havia feito artes plásticas; segundo, porque julgava que Fernanda levava jeito para o curso, a partir de sua experiência; e, terceiro, por ser um curso muito amplo, possibilitando a atuação em diferentes campos profissionais. E conclui:

Acabou que segui o conselho dela. . . . Para mim fez sentido, na época.

Chama a atenção o fato de Fernanda não ter mencionado a opinião de seu pai sobre essa decisão. A opinião dele aparecerá apenas mais adiante, em outro momento do relato. É interessante também a forma distanciada como Fernanda, hoje, se coloca acerca da opinião de

sua mãe, na época, denotando, que embora tenha "feito sentido" seguir a sugestão de sua mãe, hoje diverge do posicionamento dela.

O primeiro momento de evidente divergência em relação à opinião da mãe, no entanto, foi quando Fernanda contou sobre a busca pelo processo de OP:

E aí eu falei “Poxa, né?”, eu queria ter feito teste vocacional no começo, mas a minha mãe mesmo falou: “Isso não adianta nada, eu mesma fiz e deu coisas que não tinham nada a ver”, enfim... E aí eu acabei procurando essa orientação.

Mais adiante, no relato, ao falar do processo de OP e do aprendizado de separar realização profissional de realização pessoal, Fernanda menciona a referência materna novamente, porém, agora de maneira crítica:

Sim, mas a minha ficha só caiu, só interiorizei isso, na terapia. Ainda mais olhando para a minha mãe, que ficava nessas, patinando e não ganhava dinheiro com o trabalho dela e só se decepcionava. Não que seja um drama na vida dela, mas faltava aquela referência de que minha mãe é uma profissional.

O que Fernanda chama de "profissional" aqui nos dá pista do que ela passou a valorizar como "carreira". A compreensão de que a realização profissional só se completa com retorno (financeiro) e reconhecimento ganhou importância, bem como a percepção de que não encontrava isso na referência que tinha de sua mãe. No trecho a seguir, observam-se mais elementos do movimento de identificação com a figura do profissional "de terno e gravata", entendendo que ali encontraria mais segurança profissional:

Comecei a querer trabalhar no mundo corporativo. Eu andava pela Paulista, via a galera engravatada, eu achava muito legal, falava “É uma coisa que eu quero”. E acho que o meio corporativo me passava uma certa segurança de carreira, de ter um lugar para mim, sabe, ali, assim, você se encaixa.

A afirmação contundente de que "é uma coisa que eu quero" contrasta com a figura "indecisa" descrita por Fernanda, no início do relato, além de demarcar a consolidação de seu novo posicionamento, que se afasta da expectativa de se tornar um profissional da área de criação/artes. No fragmento seguinte, essa transição se explicita:

Acho que é isso que eu gosto [campo da administração], acho que eu não preciso ser artista. Porque eu tinha, talvez, uma projeção da minha mãe, “Ai, preciso ser artista”.

Na sequência, pode-se conhecer um pouco mais da expectativa paterna e como Fernanda se relaciona com esta:

Meu pai me questionava às vezes: “Será que um dia você não quer abrir um negócio, ser uma empreendedora? Veja bem, né?” E eu falava: “Não, imagina”, superinsegura. Mal conseguia trabalhar para os outros, imagina abrir um negócio meu, ia ser super, né? Não quero falir, quero ter uma experiência, pelo menos.

Contrastando com a mãe, o pai projeta desejo empreendedor em Fernanda. A entrevistada, por sua vez, acolheu essa expectativa como um desafio. Ao se ver como insegura, na época, ou ao compreender que precisava de mais experiência, é como se dissesse "não estava pronta ainda", constituindo-se, portanto, como uma meta a ser alcançada.

Ao contar sobre sua situação profissional atual, Fernanda faz uma autoavaliação e conclui estar, hoje, mais preparada e confiante:

Agora já com quatro anos e meio de empresa... eu tenho uma confiança muito maior para opinar, para, enfim, ter o meu lugar dentro da empresa, dar colaboração, que é uma coisa que eu tinha insegurança antes.

Fernanda considera muitas possibilidades para seu futuro, como ficar na mesma empresa, ir para a Engenharia, fazer pós em *Marketing*, buscar uma empresa em que o *marketing* seja realmente o foco... "Então, isso tudo", diz ela. Diferentemente da situação de escolha do curso superior do início do relato, quando apontava a dificuldade em escolher, aqui Fernanda parece estar confortável com as várias possibilidades que vê diante de si, como se fossem o resultado de conquistas pessoais, de autoconhecimento e das experiências pelas quais passou.

De fato, logo após ser perguntada sobre as perspectivas futuras que desenha para si, a resposta centra-se em duas opções. De início, responde:

Uma coisa decidida é que eu estou na minha empresa, estou bem lá, então não tenho pressa de sair. Lógico, às vezes, eu fico lá: “Poxa, eles precisam me promover”, eu fico sempre nessa.

O trecho acima indica que está confortável onde está, porém, sente falta de um reconhecimento a mais. Em seguida, ela fala da possibilidade de trabalhar na empresa de seu pai:

Isso nunca tinha me sido dado como possibilidade, porque ele tem um negócio de família. Então, eu achava ruim, assim, meu pai tinha uma empresa e eu nunca podia participar do dia a dia, conhecer como é o trabalho, então, era uma coisa completamente apartada, nunca tinha pensado em seguir como empreendedora e dar continuidade a isso. E agora, de repente, aparece como opção, porque a gente está ficando mais velha, porque é um negócio de família, envolve os tios e eles não queriam envolver a outra geração ainda, e agora já é uma etapa mais complexa, saber quem vai querer.

Confrontado com o todo da narrativa, o convite para atuar nos negócios da família junto a seu pai parece ser o ponto alto de sua trajetória, a conquista ou grande feito do herói-narrador: o reconhecimento de sua competência profissional, a aceitação de sua trajetória e o reconhecimento de seu potencial profissional, configurando-lhe um lugar/papel nos negócios da família.

Ainda assim, a Fernanda narradora, de 32 anos, identificada com o mundo corporativo, ao revisitar seu percurso, reluta com seu eu do passado, identificado com o fazer artístico/criativo de sua mãe, levando a uma leitura ambivalente sobre seu percurso:

Se eu fosse voltar hoje, eu faria Administração, faria Jornalismo – aí eu teria outra carreira –, faria Publicidade. Mas é fácil falar isso já tendo feito Arquitetura, porque a Arquitetura colaborou muito para a minha visão política, visão de espaço, várias coisas que me ajudam hoje. Eu acho que não foi inútil, sabe, não foi em vão. Mas eu acho que estaria melhor posicionada, com um salário melhor, por exemplo, se eu tivesse feito uma Administração, uma coisa mais focada para o mercado.

O alinhamento com o percurso profissional de seu pai, no entanto, abre espaço para uma conciliação com seu próprio percurso, de modo a aceitar as mudanças de áreas de atuação e diferentes experiências profissionais, como se verifica no trecho a seguir:

O meu pai é engenheiro agrônomo, começou a carreira plantando café, mas teve geada, ele desistiu e foi para essa área de concessionária. Ou seja, também não tenho muitas carreiras na minha família do tipo “Nossa, me formei nisso e segui assim”, era uma coisa mais “Se forma aí e vê para onde vai”.

4.1.1.3.4 Orientação Profissional e Psicoterapia

Assim como em outros assuntos em seu relato, Fernanda se refere ao processo de OP de uma maneira ambivalente. Por um lado, ela indica ter-se frustrado por não ter chegado a uma resposta definitiva sobre qual caminho tomaria dali por diante - nas suas palavras:

Não cheguei a nenhuma conclusão, não me deu uma “Pô, então vou por aqui”.

Entretanto, por outro, ela aponta a importância que o processo teve na construção de seu percurso, mencionando, em diferentes momentos, aprendizados que a OP lhe trouxe e que ela guarda até os dias de hoje, como no trecho a seguir:

[Eu] estava parada, porque eu tinha medo de fazer qualquer coisa, sabe? Porque, querendo ter tudo, eu não tinha nada. Acho que era um pouco disso [que foi o processo de OP], [sobre a importância de] escolher o caminho, [aprendizado que] eu levo para tudo hoje em dia.

De forma geral, o que marcou Fernanda a respeito do processo de OP foi um momento de estar em contato consigo mesma, de se conhecer mais: "A gente não falava só de trabalho, falávamos sobre a minha vida também." Autoconhecimento é algo que passou a valorizar e buscar mais, dali por diante.

Fernanda se lembrou de algumas atividades e conversas que ocorreram, durante o processo de OP. Em uma atividade realizada que chamou de cronograma do dia a dia, ela se deu conta de que não considerava o final de semana como tempo para realizar coisas pessoais. Nas palavras dela:

Por mais que você faça coisas pra ganhar seu dinheiro [durante a semana], busque se realizar no fim de semana com alguma coisa que não necessariamente tenha a ver com os dias úteis.

Durante as sessões de OP, Fernanda também percebeu sua dificuldade em projetar/imaginar um futuro para si. Hoje, ela entende que essa dificuldade estava associada a outras questões que ainda desconhecia:

Era uma questão de falta de autoconhecimento, [meu problema] era uma coisa mais profunda do que simplesmente tomar uma decisão profissional.

Ao final do processo, Fernanda e Orientadora conversam sobre Fernanda continuar a sua busca por autoconhecimento; a Orientadora indica que buscasse por um processo de psicoterapia, fornecendo-lhe o contato de uma profissional. Apesar de Fernanda ter procurado por terapia somente um ano e meio depois, ela considerou esse o desdobramento mais importante do processo de OP:

Se for dizer qual foi a parte mais importante, foi ter me dado esse caminho para continuar, isso de "Olha, aqui está o contato de uma psicóloga".

Fernanda se diz confusa em relação a quais aprendizados ocorreram na Psicoterapia e quais se deram na OP. Durante o relato, foi se lembrando de algumas diferenças, como, por exemplo, quando comenta pela segunda vez a respeito do aprendizado sobre separar a realização profissional da pessoal:

A minha ficha só caiu, só interiorizei isso, na terapia.

As fronteiras entre Psicoterapia e OP, na abordagem clínica, de fato são opacas e os dois processos são configurações em um mesmo *continuum* de intervenção (Ribeiro & Melo-Silva, 2011; Moura, 2014), o que justificaria em parte a confusão que Fernanda faz. Mas pode-se também inferir que as questões levadas por Fernanda para o processo de Orientação e para o da Terapia fossem muito semelhantes ou estivessem muito conectadas, de sorte que o segundo tenha seguido quase como uma continuidade do primeiro.

No trecho a seguir, verifica-se que Fernanda começar falando da Orientação e terminar falando da Terapia, como se se tratasse de um mesmo processo. De fato, o tema abordado nos dois está relacionado ao campo profissional e concerne a questão semelhante, em torno do aprendizado em lidar com o luto e frustração, em um processo de escolha:

Eu percebi um pouco, lembro que foi falado nessa orientação vocacional também, sobre essa dificuldade de fechar portas, você escolher uma, e que era natural, isso faz parte, e era um problema pra mim, pensar “Eu vou fechar todas as minhas possibilidades, ter que escolher uma só”, sabe? E essa indecisão, medo de apostar no lugar errado. Então, acho que aprendi muito, eu sempre lembro disso, que tem que escolher uma porta. E outra coisa que foi muito importante que eu aprendi na minha terapia, também, foi a não ficar com a expectativa do emprego dos sonhos, sabe, tipo “Nossa, eu nasci para isso, tenho que descobrir para o que eu nasci” ou não “Meu trabalho tem que ser um *hobby*, tem que me dar prazer”.

Pode-se também identificar, no trecho acima, a conscientização de Fernanda a respeito de seu processo de escolha. De acordo com Bohoslavsky (1977/2003b), a conscientização e o aprendizado acerca da maneira de escolher (*deuteroescolha*) constituem um dos resultados buscados pela OP clínica. Fernanda identificou que sua dificuldade de escolha estava associada ao medo de definir e de errar. Posteriormente, na terapia, a reflexão a propósito desse medo pode levá-la a identificar melhor suas idealizações em torno da identidade profissional, tornando o processo de escolha mais leve e favorecendo a aceitação das decisões tomadas.

Por fim, quando perguntado a Fernanda se ela se lembrou da experiência da OP em outros momentos de decisão após o processo, ela responde:

Eu acho que me deparo com isso sempre, sou muito indecisa. . . . Eu estava vendo um vídeo ontem em que o cara fala “Meu, se você fica na dúvida, faz!”, e eu acho que isso é muito a minha história mesmo. Faz e um caminho vai te levar a outro, vai te dar sugestões. E é verdade, não é o fato de você escolher uma coisa que vai te fechar, tipo, “Pô, entrei como comercial de mercado imobiliário, corporativo, que isso vai definir o resto da minha vida”. Dentro da própria empresa, acho que, se eu não tivesse entrado lá, hoje eu não estaria no *Marketing*. Acho que é uma sequência de eventos, e se você ficar parado...

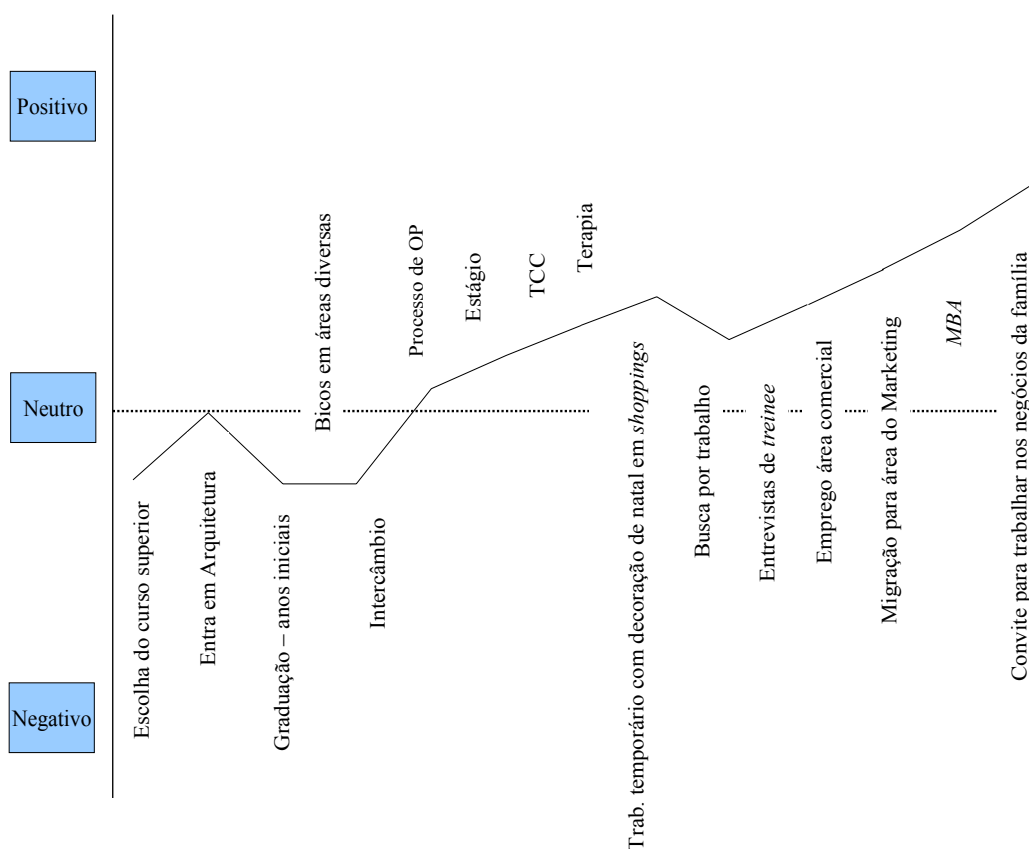
Verifica-se, no trecho acima, mais claramente, o processo de aceitação de seu próprio percurso, que passa justamente pela valorização da possibilidade de mudanças. A retomada da forma como se auto avalia – "sou muito indecisa" – nesse momento do relato, traz uma conotação diferente da utilizada no início. Enquanto, no início, referia-se à dificuldade de decidir por um curso superior e da necessidade de contar com a opinião de seus pais, no trecho acima, o *indecisa* está ligado a possibilidades, ou melhor, potencialidades, e a uma postura mais pragmática e menos idealista. O segundo "indecisa" presta-se como uma autorização para fazer/escolher.

4.1.1.4 Gráfico da narrativa de Fernanda

O gráfico da narrativa é produzido levando-se em conta o estado-meta e as valências dos momentos narrados. No caso de Fernanda, o convite para trabalhar nos negócios da família é o ponto alto e importante sinal de reconhecimento. A narrativa começa com a escolha pelo curso superior com uma valência negativa, quando Fernanda segue a sugestão da mãe, hoje colocada em questão. Ainda assim, a entrada na universidade é descrita como conquista e resultado de competência e esforço.

Os anos iniciais da Graduação são marcados por decepção e questionamentos com o curso, seguindo-se de maneira neutra em experiências profissionais, em áreas diversas. No intercâmbio, passa a questionar mais sua Graduação e a decisão por iniciar um processo de OP marca um posicionamento pessoal autêntico (indo contra o comentário de sua mãe), portanto, é assinalado por valência positiva. As experiências posteriores são marcadas por valência positiva, encaminhando-a para o estado-meta de competência profissional, realização pessoal e reconhecimento (material e social), com um breve revés no momento de busca por trabalho e as negativas recebidas em processos de *trainee*.

Figura 1 - Gráfico da narrativa de Fernanda



Fonte: Elaborada pelo autor

4.1.1.5 Observações finais sobre o relato de Fernanda

De que forma os temas apresentados se associam, nesta análise do relato de Fernanda? Segundo Gergen e Gergen (1983), a autonarrativa é o esforço do indivíduo em estabelecer relações entre eventos relevantes para ele, através do tempo, ou seja, uma tentativa de compreender "eventos da vida como sistematicamente relacionados" (p. 255, tradução livre do autor), em busca de um sentido ou significado para vida. Fernanda, ao narrar sua trajetória, busca atribuir um sentido positivo às suas ações.

Sua trajetória parte de um lugar onde havia a dependência da opinião de sua mãe, de passividade ao acatar uma decisão em que não se via implicada. E caminha para construção de seu papel como agente, capaz e dona das próprias escolhas. Parte de lugar identificado com sua mãe, identificação essa que associa o fazer criativo/artístico ao insucesso profissional e a função de cuidar do lar e da família; e caminha para a identificação com a figura paterna, à qual associa flexibilidade, sucesso profissional e autonomia, ou a ideia de *self-made-woman*. No trecho a seguir, Fernanda se vê nesse processo de negociação entre suas identificações profissionais, posicionando-se no campo administrativo-empresarial:

E eu teria me dado superbem em Administração, eu acho hoje, me conhecendo um pouco melhor, sabe? Talvez eu tente apartar um pouco essa coisa de que preciso ser criativa, tinha um pouco de pressão nisso, de ser artista, criativa. Talvez eu seja melhor em negócios, mesmo. Não sei, sabe?

Ao atribuir um sentido positivo às suas ações passadas, Fernanda procura validar esse movimento que percorreu, uma forma de justificar para si o rompimento com a figura materna e o alinhamento com a paterna.

A conciliação de Fernanda com suas referências parentais, por conseguinte, da Fernanda *bussines-woman* autônoma de hoje com a Fernanda artista-dependente do passado, no entanto, acontece apenas quando ela vê na própria criatividade o instrumento que lhe possibilitou ter feito essa transformação para quem é hoje, segundo se observa no trecho a seguir:

Mas acho que a minha trajetória foi assim, acho que teve uma criatividade aí para sair da Arquitetura e ir para o comercial e depois para o *Marketing*, ir para uma empresa corporativa. Acho que não tem nenhuma coisa definitiva nisso, sempre estou me vendo...

A partir da trajetória desenhada acima, é possível compreender como a vivência do processo de OP se encaixa no percurso de Fernanda. Ao buscar pelo processo de OP, Fernanda marcou seu primeiro passo em direção à diferenciação/rompimento com a identificação materna. Ao se olhar para o gráfico da narrativa de Fernanda, esse aspecto fica ainda mais claro. Após o processo de OP, a narrativa de Fernanda segue em ritmo ascendente, passando a descrever positivamente as experiências seguintes, indo em direção ao desfecho representado pelo convite do pai para trabalhar nos negócios da família.

Em relação à maneira como Fernanda significa a experiência do processo de OP, em sua trajetória profissional, em síntese, pode-se dizer que o eixo central é o autoconhecimento. Para ela, a experiência da OP lhe apontou o caminho do autoconhecimento como potencializador de sua realização profissional, integrador de suas experiências profissionais, em uma trajetória e projeto profissional que lhe façam sentido, através da revisitação e apropriação de suas escolhas.

4.1.2 Rosa

Rosa, 42 anos, casada, mãe de 2 filhos, bióloga, pós-doutorado completo. Participou do processo de Orientação Profissional em 2009 (7 anos antes da data da entrevista).

4.1.2.1 Introdução

Com fala rica em detalhes e ponderações, fazendo-se perguntas e respondendo a si mesma, Rosa narra uma história de alguém que ensaia caminhar em direção a um desafio maior e bastante desejado, mas que hesita e busca se adaptar aos acontecimentos da vida. Nota-se, no decorrer da entrevista, que a participante se vê em momento decisório novamente, explora os prós e contras das possibilidades que desenha para si, os conflitos que viveu e que sente que, de alguma forma, ainda está vivendo no momento atual de sua trajetória profissional, chegando a perguntar sobre a possibilidade de ser atendida novamente no serviço de Orientação Profissional da USP.

A entrevista aconteceu em uma sala de atendimento do bloco D do Instituto de Psicologia da USP, o CEIP (Centro-Escola do Instituto de Psicologia) e teve duração de 51 minutos. Transcorreu normalmente, sem interrupções.

4.1.2.2 Síntese do relato:

Rosa começa seu relato a partir da Graduação em Biologia, quando iniciou estágio de pesquisa em bioquímica. Embora seu interesse pela biologia estivesse em outro campo – comportamento de mamíferos superiores –, ela foi tomando gosto pela experiência. Finalizada a Graduação e após morar um período no exterior, com o intuito de aprimorar o inglês, Rosa retorna ao Brasil com intenção de iniciar o Mestrado. Ingressa em um estágio de monitoria em ecologia vegetal, escreve um projeto e prepara-se para a prova do Mestrado nesse campo, quando se dá conta de que não tinha interesse pela área. Abandona a ideia, segue para outro estágio, agora em biologia molecular e genética, tema de nova tentativa de ingresso no Mestrado, por fim bem-sucedida.

Ao final do mestrado, novas dúvidas profissionais surgem, entre tentar um Doutorado em outra cidade, onde morava seu namorado, à época, e futuro marido, buscar oportunidades em empresas ou um Doutorado em SP. Acabou ficando com a última opção após aprovação de bolsa e aconselhar-se com seu orientador. Ao final do Doutorado, tem seu primeiro filho,

época em que também tem a experiência de alguns meses de trabalho em uma empresa de biotecnologia em vendas e suporte técnico. Rosa, então, abandona o trabalho na empresa para terminar a tese.

Concluído o Doutorado, Rosa busca por Orientação Profissional, em um ano que chama de “sabático”, por ficar integralmente em função do filho. Ao final do processo de OP, a entrevistada engravida da segunda filha. Em seguida, recebe proposta para atuar em uma pesquisa já em andamento, como pós-doutoranda. Ao finalizar esse projeto, ingressa em outro pós-doutorado, dessa vez em projeto próprio. Ela está, hoje, na fase final desse projeto (último ano). Rosa entende estar, no momento em que participa da entrevista, novamente com uma decisão difícil à frente: embora com currículo bastante voltado para a área acadêmica, não se vê interessada em tentar vagas e concursos para professora universitária, ao mesmo tempo que tem interesse pelo ramo empresarial e teme estar velha para atuar nessa área.

4.1.2.3 Análise:

4.1.2.3.1 Impressão global

Ao ser perguntada sobre sua trajetória, logo no início da entrevista, Rosa diz:

Acho que o caminho profissional sempre foi traçado em relação à academia. Mesmo eu não tendo isso como objetivo – não foi uma coisa muito clara para mim, nunca pensei “vou seguir carreira acadêmica” –, todas as portas que iam se abrindo estavam sempre relacionadas com essa vida acadêmica.

Assim como no relato de Fernanda, pode-se encontrar nessa fala inicial importante pista para o que se entende ser o eixo central de sua narrativa. Nessa afirmação, Rosa aponta uma desconexão entre intencionalidade e seu percurso profissional. Ou seja, segundo ela, seu percurso profissional “foi acontecendo” de maneira não intencional ou, ainda, a despeito de suas escolhas e ações. Visitando cada um dos momentos de escolhas que Rosa narra em seu percurso, percebe-se ser este um tema recorrente. O modo de escolher, ou a deuteroescolha (Bohoslavsky, 1977/2003b), será um dos temas abordados para analisar seu relato. Remetendo aos padrões básicos descritos por Gergen e Gergen (1983), a narrativa de Rosa apresenta uma estabilidade, ou neutralidade, onde não se avança nem se afasta de um objetivo estabelecido, resultando em um gráfico quase todo plano (Figura 2).

Seguindo adiante, Rosa afirma:

foram as oportunidades que eu fui tendo e fui aproveitando. Mas, em si, não foi uma busca acadêmica.

Rosa fala de "oportunidades", como acontecimentos casuísticos e desconectados de suas ações, aos quais está submetida. Contudo, a narradora se reconhece como agente, no segundo momento, escolhendo o que fazer diante desses "acontecimentos", "aproveitando-os". Essa dualidade entre *agenciamento* e *passividade* formará o segundo tema de análise do relato de Rosa.

Rosa circunda o jogo de tensões presente nos momentos decisórios de sua trajetória, como ela foi se posicionando diante do que parecem ser circunstâncias, como se ela tivesse que se adaptar às próprias atitudes que a levam em direção distinta de onde gostaria de ir. Após retomar as várias encruzilhadas que percorreu, em sua trajetória, Rosa conclui que está, hoje, em um conflito semelhante:

Eu percebo que nunca saí muito desse ponto Eu passo por alguns momentos meio de calma quando, por exemplo, um projeto é aprovado . . . mas . . . nunca foi uma coisa supertraçada, objetiva, falando "não, é isso que eu quero e ponto final". Foi uma coisa que foi acontecendo.

A entrevistada, então, explora as opções profissionais diante das quais se vê, hoje em dia; os medos, vantagens e desvantagens de cada uma delas, como se estivesse em uma sessão de Orientação Profissional. Constitui-se, assim, o terceiro tema que será abordado, relacionando a experiência do *processo de OP* e o atual momento de sua carreira.

4.1.2.3.2 Deuteroescolha

Rosa conta que, quando escolheu a carreira de Ciências Biológicas, o que "queria mesmo era trabalhar, como qualquer biólogo, com mamíferos superiores e questão de comportamento". Ela diz que olhou alguns estágios nessa área, porém, não seguiu adiante. Ela tinha certeza de que queria uma vivência prática – um estágio – ainda durante a Graduação, e acabou conseguindo-o, a partir de uma matéria de bioquímica que cursava e na qual "estava meio interessada".

Nesse movimento, observa-se que a entrevistada deixa sua motivação inicial pela Graduação – estudo do comportamento animal – de lado, optando pela segurança de seguir adiante no tema que estudava, no momento. Ao posicionar sua motivação inicial "como [a de]

qualquer biólogo”, Rosa denota certo desdém, uma desvalorização de suas próprias motivações. Contudo, ao fazer essa opção, possibilitou caminhar em direção a outro objetivo: a realização de estágio, durante a Graduação. De fato, seguiu nesse estágio por três anos, até o final da Graduação.

Em outro momento importante de escolha, ao retornar do estrangeiro, Rosa busca pelo Mestrado. A entrevistada não chega a explorar em seu relato quais as motivações em ingressar na pesquisa, porém, aborda a escolha do tema. Embora se ressinta em alguma medida de não ter explorado a questão do comportamento animal - "Falei 'poxa, mas eu nem fui atrás da questão de ambiental e de comportamento'" - ingressa em um estágio de monitoria em ecologia vegetal e opta por fazer um projeto nesse campo. Novamente, é possível ver alguma vontade ficar de lado em prol da segurança para garantir um outro objetivo: fazer Mestrado. Todavia, nesse momento, há uma reviravolta importante e distinta do movimento anterior. Rosa se dá conta de que não tinha interesse pela área em que estagiava:

Escrevi o projeto, estava estudando para a prova de Mestrado e aí, quinze dias antes da prova, me deu um negócio que eu falei: “Não quero, não me vejo fazendo um projeto dentro de uma floresta catando semente. Gosto da parte de laboratório mesmo”.

Rosa decide então largar esse projeto em um movimento de ruptura: “Foi meio difícil, porque a minha orientadora na época ficou superdecepcionada, mas entendeu a busca que eu estava querendo fazer.” A entrevistada conta que começou em seguida outro estágio em biologia molecular e genética, campo no qual desenvolveu novo projeto e, em segunda tentativa, ingressa no Mestrado.

Ao refazer sua escolha, Rosa não fica nem com a vontade inicial mencionada nem com a segunda opção. Segue por um terceiro caminho. Se a primeira implicaria o risco de um campo não explorado de pesquisa, a segunda, sabidamente, embora fornecesse certa segurança como ingresso para o Mestrado, era excessivamente esvaziada de sentido para ela. O terceiro caminho, então, acomodou algo de seguro e conhecido - voltar para a experiência que teve durante a Graduação - e que sabia que não desgostava.

É possível, a partir desses dois momentos do relato, encontrar um padrão no processo decisório de Rosa, verificando-se que esse padrão se repete em momentos subsequentes. Vê-se um tensionamento triangular entre uma *certeza* (algo do qual está certa que quer ou não está disposta a abrir mão), *segurança* (busca pela garantia de manter ou conquistar o que não abre mão) e uma *vontade* (algo que gostaria, mas se vê impedida ou insegura em experienciar). O desenlace é uma conciliação parcial, gerando acomodação temporária dessa

tensão. Seu relato, pois, segue o percurso desses “nós” decisórios, como momentos de tensão que procuram acomodação, sem que esses movimentos representem para ela uma continuidade ou evolução em alguma direção imaginada previamente.

Contudo, como é de se esperar, há movimento em sua narrativa. E os elementos que ocupam as pontas desse tensionamento vão se modificando em cada momento. Após essa passagem acima mencionada, por exemplo, não se ouve mais falar da vontade de lidar com comportamento animal, no relato de Rosa. Por outro lado, uma nova vontade – idealizada e inalcançada – aparece e seguirá até o final do relato: o trabalho em empresas: "sempre me questionando, sempre olhando empresas, mas também não tendo muita coragem de ir para a empresa."

Assim, no subsequente momento decisório relatado por Rosa, há nova tensão entre dois caminhos possíveis: agora, entre seguir no campo da pesquisa acadêmica (seguro e conhecido) e procurar oportunidades em empresas (“arriscado” e desejado). Ao final do Mestrado, Rosa aposta nos dois caminhos ao mesmo tempo, enviando currículos para empresas, concomitantemente à escrita de um projeto de Doutorado. Dessa maneira, evita posicionar-se acerca de um desses caminhos e lidar com o luto pelas opções deixadas para trás (Bohoslavsky, 1977/2003b). Rosa acaba colhendo um retorno positivo nas duas frentes, tornando imperativa uma tomada de decisão:

na semana em que recebi a aprovação do projeto pela Fapesp, recebi uma proposta de emprego em uma empresa de biotecnologia em Campinas. Aí fiquei naquela: “Vou para o Doutorado? Vou para a empresa?”

A entrevistada busca conselho com seu orientador, que lhe sugere seguir na pesquisa:

Ele disse: “Depois do Doutorado, quem sabe você faz alguma coisa, mas você já está com bolsa, o seu projeto foi aprovado, você já está com tudo pronto. Acho que é uma oportunidade que você não deveria perder.”

Rosa segue a opinião de seu orientador e recusa a vaga na empresa. Em contraste com as duas primeiras situações narradas, a entrevistada conta sobre a busca de uma opinião externa. Pode-se inferir, contudo, que seu orientador não daria uma opinião neutra sobre o assunto, porque ele está comprometido e envolvido na escolha pelo percurso acadêmico. Talvez Rosa tenha encontrado na opinião de seu orientador uma forma de se ver menos responsável por um posicionamento que ela mesma já havia tomado: o de seguir – novamente – pelo caminho mais “seguro” e deixar uma *vontade*, a de trabalhar em empresa, de lado.

Logo em seguida, Rosa pondera, sinalizando uma escolha ainda parcialmente apropriada e um luto pelo projeto não seguido, ainda não elaborado (Bohoslavsky, 1977/2003b):

Mas eu percebo que sempre estava nessa coisa de vida acadêmica por causa das coisas que vão acontecendo, mas também sempre na dúvida se eu não deveria ir para uma empresa, ir para a parte de laboratório mesmo.

Todavia, ao final do Doutorado e logo após o nascimento de seu primeiro filho, surge a possibilidade de conciliar os dois caminhos profissionais. Por conta dos contatos que havia feito antes do ingresso no Doutorado, acaba recebendo um convite para trabalhar em uma empresa. Mesmo Rosa dizendo que não poderia naquele momento, a contratante sinaliza que esperaria a finalização do Doutorado e o período de licença dos primeiros meses de vida do filho. Rosa aceitou. Porém, não conseguiu terminar a tese nos três meses previstos e tentou levar a maternidade, a escrita da tese e o trabalho na empresa, concomitantemente. Logo percebeu que não daria conta e abandonou o trabalho na empresa, ainda dentro do período de experiência:

daí eu vi que eu não ia conseguir terminar de escrever, porque eu não estava tendo tempo de terminar a tese. . . . decidi sair da empresa, terminar minha tese e decidi que ia ficar um ano com o meu filho, não ia procurar mais nada. E foi nessa época que fui procurar a orientação vocacional, para entender um pouco para que lado que eu ia.

A finalização do Doutorado se mostra algo do qual Rosa não está disposta a abrir mão, implicando deixar de lado, novamente, a ideia de atuar em empresas. Ante nova frustração por não conseguir conciliar a *segurança* e a *certeza* do Doutorado – e da carreira como pesquisadora já encaminhada – com a *vontade* de explorar a carreira em empresas, Rosa busca por Orientação Profissional.

4.1.2.3.3 Agenciamento e passividade

A dualidade agenciamento-passividade é central em qualquer narrativa, uma vez que relações causais entre personagens e seu contexto são traçadas ao longo do tempo. Em análise holística de narrativa, é importante atentar para como o narrador se coloca em sua história-trajetória: se agente das transformações, se vítima das contingências e acontecimentos, se responsável pela condução dos elementos que o aproximam ou o afastam do estado-meta, se

se localiza no centro dos acontecimentos ou se é espectador ou coadjuvante da trama (Lieblich, Tuval-Mashiach, & Zilber, 1998). De acordo com Giddens (1976, citado por Caldwell, 2006), agenciamento seria a capacidade de agir de maneira diversa ou, ainda, a possibilidade de atores intervirem em eventos de maneira a alterar seus cursos. O autor ainda afirma que intenção, racionalidade e motivo são termos aplicados *a posteriori*, quando atores revisitam sua própria conduta ou quando outros a consultam. Dessa forma, agenciamento se refere não às intenções que as pessoas tem ao fazer coisas, mas antes à capacidade dessas pessoas em realizá-las (Giddens, 1984, citado por Caldwell, 2006). O agenciamento descentrado, por outro lado, concerne às transformações ocorridas por uma multiplicidade de fatores e ações, quando a ação do sujeito seria portadora de estruturas anônimas sobre as quais ele teria pouco ou nenhum controle (Caldwell, 2006).

Na narrativa de Rosa, esse aspecto chamou especial atenção, como se verifica no trecho a seguir:

E daí, no fim do Doutorado, eu tive o meu primeiro filho. . . . quando o meu filho nasceu, quinze dias depois, uma amiga minha que trabalha em uma empresa me ofereceu uma vaga. Era vendas e suporte técnico de uma empresa de biotecnologia, de equipamentos e reagentes para laboratório. E aí eu falei para ela: “Olha, estou com um bebê de quinze dias, estou terminando a minha tese – já tinha terminado a parte de laboratório, mas estava escrevendo ainda a tese – e não sei se vou dar conta”. Daí ela falou: “Olha, se você topa, eu espero uns três meses, eu seguro a vaga para você por três meses, e aí acho que dá tempo de você terminar a sua tese, seu filho crescer um pouquinho mais”, e daí eu topei. Aí, depois desse tempo eu não tinha terminado de escrever a tese, porque estava com o bebê pequeno e essa coisa toda, mas comecei a trabalhar na empresa. Ela tinha dado a possibilidade de eu ficar meio período. . . . Por seis meses, eu pude fazer assim, então, essa foi uma oportunidade que eu não quis perder. Só que daí eu não dei conta mesmo Não estava dando conta desse negócio de ter filho e ir trabalhar, estava ficando muito cansada. E aí decidi sair da empresa.

Como mencionado acima, Rosa segue com a vontade de atuar em empresas, estabelecendo isto como o estado-meta (“sempre olhando empresas, mas também não tendo muita coragem de ir para empresa”). Nesse trecho, onde ela conta de uma das *oportunidades* que teve em se aproximar desse estado-meta, o nascimento do filho aparece como um obstáculo. Rosa receia da possibilidade de conciliar e expõe isso à contratante. A representante da empresa insiste, flexibilizando as condições de trabalho. A entrevistada aceita. Porém, não consegue finalizar a tese dentro do prazo previsto. Há nova flexibilização, por parte da empresa. Novamente Rosa se vê incapaz de dar conta de todas as responsabilidades e abre mão do trabalho na empresa. Observa-se aqui que narra a si mesma, com baixa capacidade de realização no sentido de conduzi-la para o estado-meta traçado. Isso acontece de duas formas:

1. Ela se retira como agente, em sua narrativa, de parte de seus projetos, colocando-se como sujeita a acontecimentos, os quais, contudo, são decorrência de suas próprias ações e projetos. A gravidez do primeiro filho, por exemplo, foi desejada e planejada. Entretanto, essa informação só aparece em outro momento do relato, quando perguntado diretamente sobre isso. Da mesma forma, a vaga aparece como uma oportunidade casualmente coincidente com um momento infeliz (final do Doutorado e nascimento do filho), contudo, em outro momento do relato, ela menciona que seguia fazendo contatos e sinalizando seu interesse para vagas em empresa.
2. No relato, Rosa também não se coloca como agente no processo de conciliação de seus vários projetos. Ao contrário, assume lugar de vítima. Por exemplo, em sua narrativa, conciliar a finalização do Doutorado com o projeto de ser mãe não ocupa lugar de feito digno de nota. O trecho enfoca apenas a falha em conciliar tudo isso com um terceiro projeto, o de trabalhar em empresa. E, da mesma forma, as flexibilizações por parte da empresa são narradas como sendo a despeito de suas ações. Não foi ela quem negociou condições que lhe permitissem dar conta dos três projetos, mas a empresa que ofereceu condições as quais ela “não podia” perder.

Com base nessa leitura, depreende-se que, no modo como Rosa narra sua trajetória, conciliar maternidade com o Doutorado e o trabalho em empresa não se constitui o estado-meta onde Rosa é agente, mobilizando seus recursos para dele se aproximar. Pelo contrário, a conciliação aparece como um obstáculo que a impediu de alcançar seu objetivo, que seria trabalhar em empresas, sendo esse, de fato, o estado-meta para a narradora. Pode-se especular que Rosa não estava plenamente apropriada de seus projetos (maternidade, academia e trabalho empresarial) ou que, de alguma maneira, os projetos partem de identificações ainda conflitantes (Bohoslavsky, 1977/2003b) para sua identidade pessoal e profissional. É interessante notar que é exatamente nesse momento de sua trajetória que Rosa procura por Orientação Profissional. Segue-se, portanto, para esse tema.

4.1.2.3.4 Orientação Profissional

4.1.2.3.4.1 O momento em que busca por OP

Como mencionado acima, após falhar em conciliar a pesquisa acadêmica com um filho recém-nascido e o campo empresarial, Rosa procurou Orientação Profissional, em um ano que chamou de “sabático”, por ter-se dedicado integralmente à maternidade. Quando indagado a ela por que buscou a Orientação naquele momento, ela responde:

Eu acho que estava exatamente na questão que era: vou para a área acadêmica ou vou procurar uma coisa diferente, aplicada. Na Orientação, eu consegui ver que eu gosto dessa parte aplicada. O que buscar para realizar o que eu gosto, a minha vocação.

O principal aspecto mobilizado pela Orientação Profissional, e que Rosa retoma diversas vezes no relato, foi o ganho de consciência sobre seu interesse pelo campo prático/aplicado. Em seguida, ela aponta outro aspecto importante decorrente da Orientação que recai justamente na frustração que acaba de viver: como conciliar esse interesse com o filho recém-nascido e o currículo na área acadêmica? A resposta encontrada direcionava para o pós-doc:

naquele momento se manter fazendo um pós-doc . . . pensando na questão do filho, como me manter nessa parte aplicada, o pós-doc era o que estava mais bem posicionado naquele momento, porque permitia flexibilidade, permitia me manter ativa, me manter pensando, em contato com as pessoas. Mesmo na academia, em contato com essas pessoas todas de empresa. Bem ou mal, eles sabem que você está em um laboratório de bioquímica, no Instituto Butantã. Então, você está ali, e não em casa cuidando de criança.

O fim do Doutorado, somado à maternidade e à circunstância de ter saído do trabalho empresarial levantou a preocupação com sua carreira profissional de maneira mais acirrada: “Não vou fazer isso para o resto da minha vida”, diz para si mesma. Menciona que chegou a considerar largar o campo da biologia e trabalhar com crianças, durante o processo de OP; contudo, logo abandonou essa ideia e avalia que se tratava do momento no qual vivia, acrescido ao anseio de um trabalho prático:

As crianças iam crescer e depois eu ia ficar trabalhando com crianças que não eram as minhas. O que eu queria era ficar com os meus filhos o máximo possível. Mas foi legal por causa disso, porque eu vi que a questão prática estava muito calada, mas qual questão prática era essa? Não era questão com criança, mas era com laboratório. Não sei muito bem como colocar essa questão prática, mas foi um momento bem específico da minha vida, porque tinha a novidade de família ali, de filhos. Hoje eu trabalharia diferente a Orientação Vocacional, focada no profissional. Naquele momento, eu misturei muito questão pessoal. Veio, para a Orientação Profissional, o tema de trabalhar com criança, o que é uma mistura bem clara do que é o profissional e a família. Quis juntar as duas coisas e depois fui ver que não era isso.

A questão de fundo aqui é o receio de que a maternidade pudesse se sobrepôr à sua carreira profissional. Não à toa, há uma confusão temporal nesse trecho. A Orientação Profissional foi realizada entre o nascimento do primeiro filho e a vinda da segunda filha. A notícia da segunda gravidez surgiu em seguida à última sessão de OP. Porém, a questão segue a mesma: conciliar a carreira de mãe com a carreira profissional. A ideia inicial de atuar com crianças sinaliza o quanto era vivida de maneira conflituosa a conciliação das duas carreiras (Young, Valach, & Domene, 2015), levando a considerar que apenas seria possível se “trabalhasse como mãe”. Refere-se aqui ao conceito de carreira utilizado por Young et al. (2015), ampliando seu uso para os diversos aspectos da vida que constituem a identidade. Carreira é uma dimensão temporal de longo prazo, quando ações e projetos se alinham em uma mesma direção, constituindo um valor identitário. Assim, é possível entender que a carreira profissional é apenas uma das muitas carreiras que construímos, no decorrer da vida. Ao longo de uma vida como pai, por exemplo, também é construída uma carreira de paternidade, onde diversas ações e projetos são empreendidos, movidos por valores e intenções, que os alinham na construção dessa carreira.

A Orientação favoreceu que Rosa identificasse a vontade de estar mais próxima de seu filho e diferenciasse a carreira profissional da carreira materna. Mais adiante, na entrevista, ao ser perguntado a esse respeito diretamente a Rosa, ela responde:

Entrevistador: Você acha que a orientação te ajudou também a ver que você queria um tempo para os seus filhos?

Rosa: Eu acho que sim, porque foi quando eu decidi que um pós-doc, naquele momento, seria o ideal, porque me dava essa possibilidade de ter flexibilidade de horários com família e, ao mesmo tempo, trabalhar com questão prática que não é relacionada à criança, mas sim relacionada com laboratório, com pesquisa. Mas acho que sim, lembrando um pouquinho, sim.

Contudo, o conflito identitário entre as duas carreiras aparentemente permaneceu. Explora-se mais a esse respeito no tópico a seguir.

4.1.2.3.4.2 Após o processo de OP

Como já destacado, logo após o processo de OP, a entrevistada engravida de sua segunda filha, entendendo que não seria o momento de colocar em prática aquilo que havia sido planejado no processo:

na Orientação Vocacional, eu vi que gosto muito mais dessa parte aplicada. Só que daí, de novo, quando eu decidi que ia começar, que falei: “Ah, vou fazer um pós-doc, porque acho que é um caminho para, de novo, pegar o ritmo de trabalho”, porque eu já estava há um ano afastada, tanto de academia quanto de qualquer outra coisa, falei: “Vou fazer um pós-doc e refazer os meus contatos”. Aí eu fiquei grávida da minha segunda filha. Aí falei “Agora não é mais o momento de ir atrás de nada. Para de novo, se concentra...” - só que, como eu já tinha feito alguns contatos, um dos contatos que eu já tinha feito, quando eu já estava grávida de cinco meses mais ou menos, me retornou e disse: “Olha, eu tenho uma bolsa da CAPES para pós-doc, um projeto que já está em andamento, você topa?” Era aqui no Instituto Butantã. Aí eu falei: “Olha, eu estou grávida, acho que não é o momento”. Daí a supervisora falou: “Eu acho que você pode começar, tenha a sua filha, quando ela nascer, você dá um tempinho e daí depois você volta, retoma o projeto. Acho que eu topo fazer isso, vê se você topa”. Aí foi uma oportunidade que eu falei: “Bom, não dá pra perder, né?” Com uma bolsa, ela já topando esperar eu ter o filho, começando já a fazer alguma coisa enquanto eu estou grávida, mas assim que nascer, topou esperar esse tempo, e aí falei: “Tá bom, eu aceito a bolsa”. Daí eu fiz exatamente isso, quando a minha filha nasceu, eu fiquei uns quatro ou cinco meses com os dois – o maior já estava com dois anos –, fiquei em casa com eles e, depois de cinco meses, voltei para o laboratório, num esquema que foi fantástico.

No trecho acima, vemos grande semelhança com o trecho utilizado para analisar o tema agenciamento-passividade: de uma maneira parecida, Rosa não se narra agente em relação aos seus projetos. Ao contrário, demarca que o “acontecimento” gravidez da segunda filha (o qual, como vimos, era algo planejado) a fez organizar-se novamente, para não mais buscar atividades profissionais. Novamente, a oportunidade profissional (pós-doc) que era condizente com o que ela havia planejado para si, antes da gravidez, aparece como uma contingência. Ela nega, flexibilizam, e ela aceita algo que “não dá pra perder”. Para melhor ilustrar, vamos organizar no seguinte esquema:

Projeto *a* – ter um segundo filho

Projeto *b* – retornar ao mercado através de um pós-doc

Ações são tomadas em direção aos dois projetos.³ O projeto *a* se confirma. Instaura-se um imediato conflito com o projeto *b* (“agora não é mais o momento de ir atrás de nada. Para de novo, se concentra...”), evidenciando que Rosa não estava consciente dos dois projetos, muito menos da vontade por conciliá-los. O projeto *b* se confirma e ela narra como uma fatalidade a despeito de suas intenções, algo como se buscasse se esquivar da responsabilidade por ele. Inicialmente, ela diz “não” para a oportunidade, não se vê agente na conciliação dos dois projetos. Flexibilizam para ela e ela aceita, como quem se isenta da responsabilidade, por tentar conciliar as duas coisas. Ela se sente bem em poder conciliar

³ Segue-se aqui com a compreensão de Young et al. (2015), que propõem um sistema para compreensão da ação humana com o eixo da temporalidade e dos níveis da ação. No eixo da temporalidade, os autores estabelecem a *ação* como imediata ou de curto-prazo, *projeto* como a organização de diferentes ações em torno de uma mesma intenção/objetivo, portanto, de médio-prazo, e *carreira* como de longo-prazo. Entende-se aqui que a ação humana é sempre imbuída de intencionalidade, quer consciente, quer não.

trabalho e maternidade (“num esquema que foi fantástico”), porém, isso não se constitui – ao menos não de maneira consciente – como estado-meta para ela.

Vê-se com isso que, embora a vivência do processo de Orientação tenha promovido um importante movimento que possibilitou a Rosa identificar seu interesse e um direcionamento para sua carreira profissional, além de favorecer, em alguma medida, a conciliação entre as carreiras (materna e profissional) – dado que ela conseguiu fazer isso, nessa segunda oportunidade –, Rosa não se vê apropriada de suas escolhas e de sua trajetória. O que Rosa manifesta é a realização de uma escolha adaptativa, onde busca conciliação de suas vontades e possibilidades na ocasião. Ficam elementos de fora, e Rosa carrega consigo um sentimento de não-agenciamento/planejamento, como expresso no trecho seguinte do relato:

Então, todas essas possi... essas flexibilidades e essas possi... essas oportunidades que foram aparecendo eu fui aproveitando assim, sem ter muito planejado na verdade. . . . fui me empolgando, mas não era uma área de pesquisa que eu gostava muito, porque foi um projeto que não tinha a ver com a linha que eu tinha trabalhado, tanto no Mestrado quanto no Doutorado, era uma coisa que não tinha nada a ver.

Por fim, quando perguntado a Rosa sobre o que ela identifica de influência do processo de OP, nos momentos de decisão após o processo, ela reforça a conclusão de que deveria insistir na busca por um campo prático de atuação e não acadêmico, sem, contudo, se sentir segura do que seria esse campo prático:

Eu acho que me serviu sempre como um questionamento. De lembrar o que eu tinha trabalhado e pensado, como “Não é a questão prática que você gosta? Por que você está indo para a parte acadêmica? Não tem que olhar uma coisa mais aplicada?” O aplicado, eu não sei definir bem o que é, mas eu consigo ver que não consigo ser chefe de alguma coisa. Por exemplo, ser chefe de laboratório. Ser chefe de uma coisa que depende de mim.

4.1.2.3.4.3 Momento atual

Rosa concedeu a entrevista entrando para o terceiro e último ano de seu segundo pós-doc. Ela se vê atualmente em um momento de decisão, contudo, também avalia que é algo semelhante ao que já viveu em outros momentos de carreira:

eu percebo que nunca saí muito desse ponto, na verdade. Eu passo por alguns momentos meio de calma, quando, por exemplo, um projeto é aprovado e eu sei que tenho dois anos para elaborar ele e esses dois anos me dão uma certa tranquilidade de que, se não surgir nenhum emprego, eu tenho um projeto e uma bolsa que está me sustentando por enquanto.

Rosa afirma que não quer mais pedir projetos e insistir na área acadêmica, inclusive abrindo mão de um concurso em universidade pública, no seu campo de experiência:

E não estou mais pensando em escrever um projeto, porque não quero. Decidi que não quero mesmo, não quero dar aula. Recentemente, abriu um concurso na UNIFESP, que inclusive amanhã acabam as inscrições, que é muito da minha área, tem muito a ver com meu perfil, mas eu não me animei.

Ao ponderar sobre as perspectivas que identifica para si, Rosa relata que está já com os filhos maiores (6 e 8 anos), com a “família estruturada” e dispendo de mais tempo para dedicar ao trabalho. Em seguida, explora os prós e contras de cada possibilidade que desenha para si: seguir na área acadêmica, buscando concursos para docente, ou partir para o trabalho em empresas privadas.

Em relação à área acadêmica, ela explica que as experiências que teve como docente foram bastante desgastantes. Embora colhendo bons *feedbacks* dos alunos sobre suas aulas, a preparação é cansativa, pois se vê preocupada em dominar todos os assuntos. Mais adiante, no relato, Rosa acrescenta mais dois motivos: entende que sua trajetória, embora toda mais direcionada para a área acadêmica, não é tão competitiva diante dos demais que procuram por essas vagas e, por fim, não se vê confortável no lugar de autoria que a função de docente/pesquisador exigiria:

A aula é ele [o professor] que monta, é ele que monta o curso. Tem essa coisa mais independente que eu acho interessante, mas que também me dá insegurança, e eu não consigo me ver nessa posição. É uma posição muito empreendedora, e eu não sou nada empreendedora.

Por outro lado, ao falar do trabalho em empresas, comenta sobre o receio de como lidaria com a pressão de um chefe ou da estrutura empresarial. Teme, ainda, estar muito velha para ser selecionada e também se preocupa por ter pouca experiência na área (apenas poucos meses), ainda que tenha colhido bons *feedbacks*. Por fim, aponta o fato de não ter disponibilidade para viagens com frequência, devido à família como mais um possível dificultador.

No lado positivo, destaca o acúmulo de conhecimentos e experiências em diferentes laboratórios e ter uma rede de contatos formada. E, por fim, sente que é uma posição mais confortável, onde precisaria ser menos autora de seu próprio trabalho e haveria diretrizes já estabelecidas para serem seguidas:

Eu consigo me ver trabalhando em equipe, tendo gente junto comigo me ajudando a decidir. Não consigo me ver no lugar da minha supervisora, não tenho essa vontade. Estar abaixo dela, como eu estou hoje, é uma posição um pouco mais confortável, porque eu tenho uma responsabilidade, mas tem alguém ali que eu falo: “Pera, deixa eu ver se é por aí mesmo”. . . . eu vou lá e “fala que eu faço”. Eu vou lá e topo comprar a briga, se a pessoa disser “Olha, que ideia bacana”. Se eu comprar essa briga, se eu achar que a ideia é realmente muito bacana, eu consigo executar, mas ter essa ideia bacana sozinha eu acho difícil.

Após essas ponderações, ela conclui: “Bom, ou vai agora para a academia e mergulha nisso ou vai agora para empresa, porque mais tempo não vai dar para perder para empresa.” E, mais adiante, diz:

então, eu vejo que estou indo mesmo para esse lado de empresa, em que também eu não tenho experiência nenhuma, então eu não sei o que é. . . . Já tive oportunidades e não fui nessas oportunidades. Se for pensar, eu tive três ou quatro, bem concretas, né? Mas eu também nunca fechei completamente, de falar “Agora, nesse momento, não dá.”

Assim, Rosa expressa que se vê novamente nessa tensão entre “arriscar” seguir por um caminho desejado, o estado-meta de sua narrativa, que seria trabalhar em empresas, ou se manter na área acadêmica, que é algo mais conhecido e onde não se vê satisfeita. Porém, no contexto atual, tem melhores condições para explorar o campo empresarial:

Entrevistador: Você se vê, neste momento, agora, em melhores condições de completar aquilo que você desenhou lá atrás?

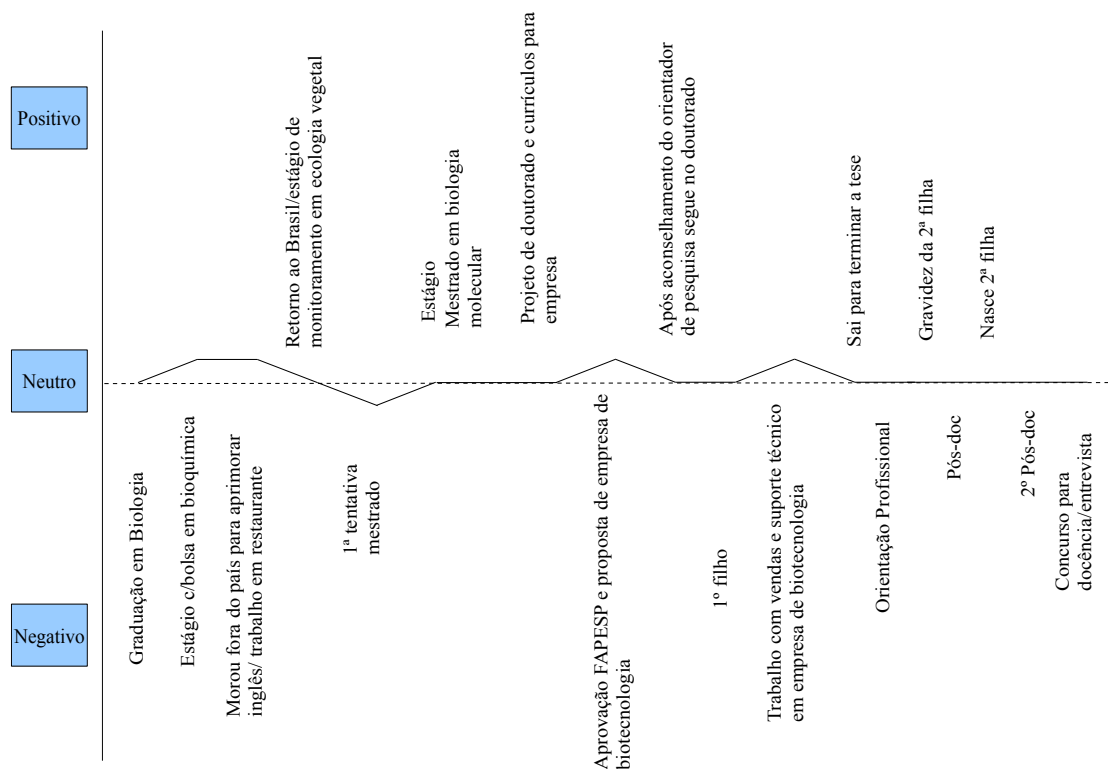
Rosa: Pode ser, acho que é um momento mais propício para tentar colocar em prática. Sinceramente, não sei o que colocar em prática. Acho que talvez eu não tenha definido bem o processo todo, exatamente o caminho que eu tenho que tomar. É empresa, então vai. Uma coisa que não é, assim, clara para mim. Como eu nunca prestei um concurso, não é uma coisa também que eu fale “Ai, credo, não quero nunca mais passar por isso”. Fica aquele gostinho de “Talvez, né?”, não sei. Mas acho que, talvez, agora seja um momento mais propício.

4.1.2.4 Gráfico da narrativa de Rosa

O gráfico da narrativa de Rosa tem um aspecto plano, pois, de maneira geral, ela não se aproxima ou se afasta de um estado-meta. Como discutido ao longo da análise, Rosa narra-se como alguém que foi se ajustando às situações que apareciam e não se vê caminhando em direção a algum projeto. Dessa forma, as valências dos momentos narrados também são, de forma geral, pouco claras (ambivalentes) ou neutras. O término do Doutorado, por exemplo, foi empecilho para que pudesse assumir uma proposta de trabalho em empresa; a vinda dos filhos, embora esperados e planejados, foi também impeditivo para aceitar ou continuar

propostas (no caso da segunda filha, ainda que tenha conseguido conciliar com uma proposta de pós-doc, não era em sua área de interesse); a aprovação de seu projeto de pesquisa na FAPESP vem junto de uma proposta por trabalho empresarial da qual teve que declinar. Ao final do relato, Rosa se vê em um momento de decisão, de modo semelhante a outros que enfrentou: “Nunca sai muito desse ponto”. E da mesma maneira ambivalente que os demais momentos, ela se vê hoje mais preparada para um trabalho no campo prático que vem há algum tempo almejando, todavia, ela se considera também muito velha para tal e com o currículo indicando para outro caminho não desejado (área acadêmica).

Figura 2 - Gráfico da narrativa de Rosa



Fonte: Elaborada pelo autor.

4.1.2.5 Observações finais sobre o relato de Rosa

A análise do relato de Rosa se mostrou bastante desafiadora, diante das ambivalências e contradições apresentadas. Ao mesmo tempo que ela acumula importantes realizações em sua trajetória de vida e profissional, Rosa traz um sentimento de paralisia diante de um mesmo dilema. Mesmo havendo equacionado vários aspectos de sua vida, enquanto caminhava em direção a objetivos traçados (ser mãe de dois filhos, estágio, intercâmbio,

Mestrado, Doutorado, pós-docs etc.), narra seu percurso como algo que foi acontecendo sem planejamento ou intenção, como adaptações às situações e acontecimentos – e não como agente.

Sobre a experiência do processo de OP, da mesma forma o avalia de maneira ambivalente: diz que a ajudou em seu percurso, remetendo-se ao processo em momentos posteriores de decisão. Mas, ao mesmo tempo, sinaliza que faltou definir por onde seguiria, que se sente paralisada em um mesmo dilema e, ainda, que à época fez confusão entre pessoal e profissional e hoje retiraria melhor proveito de um processo de OP.

Contudo, contrastando o percurso de Rosa com sua entrevista e o movimento posterior ao processo de OP, percebe-se que a Orientação possibilitou uma melhor capacidade de ação e favoreceu também que pudesse melhor conciliar seus vários projetos, ainda que não plenamente apropriada deles. Se Rosa, hoje, encontrou forças para abrir mão de prestar o concurso para docente, é porque, em alguma medida, identificou com mais clareza que esse caminho não se alinha com quem é e busca ser.

Ao longo da entrevista, Rosa aponta diversas vezes para a sensação de falta de condução ou de escolha dos eventos de sua trajetória profissional, evidenciando um desejo de sair dessa posição e se sentir mais agente de seu processo. Entretanto, ao final da entrevista, e possivelmente por uma reflexão surgida ao longo da mesma, Rosa identifica que não se sente confortável no lugar de quem conduz e tem preferência por ocupar lugares nos quais não está responsável por decisões sobre os caminhos a serem seguidos. Ou seja, há um conflito entre o desejo/aspiração de ser agente e o quanto esse lugar/papel a desconforta.

Pode-se refletir sobre a importância de um processo de OP que abarque todos esses aspectos e não apenas se volte para uma escolha pontual. Moura (2014), ao explorar as contribuições de autores da abordagem clínica em OP, identifica duas linhas principais: o entendimento de que se trata de um processo breve, *focado* na escolha, ou a visão de que se trata de um processo breve, *do qual* a escolha faz parte. Nesta segunda perspectiva, a escolha é parte integrante do enquadre e permeia toda a problemática abordada no processo, a qual pode ser direcionada para diferentes aspectos, a depender da demanda (explícita e implícita) do cliente.

No caso de Rosa, embora ela traga o dilema explícito entre atuar em empresas privadas ou seguir no campo acadêmico, tal dilema é atravessado por diversas outras questões: seu desconforto com o lugar de autora/agente, no fazer profissional, o conflito entre carreiras profissionais com a materna, o apreço por atividades mais práticas e menos teóricas e a tensão entre buscar por segurança e explorar (arriscar) novos meios.

Vemos que a OP clínica, ao propiciar um espaço de escuta, reflexão, diálogo e (re)construção de sentidos, ensejou mobilizações que reverberaram ao longo dos sete anos que se sucederam entre a experiência do processo e a entrevista de Rosa. O entendimento, diversas vezes revisitado, de que seu interesse está em um campo mais prático e a leitura de que hoje tem melhores condições de aplicar o que havia pensado e planejado, à época do processo, mostra como este se manteve vivo, acompanhando o movimento da entrevistada, ao longo das experiências que se sucederam à OP.

4.1.3 Maria

Maria tem 52 anos, é casada, mãe de 2 filhos e formada em Biomedicina. Concedeu a entrevista 2 anos após experienciar o processo de Orientação Profissional, quando atuava como especialista em laboratório de nível superior.

4.1.3.1 Introdução

Na entrevista mais longa das realizadas, de pouco mais de 1h30, Maria abordou seu percurso profissional e pessoal, dilemas, experiências, dificuldades internas e externas, sempre trazendo casos e situações que ilustrassem o que ela buscava dizer e, vez ou outra, demonstrando preocupação com a clareza do exposto ou com o avançar da hora, pois dizia gostar de falar. Maria conta uma história de ascensão e queda, por vezes focalizando aspectos negativos, mais adiante, sobre temas abordados no início da entrevista de maneira positiva. Reconhecendo ressignificações sobre seu percurso, que passa por identificar dificuldades pessoais e dos contextos pelos quais transitou, Maria se vê, atualmente, menos vibrante que há tempos atrás e busca entender os motivos disso, assim como caminhos para sentir-se mais realizada.

A entrevista foi feita em uma sala de atendimento do CEIP da USP, sem interrupções significativas.

4.1.3.2 Síntese do relato

Maria inicia seu relato, destacando que cursou Biomedicina à noite, para que pudesse trabalhar durante o dia. Seguindo os passos de sua irmã mais velha, foi o caminho que encontraram para “não ficar uma carga” em sua mãe. O mesmo foi feito durante o segundo ano de curso pré-vestibular. Os pais de Maria eram separados e seu pai não contribuía financeiramente.

A faculdade em que eu passei era particular e cara . . . , o curso de Biomedicina era o segundo mais caro . . . depois de medicina. Então, eu procurei emprego em período integral.

Assim, no ano pré-vestibular, trabalhou como secretária em consultório ortodôntico e, durante os primeiros anos da Graduação, como secretária em uma construtora.

Nessa época, conta, começou a desenvolver (“acho que somatizei”, diz) uma dificuldade de respirar, que associou à pressão por ter que arcar com os custos dos estudos: “porque eu estava ansiosa? . . . Tinha entrado nessa faculdade e não sabia como ia pagar”, explica, em solilóquio.

No último ano da Graduação, preocupada em saber se gostaria de fato da área de atuação de seu curso, prestou e passou em concurso para atuar como auxiliar de laboratório no de um grande hospital público. O laboratório pesquisava sobre os efeitos da poluição atmosférica, tema que a acompanhou por muitos anos. Alguns anos após formada, passou em outro concurso, agora para ser funcionária do mesmo laboratório, como bióloga (“especialista em laboratório”). Ficou por quase 30 anos nesse mesmo laboratório, “sempre estudando”, diz Maria.

Depois de algum tempo, Maria faz um Mestrado *stricto sensu* na Medicina Veterinária em uma Universidade pública (UP1), em Patologia Experimental, e foi durante o Mestrado que nasceu sua primeira filha.

Em seguida, Maria fez seu Doutorado na Medicina dessa mesma Universidade, pelo programa de pós-graduação para não-médicos. Durante o Doutorado, nasceu sua segunda filha.

Maria, então, parte com a família para um pós-doutorado nos EUA, em um laboratório que atuava em colaboração com aquele no qual trabalhava. Estava planejada para permanecer um ano - período que durava a bolsa CAPES - porém, ao final desse ano, ela foi convidada a participar de um novo projeto e, com o aval de seu chefe, no Brasil, foi renovando sua estadia nos EUA ano a ano, por mais três anos.

A entrevistada retornou ao Brasil no final de 2006, seis meses após sua família. Conta que, ao retornar, estava “completamente desacelerada”. E complementa: “Não era mais a mesma [nome próprio] e, não sei, acho que essa coisa da pesquisa deu uma esfriada.”

A partir desse ponto da entrevista, Maria passa a dar ênfase a aspectos negativos de sua trajetória, em sua narrativa, mencionando tanto episódios cronologicamente posteriores ao retorno ao Brasil, como revendo episódios anteriores e trazendo outras perspectivas.

Maria menciona que o laboratório em que trabalhava tinha um ambiente ruim e, quando voltou, estava ainda pior: “As pessoas querem que você ensine o que você aprendeu, mas te excluem de participar das coisas. Fazem reuniões sem te chamar”, diz. A entrevistada fala também de sua baixa autoestima e dificuldade para colher frutos de seus trabalhos, sempre priorizando ajudar os outros. Conta também sobre a mudança de coordenação do laboratório, sem que seu chefe a avisasse e das dificuldades decorrentes:

achei aquilo uma mancada muito grande. Ele colocou uma pessoa contra quem funcionários tentaram mover processo por assédio moral. E aí, tudo mudou. A forma de resolver as coisas no laboratório não estava boa.

A entrevistada detalha ainda outros revezes, como o de alunas que acompanhou e cujo trabalho de pesquisa coordenou, por três anos, mas que seguiram como orientandas de outras pessoas. Também traz à tona dificuldades que havia vivido antes com seu ex-chefe, apontando a inabilidade dele para gerir pessoas e situações que a desconfortaram, como quando ele solicitou a ela que mudasse o tema de pesquisa do Mestrado para ceder a pesquisa realizada a outra orientanda que não teria tempo de concluir ou, ainda, a publicação de trabalho realizado majoritariamente por ela com o nome de um aluno como primeiro autor.

Maria conta que foi ficando insatisfeita, perdendo a vontade de fazer a parte experimental nos trabalhos, chegou a cogitar mudar de área e conclui: ". . . durante toda a minha vida eu ajudei muitos trabalhos, mas alunos que não foram meus. . . . A impressão que me dá é que tudo o que vai reverter para mim eu não concluo."

Voltando à cronologia dos acontecimentos, Maria salienta que pediu para mudar de laboratório, diante do ambiente negativo que se estabeleceu, e seguiu como colaboradora de seu ex-chefe, a partir desse novo ambiente. Porém, o coordenador desse laboratório entrou em conflito com seu ex-chefe e Maria pediu para ser transferida novamente, agora para outro câmpus da mesma Universidade em que atuava, pois assim também resolveria o problema com o deslocamento: "Estava tudo ruim. Estava acordando às 4h30 da manhã, para sair de casa às 5h, para chegar às 6h no laboratório."

Por fim, Maria foi transferida para um laboratório novo no câmpus, sob supervisão de professora titular da Química, dois anos antes da entrevista cedida. Lá encontrou um ambiente como sempre quis: "um ambiente em que as pessoas tivessem uma cabeça mais de cientista, que manjam das coisas, para trabalhar com pesquisadores de igual para igual e produzir boa pesquisa, boa ciência", conta. Porém, entende que não encontra sua área de pesquisa nesse lugar, que sua experiência difere da de seus colegas e conclui: "E não deslanchei".

Nesse contexto, Maria procurou por Orientação Profissional: "eu estava ainda nessa coisa, não sei se paro ou continuo". Durante o processo, surgiu a oportunidade de dar aulas em uma faculdade particular. Maria aceitou a proposta e seguiu por um ano como professora, concomitante ao trabalho no laboratório. Ao final desse ano, Maria foi demitida, experiência que a abalou muito, embora percebesse que a sua rotina estava muito "puxada", prejudicando-a. Maria finaliza o relato de seu percurso contando sobre a experiência positiva de ter dado

uma palestra como convidada em outra Universidade pública (UP2) e ter sido bem avaliada pelos alunos, marido e filha que a acompanharam.

4.1.3.3 Análise

4.1.3.3.1 Impressão global

Logo no início e ao longo da entrevista, Maria expõe sua capacidade de adaptação a situações adversas. De origem humilde, Maria encontrou caminhos para lidar com as limitações de recursos da família, alcançando o pós-doutoramento e oportunidade de trabalho no exterior. Contudo, sua narrativa não é a de superação ou de conquistas, tampouco se vê como agente de seu processo.

Ao contrário, Maria diz “nunca decidir o que quer fazer”, estar “estagnada” e não ter “deslanchado”, e circula entre comentários críticos a si mesma, dificuldades pessoais, dificuldades relacionais e contextuais, como se buscasse descrever os porquês de “não deslanchar”.

Embora tome uma pequena parte da entrevista, ao falar da Orientação Profissional, Maria remete os assuntos abordados e reflexões do processo às dificuldades pessoais e contextuais e agenciamento, temas que permeiam toda a entrevista, sinalizando que o processo a mobilizou e se soma à leitura que hoje ela faz de seu percurso.

Dessa forma, será explorada a análise do relato de Maria a partir dos temas *Agenciamento/passividade*, *Dificuldades pessoais, relacionais e contextuais* e *Orientação Profissional*.

4.1.3.3.2 Agenciamento/passividade

No que tange à capacidade de ação na narrativa da entrevistada, Maria destaca a adaptação a situações exigentes. Assim, menciona, por exemplo, o detalhe de ter realizado o seu primeiro concurso durante o horário de almoço do trabalho e ter sido aprovada, o de fazer três pesquisas ao mesmo tempo ou ainda quando acordava muito cedo para preparar aulas e chegar ao trabalho a tempo antes do trânsito. Ela se vê como uma pessoa perfeccionista, a qual busca realizar bem as atividades demandadas, mas não como condutora de seu percurso, como se pode ver nos trechos abaixo:

No começo, a gente fazia tese para os pesquisadores, para os médicos. Depois, o meu chefe falou: “Vocês já sabem tocar projeto de pesquisa, cada um vai fazer uma pós-graduação”, e aí eu fui fazer o Mestrado aqui na Veterinária da [UP1].

.....

Eu estou falando tudo isso, porque eu nunca decidi o que eu quero fazer, as coisas foram acontecendo. Eu estava trabalhando como secretária, minha mãe deu a ideia desse concurso, eu prestei o concurso. Aí presto concurso, mas não sei onde vou trabalhar, que laboratório, que órgão eu vou estudar, aí "pulmão? Tá pulmão". Me envolvi, fui buscando, cada vez mais, aprender. Sempre fui muito perfeccionista, sempre fazia as coisas muito direitinho, e assim fui me envolvendo. Quando eu já estava fazendo pós, eu dizia: “Olha, já aprendi isso, isso e isso do processo científico, agora gostaria de aprender isso. Ah, vamos lá”. E ele sempre deixou a gente muito à vontade, e dava corda se a gente quisesse. E fui indo.

No primeiro dos trechos acima, vemos que a capacidade de adaptação de Maria também a coloca em situações abusivas, levando-a, por exemplo, a realizar trabalhos de pesquisa para outras pessoas. Chama a atenção como a entrevistada naturaliza esse fato, como se fosse esperado que realizasse pesquisa para outros. Fazer pelos outros e pouco colher os frutos do próprio esforço, contudo, mostrou-se um tema recorrente na entrevista e, em episódios posteriormente narrados, Maria demonstra, hoje, se incomodar com essa dinâmica, tema que exploraremos mais adiante.

Outro aspecto que chama a atenção é a posição passiva que Maria assume, no relato: a busca pelo Mestrado parte de uma exigência externa, como se cumprisse uma solicitação de seu chefe. No segundo trecho acima, Maria expressa diretamente que "nunca decidiu" o que queria, apenas seguindo e buscando fazer "bem feito" o que se pedia. Ao final do parágrafo, o querer e a escolha de Maria aparecem, mas em menor peso no contexto da fala. O mesmo se observa no trecho abaixo, onde o interesse de Maria em permanecer mais tempo no intercâmbio de pesquisa aparece de maneira tímida, diante da ênfase dada à sorte do surgimento de um projeto de pesquisa no momento certo, do convite do professor e da anuência do chefe, no Brasil:

Quando termina esse primeiro ano, é ali que você está adaptado, que você vai começar a viver naturalmente em um país estrangeiro, e aí acaba a bolsa. E justo ia começar o projeto que ia durar três anos, e um professor lá me convidou. Eu queria ficar, estava com tudo preparado para começar o projeto, aí liguei para o meu chefe e falei “E agora? Vai começar o projeto, ele quer que eu participe, e agora?” . . . Sempre assim, eu fiquei quatro anos, mas era um ano a mais. Nunca que eu saberia que ia ficar todo esse tempo.

4.1.3.3.3 Dificuldades pessoais, contextuais e relacionais

Como mencionado acima, Maria circula, em seu relato, entre sinalizar condições contextuais adversas e dificuldades pessoais, buscando, em alguma medida, justificar seus descontentamentos com seu percurso e situação atual.

Este parece um ponto importante de sua narrativa e diretamente relacionado ao papel da OP, em seu percurso. E, de maneira bastante significativa, também ilustra o caráter (indissociavelmente) psicossocial da trajetória de vida no trabalho e da própria OP (Ribeiro, 2014).

Ainda no início do relato, ao contar sobre o período que fazia faculdade a noite, Maria relembra:

Naquela época eu já comecei a desenvolver, acho que somatizei, uma dificuldade para respirar. Quando estou nervosa, não consigo respirar fundo, mas não sabia que era isso. Fui no médico, disse: "Doutor, estou com essa dificuldade de respirar", até que um dos clínicos disse: "Olha, observa o que está acontecendo à sua volta, quando você tem esse sintoma." Aí, fazendo isso que ele falou, depois ele me explicou: "Quando fica nervosa, você contrai a musculatura do tórax, você não consegue expandir o tórax como você precisa." Então, desde aquela época pra cá, quando fico ansiosa eu fico assim. Foi dessa ocasião. Por que eu estava ansiosa? E daí percebi, eu ia pagar uma faculdade particular e estava ainda procurando emprego. Tinha entrado nessa faculdade e não sabia como ia pagar. . . . desde pequenininha [me diziam]: "Não pode repetir de ano" mas é aquela coisa... então, sempre foi assim. Aí, não passava na cabeça ficar prestando vestibular, até porque eu não sabia que faculdade pública tinha curso à noite. Se soubesse, podia trabalhar, estudar em uma faculdade pública e ter um dinheiro tranquilo, né? Mas, enfim...

No trecho, Maria começa sinalizando uma dificuldade pessoal: a falta de ar em momentos de ansiedade/*stress*, entendida como somatização. Em seguida, a entrevistada reconhece o contexto bastante desafiador: a necessidade de levantar fundos para pagar a faculdade. Logo, relaciona sua somatização como resultado do encontro de sua trajetória pessoal de vida (cobranças dos pais, não poder falhar) com a situação contextual (não dispor ainda dos recursos para pagar a faculdade em que entrou). E finaliza, indicando a falta de suporte (informação) que poderia tê-la poupado da dificuldade vivida.

É de forma análoga que Maria avalia o seu percurso e procura justificar a "queda" em sua trajetória. Ou seja, ela expressa um movimento de autorresponsabilização, identificando limitações pessoais, mas também menciona adversidades que enfrentou, influências de sua trajetória pessoal e como poderia ter-se sobressaído melhor, com mais suporte.

Maria entende que hoje não está feliz com seu trabalho, todavia, que foi feliz até certo momento de seu percurso: "como é que eu não consigo ficar feliz onde estou trabalhando? Eu tive uma época feliz, quando entrei no laboratório, era a época mais feliz". E explica que

começou a "desacelerar", quando retornou do intercâmbio de pesquisa para o laboratório na Faculdade de Medicina da UPI.

O ponto central dessa virada, para Maria, é a dificuldade que ela tem em "colher frutos" do próprio esforço, associada a outras características pessoais que aparecem em certas falas, como "eu não me valorizo", "me encolho quando falam mais alto", "não sou uma pessoa fácil", "eu devo ter um gênio desgraçado", "eu me boicoto", "sempre priorizo os outros" e "a impressão que me dá é que tudo o que vai reverter para mim eu não concluo". Contudo, ela também descreve questões relacionais e contextuais enfrentadas. Abaixo, é exposto uma coletânea de trechos para ilustrar:

Dificuldades pessoais:

Acho que sou melhor mãe do que pesquisadora. (...) eu não conseguia deixar as coisas de casa de lado ou fazer meia-boca para tocar o meu trabalho.

....

Eu, no lugar de falar: "Olha, a gente fez o experimento. Se você aceitar, ótimo. Se você não aceitar, paciência", não, eu falei assim: "Vamos procurar uma orientadora para você." Aí, achei uma outra professora e dei orientando, projeto feito, tudo para uma outra pessoa orientar. Eu sempre me culpei muito de ter feito isso, achei que fosse uma idiotice minha, mas isso tem a ver com a minha personalidade, de não defender o meu e me preocupar com o outro.

....

Então, durante toda a minha vida, eu ajudei muitos trabalhos, mas alunos que não foram meus. Alunos de Iniciação Científica da Medicina, que eu ajudei, mas que não estavam no meu nome.

....

Não era a primeira vez que faziam isso comigo. Eu já devia ter saído dali no Mestrado.

Dificuldades relacionais e contextuais:

voltei para o mesmo laboratório de onde tinha saído, lá na Medicina. Mas aí já estava desacelerada, a ciência não estava mais a mesma coisa. Primeiro, você volta e todo mundo acha que você vem pra tirar o lugar. É muito mais difícil voltar do que ir. Muito mais difícil, sabe? Parece que tudo se fecha pra você. É muito difícil.

....

As pessoas querem que você ensine o que você aprendeu, mas te excluem de participar das coisas. Fazem reuniões sem te chamar, mas querem que você ensine o que aprendeu. . . . tinha aquele ciúme no ambiente com aquela mulherada, sabe?

....

[sobre o seu ex-chefe] Ele mesmo não tinha muito talento para essa parte administrativa, então, ele resolveu transferir o laboratório para uma outra patologista.

....

As pessoas que competiam comigo – uma ou duas ali que competiam comigo – se juntaram com essa nova chefe e, com o tempo, elas, de alguma maneira, colocaram essa chefe contra mim.

....

A gente conhece, na época eu trabalhava fazia vinte anos com ele, eu sei como é que meu chefe escreve. Então, eu li o *paper* e falei: “Não pode ser!” Ele escreveu tudo e pôs o aluno de Medicina como primeiro autor. Um aluno da Graduação que qualquer instituição científica sabe que ele não tem quilômetro rodado para gerar a escrita de um trabalho inteiro. Pelo menos eu pensaria assim. Ou pelo que eu acompanhava dos alunos. . . . Aquilo foi uma punhalada para mim.

Os primeiros trechos ilustram um movimento de autculpabilização, no qual Maria se cobra por ações e aspectos de sua personalidade que considera, hoje, afastá-la de suas expectativas e anseios. Em seguida, os trechos indicam dificuldades relacionais ou contextuais. Entendemos que as relações compõem também o contexto de Maria e que se tratam de aspectos de um mesmo *continuum* indissociável pessoa-contexto (Ribeiro, 2014). Utilizamos os termos relacionais e contextuais para localização didática dos aspectos enfocados no relato de Maria. A entrevistada enfatiza as limitações morais e éticas das pessoas de seu entorno como também responsáveis pelas frustrações que viveu.

Como se observa nos trechos, não são trazidas como obstáculos a serem superados em uma trajetória de lutas contra adversidades, mas de barreiras e algozes que a impediram de prosperar, reforçando posição passiva ou de vítima na narrativa. Em alguns trechos, a entrevistada indica, ainda, que a conscientização sobre os obstáculos impostos pelas limitações das pessoas em seu entorno ocorre tardiamente. Atualmente, o cuidado com as pessoas e relações é trazido como um estado-meta, que é evidenciado ao responder sobre como gostaria de estar hoje ou o que seria "ter deslanchado", para ela:

O que eu gostaria de fazer, se desse certo, é conseguir alunos pra o meu projeto, formar o meu grupinho – cada um tem seu grupinho, cada pesquisador com seus alunos de Iniciação Científica, Mestrado ou Doutorado – e poder desenvolver uma coisa em que eu pudesse criar um microambiente como eu acho que deve ser. De colaboração entre as pessoas, um pelo outro. Não sei se isso é muito ilusório.

A reflexão a respeito das relações e a ampliação para outros aspectos do contexto foram temas abordados no processo de Orientação. Segue-se para esse tópico, trazendo mais elementos para a discussão.

4.1.3.3.4 *Processo de Orientação Profissional*

O contexto em que Maria procura pelo serviço de Orientação foi após a mudança para novo laboratório em outro câmpus da UP1, depois de sucessivas desilusões com as relações conflituosas vividas nos laboratórios da Faculdade de Medicina da UP1. Maria havia

encontrado um ambiente que julgava melhor, tendo se organizado para diminuir o tempo de deslocamento até o local de trabalho, contudo, sentia-se ainda "estagnada" e pouco produtiva. A entrevistada questionava-se se havia escolhido a área correta e se deveria tomar outros rumos em sua carreira:

E.: O que te motivou a procurar o processo de Orientação?

M.: Foi essa incerteza se eu queria ou não continuar na minha área de trabalho.

.....

E.: O que você tinha em mente?

M.: A ideia de dar aula, ou simplesmente fazer outra faculdade, outra área.

Ainda que sem conseguir detalhar muito o processo de OP, Maria traz com vivacidade os assuntos abordados e como reverberaram nela, chamando a Orientadora sempre pelo nome. Ao lhe ser perguntado sobre o que ela lembrava do processo, responde:

Eu lembro dessa angústia. Lembro de a gente conversar sobre esse ambiente. E lembro da O. falar que muita gente saía da [UP1] por causa disso. De repente, eu ia ver como era o ambiente fora daqui [caso aceitasse a proposta de lecionar em faculdade particular, que surgiu durante o processo].

A compreensão de que as dificuldades que Maria vivia nas relações de trabalho eram comuns a outras pessoas foi marcante, possivelmente por ampliar a leitura contextual e aliviá-la da pesada autorresponsabilização que ela se impunha. De fato, esse parece um movimento de virada no seu entendimento das suas questões, como se verifica no trecho abaixo:

E acho que essa orientação que tive aqui me deu coragem pra isso [aceitar a proposta de lecionar]. Porque até então eu estava na Faculdade de Medicina sem enxergar mais longe. Até então eu estava cercada de médicos, e cargo de docente é pra eles, e não pra a gente. E eu nem cogitava prestar concurso para cargos da [UP1] onde não houvesse médicos, onde houvesse oportunidade pra gente. Então, a orientação aqui me abriu esse novo horizonte.

Nesse trecho, Maria expõe uma visão crítica do jogo de forças em que se via inserida: não se trata de uma falha dela, mas de um contexto restritivo, o qual não lhe dava a chance de fazer diferente. A OP favoreceu que Maria ampliasse o olhar para questões contextuais e deslocasse parcialmente a responsabilidade que ela colocava em si para o contexto, abrindo espaço para outras possibilidades narrativas e caminhos profissionais ("novo horizonte"). Além disso, a questão da autoria, ou autonomia para conduzir o próprio trabalho, também pesou na decisão em aceitar a proposta de lecionar.

Maria passa, também, a ver de maneira mais crítica sobre não colher os benefícios de seu próprio trabalho. Esse talvez não fosse um incômodo antes (como se observa, na forma naturalizada com que Maria diz que fazia pesquisa para os outros), porém, passa a ser uma busca.

A partir daí, Maria pôde vivenciar novas experiências que também seguem modificando-a. O momento atual de Maria é de busca por dignidade, por criar o próprio ambiente de pesquisa, da forma como acredita. É igualmente o de reconhecimento de suas questões pessoais que trazem dificuldades para alcançar isso e do interesse em que sejam trabalhadas. Nos trechos selecionados abaixo, ilustra-se isso:

mas sei que eu tenho um jeito que acho que ajuda a viver tudo isso que eu vivi, em termos de relacionamento de trabalho. Eu não sei fazer de outro jeito. Então, às vezes, acho que o meu jeito de ser atrapalha. Às vezes, eu tenho problema para me comunicar, penso de um jeito e falo de outro, e não fica legal, sabe? Então, dar aula me deu... me deu um jeito mais legal, sabe? [segue contando da experiência da palestra na UP2] Me saí muito bem na aula, ela gostou muito. Meu marido foi comigo, porque eu durmo no volante. E ele assistiu a aula também, fez observações e gostou. A avaliação que os alunos fizeram foi 8,8, 9, então, eles gostaram muito, e eu fiquei muito contente. O meu marido notou e falou: “[Maria], sua postura é outra, agora.” Então, talvez ter dado aula tenha me ajudado.

Somado ao aspecto de passar a entender o contexto de outra forma, o autoconhecimento foi também marcante para Maria, como resultante da OP. Esse aspecto aparece nos trechos abaixo, quando a entrevistada responde sobre desdobramentos da OP, em momentos posteriores ao processo, além de outros discutidos abaixo:

Conforme eu relatava as coisas para a O., falava sobre essas experiências, sempre ficava pra mim que eu não sou uma pessoa fácil, que não é possível, eu devo ter um gênio desgraçado. Porque, como é que eu não consigo ficar feliz onde estou trabalhando?

. . . .

Aí tem coisas passadas, que eu tratei com a O., de infância que eu vivi, traumas, aquela coisa de mãe comparar filho um com outro, a autoestima no pé.

. . . .

Mas, enfim, a impressão que eu tenho é que tenho muita coisa pra resolver. Tanto que pensei em voltar e falar com a O. Dizer: “Olha, eu parei de dar aula, foi uma experiência boa. Se eu conseguir desenvolver um grupinho e tocar um projeto, ficar feliz no lugar onde eu trabalho, acho que eu continuo a pesquisa. Se não, acho que eu me aposento e vou procurar um lugar pra dar aula, ter um salário, e vou desistir disso.” A minha chefe é uma pessoa paciente. Ela espera que, uma hora, eu vá deslanchar e começar a produzir mais do que estou produzindo.

Nesses trechos, também se verifica que, embora a OP tenha promovido muitas reflexões e movimentos na vida de Maria, algumas questões permanecem em aberto e ela chega a expressar o desejo de retomar o contato com a O., para atualizá-la de sua situação.

Contudo, não há, na fala de Maria, a busca por um novo processo, mas sim a vontade de atualizá-la. Maria parece ter seus planos traçados e entende que dependem da superação de entraves pessoais. Ou seja, hoje, Maria almeja "resolver" os problemas de relacionamento, valorizar-se mais, comunicar-se melhor (desafios), para dar conta da tarefa de organizar e conduzir seu próprio grupo de trabalho e suas pesquisas (estado-meta). Caso contrário, seguiria para a docência (plano "B").

Por fim, ao responder à última pergunta, se Maria considerava que o processo de OP havia sido favorável para ela, a entrevistada afirma que sim e complementa: “Acho que me abriu essas opções, abriu a cabeça para outras coisas também. Me abriu para outro ambiente.” Em seguida, Maria revela ainda que utilizou o serviço também em 1982 (no modelo de grupo) e levou suas duas filhas, posteriormente.

4.1.3.4 Gráfico da narrativa de Maria

O desenho geral esboçado pela narrativa de Maria é de ascensão e queda, com um final neutro, tendendo a uma nova ascensão. O ápice é marcado pela ida ao exterior, para o pós-doutorado, indicado por falas como "quando eu fui, estava com a corda toda" ou "eu tive uma época feliz, quando entrei no laboratório, era a época mais feliz. Eu fui vencendo" – e pela forma como narra as conquistas de seu percurso até esse momento. Até mesmo ao contar sobre a experiência como secretária, no início de seu percurso profissional, expressa reconhecimento e satisfação em poder arcar com os próprios custos.

Os quatro anos de vivência no exterior caracterizam uma experiência positiva, mas também representam o início de certa estagnação na carreira, como se vê no trecho:

você não desenvolve o outro lado da carreira. Não tem alunos pra orientar, nada disso, só a sua pesquisa. Por esse ponto de vista, é uma desaceleração na vida da gente. Se eu estivesse aqui, eu estaria me credenciando em uma Pós-Graduação, orientando, participando de banca, construindo o meu currículo. Mas, por outro lado, é uma experiência pessoal muito boa. Muito boa mesmo.

A partir do retorno, claramente Maria indica valência negativa nas experiências que se seguem:

Aí a volta é muito difícil. É como se você tivesse parado um filme em um ponto e, quando volta, ele já está lá no fim, você já perdeu metade da história. O laboratório estava diferente.

....

Quando voltei pra cá, eu estava completamente desacelerada. Não era mais a mesma [Maria] e, não sei, acho que essa coisa da pesquisa deu uma esfriada.

.....

Então, não foi boa a experiência na volta.

.....

o ambiente foi ficando ruim, ruim, ruim.

.....

Eu fui ficando insatisfeita, cada vez mais, e não tinha mais vontade de fazer a parte experimental.

Como mencionado, ao narrar as experiências negativas, Maria procura dar explicações sobre os motivos externos (pessoas, ambientes, contexto social) e internos (dificuldades pessoais) que levaram às experiências negativas ou às insatisfações. Nesse movimento, Maria retoma situações já abordadas no relato, oferecendo novas informações e outras leituras:

Aquilo foi uma punhalada para mim. Aliás, tiveram outras punhaladas desde o mestrado.

.....

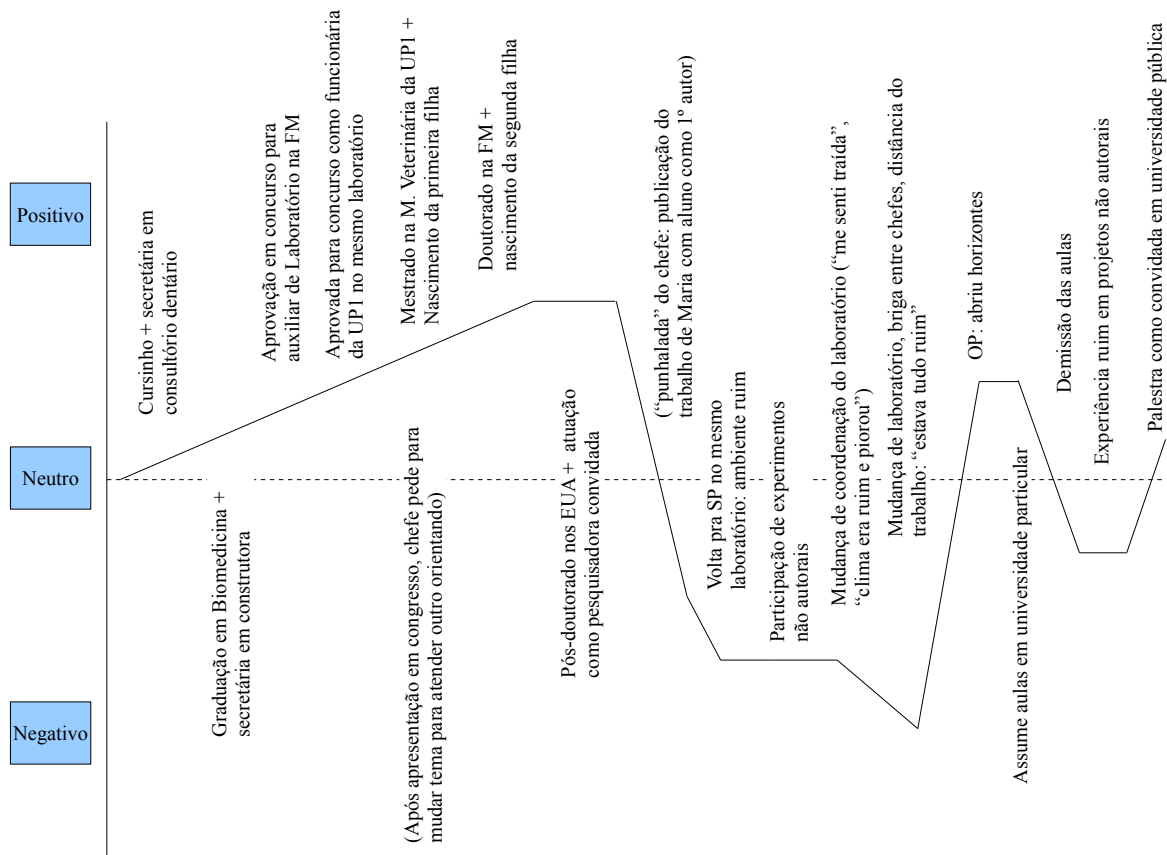
Apesar de ele gostar muito de mim e do meu trabalho, de me considerar, ele faz essas coisas que me arrasava.

Por fim, ao falar sobre sua situação atual, Maria reconhece aspectos positivos (aproximações do estado-meta) e limitações:

Eu estacionei. Não tenho publicado muito. Eu fiquei muito tempo assim, e é uma coisa que eu achava irônica, porque eu falava: “Sempre quis estar em um ambiente em que as pessoas tivessem uma cabeça mais de cientista, que manjam das coisas, para trabalhar com pesquisadores de igual para igual e produzir boa pesquisa, boa ciência.” Eu estou no ambiente que tem os melhores equipamentos, que tem gente que entende muito da área, mas não estou num ambiente que tem a minha área de pesquisa, a minha experiência é diferente da deles. E não deslancei.

A ênfase dada parece ser de valência negativa, destacando a incapacidade e/ou impossibilidade de desfrutar da situação em que se encontra. Porém, quando Maria comenta sobre suas perspectivas futuras, a entrevistada indica a busca por constituir um grupo de pesquisa próprio e gerenciar um “microambiente” que esteja mais próximo do que acredita. Portanto, Maria vê saída possível para desfrutar de onde está e também um plano B (aulas em IES), caso esse caminho se torne inviável, resultando em um movimento final, indicando positividade no gráfico.

Figura 3 - Gráfico da narrativa de Maria



Fonte: Elaborada pelo autor

4.1.3.5 Observações finais sobre o relato de Maria

Partindo-se da resposta à última pergunta da entrevista, mencionada acima, e de vários elementos trazidos ao longo da entrevista, fica claro que a entrevistada carrega uma experiência positiva do serviço da USP.

Maria expressa aspectos mobilizadores que o processo pode propiciar e que ganham maior colorido, ao serem contrastados com o todo do relato exposto na entrevista. Ou seja, só é possível entender a importância do movimento de aceitar aulas em outra instituição e das experiências subsequentes, olhando-se para o contexto limitante para não-médicos na Medicina e para as características pessoais de Maria, de adaptação a esse ambiente e de autodesvalorização.

Contudo, a relação entre história pessoal, características pessoais e relação com os contextos que atravessou não são expostas de maneira clara e direta pela própria entrevistada, no relato. Ela circula esses temas, traz reflexões sobre eles e algumas relações, mas não os

encadeia claramente. Pode-se dizer que ainda não se apropriou plenamente de seu percurso e suas questões ou, ainda, que as defesas operantes nas identificações conflitantes não foram plenamente trabalhadas (Bohoslavsky, 2003b), de forma que Maria segue com a questão ainda em aberto: “por que não deslancho?”

A experiência posterior ao processo de lecionar a modificou, sinalizando a ela que pode e deve se valorizar mais, contribuiu para que um estado-meta se constituísse (criar um ambiente de pesquisa próprio, valorizar mais seu conhecimento, sentir-se mais segura para se expor etc.) e a mobilizasse em sua busca. Mas também carrega a marca de uma falha que alimenta as defesas constituídas, uma vez que Maria foi demitida justamente por não ser médica. E, embora se veja em um bom ambiente de pesquisa com não-médicos, não se reconhece pertencente a esse novo espaço, assinalando que aspectos de ideal de eu (identificações) ainda conflitam. Essas são interpretações possíveis, a partir da análise do relato, hipóteses que demandariam novas entrevistas e mais dados, para se confirmarem.

4.1.4 José

José, 21 anos, solteiro, cursando o 2º ano da Graduação em Design Digital. Mora com os pais e irmã mais nova. Participou do processo de Orientação Profissional em outubro e novembro de 2014 (1 ano e 10 meses antes da entrevista), com uma sessão de retorno no segundo semestre de 2015 (aproximadamente 1 ano antes da entrevista).

4.1.4.1 Introdução

José conta uma história de decepções, frustrações e desidealizações. Em tom desesperançoso e marcadamente autodepreciativo, o entrevistado busca caminhos para o autossustento. José faz uso da ironia e sarcasmo, ao falar de si ou das situações que o desconfortam. Desenvolve pouco suas respostas, demandando uso de perguntas auxiliares para complementar a informação. Os fatos narrados se misturam cronologicamente, em diferentes momentos do relato, exigindo uma confrontação de informações de diferentes trechos da entrevistas ou com o prontuário do serviço no qual foi atendido.

A entrevista, de maneira geral, teve clima tenso. O entrevistado se colocava de maneira agressiva para consigo ou com as experiências vividas.

A entrevista aconteceu no café de um *shopping center*, por solicitação do entrevistado, para maior comodidade de acesso ao local via transporte público. Embora com bastante barulho no entorno, a conversa fluiu sem interrupções e sem dificuldades na comunicação entre entrevistado e entrevistador.

4.1.4.2 Síntese do relato

Durante o Ensino Médio, José considerou cursar Biologia, porém, abandonou a ideia, ao perceber que não se identificava com os conteúdos estudados nessa disciplina. Optou, então, por prestar Gestão Ambiental; segundo ele, à época, um dos cursos menos disputados, e entrou em uma Universidade Pública (UP).

José conta que foi desanimando com o curso, com o passar do tempo. No segundo ano, sentia-se ainda realizado em conseguir ser aprovado nas disciplinas, sendo esse um ano de muito estudo, mas já identificava uma sensação de que não sabia onde aquilo o levaria. Durante o 3º ano, os questionamentos e desânimo se agravaram. José não havia conseguido

estágios por dois anos e somou-se o fato de a faculdade entrar em greve e, em seguida, acontecer a interdição do câmpus onde estudava, devido a problemas de engenharia.

José buscou se inteirar, participando das assembleias e outros espaços, durante esse período, contudo, diz, foi desanimando cada vez mais. Com o tempo livre, também iniciou cursos de *Corel Draw*, *Excel* avançado e *Photoshop*, fora da universidade, e também participava da Atlética do seu curso. Nessas experiências, percebeu que teve muito mais aprendizado prático do que em seu curso de Graduação, o que o motivou a considerar mudar de rumo e a pesquisar informações sobre outros cursos. José considerava as carreiras de Design Gráfico e Design Digital e se identificou mais com o que encontrou: “eu sempre gostei de computador, programação, e eu realmente queria aprender aquilo”, diz.

Paralelamente a esse movimento, José foi aceito para um estágio na área de Gestão Ambiental, todavia, não havia ainda sido chamado para iniciar.

Nesse momento, uma tia de José indicou para ele o serviço de Orientação Profissional da USP. José aceitou ir, por ser gratuito e por sentir que precisava de ajuda. Diz também que chegou ao serviço “já meio que decidido”.

Após o processo, recebe a notícia de que a vaga de estágio para o qual havia sido selecionado seria remanejada e ele é dispensado, antes mesmo de começar.

José fica muito mal com a notícia, chegando a adoecer sem causa física aparente. Assim que saiu do hospital, foi até a faculdade do curso escolhido e se matriculou em Design Digital, tendo feito o trancamento do curso em Gestão Ambiental.

No início de 2015, faz curso de *bartender*, para tentar pagar a faculdade, porém “só caiu em lugares não muito bons”, como, por exemplo, casas de prostituição. Durante o curso, José identifica que encontrará melhores perspectivas de mercado que em Gestão Ambiental. Todavia, também se descontenta com diversos aspectos do curso: aulas *on-line* em um curso presencial, disciplinas fracas e ausência de conteúdos que julga importantes para sua formação. Diante desses descontentamentos, José retorna para o Serviço de OP, ao final de 2015, cogitando retomar a Graduação de Gestão Ambiental. Após conversa com o mesmo orientador que o havia atendido, segue com a Graduação de Design Digital e deixa passar o prazo para pedir prorrogação do trancamento do curso de Gestão Ambiental, perdendo a vaga definitivamente.

Hoje, José vende doces e salgados na faculdade, para ter uma renda extra. Considera o fato degradante, pois não estudou “tanto para isso”. Incomoda-se muito em ainda gerar custo para seus pais. Identifica que gosta da área que escolheu, entretanto, carrega

descontentamentos com a faculdade de “baixa qualidade” e a insegurança que isso traz em relação a seu futuro profissional.

4.1.4.3 Análise

4.1.4.3.1 Impressão global

Ao longo da entrevista, José se mostrou bastante negativo em relação ao seu percurso e suas perspectivas. Ainda durante a formulação da primeira pergunta, enquanto o entrevistador explicava sobre o conceito de carreira utilizado, ao pedir que José contasse sobre seu percurso de vida no trabalho, José interrompe com a afirmação: “Carreira eu não tenho nenhuma”. José expõe sobre sua busca por autossustento, atravessando falas como essa, de autodepreciação, como também colocações críticas, em geral de maneira sarcástica, ao contexto, enfocando ora os limites impostos, ora as possibilidades.

As limitações e a desesperança predominam em sua narrativa e a preocupação quanto a ter trabalho e poder se sustentar é central. Não se trata, contudo, de um lugar de vítima das circunstâncias, pois ele segue crítico do contexto e agente de seu percurso, mas de derrota, de desencantamento e frustração. Embora José denote um pedido de ajuda, de cuidado e de reconhecimento, assim que confrontado com seus próprios feitos, potencialidade e possibilidades, José reage com mais desesperança, autodepreciação e limitações.

O percurso *limitações-possibilidades-desesperança*, relacionado à preocupação com o autossustento, será um dos temas usados para análise.

Outro tema importante refere-se à *desidealização*, ligada ao que José busca hoje (seu estado-meta). Por fim, será abordado o tema da *Orientação Profissional* e de que forma se pode relacioná-la aos dois outros temas.

4.1.4.3.2 Limitações, possibilidades e desesperança

O primeiro momento mais significativo no relato de José enfoca o processo de desencantamento com o curso de Gestão Ambiental (GA) e aparece logo no início da entrevista:

no terceiro ano do curso, as coisas começaram a ficar um pouco mais complicadas. Além de eu não conseguir estágio durante dois anos, houveram certas crises na [UP], principalmente a greve e a interdição da faculdade inteira [do câmpus onde se situava seu curso].

. . . . Eu tentei participar das coisas, tentei ir nas assembleias, tentar entender o que estava acontecendo e aquilo só me desmotivou. Aí eu comecei a fazer outros cursos. Eu fiz um curso de *CorelDraw* e *Photoshop* e outro de *Excel* avançado no Senac. E eu fazia parte da Atlética da faculdade também . . . eu tinha aprendido muito mais coisas práticas do que no meu curso inteiro de gestão ambiental, e estava gostando muito mais daquilo do que do meu curso inteiro de Gestão Ambiental. E fora isso, no final de 2014... não, no final de 2013, eu fui finalmente selecionado para um estágio e eles conseguiram me demitir antes de eu conseguir entrar para trabalhar, porque falaram que a minha vaga era da Prefeitura e foi remanejada... remanejada para a inexistência, então, pelo que eu entendi...

E isso me frustrou bastante, comecei a ficar mal mesmo e comecei a ficar cada vez mais insatisfeito, as aulas não faziam mais sentido pra mim, eu não via futuro como um gestor ambiental. Eu não via futuro pra mim mesmo se eu... a minha dúvida maior era se, formado, eu ia realmente conseguir alguma coisa.

Ao buscar justificar por que desistiu de GA, José aponta primeiro os problemas contextuais: as dificuldades em encontrar estágios, a interdição do câmpus e a greve. José não se paralisa diante disso e busca cursos de seu interesse. Contudo, não é na satisfação de ter-se mobilizado e encontrado cursos de interesse que José enfoca seu relato, mas, na verdade, na sensação de falta de aprendizado prático em GA. Em seguida, José menciona o episódio do estágio em que foi aprovado e não foi chamado a iniciar, como fato derradeiro de decepção com GA.

Vale mencionar que esse episódio ocorreu em outubro de 2014 e não em 2013, como menciona aqui (foi possível verificar essa informação em outro momento do relato e confirmá-la no prontuário de atendimento no NOP), o que sinaliza, entre outros indícios, uma maior influência de aspectos emocionais do que da organização cronológica em seu relato. Esse episódio ocorre após um processo de desencantamento de José com o curso e quando já havia pesquisado por outras graduações e considerado a mudança. Porém, ele objetifica uma grande angústia de José, que é o temor de não conseguir trabalhar e se autossustentar, de modo que ele o traz ligado a outros questionamentos com o curso, fechando com a desesperança em poder se sustentar na área, sua justificativa por abandoná-lo.

Fica também indicado que José considerava o curso de GA muito teórico e que o aprendizado mais prático e menos abrangente dos cursos curtos e aplicados fez mais sentido para ele. José, contudo, não menciona considerar um curso técnico, nem traz o entendimento de que graduações são necessariamente teóricas e abrangentes e que o interesse dele é mais prático. Embora esteja sempre procurando a experiência prática, através do estágio em GA, para ele parece ser uma questão de conteúdos – campo de estudos – do curso ou de risco de falta de possibilidades de atuação profissional. A falta de perspectivas em GA ("eu não via futuro para mim...") está diretamente ligada à dúvida sobre se encontraria trabalho, quando formado.

José passa, então, a buscar por outras graduações, entendendo que o foco do problema está no conteúdo estudado:

Então, comecei a pesquisar sobre outras áreas, principalmente por causa dos cursos que eu fiz. Primeira coisa que eu achei foi Design Gráfico e depois eu encontrei o Design Digital, que é onde eu estou hoje, na [nome da faculdade]. Eu me identifiquei mais, e sempre gostei de computador, programação, e eu realmente queria aprender aquilo.

José vê mais possibilidades no novo campo escolhido, porém, logo passa a enfocar as limitações e a desesperança:

Mas outro motivo maior é a frustração da [nome da faculdade]. Você chega lá e tem aula *on-line*, o que eu acho horrível. Não que eu seja contra aulas *on-line*, o ensino à distância, mas acho que a pessoa tem que ter direito de ter escolha se ela quer ou não. Lá é imposto, você vai ter, porque está em uma faculdade particular e é assim. . . . E você não tem aula. Muita coisa que se propõe a ensinar eu tive que correr atrás sozinho, e você tem pouca aula e à tarde é bem difícil conseguir estágio. Mesmo eu acreditando que tenha mais oportunidade em Design Digital do que em Gestão Ambiental. Só que eu não sinto que as pessoas ensinam coisas pra mim. Eu sei a fórmula de Baskara até hoje, porque alguém me ensinou lá no passado, e eu só queria isso, que me ensinassem, mas, se for pra ficar correndo atrás de curso sozinho, eu já teria feito isso antes. Mas o que eu... um pouquinho de luz no fim do túnel é que eu realmente gosto de trabalhar com isso. Não sei se vou conseguir, por eu já me sentir extremamente incapacitado e eu já estou lá pro final do segundo ano.

Nesse trecho, observa-se com mais clareza a oscilação entre limitações e possibilidades, esperança e desesperança, perseverando a predominância da desesperança quanto ao próprio futuro, embora José se diga mais identificado com seu novo campo de estudos. O entrevistado aponta os problemas que vê no seu atual curso: aulas *on-line*, falta de conteúdos, aulas ruins/fracas. Ele intercala as críticas com lampejos de esperança: "mesmo eu acreditando que tenha mais oportunidade em Design Digital..." ou ainda "um pouquinho de luz no fim do túnel...". Finaliza enfatizando a desesperança: "Não sei se vou conseguir. Por eu já me sentir extremamente incapacitado..."

Outro aspecto importante e de bastante peso para José é o que a Universidade Pública representa para ele. Assim como a ideia de uma Graduação, ser ainda em uma universidade pública parece ter grande importância no que considera fundamental para sentir-se seguro quanto a seu futuro. Conforme se pode ver no trecho abaixo, ser aprovado nas matérias do curso de GA era desafiador e gratificante, ainda que não identificasse sentido no que estudava, sentido este que é diretamente ligado, novamente, ao receio em não encontrar trabalho:

Eu participava das aulas. Acho que o segundo ano foi o melhor ano pra mim, foi o que eu mais estudei, cheguei a ter até dor de cabeça de tanto estudar e eu me sentia bem quando passava nas matérias. . . . O problema é que eu não me sentia caminhando pra lugar nenhum. Estava me matando, caminhando pra o final e o que é que eu sei fazer? Eu não sabia responder essa pergunta. Que eu vou fazer no meu mercado de trabalho?

No trecho abaixo, José retoma sobre o momento em que recebeu a dispensa do estágio no qual havia sido aprovado, por causa do remanejamento da vaga, e sinaliza o quanto o impactou:

eu fiquei doente, não acharam explicação nenhuma pra a minha doença, tinha uma dor na barriga que não tinha explicação nenhuma, fizeram mil exames e não acharam muita coisa. Daí eu ainda, é até engraçado, porque eu saí do hospital aquele dia e fui fazer a matrícula. Então, eu tinha esperança nessa nova fase.

. . . .

Eu estava ansioso pra começar de novo . . . mas eu só queria ver o que ia acontecer mais pra frente. Não sei se aliviado seria a palavra certa. Até hoje eu não estou tão aliviado. Não com a escolha do curso em si, mas com a [nome da faculdade], que está me decepcionando bastante.

Nesse trecho, o entrevistado evidencia que a preocupação por conseguir trabalhar e se sustentar é central. José chega a adoecer com a negativa do estágio, como se esse episódio confirmasse seus maiores medos. Assim que se recupera, ele age rapidamente, mostrando que não ocupa posição passiva. No entanto, novamente, enfoca a desesperança: a ação tomada de mudança de curso parece não aplacar a angústia que sente.

Quando perguntado sobre suas perspectivas atuais, José reitera as limitações, possibilidades – e termina enfocando a desesperança:

Bom, tem uns certos obstáculos agora. Eu preciso aprender a fazer um portfólio. Estágio, nessa área de Design, sem um portfólio você não consegue nem concorrer. Eu tenho um currículo até que bom, eu acho, espero, mas sem portfólio eu não consigo ir para a frente, e eu tenho que aprender de alguma forma e não sei o que fazer mais, isso está me preocupando muito. E, quando eu estiver formado, parece que existirão vagas, parece. Não sei se eu vou estar pronto pra concorrer a elas. Pelo menos eu acredito que o meu inglês e a minha lógica sejam melhores do que dos alunos da minha sala, mas até aí. . . Não vai ser suficiente.

Em seguida, o entrevistador pergunta se o entrevistado chegou a procurar por estágio na sua área, ao que responde, reforçando novamente limitações encontradas e desesperança:

Já. Como te falei, eu não consegui nem. . . alguns eu menti muito, falei até que eu era de outro período, porque se eu não fosse do período certo eu não podia concorrer à vaga. Aí falaram que eu precisava levar portfólio, eu não tinha e nem fui na entrevista. Eu já sei que a resposta vai ser “não”, pra que que. . . E os outros, que era só pra fazer um monte de prova *on-*

line, eu não tive nem *feedback*. Se eu fui bem, se fui mal, se faltou muito... Fiz várias provas no *vagas.com*, entre outros, e nada.

4.1.4.3.3 *Desidealização*

Ao lado da preocupação com o autossustento, José expõe também elementos sobre como idealizava sua carreira e a frustração em relação ao quanto se vê ou se sente afastado disso.

No trecho abaixo, o entrevistado responde à pergunta sobre momentos de decisão após o processo de OP (tema 3, pergunta a). Inicialmente, José afirma não ter passado por decisões significativas e, após a retomada do entrevistador de ações relatadas por José anteriormente, este responde de maneira ríspida: "Sabe qual foi a maior decisão da minha vida, nos últimos meses? Vou te mostrar..." José, então, retira uma máquina de cartão de crédito da mochila e diz:

Eu vendo bolo e salgado na faculdade. Essa é a minha fonte de renda. Isso não é um orgulho pra quem estudou tanto, sabe? Hoje eu estou aceitando crédito, Visa e Mastercard: por apenas dois reais você pode adquirir seu pedaço de bolo. Qual é a minha perspectiva de vida? Eu estudei tanto pra, no final, morar numa quitinete? Não que tenha algo de errado em morar em uma quitinete, mas eu me sinto tão inútil, algumas vezes. Qualquer um pode trabalhar com bolo e salgado, você pode trabalhar com bolo e salgado, qualquer um pode passar cartão na maquininha. Que grande decisão é essa? De ser um lixo na vida? Eu não sei mais que grande decisão eu vou ter que fazer. Eu não consigo mais ser o meu melhor. Quer dizer, nunca fui. Não consigo mais ter essa visão de... essa ilusão de que eu vou ser bom em alguma coisa, algum dia. Não sei mais o que eu estou fazendo, pra onde que eu vou.

Nesse trecho, vê-se que José se desconforta muito em buscar uma renda dessa forma, assim como teme ter um padrão de vida abaixo do esperado. A sensação associada à queda no padrão de vida é de inutilidade. Um trabalho, ainda que provendo alguma parcela de sustento, não específico ou não relacionado aos seus estudos, remete à sensação de "ser um lixo na vida". Ao final do trecho, José revela uma resignificação subjetiva: o entrevistado deixa de buscar a performance ou destaque em algo. Trata-se da quebra de uma idealização de si, de busca por ser "meu melhor" ou "bom em alguma coisa".

Nos dois trechos abaixo, José indica, então, para onde seu estado-meta se desloca: de "bom em alguma coisa" para "sobreviver" ou "ser alguém contratável":

Eu não sei mais o que eu estou fazendo da minha vida, eu só quero sobreviver! É tão caro!
.....

eu quero me tornar a pessoas que as pessoas contratam. Eu não quero mais seguir sonhos. Eu já aceitei que a vida é triste, pronto, me dá a vassoura, eu começo a varrer o chão. . . . Só que, quando eu escolho um caminho, eu não encontro nada.

José indica ter, a contragosto, "abaixado suas expectativas" sobre si e seu futuro e, ainda assim, sente-se desesperançoso, pautado por um sentimento de inferioridade diante de seus pares. No trecho seguinte, ele expõe mais dessa visão:

Eu não penso em sair de Design Digital, mas eu não sei mais o que eu preciso fazer pra ser uma pessoa aceitável para o mercado de trabalho. Era só o que eu precisava saber. Quem eu preciso me tornar? É pra eu ser um semideus que chega lá na frente e fala um monte de abobrinha pra dizer que sabe tudo? Ter pacote *Adobe* completo no segundo ano da faculdade? Então, todo mundo é incrível, maravilhoso, e eu não sou isso. Mas será que as pessoas são realmente aquilo, porque aí quer dizer que eu sou sub-humano, eu sou menos do que uma pessoa normal. Uma pessoa normal sabe de tudo, é uma pessoa perfeita, linda, maravilhosa, cheirosa.

4.1.4.3.4 Orientação Profissional

José identifica o momento em que procura pelo processo como um momento frustrante e sem esperança:

Eu estava em um momento bem frustrante mesmo e sem esperança. Eu adorava a faculdade, mas eu me sentia mais feliz por ser um aluno da [Universidade Pública] do que por ser um aluno de Gestão Ambiental.

O entrevistado se via descontente com o curso, todavia, em conflito com a ideia de abandonar um curso em uma universidade pública. O serviço foi indicado por um parente de alguém que trabalhava lá e José percebia que a ajuda seria bem-vinda:

Eu senti que precisava de ajuda, mas não sabia onde encontrar e não queria pagar por isso. Então, foi algo que foi legal, não foi forçado, não foi alguém que falou assim: "Ah, vai vai vai", e eu fui. Eu queria isso, mas não sabia onde encontrar e foi legal. Algo que acho que precisava ter mais.

É interessante a colocação de José, quase dois anos após a experiência, de que desejava não "pagar" por um serviço que o ajudasse a encontrar seu caminho. O entrevistado não diz que "não teria condições de pagar", mas sim que "não queria". Objetivamente, José fala de um desconforto grande em relação a gerar custo para seus pais. Porém, por uma leitura psicanalítica, é possível identificar os aspectos defensivos expressos nessa colocação: José não se "entregou" plenamente ao processo, seja por não estar em contato com a crise que

atravessava, seja por ressentir-se com o fato de "ser ajudado" no seu percurso de busca por autonomia e autossustento. Tal leitura é reforçada, quando o entrevistado menciona que "já estava meio que decidido", ao iniciar a OP, conforme se verifica no trecho abaixo:

Só que, quando eu cheguei lá, já estava meio que decidido. Eu tinha medo de verdade de mudar por causa de dois fatores: a incerteza e a perda de sair de uma universidade pública e ir para uma particular. Isso era uma coisa muito pesada pra mim, tanto é que, no final de 2015, eu comecei a pensar em voltar para a [UP], principalmente por dois motivos: a mensalidade, que era... eu não pagava, meus pais falam que podiam pagar, mas isso me incomodava demais.

Ainda nesse trecho, José diz da disposição de seus pais de pagar por uma faculdade particular e do desconforto que sente diante disso: José não só busca independência, como se ressentido de ainda depender. Pode-se dizer que, para José, a gratuidade do processo de OP era condição necessária para que fosse vivido como uma ferramenta a favor de sua autonomia e não um reforço da dependência dos pais. E, mesmo assim, José buscou também depender (ou depositar) o mínimo possível (naquele) daquele espaço, ao chegar lá decidido. De acordo com José, foram dois encontros, em 2014, e mais um retorno, no final de 2015. Não foi possível confirmar esse dado no prontuário do atendimento.

O principal fator que o processo mobilizou, segundo José, foi a elaboração do luto por abandonar um curso em uma universidade pública de renome. O processo favoreceu também lidar com a incerteza diante da mudança e a expectativa de seus pais, como vemos no trecho abaixo:

eu já estava meio decidido na minha cabeça, não ia mudar muita coisa, mas foi um processo bom pra tentar tirar um pouco desse peso. Pelo menos inicialmente o peso de... até hoje, acho que entrar na [UP] foi a melhor coisa que eu já consegui na minha vida inteira, e abrir mão disso era muito pesado. Tinha um pouco desse peso, e parar de me preocupar tanto com o que os meus pais iam achar me ajudou um pouco. Acho que isso é que era o mais complicado, não era nem tanto a dúvida do curso. A [nome da faculdade particular] não me dá muito conforto também, de estar seguro quanto ao meu futuro, mas o meu maior peso era abrir mão de três anos de faculdade na [UP].

O entrevistado retorna ao serviço aproximadamente um ano após o processo, em dúvida se deveria retornar para o curso de GA ou seguir em Design Digital. Os principais fatores, conta, são a insegurança que sente diante da "baixa qualidade" encontrada na nova faculdade e o custo gerado para seus pais. Sobre essa sessão de retorno há pouca informação. Abaixo, o destaque do trecho em que é citada:

Tanto é que eu cheguei a voltar pra lá depois e ele falou que eu só estava reclamando de outras coisas e que eu deveria seguir em frente, e eu continuei no curso.

Chama atenção a maneira de José mencionar esse encontro de 2015. Não é comum à abordagem clínica em OP a indicação de um caminho a seguir por parte do Orientador, tampouco o apontamento distante da neutralidade de que o cliente "só estava reclamando de outras coisas". Entende-se que tais colocações refletem a visão de José sobre o encontro. A fala expressa dois aspectos importantes: a. a transferência de responsabilidade sobre a decisão por continuar no curso de Design Digital ao orientador; b. a desvalia que José atribui às próprias questões, ao construir para si a visão de que seriam "só reclamações" pouco pertinentes, as quais deveriam ser ignoradas. De toda forma, José não se apropriou da escolha realizada, o que reflete, em alguma medida, a atual visão desesperançosa de seu futuro. Mais elementos a esse respeito aparecem no trecho abaixo, quando é perguntado a José sobre os projetos traçados durante o processo de OP:

escolher a [nome da faculdade particular] também foi um pouco frustrante. Talvez [o orientador] tenha feito [um projeto] e eu não tenha levado tanto em consideração, mas eu acho que não teve um trabalho muito grande nesse aspecto de "Legal, estou nesse curso novo, e agora? . . . É que eu não me lembro se teve esse planejamento. Acho que até o psicólogo que estiver ouvindo esse áudio deve estar louco da vida, bravo, falando: "Não, mas a gente planejou!" – e eu não lembro.

Aqui se verifica que, se por um lado, José pôde elaborar o luto por abandonar a graduação em GA na UP e, por outro, não se sentiu confortável, em alguma medida, com o caminho escolhido. A primeira menção do entrevistado aos projetos traçados durante o processo foi de frustração. Não pela carreira de Design, como se pode conferir em outros momentos da entrevista, mas pela faculdade. José não está certo de que foi trabalhado um plano de ação no processo e, diante da dúvida, coloca em si a responsabilidade por não ter aproveitado, caso tenha ocorrido. A fala de José traz, também, elementos de persecutoriedade em relação à figura do orientador, o qual supostamente estaria "ouvindo o áudio" da entrevista.

De toda maneira, José expressa uma avaliação favorável da OP para seu percurso. Diante da pergunta 3 b (Como avalia a experiência da OP), o entrevistado responde:

O processo eu acho que foi legal. Eu acho que deveria ter sido mais profundo, no meu caso. Eu não acho que foi problema da [UP], mas talvez eu deveria ter procurado algo maior, não sei. Acho que eu poderia precisar ter visto isso antes, mais sessões e algo mais detalhado. Mas foi importante.

Da mesma forma que no trecho anterior, aqui José responsabiliza exclusivamente a si mesmo pela sensação de falta de profundidade ou de pouco aproveitamento do processo de OP.

Em face do exposto pelo entrevistado, durante a entrevista, o entrevistador pergunta a José se já havia considerado ou buscado por psicoterapia ou outras formas de intervenção que julgasse que poderiam ajudá-lo. José, então, expõe que o orientador e uma representante de empresa em uma feira de estágio já haviam indicado a ele que se beneficiaria de psicoterapia, ao que o entrevistado retruca em solilóquio: “Eu não preciso de terapia, preciso de um emprego, só isso”.

Após a finalização das perguntas do roteiro previsto e exploração dos temas, na entrevista, o entrevistador pergunta ao entrevistado se haveria alguma dúvida a respeito da pesquisa. José faz duas perguntas ao entrevistador-pesquisador: a. Se acreditava que a pesquisa poderia auxiliar a desenvolver o processo de Orientação Profissional; b. Quantas pessoas já haviam sido entrevistadas e se todos tiveram carreiras “brilhantes e incríveis, hoje são CEO e fizeram seus sonhos virarem realidade”.

É intrigante a relação direta das perguntas propostas por José ao entrevistador-pesquisador com as questões que o entrevistado carrega sobre si. José, hoje, questiona-se se fez as escolhas certas e se “chegará a algum lugar”. Carrega um senso de urgência pela própria carreira e autonomia, enquanto se compara com os demais. Brinca com sua própria fantasia: como se todos fossem CEO, brilhantes e incríveis, como gostaria de se sentir, ainda no 2º ano da faculdade. Tal urgência pela própria autonomia e por despontar na carreira se contrapõe às ações de José e à própria realidade: José abandona uma Graduação de quatro anos faltando apenas um ano para se formar; opta por cursos diurnos e se frustra ao não conseguir estágios; ataca as próprias alternativas que encontra para algum retorno financeiro; está ainda no 2º ano do novo curso e se queixa do despreparo para atuação profissional.

4.1.4.4 Gráfico da narrativa de José

Para a montagem do gráfico da narrativa de José, foi necessário juntar informações de trechos diversos da entrevista, uma vez que seu relato espontâneo trouxe elementos pouco precisos para uma organização cronológica. O relato de José parece mais orientado pela experiência emocional do que pela cronologia dos fatos. Por exemplo, José afirma que fez o processo de OP em meados de 2014, porém, pelo registro do serviço, foi no fim de outubro.

Da mesma forma, quando menciona a primeira vez sobre a experiência do estágio em que foi aprovado, afirma ser no final de 2013, durante o período de suspensão de aulas no câmpus da GA na UP. Contudo, como fica claro em outros trechos da entrevista e pelo prontuário de atendimento no serviço, isso ocorreu em 2014. Ele havia sido aprovado para a vaga duas semanas antes de passar pela triagem no NOP-USP, conforme consta no relatório. E José sustenta que, após as sessões, veio a confirmação definitiva de que a vaga para a qual havia sido aprovado seria fechada. Esse episódio é repetido algumas vezes no relato e expressado como a “gota d’água” em seu processo de decepção com o curso de Gestão Ambiental. Daí se compreende a confusão de datas: o desencantamento com o curso ocorre a partir de 2013 e, quando se dá o episódio do estágio, José já estava relativamente decidido a mudar de curso.

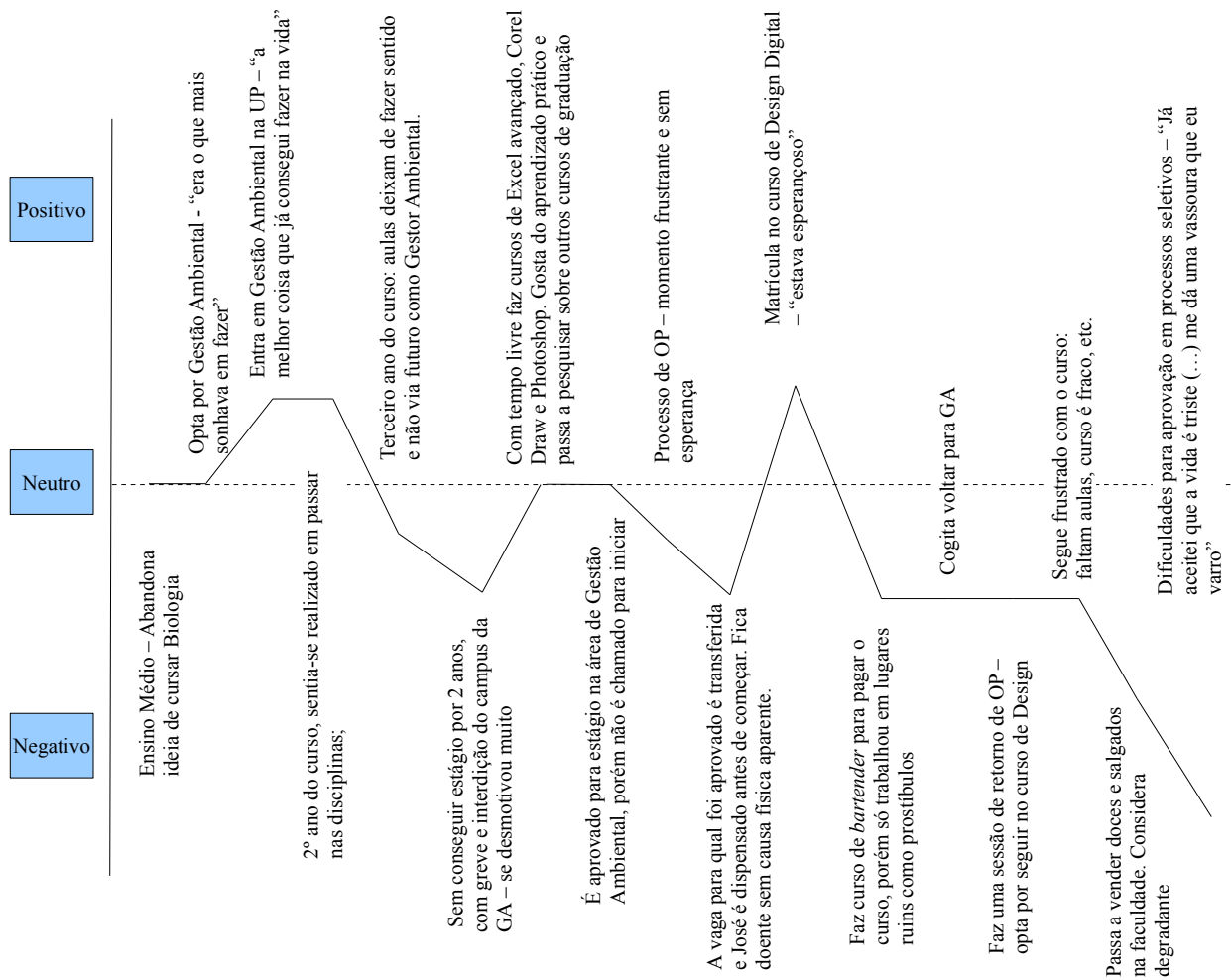
Seu relato, ainda, é marcado do começo ao fim por um tom pessimista e negativo sobre si, deixando pouco clara a valência sobre os momentos narrados. José traz falas contundentemente autodepreciativas, como “ser um lixo na vida”, “tudo que eu faço é um miniaborto, um minimonstrinho, é o meu reflexo” ou “talvez o que eu precise é nascer de novo”. Ainda assim, em meio ao tom predominantemente negativo e desesperançoso, é possível encontrar valências positivas associadas a alguns momentos da vida, mesmo que de maneira ambígua. Um exemplo marcante é como José fala sobre o ingresso na UP: logo após dizer que escolheu Gestão Ambiental, conclui, em tom autodepreciativo, que era uma das carreiras mais fáceis de entrar. Porém, mais adiante, assevera também que foi a melhor coisa que já conseguiu fazer na vida. Ou, ainda, diz ser o que mais sonhava em fazer, todavia, na frase seguinte, afirma que não sabia realmente o que queria fazer.

São três os momentos nos quais é possível identificar valência positiva: 1. o ingresso na UP, 2. a aprovação nas disciplinas desafiadoras do segundo ano e 3. a matrícula no curso de Design Digital. Entretanto, para todos eles, há, em paralelo, valências negativas: 1. uma das carreiras menos concorridas, 2. gostava mais de participar da Atlético do que das aulas e não se sentia caminhando para lugar algum; 3. É em uma faculdade particular e de baixa qualidade, gerando a preocupação do custo para a família e insegurança sobre perspectivas profissionais.

Identificar um estado-meta, no relato de José, que possa guiar a montagem do gráfico, mostrou-se também desafiador. José fala de uma desidealização, em que não espera mais “ser bom em alguma coisa algum dia” e que hoje busca “apenas” ser uma pessoa empregável (“eu quero me tornar a pessoa que as pessoas contratam”) e coloca, de maneira sarcástica: “será que tenho que ser um semideus para isso?” O estado-meta mais claro que se pode identificar é o de poder se sustentar com um trabalho na área em que estuda:

eu não posso desistir, não posso me tornar um inútil no final de novo e no final começar outro curso, isso não pode acontecer. . . . eu só quero sobreviver! É tão caro! Mas não quero mais desistir.

Figura 4 - Gráfico da narrativa de José



Fonte: Elaborada pelo autor

O momento em que a entrevista foi dada foi identificado como o de valência mais baixa (negativa), em grande medida pelo tom pessimista de todo o relato e pelo estado emocional exposto por José. Mas igualmente pela desesperança que ele descreve em relação a como está. Se, por um lado, ele entende que o mercado para a carreira que escolheu, Design Digital, tem mais oportunidades que para Gestão Ambiental e também identifica que tem mais competência lógica e domínio do inglês que seus pares, nos cursos, o que poderia ser entendido como alguma esperança positiva, por outro, entende que suas produções são péssimas (minimonstros), que não tem portfólio e não sabe como fazê-lo e que o curso não dá as ferramentas necessárias para tal.

Além disso, reluta em fazer formação complementar, pois implicaria mais gastos para a família. Quando confrontado com os recursos de que dispõe e as possíveis saídas, José reage trazendo mais impossibilidades e limitações, transmitindo uma sensação de “beco sem saída”. E diz: “Já aceitei que a vida é triste, pronto, me dá a vassoura, eu começo a varrer o chão. . . . quando eu escolho um caminho, eu não encontro nada”.

4.1.4.5 Observações finais sobre o relato de José

A autorresponsabilização de José pelo aproveitamento parcial do processo é coerente com a interpretação acima de que o entrevistado atravessou o processo de maneira defensiva e pouco em contato com sua real crise, que passa por uma desvalia profunda de si, pelo ressentimento da dependência (dos pais) e o temor de não alcançar o autossustento (independência), enquanto age no sentido de mantê-la. José atravessa um momento de grande autoquestionamento: questiona-se se chegará a algum lugar ou até mesmo se está caminhando. Duvida de si mesmo e sente-se inferior a seus pares.

José se identificou com a carreira escolhida. Contudo, porque se sente tão desesperançoso quanto ao seu futuro? Por que se sente “sub-humano” ou, ainda, por que acha que aquilo que produz é torpe? Seriam essas questões pertinentes a uma psicoterapia ou ao processo de OP?

A colocação de José de que “não precisa de terapia, mas sim de um emprego” retoma a discussão da intersecção entre esses dois campos. Um processo de OP mais aprofundado, o qual possibilitasse explorar tais questões se mostra mais aceitável para José do que uma psicoterapia, como, aliás, o próprio entrevistado verbaliza (“deveria ter procurado algo maior” ... “mais sessões e algo mais detalhado”). As questões que José apresenta, de fato, atravessam o campo da escolha profissional: José busca a autonomia e ataca a dependência, porém, não foi capaz de fazer a migração da dependência do núcleo familiar para o fazer social e autossustento, dentro de suas expectativas, desorganizando-se diante das frustrações encontradas nesse percurso. Reforça-se aqui a importância de um processo de OP que seja abrangente para as várias questões ligadas à problemática da escolha, um processo breve *do qual* a escolha faz parte (Moura, 2014). Por breve, entende-se um processo que dure até um ano. Não se sabe se, à época em que José buscou pelo NOP USP havia tal disposição por um processo mais longo. Contudo, hoje é capaz de perceber.

Por fim, mais uma vez, reforça-se que a problemática da OP é essencialmente psicossocial: se José tivesse obtido êxito em alguma de suas empreitadas em busca de

trabalho, estaria da mesma forma desesperançoso e com uma autoimagem tão negativada? Em um outro contexto sociocultural, onde as carreiras técnicas não são estigmatizadas como inferiores, em detrimento das amplas e teóricas graduações tradicionais, poderia José considerar e encontrar nelas mais satisfação e aplacar suas ansiedades por campo prático e mais aplicado?

4.1.5 Carol

Carol, 20 anos, solteira, Ensino Médio completo, estudante de Técnico em Música e curso pré-vestibular, operadora de telemarketing. Participou do processo de Orientação Profissional em 2015, 11 meses antes da entrevista.

4.1.5.1 Introdução

Carol, a mais nova dos entrevistados, conta a história de busca por um objetivo que é entrar no curso superior. Seu relato passa, em grande medida, pelo percurso de sua relação com a música e da escolha de carreira, bem como pelas dificuldades encontradas no ingresso em uma universidade.

Em seu prontuário, encontra-se a indicação de que Carol fosse atendida em grupo, contudo, diante da dificuldade de conciliar horário, ela foi encaminhada para atendimento individual.

A entrevista ocorreu em uma sala de atendimento do bloco D do Instituto de Psicologia da USP, o CEIP e teve duração de 40 minutos. Transcorreu normalmente, sem interrupções.

4.1.5.2 Síntese do relato

Carol inicia seu relato, em referência ao processo de Orientação, sinalizando-o como uma experiência positiva. Em seguida, conta sua trajetória em torno do vestibular. Passa então a explorar a história de sua relação com a música, aspectos ligados à escolha de carreira e o processo de OP e finaliza, explorando como organizou sua vida atualmente e perspectivas futuras. A fim de facilitar a compreensão, as informações serão apresentadas de maneira cronológica e os detalhes serão expostos em seguida, na exploração dos temas.

Em 2011, com 15 anos e cursando o 1ª série do Ensino Médio em escola pública, Carol inicia um curso de música, próximo à sua casa. A entrevistada se interessou bastante e rapidamente se desenvolveu, em seus estudos. Após seis meses, foi aprovada para ingressar em um curso na Escola de Música do Estado de São Paulo (EMESP), o qual ocorreria no CEU próximo à sua residência e na banda sinfônica, projeto desse curso, que ensaiava na sede da EMESP, no bairro da Luz.

Na banda, permaneceu por aproximadamente 1 ano e meio a 2 anos. Em 2012, cursou a 2ª série do EM como aluna bolsista em colégio particular e também foi aprovada no

processo seletivo para ingressar no curso profissionalizante da EMESP. Lá, teve contato com outros professores, os quais trouxeram uma visão mais técnica e exigente da música, para a entrevistada. Concomitantemente ao estudo de música e o Ensino Médio, Carol também trabalhou meio período. A rotina mostrou-se bastante “puxada”, de modo que, na 3ª série do EM, Carol sai do trabalho e fica apenas com a escola e o estudo de música.

Ao final do EM, Carol presta vestibular para a carreira de História, pois gostava de Humanidades e das aulas de História. Teve um bom desempenho no ENEM, porém, afirma que não sabia o que queria, na época. No ano seguinte ao EM, em 2014, a entrevistada cursou um preparatório para o vestibular e seguiu com o estudo em música, ao mesmo tempo. Dessa vez, concorreu a uma vaga na carreira de música, todavia, não conseguiu aprovação. Em 2015, Carol se viu desanimada em relação a seus projetos e chegou a pensar que não mais tentaria uma vaga no ensino superior.

É nesse ano que procura, a partir de indicação de sua tia, por Orientação Profissional na USP. Ao final do ano, presta novamente para a carreira de música, mais uma vez sem sucesso. Em 2016, ano em que participa da presente pesquisa, Carol retoma o curso pré-vestibular em outra escola, trabalha meio período como operadora de *telemarketing* e segue com seus estudos em música. Estava arcando com os próprios custos e pretendia prestar novamente para Música, como 1ª opção, e Humanidades/Economia, em 2ª opção.

4.1.5.3 Análise

4.1.5.3.1 Impressão global

Desde o início do relato, Carol referencia-se ao processo de Orientação como um marco importante e positivo em seu percurso, como expresso nesta primeira fala:

E: Bom, vamos começar. Eu gostaria que você me contasse um pouco do seu percurso.

C: Antes da orientação?

E: Fique à vontade, como achar melhor.

C: Então, antes da orientação, eu ainda tinha muitas dúvidas, em casa. Eu fiquei sabendo pela minha tia, na verdade, minha tia me deu a ideia de procurar orientação vocacional. Eu fui procurar, encontrei orientação no SOP e me inscrevi. Então, eu comecei a fazer orientação com a O., se não me engano, e ela foi muito atenciosa, mesmo. Todos os encontros foram ótimos.

O percurso de sua escolha de carreira, que passa pelo processo de OP, ocupa o centro do relato. Para uma melhor compreensão, a análise será feita em dois temas distintos: o

percurso da escolha e o processo de orientação. Contudo, a análise se iniciará pelas questões relacionadas ao seu *contexto socioeconômico*, para um melhor entendimento dos dois principais temas.

4.1.5.3.2 Contexto socioeconômico

A ficha preenchida por Carol para atendimento pelo SOP apresentou apenas sua mãe como familiar e uma renda familiar mensal de R\$ 1153 reais, à época, configurando-se na classe E, de acordo com o Centro de Políticas Sociais da FGV,⁴ ou entre os pobres, conforme Quadros (2019). Sua mãe possui Ensino Médio completo e atua como operadora de *telemarketing*. É, portanto, uma situação de baixa renda e de fragilidade socioeconômica. Contudo, o relato de Carol sinaliza uma boa capacidade de circular pelos espaços sociais e aproveitar os recursos de que dispõe. Conseguiu bolsa de estudos em colégio particular e ser aprovada em processos seletivos na EMESP. Carol opta por abandonar o trabalho, quando cursava a 3ª série do EM, e diz que sua mãe havia lhe dado essa possibilidade e ela aproveitou a oportunidade:

eu saí do emprego e fiquei com o curso e com a escola, decidi terminar o Ensino Médio, . . . Porque eu não ia conseguir fazer tudo ao mesmo tempo, então, como minha mãe me deu essa opção, eu decidi por isso.

Embora sua mãe não disponha de estudos em nível superior, Carol segue firme nessa busca, após três anos de tentativas. Carol reconhece as limitações de sua condição socioeconômica e traz um senso de responsabilidade e cuidado com a mãe que a motiva a conciliar a rotina puxada com a busca por seus objetivos, segundo se vê no seguinte trecho:

Nesse momento, eu estou custeando todos os gastos. . . . eu trabalhei durante o segundo ano do Ensino Médio e depois só fui voltar esse ano. E, como agora eu tenho mais idade, não poderia deixar tudo com a minha mãe, tudo em cima de uma pessoa só, por isso resolvi fazer essa conciliação. Está sendo bem complicado. Como eu estou prestando música, . . . e música demanda um estudo técnico muito grande, tudo fica muito corrido. Por exemplo, eu precisava de umas seis horas de estudo, mas eu não tenho esse tempo.

4.1.5.3.3 O percurso da escolha

Carol se envolveu com a música ainda aos 15 anos:

⁴ Cf. <https://cps.fgv.br/qual-faixa-de-renda-familiar-das-classes> (recuperado em 5 de janeiro de 2019).

Eu sempre gostei de escutar música e quis saber como funcionava. Eu soube, então, sobre um curso de música que tinha aberto perto da minha casa e resolvi fazer. Eu não queria aprender um instrumento, ser violinista, por exemplo, eu só queria entender a música, aprender mesmo.

A entrevistada pegou gosto pelos estudos teóricos e práticos:

entrei e comecei a estudar. E curti. Curti a teoria e a prática também, passava horas estudando e . . . eu tinha bastante tempo pra isso. E isso era muito divertido.

Logo veio o reconhecimento pela sua dedicação, ao ser aprovada no processo seletivo para ingressar na banda sinfônica da EMESP. A participante não menciona, no relato, mas se trata de um processo exigente, pois os aprovados ganham bolsa de estudos para compor a banda. Como parte da banda, Carol se encanta ainda mais, uma vez que se somam à música processos de socialização, os quais, segundo Eriksson (1976), são intensos e centrais para a formação identitária do adolescente:

Nossa, eu adorava tocar naquela banda, eu ia pra lá todo final de semana, pra tocar, e eu adorava mesmo. . . . eu gostava, porque era uma banda só de alunos, de todos os lugares da cidade e todos os instrumentos. . . . tínhamos a mesma idade . . . acabamos ficando amigos e foi bem legal por isso também.

No ano seguinte, com 16 anos, Carol é aprovada no processo seletivo para o curso profissionalizante da EMESP. Lá conhece novo professor, que lhe traz outra visão para a música, mais técnica e exigente.

Aqui não era mais que eu soubesse tocar, mas que eu soubesse tocar bem, muito bem, o melhor possível, o que nunca fica...

É nesse ano também que Carol consegue uma bolsa de estudos para seguir no Ensino Médio, em colégio particular, além de começar a trabalhar meio período. Tanto o colégio quanto os estudos de música ficaram mais exigentes, e a entrevistada encontra dificuldades em conciliar com o trabalho:

esse foi um processo inicialmente tranquilo e que depois foi ficando mais conturbado.

No final do ano, com anuência de sua mãe, decide sair do trabalho e da banda sinfônica, e leva o último ano do Ensino Médio concomitante ao curso profissionalizante na EMESP.

Ao final do Ensino Básico, apesar desse intenso envolvimento com a música nos últimos três anos, Carol presta vestibular para a carreira de História, pois era uma matéria em que ela tinha bastante interesse, ao longo do Ensino Médio. Segundo ela, fez o vestibular “totalmente sem compromisso” e complementa: “Sem nenhum objetivo claro, eu prestei por prestar e não passei.” Mais adiante, diz que obteve seu melhor resultado no ENEM, nesse ano, mas lamenta: “Infelizmente eu não sabia o que eu queria [risos].”

No ano seguinte, fez curso pré-vestibular concomitante aos estudos do curso profissionalizante na EMESP e se inscreveu no vestibular para Música, como 1ª opção, e Letras, em segunda opção:

E prestei, e dessa vez com mais seriedade, fui muito melhor na FUVEST depois de ter feito esse cursinho, mas ainda assim não passei.

Carol não obteve sucesso nessa segunda tentativa e chegou a pensar em não mais tentar ingressar na universidade:

No ano seguinte, que foi no ano passado, eu não fiz cursinho e pensei que não queria mais prestar... [risos].

Foi nesse ano que, por indicação de sua tia, participa do processo de Orientação Profissional pelo SOP-USP.

Nessa sequência, observa-se como o envolvimento de Carol com a música começa de maneira lúdica e descompromissada, Carol estava apenas indo atrás de seu interesse e curiosidade. Aos poucos, a música vai ocupando maior centralidade na sua vida: percebe o gosto pelo estudo técnico e teórico, identifica-se com os aspectos positivos e negativos que os estudos e práticas exigem, como se pode ver no trecho a seguir:

Bom, o estudo de música, ao mesmo tempo que é um processo divertido, é doloroso também, porque é preciso ficar repetindo um exercício técnico, pra que, quando estiver tocando, se apresentando, onde for, você possa fazer aquilo com facilidade. Então, eu gostava da técnica, porque, de certa forma, sou paciente, então, eu tinha paciência pra desenvolver a técnica e tinha tempo também, então acabei me desenvolvendo bem.

Carol recebe retorno positivo de sua dedicação, com a aprovação nos concursos. Na banda, a partir da música, ganha vivência social em idade marcante para a construção da identidade social. Contudo, a entrevistada não escolhe música como carreira ao final do EM, talvez por ver, à época, a música como um interesse pessoal, mas não como possibilidade profissional (o que de fato ficará mais evidente na análise do próximo tema). Haja vista os comentários de que “não sabia o que queria”, “sem compromisso” e “sem objetivo”, no tempo em que prestou História, referindo-se a ter definido com maior clareza o que gostaria de fazer apenas depois.

Ao escolher a carreira de Música, no final do 1º ano de cursinho, Carol atribui maior “compromisso” a essa trajetória, contudo, não está plenamente apropriada dessa escolha. Pode-se assumir, na esteira de Bohoslavsky (2003b/1977), que Carol não havia integrado suas identificações, a fim de alcançar a identidade ocupacional. Enfatiza o autor:

Todo conflito em relação à escolha de uma maneira de ser através de algo que fazer (de uma ocupação), expressa uma não integração de identidades diversas. Todas as dúvidas do jovem a respeito de “quem quer ser” obedecem a identificações que ainda não se integraram. (p. 42)

Dessa forma, ao não ser aprovada em Música, coloca em questão não só essa carreira como a ideia de tentar ingressar no Ensino Superior.

Nesse momento, a entrevistada busca por orientação. Segue-se a análise desse tema, procurando entender como Carol narra a experiência do processo e a influência desse, em sua trajetória.

4.1.5.3.4 O processo de orientação

Como exposto acima, desde a primeira menção ao processo de OP, há uma valorização positiva da experiência e a sinalização de que um bom vínculo fora estabelecido: “ela foi muito atenciosa, mesmo. Todos os encontros foram ótimos”. Segundo Kazdin (2009), a aliança terapêutica é frequentemente apontada como um dos principais elementos responsáveis pelos efeitos de uma psicoterapia e, quanto mais forte a aliança, maiores as chances de mudanças terapêuticas.

Carol apresenta a experiência do processo de Orientação como um ponto de virada em sua trajetória. A entrevistada estava desanimada em relação aos seus planos, após não ter

conseguido ingressar na faculdade, em sua segunda tentativa; havia optado por não fazer curso pré-vestibular e pensava em não mais tentar: “eu não fiz cursinho e pensei que não queria mais prestar.” Em seguida, ressalta que a experiência na orientação permitiu que retomasse seus estudos e a vontade de tentar novamente:

Então eu procurei a orientação e ela me deixou mais focada, sabe? Depois da orientação toda, eu fiquei com vontade de novo de prestar. Foi quando eu passei na primeira fase da UNESP. Eu prestei Música.

Embora não tenha conseguido ingressar novamente no curso que queria, Carol consegue passar na primeira fase da UNESP, sem o auxílio de curso pré-vestibular, levando-a a se reanimar com seu projeto. No ano seguinte, decide fazer cursinho novamente, em sua quarta tentativa de ingressar na universidade e na terceira, em um curso de Música.

Em seu relato, Carol expressa que, além de a Orientação ajudar a se manter mais focada nos estudos, também auxiliou a ter mais energia para buscar o que quer. Diz, em outro momento: “esse ano estou fazendo tudo o que posso”, em referência ao ano em que participou da entrevista, pois estava fazendo curso pré-vestibular, trabalhando e estudando música, 11 meses após o processo de OP. O trabalho possibilita custear os próprios gastos, o que considera importante: “como agora eu tenho mais idade, não poderia deixar tudo com minha mãe, tudo em cima de uma pessoa só.” A entrevistada se mostrou motivada para lidar com todos os compromissos, embora ciente da limitação de tempo que havia: “esse ano está assim, estou tentando conciliar tudo e vou prestar de novo.” Mais adiante, afirma: “Porque eu precisava de independência, voltei a trabalhar e disse: *“Vou conseguir fazer tudo.”*”

Destaca-se a visão positiva sobre sua capacidade de ação e a confiança de que dará conta do que se propôs.

Ao se perguntar por que Carol buscou OP naquele momento, ela responde: “queria ajuda nesse processo de escolha. Pra saber se eu estava escolhendo certo. Esse era meu principal medo, escolher certo. Foi o principal motivo.” Ou seja, Carol estava insegura de que estava em um bom caminho e queria colocar sua escolha à prova. De fato, essa era uma hipótese formulada pelo orientador que a recepcionou na triagem do SOP. Consta no relatório, em seu prontuário:

Carol parece que está bem encaminhada na sua decisão. Todas as ações que apresenta estão em relação com aquilo que gosta e estuda. Parece querer ter maior certeza que sua decisão não vai ser contraditória com as possibilidades do mercado de trabalho. Possivelmente

está procurando ter menos medo da incerteza que produz uma profissão que parece não ter muita saída no mercado.

Embora o Orientador e Carol falem de medos e incertezas, cada um o identifica de maneira diferente. No relato de Carol, durante a entrevista, não se evidenciou insegurança quanto às questões socioeconômicas ou financeiras em torno da carreira de música, porém, em relação às dificuldades para ser aprovada no vestibular. Carol conta que a sua insegurança a respeito da escolha foi combatida, a partir da ampliação do conhecimento dos próprios interesses (autoconhecimento) e a possibilidade de olhar para outras opções de carreira além da música, como se nota no trecho a seguir:

A gente fez aquela dinâmica em que ela pega basicamente todas as profissões possíveis, em papezinhos, e eu organizo por família. Então, vou escolhendo as que eu gostaria de convidar pra uma festa, algo assim. É que, quando eu entrei no processo, eu já estava mais assim pra Música. Eu tinha prestado História no meu primeiro ano, porque eu gostava muito da matéria, e ainda gosto, embora História no cursinho não seja nem de longe o que foi História no Ensino Médio, que era dez vezes mais legal [no Ensino Médio], porque tem mais tempo e tal. Então eu decidi prestar Música, porque, de todos os últimos quatro, cinco anos, ela sempre foi *a cereja do bolo*, pra mim. Porém, *é muito difícil*, então eu comecei a pensar em outras carreiras onde eu também seria feliz. E eu entrei com essa dúvida aqui, além de estar desiludida com o vestibular que eu não passei. Então, por isso a gente fez essa dinâmica, pra tentar abrir mais o leque de opções, abrir mais a visão. Quando eu estava fazendo essa dinâmica, eu não escolhi Música, eu escolhi várias carreiras, mas não Música. Eu me lembro que ela até falou pra mim que, mesmo já inscrita no vestibular, porque já era outubro, setembro, e tendo escolhido Música, eu não escolhi Música no teste, mas escolhi várias carreiras na área de Humanas. E então ela me disse: “Olha só, você está prestando vestibular pra Música e não escolheu Música aqui.” E eu percebi que tinha uma contradição. Essas dúvidas ainda voltam pra mim, às vezes, porque elas não têm uma solução única, é ir vivendo e vendo. Então, não ficou decidido que seria Música, no processo, mas ficou aberto um leque de possibilidades e a Música seria uma das que eu tentaria, mas seria possível tentar as outras possibilidades também. Tinha saído Biblioteconomia, História, Ciências Sociais, Economia, enfim.

Percebe-se ainda que, ao mesmo tempo que Carol “ganhou” mais opções após o processo de orientação, ela também fortaleceu sua opção por Música. Música passou a ser reconhecida como *a cereja do bolo* (estado-meta) e Carol pode se apropriar da importância que o projeto de batalhar por uma vaga no ensino superior em Música tem para ela. Considerar uma carreira *muito difícil*, avaliar outras possibilidades enquanto ganhava maior consciência do seu universo de interesses a fez se tranquilizar, frente ao desafio de tentar música. O trecho a seguir reforça essa leitura:

Eu acho que a Orientação não me disse o que eu devo fazer da minha vida, o que eu devo seguir, mas ela abriu mais possibilidades. Me lembro bem de uma dinâmica que nós fizemos com algumas figuras de várias carreiras, que eu tinha escolhido ao longo do processo, e todas

as carreiras conversavam umas com as outras, elas tinham uma área em comum. Sempre que eu penso em seguir outra carreira, eu me lembro da Orientação, eu lembro que tinha dado essas carreiras. Aí eu penso: “Ah eu vou roubar!” Só que não. Porque ia dar muita dor de cabeça, ia dar muito trabalho mudar.

Assim, “roubar” parece que seria tomar um atalho, escolher outra carreira também de seu interesse e mais fácil de entrar, porém, seguiria com “muita dor de cabeça”, ou frustrada por abandonar o seu “plano A”. Nesse trecho, verifica-se ainda a importância atribuída por Carol a melhor conhecer seu campo de interesse: ao visualizar a constelação de interesses que compõem sua identidade, ela pôde perceber que seus interesses conversam e convergem, tranquilizando-a e fortalecendo sua escolha. Pode-se supor que houve a integração de suas identificações e elaboração de uma identidade ocupacional (Bohoslavsky 1977/2003b):

[a Orientação] Ajudou a abrir e talvez a definir melhor os porquês. Como, por que eu escolhi isso ou aquilo. Não sei . . . acho que é porque tinha a ver comigo todas aquelas carreiras que eu tinha escolhido no final, e eu comecei a compreender melhor o processo de por que eu escolho isso, se isso tem a ver em tais pontos. Comecei a observar as pessoas, por exemplo, as pessoas que fazem um tal curso, e eu comecei a observar como elas eram e me perguntando se eu me encaixava.

Quando perguntado a Carol, de maneira direta, sobre se a experiência da Orientação foi favorável ao percurso dela, há uma percepção de que teve maior impacto nos aspectos pessoais e menos nas questões profissionais:

Ah, acho que acrescentou bastante no desenvolvimento pessoal. No profissional, eu já não sei... talvez mais ou menos, por um lado, sim, e por outro lado, não, porque eu não tenho uma carreira profissional construída. Talvez por isso. Mas acho que me ajudou, sim, a ver melhor como eu posso dar início pra esse desenvolvimento profissional.

Mais adiante, segundo Carol, ela pensa que tiraria mais proveito da Orientação Profissional, se a fizesse novamente:

Eu acho que eu aproveitei, mas da forma que eu estava naquele momento. Se fosse hoje, eu tenho certeza que aproveitaria mais. . . . como eu tenho um projeto desenvolvido, que foi o resultado do processo, eu acho que, do ano passado pra cá, eu mudei muito, e hoje eu me sinto muito mais adequada pra ter uma orientação, porque eu já estou mais encaminhada do que no ano passado, quando eu ainda não tinha esse encaminhamento mais bem definido. Por isso, eu acho que eu desenvolveria mais ainda.

. . . .
Acho que no primeiro ano de faculdade seria proveitoso. Acho que agora é mais tentar entrar mesmo, em algum dos meus planos, A, B ou C [risos].

Percebe-se, por esses dois trechos, que Carol carrega uma leitura do processo como promotor de mudanças significativas e de aproximá-la de algo que valoriza. Mas há, também, o sentimento de que poderia ter sido mais proveitoso. No primeiro trecho, Carol exprime uma visão sobre carreira que não inclui seu percurso pré-universidade. Após a pergunta ser refeita, trazendo a compreensão de um conceito ampliado de carreira que incluía também o percurso educacional entre outros aspectos, Carol afirma que a Orientação pôde favorecê-la não apenas no âmbito pessoal. Todavia, ainda assim, no segundo trecho exposto acima, Carol reforça o entendimento de que tiraria maior proveito da orientação se já estivesse dentro da universidade.

Uma reflexão possível a respeito dessas colocações é o questionamento sobre o quanto o objetivo da Orientação Profissional na Estratégia Clínica foi compartilhado e acordado de maneira clara com a orientanda. O sentimento ambíguo de Carol, que traz certa frustração sobre a OP, pode estar relacionado ao fato de ela carregar uma expectativa diferente do resultado que encontrou. Carol reconhece que foi uma experiência significativa e transformadora; observa-se também que o relato de Carol sobre o processo e as reflexões decorrentes estão condizentes com a proposta da OP clínica, contudo, Carol não sai com a compreensão de que a Orientação atendeu às expectativas.

Ao final da entrevista, ainda, Carol evidencia certa insegurança quanto ao processo de Orientação, ao perguntar expressamente ao entrevistador sobre como este avalia, a partir de uma visão externa, o quanto foi proveitoso a orientação para ela:

o que você achou do meu processo, com uma visão externa, de tudo o que eu te falei e tal...

Cabe, no entanto, relacionar que, da mesma forma que Carol buscou a OP para colocar à prova sua escolha - ou seja, procurou, por meio de um olhar externo, uma validação ou avaliação da qualidade de sua escolha - ela o faz em relação à sua experiência do processo de OP com o entrevistador. Trata-se de um recurso egoico que procura, saudavelmente, na interlocução com terceiros, lidar com suas questões e inseguranças.

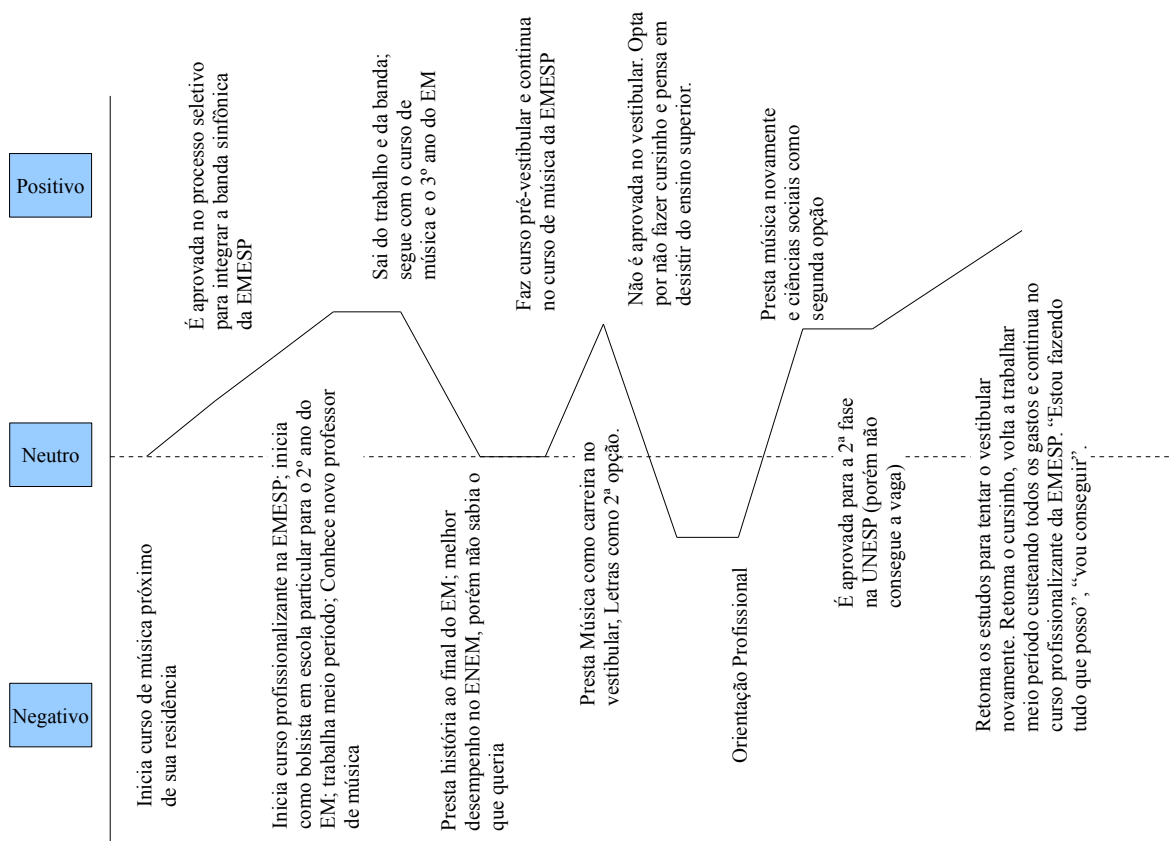
4.1.5.4 Gráfico da narrativa de Carol:

O estado-meta desenhado por Carol é o ingresso na carreira de Música em uma universidade pública. Trata-se da *cereja do bolo*, como ela mesma descreve. A vivência do

processo de OP se mostrou facilitadora não somente para que esse estado-meta fosse mais claramente estabelecido, assim como para que Carol dele se aproximasse.

A partir desse estado-meta, é possível entender a valência dos demais momentos narrados: o entusiasmo com que conta sua aproximação com a música e a importância que esta ganhou em sua vida, a fase em que se sentia perdida ou sem rumo, quando se afastou da busca pela carreira de música, e a retomada da esperança e motivação ao retomar os estudos no cursinho, trabalhando para se sustentar e seguindo nos estudos musicais.

Figura 5 - Gráfico da narrativa de Carol



Fonte: Elaborada pelo autor

4.1.5.5 Observações finais sobre o relato de Carol

Pode-se dizer que processo de Orientação favoreceu: a. a consolidação do estado-meta, ou seja, facilitou que Carol reconhecesse a importância da música em sua trajetória,

bem como da busca por essa carreira; b. a ampliação da motivação de Carol pela busca do estado-meta; c. a ampliação de sua capacidade de ação (para conciliar trabalho, estudo pré-vestibular e curso de Música).

Ao explorar os diversos interesses durante o processo de OP, Carol pode sair do lugar de exclusividade de interesse na música, de um certo encantamento com a carreira, para algo mais maduro e ampliado, que é se ver na relação com a música e com todos os demais interesses. A música evidenciou-se com uma importância maior (afinal, seria “roubar” escolher outro caminho), mas passou a ser reconhecida associada à constelação de interesses e experiências que compõem a identidade dela. Pode-se sustentar, a partir de Bohoslavsky (2003b), que Carol pode integrar suas identificações e chegar a uma escolha autônoma. Como se supõe em um processo pela abordagem clínica, o trabalho não ficou focado numa carreira x ou y, mas na orientanda, o que possibilitou a Carol ampliar o olhar sobre si e reconhecer seus diversos interesses e até mesmo a dúvida, de maneira positiva.

4.1.6 Carlos

Carlos 23 anos, solteiro, Ensino Médio completo, graduando em Geologia e estudante de pré-vestibular. Mais novo de 4 irmãos, mora com os pais. Participou do processo de Orientação Profissional, de outubro a dezembro de 2015, com retornos em janeiro e março de 2016, pelo NOP. Foi entrevistado em setembro de 2016.

4.1.6.1 Introdução

Carlos centra seu relato em torno do percurso de sua reescolha de carreira. Para tanto, explora os vários motivos que o levaram a decidir por não seguir a carreira de geólogo, as transformações, reflexões e descobertas sobre si e seus projetos. A experiência do processo de Orientação atravessa todo o relato, tendo o Orientador como referência principal de interlocução.

Seu relatório de atendimento e seu relato mencionam que a primeira entrevista foi realizada no consultório particular do Orientador, quando se verificou que se tratava de aluno USP e que teria a possibilidade do atendimento gratuito, pelo mesmo orientador, através do NOP. As sessões seguintes e os retornos aconteceram no CEIP.

A entrevista ocorreu nas salas de atendimentos do CEIP da USP, com duração de 58 minutos e sem interrupções.

4.1.6.2 Síntese do relato

Carlos percorreu toda sua escolarização básica em escola particular, “uma das 5 melhores de SP”, conta. Entrou em Geologia ainda com 17 anos e o vestibular “não foi um grande sacrifício”. Avalia, hoje, que escolheu a carreira com base em informações rasas, a partir de conversas com professores de Geografia e influenciado pelas perspectivas promissoras de mercado, na época. Na faculdade, esta sim vivida como um grande desafio, entra em contato com uma grande pluralidade de pessoas e visões de mundo, além de palestras e eventos que impactam significativamente em sua vida. No segundo semestre do curso, ele se assume homossexual para seus colegas e sofre homofobia por parte de alguns, com “indiretas, olhares e coisas escritas”, levando-o a quase largar o curso. Desde esse tempo, passou a participar mais dos movimentos LGBT e, em 2014, funda o coletivo LGBT da Geociências. “Esse movimento começou a desencadear outros coletivos em outros Estados

além de São Paulo, e foi uma coisa que começou a me empolgar muito. E eu comecei a contrapor algumas coisas”, relata Carlos.

Carlos segue seu relato, ilustrando os vários aspectos que passaram a deixá-lo desconfortável com o curso escolhido, chegando ao ponto de não ter vontade de sair de casa e se ver chorando constantemente.

Em outubro de 2015, busca por Orientação Profissional. Já estava certo de que não seguiria com a carreira em Geologia, mas não identificava os porquês e as possibilidades a partir disso. Ainda durante o processo, busca por informações e experiência em outras áreas e define, em março de 2016, fazer outra Graduação em Medicina Veterinária, após finalizar Geologia. Quando concedeu a entrevista, Carlos estava finalizando o TCC em Geologia e frequentando curso pré-vestibular, preparando-se para o vestibular em Veterinária.

4.1.6.3 Análise

4.1.6.3.1 Impressão global

Carlos começa seu relato, frisando que não é mais o mesmo de quando entrou em Geologia. Grande parte de seu relato centra-se nas transformações vividas, e o quanto isso impactou na forma de ver seu curso, suas escolhas e seus projetos. Sob essa perspectiva, Carlos elenca os vários motivos que o levaram a decidir por não seguir com a carreira de Geologia, bem como a construção da escolha por Medicina Veterinária. Para fins da análise, todo esse processo será organizado sob o tema *transformações*.

O *processo de OP* atravessa todo o relato de Carlos, com diversas referências ao Orientador e aos diálogos que ocorreram nas sessões. Embora o processo de OP esteja intimamente ligado ao tema *transformações*, e as referências àquele se intercalem com as reflexões e informações em torno deste, serão reunidas em um segundo tema as referências diretas ao processo.

4.1.6.3.2 Transformações

Como mencionado acima, Carlos diz, logo no início do relato:

a pessoa que entrou aqui na USP em Geologia com 17 anos não é mais a mesma pessoa que estava falando ano passado, em 2015, ou a mesma pessoa que está falando com você hoje, agora.

Carlos tece seu relato, a partir do ponto de vista de um sujeito que percorreu intensas transformações subjetivas, no passado recente. O entrevistado explicita:

Foram, na verdade, transformações muito mais profundas do que só falar “Não quero fazer isso da minha vida profissionalmente”.

Dessa forma, ele segue relatando os motivos pelos quais hoje entende não ser mais condizente com ele a carreira de Geologia, num exercício de narrar o percurso de sua reescolha, passando pela conscientização das motivações que o fizeram escolher Geologia, pelas experiências que o transformaram, pelo autoconhecimento dos atuais valores e motivações e construção de projetos e perspectivas.

Um ponto crítico em sua narrativa está na assunção, para seus colegas universitários, de sua sexualidade e empoderamento a respeito de sua condição social que se deu ao longo de suas experiências universitárias, como se pode perceber neste trecho:

Quando entrei aqui, eu tinha muita vergonha de me assumir como homem *gay* e fui me empoderando com isso, porque a USP é um lugar que, se você se abre, ela te faz tomar consciência de certas coisas, dos seus direitos, e você começa a parar para pensar. Eu comecei muito a botar em conflito o que eu quero para a minha vida pessoal e o que a minha carreira ia influenciar nisso.

É com as transformações alavancadas pela questão da sexualidade, da experiência em movimentos sociais, conscientização e empoderamento, que Carlos passa a identificar o conflito entre a carreira escolhida e a vida pessoal.

Se o que o atraiu para a Geologia foram salários altos e rotina de viagens, hoje enxerga que o trabalho em cidades pequenas e afastadas limitam sua liberdade de ir e vir como homossexual, colocando em risco sua integridade física. Os trechos a seguir, onde Carlos relata experiências de campo que seus colegas de curso compartilharam com ele, ilustram:

A cidade para a qual elas foram encaminhadas, que era no interior de sei lá onde . . . ela ficou um ano só, se demitiu, porque ela tinha medo. . . . depois de certo horário, ela ficava trancada, porque era tão precária a situação, tão pobre, que depois de certo horário só tinha prostituta na rua, e ela não podia sair de regata na rua, porque os carros encostavam e perguntavam quanto era o programa.

. . . .

Dois homens cis hétero conversando, daí rolou o assunto de sexo. Acho que o cara perguntou como é que o mateiro lidava com isso, e a resposta do cara foi: “Ah, tá vendo aquela cabra? A gente traça ela”. Tudo pra mim foi muito chocante,

Carlos então conclui:

falei eu não vou pra essas cidades; eu não vou pra esses lugares; eu não vou ficar trancado que nem minha amiga falou; eu não vou ficar trancado em casa, com medo de ser agredido, porque, se você for, não vai sair na televisão. Ninguém vai fazer nada, se você for agredido em uma cidade assim.

...
Eu não gosto muito dessa muvuca que é São Paulo, . . . mas, por mais que seja violento aqui, eu me sinto extremamente seguro nesse aspecto, que *começou a virar uma das prioridades pra mim*. A minha carreira não pode sobrepor isso. Ela não pode sufocar quem eu sou enquanto pessoa, entendeu? Ela não pode me fazer ter medo de sair de casa, porque eu tenho que morar em tal lugar, porque aquele lugar é a fonte do meu capital. Aí eu comecei a discordar de certas coisas.

Destaca-se, no trecho acima, a mudança de prioridades que Carlos identifica, e como isso faz com que ele reavalie as perspectivas de trabalho em Geologia, além dos prós e contras de viver em São Paulo. A segurança e garantia de condições para que pudesse exercer seus direitos como cidadão após assumir-se homossexual passou a ser uma prioridade.

Contudo, os pontos levantados não se restringem à esfera da sexualidade. Carlos também menciona o desapego da questão material e a busca por satisfação:

muito diferentemente do meu pai - que foi abordado também na orientação profissional - que buscava o material, eu não me importo. Meu pai é realizado, porque mora em um apartamento de 3.400m² e tem cinco vagas na garagem. . . . Eu fico no meu quarto, aquele espaço está ótimo, eu podia ter uma casa inteira ali e ia estar bom. Uma cama, um fogão, um chuveiro em cima do vaso, tá ótimo. . . . Disso eu fui adquirindo consciência com o tempo. Quando eu entrei, com 17 anos, eu falava que queria viajar, queria campo, porque eu via que ofereciam empregos de R\$ 7000,00 pra ficar um mês na Amazônia. Só que hoje eu sei o que é um mês na Amazônia, e eu não vou ficar. Acho que eu não consigo ficar nem cinco dias, entendeu?

E a vontade de ter um negócio próprio:

Eu gostaria muito de ter um negócio próprio, um dia, e também não consigo ver muito essa possibilidade dentro da Geo. Eu consigo ver essa possibilidade muito mais palpável em outras coisas, dentro do que eu gostaria de fazer.

Outros pontos foram levantados, de modo que cabe uma breve menção a eles: a preocupação com grandes períodos em campo, na perspectiva de adotar uma criança e poder estar próximo; desinteresse pela prática, quando a experienciou nos estágios, nos anos finais

da Graduação; oportunidades de trabalho reduzidas hoje, em comparação com quando escolheu o curso.

4.1.6.3.2 Orientação Profissional – (re)construção de sentidos

Como explicitado acima, as menções ao processo de Orientação Profissional no relato de Carlos são diversas e permeiam toda a entrevista. Logo na terceira frase, ele diz:

Eu já venho há muito tempo contrariando algumas coisas. Tanto que cheguei para o O. [nome do Orientador que o atendeu] e disse: “Nada está fazendo sentido”, foi a minha primeira frase. Eu não sabia mais o que é que eu acreditava, entendeu? Foram, na verdade, transformações muito mais profundas do que só falar “Não quero fazer isso da minha vida profissionalmente.”

Se a entrada na universidade representou o grande desafio para Carlos e a assunção pública de sua homossexualidade, naquele meio, um ponto crítico a partir do qual as transformações vividas se direcionam para uma tensão cada vez maior entre a identidade pessoal e as perspectivas profissionais na carreira de Geologia, a Orientação Profissional representa o eixo de virada da narrativa de Carlos. Pela vivência do processo de OP, Carlos encontra meios para a compreensão e resolução do conflito que vivia, bem como para a construção de novos projetos coesos com seu “novo eu”. O “nada está fazendo sentido” ilustra o grau de desorganização e grito por socorro de Carlos, ao procurar Orientação; deixa claro que se encontrava em um importante momento de crise, diante das “transformações muito mais profundas” que vivenciou, durante a Graduação. Entende-se por crise uma ruptura do equilíbrio até então estabelecido pelo sujeito (Hegenberg, 2004) ou ainda a impossibilidade do sujeito de se autoperceber como era (perturbação do existir) (Moffatt, 1991).

Nesse trecho, ainda, assim como no resto do relato, Carlos se refere ao Orientador pelo nome, destacando-o como uma importante figura de referência nesse processo.

Abaixo, destacam-se alguns trechos onde os diálogos com o orientador ou o processo de orientação são mencionados, a fim de ilustrar o processo de (re)construção de sentido dos motivos pelos quais Carlos decide abandonar o curso de Geologia e a construção de um novo projeto, que surgiram a partir da pergunta disparadora do 1º tema da entrevista (percurso de vida no trabalho):

Aspectos de identificação e diferenciação com o grupo familiar:

[ao falar do quanto a realidade do interior brasileiro relatada pelos colegas que vivenciaram campo o deixou em choque] eu vim daquela família ovinho, sabe, em que todo mundo tem a mesma profissão-padrão. Meu pai se formou em advocacia, porque... nisso o O. me ajudou muito, nessa reflexão. Meu pai se formou em advocacia, que na época dele todo mundo fazia. Depois, meu irmão se formou médico, que todo mundo faz. Aí minha outra irmã foi fazer Odontologia. Meus irmãos já têm quarenta anos, né, então, na época, todo mundo prestava Odontologia também, tudo padrãozinho. Eu fugi um pouco dessa linha.

... ..
e o O. também me ajudou muito nesse sentido de que o que eu peguei muito do meu pai e da minha família como um todo é a questão do empreendedorismo. Meu pai é dono, meu tio é dono, meu avô foi dono, meus tios irmãos do meu pai são donos, meus tios irmãos da minha mãe são donos . . . eu gostaria muito de ter um negócio próprio um dia também e não consigo ver muito essa possibilidade dentro da Geo.

Conscientização da diferença de valores entre Carlos e seu pai:

muito diferentemente do meu pai, que foi abordado também na OP, que o meu pai buscava o material, eu não me importo.

Conscientização sobre o contexto histórico da primeira escolha:

E aí, também o O. me ajudou muito no sentido de refletir o período histórico da época. Em 2008, a mineração estava bombando, descoberta do pré-sal... todos os sites na época, Guia do Estudante e blá blá blá falando que era uma área promissora, que ganhava bem, todo mundo tinha emprego. Agora, transporta para 2016, tá uma desgraça.

Perfil pessoal:

Eu acho que a Engenharia começou a perder muito o sentido pra mim, porque, enquanto ciência, a Geologia eu achei muito rasa, muito inferidas algumas coisas, muito... Eu sei que a ciência é assim, método científico, você formula hipótese e tenta provar, mas eu fiquei muito frustrado, porque tem muitas coisas que são completamente largadas. Eu ficava sem resposta, . . . saía da aula do mesmo jeito que cheguei, sem saber. Nisso, o O. ajudou [a perceber que] eu sou extremamente prático.

... ..
E eu gosto de estudar, foi isso o que eu vi com o O. também. . . . Ao passo que eu também não quero área acadêmica. Eu não me vejo dentro da área acadêmica em si, porque – o O. mesmo usou a palavra – não é o meu tesão ficar lendo vários artigos, juntando aquela informação para produzir o meu, uma coisa teórica. Eu queria uma coisa aplicada mesmo

... ..
Eu tenho um tio que é veterinário, então, acho que eu sempre tive contato um pouco com essa parte da área, já vi algumas cirurgias, tipo castração de cachorra fêmea. Já acompanhei e sempre gostei, e aí o O. me ajudou a levantar alguns pontos sobre mim.

Construção do novo projeto:

Uma coisa que ajudou muito na orientação profissional foi assim... Eu confesso que cheguei com umas ideias pré-definidas aqui, mas sempre fui uma pessoa que gosta de conversar muito e trocar experiências, sabe? Então, eu usei a OP também como um recurso disso, de ver com um profissional se eu não estou viajando, se tinha outras opções.

....
fiz um curso de um mês, bem rapidinho, que era pra ser Auxiliar de Médico Veterinário. Eu achei pertinho de casa esse curso, era uma empresa legal, o foco era mais banho e tosa, porque era um mercado que realmente cresceu bastante, e eu pensei: “Olha, que legal!”. O O. realmente me incentivou a buscar experiências novas pra diversificar. Então, eu fui no zoológico pra conversar um pouco, tentei ver trabalho voluntário lá, mas não tinha vaga, estava cheio. . . . Mas fui me lançar, falei: “Vou fazer isso, vou fazer aquilo”.

....
Foi o que o O. me falou, a hora de mudar é agora, se quiser, dá tempo. Isso me confortou, porque eu estava me sentindo meio assim, mas ele falou: “Não, dá, dá, dá tempo, se você quiser mudar, a hora de mudar é agora.”

....
[Em relação à perspectiva de uma nova Graduação e de morar mais cinco anos com o pai homofóbico] Só que foi o aquilo que o O. me fez refletir: “Você aguenta?”. . . . E eu ainda falei pra ele que eu tive uma ótima tutora, que foi a minha mãe. Eu sei lidar muito bem com o meu pai, as explosões e tal, a homofobia, porque a minha mãe me ensinou muito bem a como lidar com ele. . . . Então, o O. falou uma frase muito boa que eu guardei com muito carinho, ele falou “É um jogo lá dentro, só que você sabe jogar.”

Como se pode ver, as referências diretas ao processo de OP, trazidas ainda no 1º tema da entrevista, percorrem importantes questões para a construção da reescolha: a compreensão de que Carlos buscou se diferenciar do grupo familiar, ao escolher uma carreira não tradicional, ao mesmo tempo que passa a reconhecer a identificação com o grupo, por não se sentir confortável com os relatos das experiências dos colegas, em lugares mais remotos do país; o reconhecimento da cultura empreendedora na família e de seus próprios traços de personalidade e interesses alinhados com essa cultura; a contraposição aos valores de seu pai em relação à busca por bens materiais; a análise sobre o contexto histórico de sua primeira escolha, de suas motivações e o que mudou de lá para o presente; o reconhecimento de seu interesse por um campo prático e aplicado, na área da saúde. Carlos ressalta ainda a importância da interlocução com o Orientador para explorar possibilidades dentro das questões levantadas, bem como amadurecer e fortalecer seu novo projeto, seja pelo apoio (ao dizer que ainda era possível mudar), seja pelos questionamentos do orientador.

Todas essas colocações foram feitas ainda no 1º tema da entrevista – sobre a trajetória de vida no trabalho –, que durou aproximadamente 40 minutos. Pode-se refletir que a experiência da OP está bastante entrelaçada com o modo como Carlos relata sua trajetória de vida no trabalho. A experiência do processo estava, de fato, bastante fresca. Contudo, é possível considerar que o processo de Orientação, ao possibilitar um espaço de diálogo, reflexão e suporte em um importante momento de crise na vida de Carlos, cumpriu seu papel

de *holding* e *espaço potencial criativo* (Lehman, 2001, 2011; Lehman, Silva, & Uvaldo, 2006; Elizalde & Rodriguez, 2002) ou como *neocontinente narrativo* (Benghozi, 2010; Moura, 2014), operando como uma alavanca favorecedora da construção do novo eu de Carlos e saída da crise identitária em que se situava. Segundo Bohoslavsky (2003b), toda crise vocacional é também uma crise de personalidade, e a OP clínica busca, justamente, resolver os conflitos entre identificações ocupacionais conflitantes. Ao se entrar nos temas 2 e 3 da entrevista – o processo de OP e avaliação do processo de OP –, percebe-se de maneira ainda mais clara quanto mobilizador e significativo foi o processo de OP para Carlos.

4.1.6.3.4 Orientação Profissional – reflexões sobre o processo

As perguntas disparadoras sobre o processo de orientação, temas 2 e 3 da entrevista, trouxeram falas significativas, as quais são exploradas abaixo:

Entrevistador: Como você estava quando procurou o processo?

Carlos: Eu sabia o que eu não queria, mas não tinha ideia do que dava pra fazer sabe, assim, você não querer sair de casa e estar há muito tempo assim? Era uma coisa que eu já vinha sentindo, mas que vim empurrando há anos, um negócio de falta de coragem, de bater no peito e falar “Vou desistir!” Porque já tinham se passado três anos de Graduação, já tinha... é de graça mas não é, porque tem o deslocamento, tem custos e eu queria valorizar isso, esse esforço dos meus pais, e eu não tive coragem. Eu ainda fiquei insistindo muito tempo que “alguma coisa eu vou conseguir fazer, não é possível, não é possível.” Eu não sacava que, na real, eu tinha mudado, então, não dava mais, não cabia mais. O estilo de vida não era o que eu queria. Eu quero, talvez um dia, encontrar alguém, e ficar com alguém.

No trecho acima, Carlos introduz alguns elementos que ilustram como estava, quando buscou pela Orientação. Havia uma sensação de que não estava bem e, embora estivesse relativamente certo de que não gostaria de continuar na carreira de Geologia, faltava-lhe clareza sobre os motivos, a segurança para tomar essa decisão, bem como para explorar outras possibilidades e traçar projetos. O sentimento de responsabilidade diante dos investimentos financeiros dos pais e o receio em decepcioná-los também trouxe conflitos em relação à perspectiva de largar a carreira.

O processo de OP experienciado por Carlos começou em outubro e seguiu até dezembro, com encontros semanais. No prontuário de Carlos, consta relatório de atendimento de dezembro, com a indicação de que Carlos havia finalizado o processo, com o seguinte direcionamento:

trabalhar na área da saúde, com uma profissão que tivesse uma sólida base científica, cujo objeto do saber fosse mais concreto que abstrato, e que possibilitasse trabalhos nos quais ele poderia, a partir de um saber que detém, fazer intervenções em uma determinada situação para produzir um bem estar para o outro. . . . após exaustivo questionamento e pesquisa, ele selecionou Medicina Veterinária e Fisioterapia como duas opções.

As colocações presentes no relatório do Orientador são bastante condizentes com o relato de Carlos, na entrevista. Considerando ainda as diversas referências de Carlos sobre o processo e o Orientador, elas constituem indicativos de que se estabeleceu uma boa aliança de trabalho entre Orientador e Cliente, e que as compreensões de ambos sobre os resultados do processo estiveram alinhadas. Carlos trouxe, ainda, que houve outros dois encontros após o fechamento de dezembro, em fevereiro e março do ano seguinte. Ao longo desse período, Carlos, seguindo sugestões do Orientador, pesquisou e buscou experiências relacionadas às carreiras escolhidas e, após a experiência do curso de Auxiliar de Médico Veterinário, a escolha pela carreira de Medicina Veterinária ganhou mais força, na última entrevista de março. Relata Carlos:

Eu sempre gostei, não vou falar que não, eu só ignorei na real. Na época [em que escolhi a carreira por Geologia] tinham outras coisas que pareciam mais atrativas, acho que foi isso.

Ao perguntar como Carlos estava, quando terminou o processo, ele diz que se sentia mais seguro, menciona sobre o ganho de autoconhecimento e avalia como positiva sua primeira experiência em contar com um profissional da área:

De outubro para março, a minha segurança cresceu muito mais! O O. até brincava: “Eu estou fazendo o advogado do diabo”, nisso [ao responder os questionamentos dele], eu dei respostas que eu percebia: “Eu estou seguro disso!”. . . .Eu dizia: “Não, eu não vou fazer isso, porque minha cabeça não pensa mais assim!” Foi muito bom para autoconhecimento! Eu nunca tinha tido uma experiência com algum profissional assim. Tudo que eu tive que resolver aqui foi sozinho, eu nunca tinha conversado dessas coisas íntimas com um desconhecido total.

Carlos comenta, ainda, que houve oscilações e conversas com profissionais, após março, mas quando teve a oportunidade de visitar a Faculdade de Medicina Veterinária, em junho, decidiu-se completamente.

Por fim, quando perguntado a Carlos de maneira direta se ele avalia que o processo contribuiu, Carlos responde, de forma enfática, que sim, acrescentando os motivos que identifica:

Ah, com certeza! *Linkar* todos os itens de como eu penso, do que eu sou, como eu quero trabalhar, o foco é esse... A carreira não é o curso que você escolhe, a carreira é como você vai passar os próximos anos fazendo. Você pode mudar mil vezes o que você vai fazer. *Linkar* tudo isso eu só consegui fazer com ele, se não tivesse, acho que eu estaria ainda perdido nisso. E acho que isso vai ser importante para traçar um plano de carreira, aonde eu quero chegar. Eu não tinha isso. Eu sabia que eu queria mudar, eu sabia até um pouco do caminho, mas antes eu não chegava lá no final. Eu acho que a OP possibilitou me dar o começo, o meio e o fim. O fim pode mudar? Ele pode, mas existem fins. O O. me viu enxergar isso e correr atrás, a ficar motivado . . . para ir atrás deles. . . . Você saber que tem um propósito, uma finalidade, que você tem uma meta, isso . . . me tira da cama todos os dias para querer fazer alguma coisa. Eu passei anos (2013, 2014, 2015) sem nem querer sair de casa. Mal, sabe? Vinha para casa chorando e queria sair chorando. Isso não é normal! . . . Fica mais fácil, quando você enxerga alguma coisa lá na frente, fica mais fácil de você querer correr atrás. Não só de carreira. A carreira vai influenciar em todo o resto também, a rotina da carreira influencia na sua vida pessoal. Mas ele [o orientador] me fez ver também onde eu quero chegar na minha vida pessoal. Ele me mandou escrever um dia detalhado daqui há algum tempo, minuto por minuto do que eu faria. Daí eu projetei. Eu fiz dois textos. Tanto me vejo assim como assim. . . . Foi bem legal esse trabalho, você começa a ver que os dois [o pessoal e profissional], eles têm que se encaixar, têm que ter um equilíbrio, e *é isso que eu quero fazer, que o profissional não enterre o pessoal, mas que tenha equilíbrio*. Por exemplo: é um sonho meu, um dia, adotar uma criança. Eu não quero que eu perca aniversário, porque eu estou no meio do nada com pessoas que não são nada para mim. Isso não é o importante para mim.

. . . .
Ano passado . . . eu não conseguia responder . . . *eu não conseguia organizar meu pensamento*. O O. conseguiu organizar isso de um jeito na minha cabeça... e fico assustado como é que vocês fazem isso! . . . [hoje] eu consigo responder as coisas com uma facilidade, com uma segurança . . . Há um ano atrás eu não conseguia dar as respostas, *eu estava sem saber. Eu só falava assim: “Não quero mais”*, não saía mais nada. Só saía reclamação, fiquei até com dó do O.! [risos]. *Hoje eu já falo com muito mais entusiasmo do que vai vir para frente do que o que ficou para trás*. Isso é uma grande diferença que eu senti. Eu estou pensando para frente e querendo “meter a cara”. Fazia muito tempo que eu não me sentia assim.

No primeiro dos dois trechos acima, a frase destacada ilustra o estado-meta de Carlos e norteia as valências de sua narrativa que foram tomadas por base para construir o gráfico (Figura 6). Do “nada faz sentido”, com que inicia seu relato, ao entusiasmo com que se vê olhando para seus projetos futuros está a busca por um equacionar profissional e pessoal. Se, antes da Orientação, havia uma indiferenciação do mal-estar que sentia, com o processo, foi ficando claro que as transformações subjetivas vividas colocavam em conflito sua vida pessoal e perspectiva profissional, como destacado em outro trecho, acima: “Eu não sacava que, na real, eu tinha mudado, então não dava mais, não cabia mais. O estilo de vida não era o que eu queria.”

Nessa perspectiva, o processo de Orientação não só ajudou a identificar esse conflito como também cooperou para trazer luz sobre o valor que Carlos dava ao equilíbrio entre pessoal e profissional, ou seja, constituir-se como um estado-meta a ser perseguido, conferindo segurança à decisão de abandonar a carreira de Geologia e traçar novos planos.

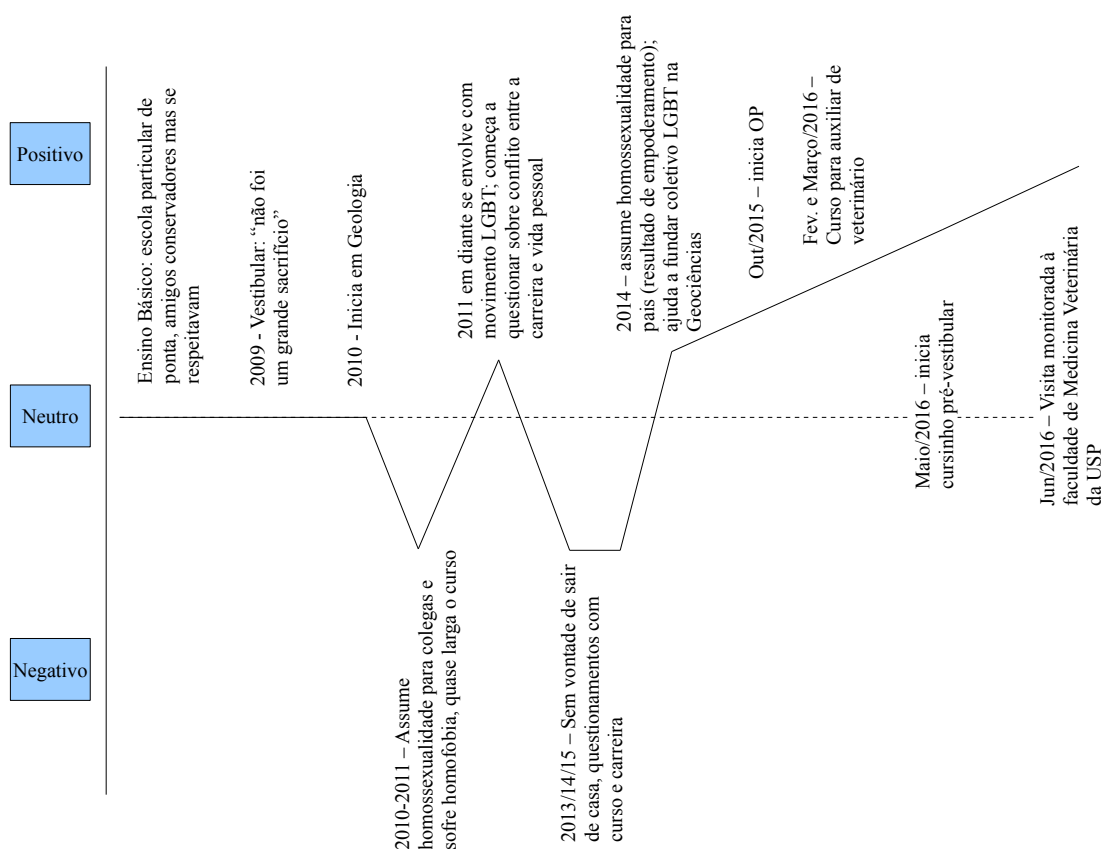
Nas palavras de Carlos, “*linkar* todos os itens de como eu penso, do que eu sou, como eu quero trabalhar, o foco é esse”, ou seja, a busca e a conquista do entrevistado condizem com o que Guichard (2012) postula como objetivo central da Orientação contemporânea: a integração do próprio percurso de vida em uma vida que lhe faça sentido. Assim, foi-lhe possível sair do estado de desorganização psíquica, de desmotivação para com os afazeres da vida, da reclamação e negatividade para o de “olhar para frente” e de entusiasmo para fazer as coisas.

4.1.6.4 Gráfico da narrativa de Carlos

A narrativa de Carlos se aproxima do monomito descrito por Joseph Campbell (2008). Nele, o herói/protagonista entra em um mundo especial, onde vive uma aventura transformadora e grandes desafios, com vitórias e revezes. Após o grande desafio, o herói retorna para a casa/mundo ordinário, porém, transformado ou de posse de um novo saber ou objeto. Para Carlos, a vida antes da universidade é neutra ou ordinária. Mesmo o ingresso no concorrido vestibular não representou “grande esforço” para ele. A entrada no “mundo especial”, o qual lhe trouxe desafios, foi a universidade. Lá enfrentou seu primeiro revés, que foi a homofobia dos colegas, ao assumir sua sexualidade. Carlos pensou em desistir do curso, mas optou por ficar e enfrentar a situação. Buscou pelo movimento LGBT, palestras e eventos e se fortaleceu. Todavia, quanto mais se empoderava em relação à sua sexualidade, mais se via em conflito com seu curso, levando ao segundo revés em sua narrativa.

Ora, o longo período que se vê sem vontade de sair de casa não é narrado por Carlos em detalhes, mas é mencionado de maneira pontual, como um exemplo que deixava claro que algo precisava mudar, que precisava agir. “Isso não é normal”, diz. Assumir a sexualidade, para seus pais, por sua vez, é descrito como o resultado de um processo, “que já vem do meu processo de segurança com minha sexualidade e os meus pensamentos.” Mesmo descrevendo o pai como homofóbico, Carlos se vê com as competências necessárias para lidar com isso, sem desgaste: “minha mãe me ensinou muito bem a lidar com ele.” Da procura pela OP em diante, são todos aspectos relatados com valência positiva e o aproximam do estado-meta que é a definição de uma reescolha de carreira, que lhe trouxesse perspectiva de conciliação, dentre outros pontos, da vida profissional e pessoal.

Figura 6 - Gráfico da narrativa de Carlos



Fonte: Elaborada pelo autor

4.1.6.5 Observações finais sobre o relato de Carlos

Percebe-se, com a análise do relato de Carlos, que a OP teve papel bastante significativo na trajetória do entrevistado, auxiliando-o no atravessamento e superação de uma importante crise, não só profissional, mas também pessoal. Trata-se, ainda, de um exemplo claro do aspecto psicossocial da OP. Segundo Carlos, escolher mudar de carreira não se dissocia de sua relação com seus pais, de sua identidade sexual e seu contexto sóciolaboral. Está ligado, ainda, não só às transformações que viveu, mas àquele que busca ser e ao potencial de ação que reconhece em si.

Fica claro ainda que se estabeleceu uma boa aliança terapêutica entre orientando e orientador, sendo este um dos principais fatores apontado por diversos autores, para bons resultados em um processo de aconselhamento ou de psicoterapia (Kazdin, 2008; Shedler, 2010; Whiston et al., 2017).

Ademais, destaca-se que, de acordo com Hegenberg (2004), quando em momentos de rupturas (crise) e de decisões iminentes (separação conjugal, mudança profissional ou geográfica, entre outras), um processo breve se faz ainda mais valioso. Para esse autor, em situações de crise, um processo breve pode promover transformações profundas e permanentes em um curto período de tempo, uma vez que o paciente se encontra motivado e com resistências baixas, favorecendo o processo. O caso de Carlos traz elementos de uma intensa transformação em um processo breve (OP), a partir de uma situação de crise.

5. DISCUSSÃO

Para a discussão do material construído a partir das entrevistas acima expostas, as análises foram contrastadas, buscando-se semelhanças e diferenças e se considerando os seguintes temas: Contexto, carreira e maternidade, tempo, conflito/crise, narrativa, percurso de vida e estado-meta relacionados à OP, principais mobilizações propiciadas pela OP apontadas pelos participantes e como os participantes avaliam a OP.

Para cada ponto abordado, será necessário retomar informações dos participantes contidas nos resultados ou outras seções do texto, implicando repetição de informações, em alguma medida. Para favorecer a discussão proposta nesta parte, além das análises das narrativas apresentadas na seção anterior, foi também organizada uma tabela com frases, concernentes ao processo de OP, retiradas diretamente das entrevistas, das análises das narrativas ou sínteses, que pode ser conferida no Apêndice D.

5.1 Contexto

As 6 entrevistas reúnem elementos representativos do contexto em que vivemos. Todos os participantes, em diferentes graus, trazem experiências fragmentadas e heterogêneas, as quais buscam organizar em um percurso de vida no trabalho que lhes faça sentido. A concepção de carreira, como um discurso aglutinador de experiências (Collin & Young, 2000), um processo construtivo contínuo de sentidos, contextual e relacional (Ribeiro, 2014), contempla o que os participantes exprimem nos relatos.

Fernanda se forma em Arquitetura, tem experiências diversas de trabalho dentro e fora de seu campo de formação, e trabalha atualmente na área de *Marketing*, procurando não só aceitar a própria trajetória como encontrar potência nessa diversidade e reconhecimento externo. Rosa relata um percurso de projetos temporários e adaptações às contingências, enquanto busca reconhecer seus interesses e sentido para seu percurso. Maria, embora permaneça por quase 30 anos vinculada a um mesmo laboratório, modificou o *status* do vínculo, mudou de país e depois de laboratórios, acrescentou outras frentes (docência), almejando dignidade e satisfação em seu fazer. José enfrenta o luto de uma conquista importante (curso na USP), ao mudar de Graduação, objetivando segurança laboral e autonomia financeira. Carol experiencia trabalhos diversos e uma rotina intensa, para se sustentar e estudar, buscando a tão sonhada aprovação na carreira que escolheu. Carlos, diante do conflito estabelecido entre as perspectivas profissionais e projetos pessoais, enfrenta mudanças na busca por um melhor equilíbrio entre o pessoal e profissional.

São trajetórias fluidas, em transições constantes, onde a instabilidade é pressuposta e a constante é a busca por satisfação (Rosa), segurança (José), realização (Carol, Rosa e Fernanda), dignidade (Maria e Carlos), respeito (Maria e Carlos), reconhecimento (Fernanda) e autonomia (José), entre outras.

É importante destacar que, à época em que as entrevistas foram realizadas, em 2016, o país atravessava um momento de turbulência social e econômica, com manifestações populares e um processo de *impeachment* da presidente em curso. A taxa média de desemprego de 8,5% do ano anterior subiu para 11,5%, em 2016, uma alta de 37%, implicando média de 11,8 milhões de desempregados, nesse ano (Cury, 2017). Não há nenhuma menção direta a esse contexto nas entrevistas, mas ele se manifesta de diferentes formas. José, por exemplo, evidencia em seu relato uma importante preocupação em relação à empregabilidade. O motivo central realçado por ele, para abandonar a Graduação de GA, foi o receio de não encontrar oportunidades profissionais quando formado. O contexto pode ter ampliado sua ansiedade e senso de urgência em procurar experiências profissionais.

Conforme apontado por Lehman (2010), o contexto contemporâneo de instabilidade e esvaziamento do espaço vital e de subjetivação do sujeito, por meio de seu trabalho, acarreta mudança de paradigma para a Orientação, pois requer “resgatar o indivíduo envolvido em um processo vertiginoso de incompreensão e de perda de sentido.” (Lehman, 2010, p. 22). Nesse cenário, buscam por orientação não apenas aqueles implicados em transições educacionais ou profissionais, mas também pessoas em crise, desmotivadas e sem perspectivas com a profissão. E, “mesmo aqueles que trabalham, vivem em constante medo de perdê-lo.” (Lehman 2010 p. 24).

José exprime desmotivação e falta de perspectiva em relação ao seu fazer profissional e critica o contexto hipercompetitivo (“o que eu preciso fazer pra ser uma pessoa aceitável para o mercado de trabalho. [...] É pra eu ser um semideus [...]?”). Maria sente desalento diante das experiências de baixa cooperação e grande competitividade nas relações de trabalho, e desloca a desesperança para traços pessoais (“acho que eu nunca vou conseguir me livrar disso, dessa coisa da [baixa] autoestima”). Fernanda, quando buscou a OP, sentia-se paralisada ao final da Graduação, diante da percepção difusa de que não se identificava com sua carreira. Hoje se questiona sobre como poderia estar “mais bem colocada”, caso tivesse percorrido a carreira X ou Y. Rosa buscou a OP em face da frustração por não se ver capaz de equacionar seus vários anseios e interesses, assim como Carlos, o qual se via desmotivado, sem vontade de sair de casa, e sentia que “nada estava fazendo sentido”. Carol também estava sem energias para seguir com seu plano inicial (carreira de música), após o segundo ano de

insucesso no vestibular. São momentos distintos de percursos, que sinalizam pessoas angustiadas – em maior ou menor grau de clareza – com seus percursos profissionais, no que tange ao significado que deles fazem. Carregam a sensação de que algo não se encaixa, no encadeamento do presente, passo e futuro com valores e identidade. Uma preocupação contemporânea na qual a construção de sentidos se sobrepõe à própria manutenção da vida.

A forma como cada um constrói sentidos para seu fazer e ações o deixará mais ou menos satisfeito com seu percurso. José, por exemplo, sente como degradante a obtenção de renda pela venda de doces e salgados, na faculdade. Por se tratar de um trabalho sem formação específica e não relacionado com seu campo de estudos do ensino superior, José o vive como fracasso. Por outro lado, Carol vive o exato oposto. Poder trabalhar para sustentar seus estudos, ainda que em uma função sem formação específica, a deixa mais realizada e confortável para seguir buscando seu objetivo de ingressar numa Graduação em Música do que se estivesse onerando sua mãe por mais um ano, embora o trabalho lhe tome um precioso tempo de estudos.

Tal heterogeneidade de sentidos está também imbricada ao contexto psicossocial de cada entrevistado. Carol, por exemplo, menciona apenas sua mãe no campo sobre a composição familiar na ficha de inscrição para atendimento no SOP, cujo grau de instrução é Ensino Médio (ver Apêndice C). Como mencionado, uma enxuta rede de suporte social e algum grau de vulnerabilidade social. Já José cita seus pais, ambos com ensino superior completo, sua avó materna, também com superior completo, e outros dois avós e a irmã mais nova. Trata-se de uma rede de suporte social bem mais ampla que a de Carol e com ao menos três referências de pessoas que completaram o Ensino Superior (ver Apêndice C). Depreende-se que José vive como fracasso – ou indício de queda socioeconômica (“ser um lixo na vida”), na comparação com suas referências familiares – o trabalho não especializado e a não empregabilidade em seu curso de nível superior escolhido. Não é a sobrevivência que está em questão. Essa segue garantida. Mas uma certa pressão por “performance social” ou não “cair” para outra classe social. Não à toa sua indignação com as exigências de qualificação que encontra em processos seletivos e na constante comparação com seus pares (“será que tenho que ser um semideus?” se questiona).

Carol, por outro lado, vê a manutenção da própria sobrevivência como imperativo. Trabalhar em funções não especializadas é um meio para garantir a sobrevivência e viabilizar alcançar o ensino superior. Curioso que ela não traz preocupação com ascensão social, mas encontrou na música sua forma de se inserir socialmente e obter retorno positivo de seus

esforços, habilidades e competências, ou seja, um espaço de pertencimento, dignidade e reconhecimento.

5.1.1 Carreira e a maternidade

Maria e Rosa expressam de diferentes maneiras um ponto comum: ambas são mães e vivenciam conflitos entre a carreira materna e a profissional, em alguma medida. Rosa leva para a orientação a ideia de trabalhar com crianças, numa tentativa de resolver (ou negar) o conflito dado em nosso contexto, o qual oferece poucas condições para o exercício pleno da maternidade, sem se ver excluída do mercado de trabalho. Ela identifica, ao longo do processo, que não havia real interesse por trabalhar com crianças, mas que havia o desejo de atuar em “algo prático”.

A partir daí, segue com o interesse em atuar em empresas e busca, em dois pós-docs, formas de se manter no “campo prático” – e com potencial de empregabilidade – com mais flexibilidade para estar junto aos filhos. Como se viu na análise, conciliar família e trabalho não se constitui como estado-meta para Rosa. Ela vive a maternidade como tempo “não produtivo”, ou tem a vivência de ser impedida de buscar o que realmente quer. Uma ilustração disso: Rosa nomeia de “ano sabático”, quando decide dedicar um tempo à família, após o fim do Doutorado. Ao considerar a migração para o campo empresarial, à época da entrevista, quando entende que a “família está mais estruturada”, ela se sente menos competitiva no mercado, por conta da idade e da limitação de viagens.

Maria, também pesquisadora e com dois filhos, sente-se frustrada por “não deslanchar” em sua carreira. Na passagem em que relata o período de intercâmbio acadêmico, Maria externa que se percebeu mais mãe que pesquisadora. Ou seja, ao comparar-se com seus pares e observar menor produtividade ou prosperidade, na carreira profissional, justifica a si mesma que isso se dá por dedicar-se mais à carreira materna que à profissional; ou, ainda, que sua identidade como mãe prepondera sobre sua identidade profissional.

Olhando para o percurso de Maria, nota-se que não se trata disso. A entrevistada faz um longo relato de toda sua trajetória profissional, desafios, dificuldades e buscas, em que a família e filhos ocupam uma mínima parte. A participante evidencia zelo por sua carreira profissional e busca reconhecimento. Há um aspecto reconhecido por ela, de sua personalidade, no que tange à priorização do cuidar e dedicar-se aos outros e menos de si, inclusive nas oportunidades profissionais. Mas intriga a justificativa que ela se faz, indicando

que a maternidade e a carreira profissional são uma balança impossível de equilibrar: ou se valoriza a profissional, ou se dedica à família.

Assim como Rosa, Maria também carrega algum sentimento de culpa pela maternidade em relação à própria carreira. Claramente, Maria e Rosa vivenciam conflito entre a carreira materna e a profissional, conflito imposto pelo contexto que vivemos, o qual priva as mulheres de condições adequadas para que possam dedicar-se a ambas, sem que uma prejudique a outra, enquanto são convocadas – atravessadas pela ideologia neoliberal hegemônica – a performar ao máximo em ambas.

Isso levanta a reflexão do quão importante e necessário se faz a atenção para a especificidade da carreira da mulher, em nosso contexto, e, por conseguinte, para a intervenção em OP com mulheres. A pauta da vivência subjetiva e condições objetivas do “cobertor curto” que é ser mãe e profissional, na contemporaneidade, talvez seja incontornável em um processo de OP.

5.2 OP e tempo

Havia uma expectativa de que a variação do tempo entre a vivência da OP e a entrevista dos participantes pudesse implicar diferenças mais claras em relação ao que trazem a respeito do processo, no que concerne ao grau de detalhamento ou à vivacidade com que relatam a experiência. Contudo, não foi o que se verificou.

Imaginava-se, por exemplo, que participantes que vivenciaram a OP há menos tempo (um ou dois anos) antes da entrevista fornecessem maior riqueza de detalhes sobre o processo, em comparação com os que o vivenciaram há mais tempo. Ou, ainda, que as experiências vividas após o processo daqueles que o vivenciaram há mais tempo (sete anos ou dois anos) pudessem revelar maior influência dessas experiências na forma como significam a OP, em suas trajetórias.

Porém, ao comparar os relatos dos participantes, verifica-se que essa expectativa não se confirmou, evidenciando a atemporalidade da experiência e do processo de significação – tanto sobre a OP como do percurso de vida no trabalho.

Fernanda, de fato, vive um importante desenrolar da OP, impactando todo o percurso posteriormente narrado. A OP foi seu primeiro passo em direção ao autoconhecimento e de identificação com aspectos profissionais da figura paterna, que posteriormente encontrou ecos

na psicoterapia e outras escolhas de carreira. Fernanda, ainda, traz detalhes do processo, relembra atividades realizadas e o que mobilizaram.

Por outro lado, Rosa, a qual também foi entrevistada sete anos após a OP, fornece poucos detalhes das sessões e parece ainda paralisada nas mesmas questões abordadas no processo. Ou seja, as experiências posteriores ao processo parecem pouco influenciar a forma como ela significa o que vivenciou na OP, e a experiência deste parece congelada no tempo.

Maria, que viveu o processo dois anos antes da entrevista, faz poucas menções à OP, não se lembrando de quantas sessões ou atividades foram concretizadas, contudo, sinaliza temas caros a ela, abordados nos encontros. Ela se sente ainda conectada ao que fora discutido, a ponto de expressar desejar retornar para a Orientadora, a fim de atualizá-la sobre suas vivências posteriores e atuais perspectivas. Aqui, observa-se uma influência mais clara das experiências posteriores à OP, na forma como a participante as significa. José, que também vivenciou a OP entre um e dois anos, traz poucas referências da OP em seu relato, embora detalhe número de sessões. As experiências posteriores à OP pouco dialogam, em seu relato, com o que ele aponta que fora abordado no processo.

Carlos, tendo vivido a OP há menos de um ano, a menciona praticamente do começo ao fim da entrevista, rememorando ricos detalhes dos diálogos com o orientador e de como isso o mobilizou. Porém, não se lembra de informações objetivas, como número de encontros, detalha poucas atividades realizadas. Carol, que também passou pelo processo recentemente, não alude à OP com a mesma intensidade que Carlos, mas detalha diversas atividades realizadas.

De toda forma, é possível afirmar que a experiência do processo se manteve viva para todos os participantes, em diferentes intensidades e, em alguma medida, ganha novos contornos com experiências posteriores.

Maria, por exemplo, experimenta a docência e é demitida após um ano. Não só a demissão a abalou (“fiquei arrasada, eu nunca havia sido demitida na minha vida”), como também o desgaste da rotina de aulas. A partir dessa experiência, a entrevistada redefine seu plano A, o qual deixa de ser a docência e passa a ser a construção de um ambiente colaborativo de pesquisa.

José, diante das frustrações vividas com o curso escolhido, busca a OP novamente considerando retornar para sua graduação original.

Fernanda fala de aprendizados da OP que se fazem ainda atuais, como, por exemplo, quando diz: “sempre lembro disso, que tem que escolher uma porta”.

Rosa, da mesma forma, dialoga, ao longo dos sete anos após a OP, com a decisão que tomou para si, de buscar algo acadêmico:

Me serviu sempre como um questionamento. De lembrar o que eu tinha trabalhado e pensado, como 'não é a questão prática que você gosta? Por que você está indo para a parte acadêmica? Não tem que olhar uma coisa mais aplicada?'

Já Carlos expressa uma experiência após o processo que o fez fortalecer a decisão tomada:

O fato de me sentir bem estudando as aulas no cursinho, tendo entendimento melhor de assuntos de filosofia e sociologia, me fizeram falar: "não, eu vou por aqui" [prestar vestibular para Medicina Veterinária]. Porque eu moro nesse contexto (...) Não estou disposto a quebrar certas coisas sozinho . . . Eu não vou chegar numa cidadezinha no fim do mundo e querer que casais *gays* sejam respeitados. Eu vou morrer.

Se, por um lado, o tempo entre a OP e a entrevista não apresentou contrastes claros nos relatos, por outro, isso acontece em relação ao momento e à maneira em que a OP se insere na trajetória de vida do participante, temática que será explorada nas sessões seguintes.

5.3 Conflito, Crise e Ressignificação

Como é de se esperar, todos os participantes vivenciavam um conflito profissional quando procuraram a OP. A OP clínica é entendida como um modelo de crise, ou seja, não se presta a auxiliar na construção de uma escolha em qualquer situação e para qualquer pessoa, todavia destina-se àquelas que encontram alguma dificuldade (conflito) em uma situação de escolha profissional.

Fernanda estava finalizando a Graduação e não se imaginava trabalhando como arquiteta. Sentia-se menos apta que seus pares e não identificada com a carreira. Rosa havia recém-finalizado o Doutorado, que, para tanto, lhe demandou abrir mão de um trabalho em empresa: estava em dúvida se ia para a área acadêmica ou procurava algo aplicado. Maria sentia-se desmotivada com sua área e cogitava mudar de carreira. José estava frustrado com seu curso e suas perspectivas de trabalho e pesquisava por outras graduações. Carol questionava-se sobre a carreira escolhida e havia desistido de prestar novamente o exame, após não aprovação no vestibular. Carlos carregava o sentimento de que “nada está fazendo sentido” e não via perspectivas para ele, no curso no qual estava.

Carlos, Fernanda e José estavam na Graduação, quando buscam OP. Ao contrastá-los, encontram-se semelhanças e diferenças. Carlos e Fernanda estão no final do curso e não se identificam com suas carreiras. Carlos, por conta das transformações que viveu, suas prioridades e valores mudam e não mais se alinham com a carreira escolhida. Ele diz “não ser mais o mesmo” em relação a quem começou a faculdade em Geologia. Fernanda, por outro lado, parece desde o início não se identificar com o curso escolhido, e sua dificuldade se localizava em frustrar a expectativa materna. Enquanto para Carlos, as transformações que o levam ao conflito com sua carreira acontecem antes da OP, para Fernanda, o conflito já estava dado, e as transformações acontecem após a OP, ou seja, a partir do imperativo de enfrentamento desse conflito, diante da finalização da Graduação.

Daí se entende por que, para Carlos, a OP se fez um espaço de grande potência: exerceu função continente na crise que atravessava – resultante das transformações anteriores –, favorecendo o reconhecimento do conflito e a desestruturação e reestruturação da identidade ocupacional e vocacional (Bohoslavsky, 2003b). Compreende-se, também, por que, para Fernanda, a grande resultante da OP foi a indicação para psicoterapia, que seria suporte para as transformações e ressignificações que começaram com a OP.

Diferentemente de Carlos e Fernanda, José expõe uma ressignificação desalinhada com o que buscou no processo. Seu conflito central residia no temor de não conseguir se sustentar em sua área. Quando buscou a OP, já estava “meio que decidido” a sair de seu curso e iniciar outro. A OP se centra na elaboração do luto da carreira que abandonara, tangenciando a questão central. Após sucessivos insucessos em conseguir estágio em sua área de formação e frustrações com seu curso, José diz: “Eu não quero mais seguir sonhos. Eu já aceitei que a vida é triste, pronto, me dá a vassoura, eu começo a varrer o chão”. Ou seja, José se vê desiludido e combate a própria esperança de que conseguirá atuar em sua área de formação.

Maria, Rosa e Carol, embora em momentos distintos do percurso, procuram a OP depois de vivenciarem insucessos que trouxeram questionamentos ou descontentamentos sobre as escolhas que percorreram. Maria, por “não deslanchar”, estava incerta se queria ou não continuar em sua área de trabalho; Rosa, após ter que abrir mão do trabalho em empresa, estava em dúvida se seguia para a área acadêmica ou procurava algo diferente e mais aplicado; Carol, após reprovação no vestibular, queria “saber se estava escolhendo certo”.

As três saem fortalecidas da OP e com mais capacidade de ação para seguir naquilo mesmo que já vinham fazendo: Rosa se mantém na pesquisa, como estratégia para

futuramente buscar colocação em empresas; Maria segue atuando no laboratório e aceita proposta para dar aulas; Carol retoma o plano de prestar vestibular e, em paralelo, trabalha para se sustentar.

Maria vivia um período descendente em seu percurso, com reveses nas experiências profissionais. A OP foi uma virada nesse movimento, ao favorecer que Maria reconhecesse as questões contextuais, relacionais e pessoais que enfrentava. No relato de Rosa, há dois momentos de virada na narrativa (embora não estejam vinculados a valências positivas ou negativas do gráfico): a mudança abrupta de tema e orientador no Mestrado, anterior à OP, e a clarificação de que não queria trabalhar com crianças nem atuar na área acadêmica, mas trabalhar com algo prático e aplicado ligado a seu campo de estudos, que se deu na OP. Mesmo fortalecida para melhor equacionar seus projetos após a OP – ou seja, não há experiências com valência negativa depois do processo –, Rosa também não se aproxima de seu estado-meta, como se verá mais detidamente, ao longo das próximas sessões. Carol, por fim, tem uma sucessão de experiências positivas com Música, que a leva a considerar essa carreira como sua opção para Ensino Superior. Entretanto, essa escolha só se consolida com a OP, sendo esse um espaço de significação de sua trajetória e apropriação de sua escolha.

5.4 Como os participantes significam o processo: quais mobilizações e modificações destacam

Os temas 2 e 3 e respectivas perguntas de exploração trouxeram à tona o que os participantes mais identificam que os mobilizou, a partir do processo de OP. As informações estão presentes nas análises das narrativas e também na tabela do Apêndice D.

Abaixo, serão retomados os principais aspectos que cada participante sinalizou:

Fernanda: a. Reconhecer e lidar com dificuldades de escolhas, passando pelo luto das opções não escolhidas e pelo medo de errar, ao definir algo; b. Indicação de psicoterapia; c. Diferenciação entre realização profissional e pessoal (“busque se realizar no fim de semana com alguma coisa que não necessariamente tenha a ver com os dias úteis”).

Rosa: a. Separação entre profissional e familiar; identificação de que gostaria de dedicar tempo aos filhos; b. Identificação do interesse por algo prático e aplicado, em seu campo profissional (não acadêmico).

Maria: a. Abriu horizontes para outras oportunidades profissionais fora da área médica; b. Trouxe segurança para aceitar proposta de aulas em faculdade; c. Identificação de aspectos contextuais e relacionais, em seus ambientes de trabalho, que geravam mal-estar; d. Identificação de aspectos pessoais e de sua história relacionados às dificuldades que vivia em seu ambiente de trabalho.

José: a. “Aliviar o peso” por desistir do curso de GA na USP; b. Lidar melhor com a expectativa dos pais sobre o assunto

Carlos: a. Conscientização acerca de identificações (empreendedorismo) e diferenciações (carreiras não tradicionais), com respeito ao grupo familiar; b. Diferenciação de valores em relação a seu pai (não apreço por bens materiais); c. Identificação de interesse por algo mais prático e pelo campo da saúde; d. Construção de Plano de Carreira; e. Ganho de autoconhecimento; f. Ampliação da segurança; g. Identificação de objetivos na vida pessoal e profissional; h. Organização do pensamento e clarificação sobre aspectos ligados ao sofrimento que vivia; i. Visualização de futuro e motivação; j. Construção de Identidade Ocupacional e Profissional (“*linkar* todos os itens de como eu penso, do que eu sou, como eu quero trabalhar”).

Carol: a. Abertura para outras possibilidades de carreira; b. Percepção de que a escolha não é definitiva e muitos caminhos são possíveis; c. Exploração de informações e carreiras; d. Deuteroescolha; e. Definição de objetivos em curto e longo prazo.

As mobilizações descritas acima foram diretamente indicadas pelos participantes, a partir dos temas 2 e 3 do roteiro de entrevista. Contudo, o todo do relato, assim como a análise holística da narrativa apresentada nos resultados, possibilitam uma compreensão mais completa do alcance da Orientação. Antes de endereçar esse contraste, será abordada, na seção seguinte, a avaliação que os participantes expressam sobre a OP.

5.5 Como o processo de OP é avaliado pelos participantes

Um aspecto comum a todas as entrevistas é a maneira positiva com que todos avaliam o processo de OP. A primeira colocação feita diante da última pergunta da entrevista - como avaliam a experiência do processo de OP - por todos os entrevistados é de que consideram que a OP contribuiu favoravelmente com suas trajetórias:

Fernanda: Eu acho que foi, porque dá segurança ter alguém conversando com você.

Rosa: Eu acho que foi favorável, tanto que eu pensei em retomar, fazer de novo o processo.

Maria: Foi favorável, sim. Me abriu essas opções...

José: O processo eu acho que foi legal.

Carol: me ajudou, sim, a ver melhor como eu posso dar início pra esse desenvolvimento profissional.

Carlos: Foi muito bom para autoconhecimento! . . . *Linkar* tudo isso eu só consegui fazer com ele [orientador], se não tivesse, acho que eu estaria ainda perdido nisso.

Portanto, a impressão geral sobre a experiência do processo é boa. Mesmo Carlos, mais pessimista sobre suas perspectivas, ou Rosa, que se vê ainda estagnada na mesma questão, entendem que o processo contribuiu de alguma forma com seus percursos.

Porém, em diferentes momentos das entrevistas, os entrevistados trazem elementos que seguem caminhos diferentes: Carol e Rosa entendem que teriam melhor aproveitamento, caso fizessem o processo novamente, por considerarem que hoje poderiam focar mais na decisão profissional e menos em aspectos pessoais. José sinaliza que a OP deveria ter sido mais profunda ou mais longa, ou ainda que seria importante ter vivido um processo, antes de ingressar na Graduação. Fernanda também sinaliza que gostaria de ter vivenciado antes a OP, esboça reflexões sobre como sua carreira poderia estar melhor se fizesse outros percursos e entende que mais importante do que o processo foi a psicoterapia que dele se desdobrou. Maria e Carlos expressam somente elementos positivos sobre a experiência, enquanto Maria gostaria de contatar a orientadora novamente, para atualizá-la sobre suas perspectivas de carreira.

Fernanda: “eu gostaria de ter tido orientação vocacional antes”; “A análise mais longa depois é muito mais importante por uma questão de autoconhecimento”; “Não cheguei a nenhuma conclusão, não me deu uma 'pô, então vou por aqui”

Rosa: “hoje eu trabalharia diferente a orientação vocacional, focada no profissional. Naquele momento eu misturei muito questão pessoal”; “Acho que talvez eu não tenha definido bem o processo todo, exatamente o caminho que eu tenho que tomar.”

Maria: “A impressão que eu tenho é que tenho muita coisa pra resolver. Tanto que pensei em voltar e falar com a O. Dizer: ‘Olha, eu parei de dar aula, foi uma experiência boa”

José: “Eu acho que deveria ter sido mais profundo, no meu caso. . . . mais sessões e algo mais detalhado”; “Eu acho que não teve um trabalho muito grande nesse aspecto de ‘legal, estou nesse curso novo, e agora?”

Carol: “Acho que acrescentou bastante no desenvolvimento pessoal. No profissional, eu já não sei... talvez mais ou menos, por um lado, sim, e por outro lado, não, porque eu não tenho uma carreira profissional construída”

Carlos: “De outubro a março minha segurança cresceu muito mais”; “No final do processo eu falei: ‘Nossa, estou me entendendo bem melhor!”

Vemos, com esses recortes que, dos seis entrevistados, três (Fernanda, Rosa e José) relatam a sensação de que não definiram com clareza o percurso a ser tomado após o processo, três (Fernanda, Rosa e Carol) relatam que se beneficiariam mais de fazer a OP em outro momento de seus percursos e 2 (Carol e Rosa) indicam que gostariam de um novo processo que se dedicasse mais às questões profissionais e menos às pessoais.

Por se tratar de um processo breve e clínico, a OP, nesse modelo, provoca movimento e mobilizações sem que necessariamente se encerre com o final de seus encontros. Assim como em uma análise, onde parte do movimento analítico se dá entre as sessões e o próprio exercício de reflexão sobre si perdura para além do processo analítico, a OP clínica transborda o “espaço” de suas sessões, influenciando ações que possibilitam experiências, as quais, por sua vez trazem novos significados para o processo vivido.

Diante de tal característica de um processo aberto e inacabado, torna-se bastante desafiador o procedimento da avaliação de seus resultados. Esta se comportaria, na melhor das possibilidades, como uma foto de um filme. Pode transmitir algo do que se trata: cenário, personagens e relações entre os elementos ali representados, naquele instante congelado. Mas não é capaz de contar a história do filme, de onde vem e para onde seguem os acontecimentos e personagens.

Os participantes entrevistados também fazem sua foto sobre o processo vivido, seja ao responder à pergunta do entrevistador, seja espontaneamente, ao longo do relato. Ou seja, se Rosa e Carol, hoje, avaliam que teriam melhores condições de se beneficiar de uma OP, enquanto Fernanda e Carlos entendem que estariam melhor, hoje, se vivenciassem a OP antes do que tiveram oportunidade, tal compreensão se dá justamente diante das experiências e reflexões passadas, das quais a OP é parte.

No entanto, colocar a avaliação do participante, essa “fotografia” sobre a OP, no contexto da narrativa de sua trajetória, fornece mais elementos para se compreender o papel que a OP teve ou tem, para esse participante. Essa análise será explorada no tema a seguir.

5.6 Narrativa, estado-meta, percurso de vida e OP: construções sobre o papel da OP para os participantes

Ao analisar a perspectiva do narrador em relação à própria história, procurando entender de maneira holística por que o encadeamento da narrativa se dá daquela forma particular, questões de objetivos e agenciamentos surgem. Qual é o ponto de chegada de cada narrador? Para onde a sua história aponta? Qual sua busca? Permanece a mesma, ao longo da história? É alcançada ou está por alcançar? Ele(a) se aproxima ou se afasta? Segundo Gergen e Gergen (1983, 1988), tipicamente, em uma história, todos os eventos se relacionam ao estado-meta de alguma forma. Em geral, o ouvinte se frustra com eventos não relacionados ao estado-meta. De modo análogo, quando alguém conta a própria história, está constantemente

selecionando, dentre uma infinita gama de possíveis eventos e percepções, ritmos e entonações, aqueles que melhor dão suporte a certa coerência à sua história (Dyer, 2006). É também com base no estado-meta que é possível identificar a visão do narrador sobre agenciamento, por exemplo.

A reflexão a respeito desse conceito foi particularmente proveitosa, ao considerar a relação do estado-meta identificado com o que é relatado sobre o processo de OP pelos participantes.

Nesse sentido, a partir do entendimento de que o estado-meta estabelecido pela Carol é ingressar em um curso superior de Música (“a cereja do bolo”), é possível entender que a OP não só a ajudou a consolidar esse estado-meta que havia sido colocado em questão, após os fracassos anteriores, como também a organizar recursos e encontrar motivação para dele se aproximar. Carol diz, sobre a OP: “ela me deixou mais focada . . . eu fiquei com vontade de novo de prestar”. E depois: “estou fazendo tudo que posso” e “vou conseguir”, ao falar sobre como se sente em relação à sua busca, evidenciando também que a entrevistada se coloca como agente em direção ao estado-meta, em sua narrativa. Em contraste a essa importante mobilização, caso se considere apenas a forma como Carol avalia a OP diretamente, temos uma avaliação vaga, ou até negativa:

No profissional, eu já não sei... talvez mais ou menos . . . porque eu não tenho uma carreira profissional construída.

Percebe-se que a avaliação que Carol faz sobre o processo de OP esbarra naquilo que ela compreende como carreira. Há uma expectativa de carreira profissional desvinculada da pessoal ou educacional, de sorte que Carol não considera que o percurso realizado até ali é parte de sua carreira.

Rosa estabelece como estado-meta em sua narrativa o trabalho em empresas. Os eventos narrados, contudo, são obstáculos que impedem a protagonista de dele se aproximar. Rosa não é alguém que supera ou contorna as adversidades encontradas, mas alguém que se vê impedida de buscar seus objetivos e, nas “adaptações” às “contingências”, preocupa-se também em não se afastar deles. Assim, ela se vê ainda no “mesmo ponto” de decisão (ou tensão) que há sete anos atrás.

A entrevistada menciona que a OP favoreceu que ela delineasse esse estado-meta:

na orientação profissional, eu fui vendo que eu gosto muito mais da parte aplicada das coisas. Aí, a questão acadêmica fica um pouco travada. . . . Porque precisa estudar, dar aula, preparar projeto . . . não é bem o que eu quero.

Logo após a OP, ela toma conta da gravidez da segunda filha e, embora se veja mais uma vez "impedida" de ir atrás de seu estado-meta, consegue conciliar a gravidez com uma proposta para pesquisa, que é a forma que encontrou para não se afastar do estado-meta. Ao final desse pós-doc, decide ingressar em um segundo pós-doc, por entender que ofereceria melhores condições de se manter no campo prático, com maior flexibilidade de horários, para conciliar com os filhos pequenos e, portanto, novamente, não se afastando da meta de trabalhar em empresas. Assim, a OP favoreceu não só a constituir o estado-meta, como a não se afastar dele, conforme a entrevistada expressa, em relação às decisões posteriores ao processo:

me serviu sempre como um questionamento. De lembrar o que eu tinha trabalhado e pensado, como 'não é a questão prática que você gosta? Por que você está indo para a parte acadêmica? Não tem que olhar uma coisa mais aplicada?

É intrigante observar que a demanda que Rosa trouxe para a OP – de definição entre o campo acadêmico ou prático aplicado – foi atendida e os aspectos que Rosa indica que a OP mobilizou vão ao encontro das questões que traz no relato (a separação entre profissional e pessoal e a busca por oportunidades que conciliassem a maternidade com a atuação prática). Por que ela permanece com a sensação de não condução ou aproximação ao estado-meta? Conforme apontado na análise do relato, o estado-meta de Rosa é o trabalho em empresas e não o de conciliar a carreira materna com a atuação prática. Dessa maneira, ela segue com a impressão de que ainda não foi capaz de se direcionar para seus objetivos. A OP fez com que Rosa pudesse diferenciar sua busca por realização profissional de sua carreira materna. Mas, ao que parece, não favoreceu que Rosa identificasse e se apropriasse de sua carreira materna, de forma a endereçar o conflito entre esses dois anseios. Não por acaso, Rosa descobre estar grávida logo após a OP e se vê “impedida” de seguir com os planos traçados.

O estado-meta de Maria se configura após a OP, todavia, como decorrência diretamente relacionada ao processo. O que Maria busca, no momento da entrevista, é

formar o meu grupinho . . . e poder desenvolver . . . um microambiente . . . de colaboração entre as pessoas, um pelo outro.

Contudo, o delineamento desse objetivo se consolidou após Maria experienciar a docência, decisão discutida na OP, e ser posteriormente demitida. Maria relata que abordaram na OP aspectos contextuais e características pessoais associadas às questões que vivenciara em suas experiências profissionais recentes. A entrevistada, então, diz que a OP “abriu horizontes”, ao considerar contextos fora da Medicina, onde atuava, e favoreceu a decisão por aceitar a proposta de aulas, que seria um espaço de autonomia para ela. A experiência de docência, a qual veio logo após o processo de OP, teve um desfecho negativo e Maria se abalou com a demissão. O aspecto central mobilizado pela OP, no entanto, não se perde: Maria segue com a perspectiva de encontrar/construir experiências profissionais mais dignas, nas quais se veja respeitada e valorizada. Porém, desloca essa busca, redesenhando seu plano A, para a construção de um microambiente de pesquisa. A experiência de dar aula, embora com desfecho negativo, a fortaleceu: “dar aula me deu . . . me deu um jeito mais legal, sabe?” diz Maria.

Entende-se que, ao abordar, na OP, suas características pessoais de insegurança e de se colocar em segundo plano diante das demandas dos outros, propiciou-se também o estabelecimento da busca por autoconfiança e valorização de si. Maria cita que a Orientadora diz a ela, diante da proposta de dar aulas: “Que ótimo! Você vai mandar na sua sala, vai dar aula como você quer, né?” Assim, a experiência de lecionar, por estar inserida nessa perspectiva de significação, pôde ser fortalecedora. O replanejamento de Maria, a partir daí, pode ser entendido não como um abandono do que havia sido desenhado para si, mas como um amadurecimento de seu estado-meta: se, inicialmente, buscou a OP por questionar-se se deveria continuar sua carreira de pesquisadora, por se ver “desacelerada e estagnada”, ver-se capaz de lecionar nutriu a esperança de que é possível construir o caminho que acredita, dentro da pesquisa.

Assim, embora a atual busca de Maria não tenha sido construída completamente dentro do processo de OP, está diretamente relacionada a ele. O desejo de Maria de “atualizar” a Orientadora reforça tal tese.

Um ponto importante abordado aqui, refere-se a como a decisão não se dá necessariamente no processo de OP, entretanto, pode ocorrer a partir da reverberação do que ali se deu, somado às experiências subsequentes. Como uma espiral, onde experiências e a construção de sentidos sobre elas, que se dá com base nas experiências anteriores (das quais a OP faz parte), em um processo dialético, vão consolidando a decisão, ações, projeto e identidade.

O estado-meta de José é ser "alguém contratável" dentro de seu campo de estudos e, com isso, alcançar autonomia financeira. Sua narrativa enfoca mais os desafios que enfrenta: faculdade deficitária, mercado concorrido, busca por formação etc. e menos suas ações para enfrentá-los, como se reconhecesse a si próprio como oprimido pelas dificuldades e desesperançoso de que virá a superá-las, em algum momento.

A OP ajudou-o a lidar com o luto pela 1ª Graduação, que representava segurança parcial para ele, por ser em uma universidade de renome, mas a perspectiva de mudar de curso, por não se sentir seguro de que encontraria trabalho após formado, se deu antes da OP. O elemento central de sua angústia permaneceu, a despeito da intervenção: o temor por não “performar” socioeconomicamente como seus pares e familiares. As experiências posteriores ao processo (dificuldade na obtenção de estágios e frustrações com a qualidade da nova faculdade do curso escolhido), alimentaram esse temor, levando-o, inclusive, a reconsiderar retornar para a 1ª graduação. Mobilizar essa questão talvez dependesse de um processo mais longo ou da disposição de José para tanto. Todavia, é fato que um processo de OP que esteja “focado” nos aspectos objetivos e demandas pontuais da operacionalização da escolha (como levantamento de informações sobre cursos pretendidos, critérios, custo, cronograma etc.) passaria distante disso.

Já para Carlos, o estado-meta de conciliar carreira profissional e identidade pessoal se clarificou, durante a OP. Conforme já sinalizado, Carlos viveu transformações intensas nos anos pregressos à OP, de sorte que ainda não encontrava palavras para compreender tudo o que se passou e a angústia que vivia, em relação ao seu curso e possibilidades de atuação. Ao longo da OP, Carlos ganhou clareza da crise que atravessava e construiu um novo projeto que se consolidou, ainda, após as sessões, com as vivências que teve, como parte da pesquisa, para se certificar sobre o caminho escolhido. Para esse participante, narrativa, estado-meta, demanda levada para a OP e mobilizações propiciadas pelo processo estão encadeadas, e ele expressa plena satisfação pela experiência da OP e os resultados dela.

Fernanda, por fim, estabelece em sua narrativa a competência profissional e o reconhecimento externo como estado-meta. Autoconhecimento e autoaceitação são meios para alcançá-lo, ao resignificar a diversidade de suas experiências como potência e manifestação criativa. Fernanda se coloca como agente de seu percurso, responsável pela própria condução em direção ao estado-meta. Assim, detalha como se sentiu insegura diante do questionamento de seu pai sobre “ser empreendedora”, mas também o que decidiu e como

agiu, diante disso: “Não quero falir, quero ter uma experiência [de trabalho], pelo menos. . . . Agora já com quatro anos e meio de empresa... eu tenho uma confiança muito maior.”

Foi na OP que Fernanda deu o pontapé inicial em seu percurso de autoconhecimento e autoaceitação, pavimentando o caminho em direção a seu estado-meta.

Ao final, temos que a OP foi significativa e proveitosa a todos os participantes em diferentes graus. Três dos seis participantes se aproximam dos seus objetivos em suas narrativas: Carlos, Carol e Fernanda. Para Carlos e Carol, a OP ocupou papel central nesse movimento, sendo que para Carlos possibilitou, ainda, a saída de uma crise. Para Fernanda, possibilitou autoconhecimento e fortaleceu ações, foi o pontapé inicial em direção aos seus objetivos e acompanhou-a em seu percurso, mas a centralidade no suporte ao movimento da participante foi a psicoterapia. Para Maria e Rosa, a OP possibilitou o delinear de objetivos direta ou indiretamente e o fortalecimento de ações. E, para José, a OP não se alinhou como suporte à sua busca, embora tenha possibilitado alívio em uma passagem mais pesada.

6. IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA CLÍNICA EM OP

A partir das entrevistas e análise desenvolvida, propõem-se algumas considerações visando à prática da Orientação Profissional Clínica. Deve levar-se em conta o universo pequeno de participantes na pesquisa. Portanto, as reflexões aqui alinhavadas não devem ser entendidas como conclusivas a respeito de caminhos a serem tomados, na prática clínica, mas como temáticas relevantes, suscitadas pela exploração do presente trabalho.

6.1 Compreensão da carreira

Um ponto relevante refere-se à importância em abordar o entendimento ou expectativa de carreira que o orientando tem, no transcorrer do processo. Malki (2015), analisando 58 relatórios de triagem do NOP-USP, percebeu que muitos jovens carregam ainda a expectativa de carreira tradicional (ascensão linear em cargos e funções, ao longo do percurso, e estabilidade institucional), mesmo que esta seja cada vez menos comum. Na presente pesquisa, evidenciaram-se compreensões diversas sobre a carreira entre os participantes e como estas influenciam o entendimento sobre os próprios percursos ou mesmo como veem a OP.

José, por exemplo, marcado por uma expectativa de performance na carreira, de retorno financeiro precoce e ligado a um campo de estudos especializado, sente-se “inútil”, por vender doces e salgados na faculdade, a fim de complementar a renda. Ou, ainda, entende que não tem “uma carreira” por conta disso. Carol, ao avaliar a OP, acredita que esta a ajudou em sua vida pessoal, pois ainda “não começou sua carreira”. Maria, pautada por uma expectativa de performance e produtividade, entende que “está estagnada” ou que “não deslanchou”. Fernanda pondera se estaria “mais bem colocada” hoje, se tivesse realizado a Graduação x ou y, e frustra-se de que não chegou a uma conclusão clara na OP de qual caminho seguir. Rosa sente-se frustrada por sempre se “adaptar” às situações e oportunidades e não fazer de fato o que “sempre quis”, ou seja, debate-se com uma expectativa de plena realização pessoal e profissional, além de se frustrar quanto à OP, por entender que se dedicou mais a assuntos “pessoais” do que “profissionais”.

São exemplos que ilustram como a expectativa ou a concepção de carreira podem influenciar: a. a percepção (e ainda satisfação ou não) sobre o próprio percurso e b. como os participantes compreendem o papel da OP, em seus percursos.

A Estratégia Clínica em OP compreende que a problemática de qualquer questão profissional (seja uma escolha pontual entre um curso x ou y a ser seguido, seja uma transição

de carreira, um projeto profissional dentro da própria área de atuação ou o planejamento da aposentadoria) está envolvida na identidade pessoal e seus múltiplos atravessamentos psicossociais: relacionais, familiares, culturais, econômicos, políticos, passados, presentes e projetados no futuro. Desse modo, não se supõe o trabalho exclusivo sobre os aspectos objetivos na operacionalização da escolha (o *que*, *como* e *onde* fazer), mas que serão também explorados vários aspectos da vida de *quem* escolhe, seu contexto e motivações.

A despeito disso, alguns dos entrevistados se frustram com o tempo dedicado aos aspectos pessoais, no transcorrer do processo. Outros seguem entendendo que questões pessoais e decisões educacionais não integram uma “carreira”.

Diante disso, reforça-se a importância de se abordar, ao longo da intervenção em OP, os objetivos e os meios da OP clínica, bem como alinhar com o cliente o que se concebe por carreira e quais expectativas estão depositadas nesse constructo.

6.2 Conflito, crise e resignificação

De acordo com o exposto na seção homônima acima, é pertinente ao processo de OP localizar o conflito central em torno da escolha, trazido pelo orientando, e como este se relaciona com seu percurso. Enquanto Carlos chega à OP pelo conflito gerado por transformações vividas em anos pgressos, Fernanda chega à OP por causa da impossibilidade de prorrogar o enfrentamento de um conflito, enfrentamento esse que demandará transformações ainda posteriores à OP.

Identificar esse movimento favorece a condução do processo, possibilitando priorizar movimentos de fechamento (de uma crise ou conflito), abertura (evidenciando conflito ou provocando uma crise) ou estabilidade (manutenção da situação), inclusive afetando o tempo que se propõe desenvolver a intervenção. De maneira análoga, Hegenberg (2004) aborda o manejo de processos clínicos em psicoterapia breve de pacientes em crise ou fora dela.

6.3 Amadurecimento da decisão e sessões de acompanhamento (follow-up)

Ouvir o relato dos participantes sobre seus percursos sinalizou como, por vezes, a decisão buscada por um cliente pode ser tomada ou amadurecida após o processo e estar diretamente relacionada a ele. Sessões de acompanhamento podem oferecer um melhor suporte a esse movimento. Carlos relata como foi importante as duas sessões de retorno e as

vivências entre esses encontros, para se certificar de sua escolha, ao passo que Maria expõe o desejo de contatar a orientadora novamente, após a experiência da docência. Rosa precisou repensar seus planos, ao descobrir a gravidez, logo após o processo, enquanto José questionou a própria decisão, em face dos desgostos com a faculdade escolhida. São exemplos de como a escolha não é “pontual”, mas construída ao longo do tempo. Acredita-se que sessões de acompanhamento espaçadas no tempo podem prover um suporte necessário para uma intervenção mais efetiva.

6.4 Carreira e maternidade

Como já sinalizado na seção de mesmo nome, destaca-se a importância de abordar a especificidade da carreira da mulher, na contemporaneidade. Refere-se aqui ao peso subjetivo que elas carregam, ao se verem convocadas a performar profissionalmente e como mães, em um cenário de ausência de suporte social, cultural e econômico para tanto. Essa “conta” simplesmente não fecha, empurrando-as a encontrar saídas no plano objetivo e identitário.

7. LIMITAÇÕES DA PESQUISA E REFLEXÕES PARA FUTUROS ESTUDOS

A pesquisa procurou, de maneira qualitativa, trazer elementos de reflexão para a OP clínica, a partir da exploração da narrativa de pessoas que vivenciaram o processo. Para além das limitações inerentes ao modelo escolhido (ausência de dados quantificáveis e uma maior amostra de participantes, por exemplo), é possível apontar outros caminhos que poderiam ser seguidos, a fim de tornar a análise mais completa.

Por exemplo, a síntese dos relatos e até mesmo a análise poderiam ser compartilhadas com os respectivos participantes, para validação. Dessa forma, as narrativas seriam coconstruídas e mais representativas da intencionalidade dos entrevistados. O momento de validação se daria em um segundo encontro com os entrevistados, trazendo ainda mais elementos para a análise.

Um outro desenho de pesquisa possível seria incluir entrevistas com os orientadores que atenderam os ex-orientandos entrevistados, buscando maior detalhamento das concepções de OP clínica e bases metodológicas e teóricas de sua intervenção; ou, ainda, confrontando a compreensão do orientador a respeito do processo com o modo como o orientado o vivenciou. Nessas duas sugestões, seria possível levantar mais informações a respeito do alinhamento ou não entre expectativas do modelo de intervenção proposto e resultados obtidos. Contudo, isso limitaria o estudo longitudinal e estaria menos focado na narrativa dos ex-orientandos e mais na avaliação qualitativa dos resultados da intervenção.

Um terceiro desenho de pesquisa possível seria acompanhar a narrativa dos ex-orientandos, longitudinalmente, ou seja, entrevistá-los logo após o processo e nos anos subsequentes, ensejando contrastar as narrativas de um mesmo participante, com o passar do tempo.

Buscou-se diversificar a amostra em relação ao tempo em que vivenciaram a OP (até 1 ano, 2 anos e 7 anos), todavia, este não se mostrou um critério frutífero para análise. Possivelmente, o estabelecimento de critérios socioeconômicos (por renda e composição familiar, idade com que vivenciou o processo, profissão do orientando ou dos pais etc.) poderia evidenciar maior contraste contextual e psicossocial nas narrativas, ou seja, como diferentes pessoas, em diferentes contextos, significam a OP, trazendo rico material para debate, como no caso do contraste entre Carol e José, em relação ao trabalho não especializado.

Por fim, mais um aspecto que se mostrou limitador desse estudo concerne ao fato de que os entrevistados foram contatados e convidados a participar sem contrapartida (remuneração) pelo tempo investido ou subsídio para transporte. Esse pode ser um elemento

de direcionamento da amostra, favorecendo aqueles com maior proximidade física do serviço, tempo livre, ou com algum interesse em expor sobre seu percurso profissional e a Orientação Profissional. Por interesse, refere-se a, por exemplo, desde uma vinculação positiva com o serviço e desejo de retribuição, algum tipo de avaliação sobre o próprio aproveitamento do serviço, ou mesmo alguma questão em aberto e intenção de usufruir do serviço novamente.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho investigou o papel da intervenção em OP, na trajetória de vida de ex-orientandos, a partir da análise de suas narrativas de carreiras, visando a contribuir com reflexões a respeito da prática clínica de OP e seus efeitos.

Para tanto, valeu-se de entrevistas semidirigidas com seis ex-orientandos, para explorar as trajetórias de vida no trabalho e a experiência da intervenção em Orientação Profissional; da análise holísticas das narrativas produzidas nas entrevistas e da comparação entre essas análises, enfocando os aspectos relacionados à OP.

Foi possível identificar que a intervenção em OP foi significativa e proveitosa a todos os participantes, porém, de maneiras e intensidades distintas. Através do método proposto, foi possível verificar para quais participantes a OP ocupou papel mais central, no delineamento e busca de seus objetivos e quais mobilizações a OP proporcionou. Foi possível localizar a OP nos percursos dos participantes e como esta se relaciona com os acontecimentos pregressos e posteriores à intervenção. Ao contrastar a narrativa sobre a trajetória de vida dos participantes com o relatado sobre a OP, foi possível localizar o conflito central (Moura, 2014) que mobilizou os ex-orientandos, bem como as mudanças e permanências nas trajetórias.

Observou-se a característica essencialmente psicossocial (Ribeiro, 2014) da questão da escolha profissional e elementos contextuais que permeiam a percepção da própria carreira e do papel da OP.

Sinalizou-se a atemporalidade da experiência do processo de OP e como este reverbera, ao longo do tempo. Com base nas análises e discussões tecidas no transcorrer do trabalho, algumas reflexões para a prática clínica foram propostas: indicou-se a pertinência de sessões de acompanhamento após o processo, em face da constatação de decisões amadurecidas ou modificadas, a partir de experiências posteriores à intervenção, relacionadas a ela ou não. Destacou-se a importância da atenção às especificidades da carreira da mulher/mãe em nosso contexto e também a relevância em abordar o entendimento e a expectativa de carreira do cliente, bem como os objetivos e meios da OP clínica, ao longo da sessões.

Desse modo, entende-se que o método proposto e utilizado se mostrou válido e os objetivos estabelecidos foram alcançados; ainda que, de forma alguma, se proponha o esgotamento do tema explorado, no presente trabalho, o qual, por sua própria natureza, escapa a qualquer pretensão de consideração totalizadora ou inquestionavelmente conclusiva.

9. REFERÊNCIAS

- Abade, F. L. (2005) Orientação Profissional no Brasil: Uma Revisão Histórica da Produção Científica. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 6(1), 15-24.
- Alexander, F., & French, T. M. (1965). *Terapêutica Psicoanalítica: princípios y aplicación*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1946).
- Alonso, W. do C., & Melo-Silva, L. L. (2013). Avaliação de uma Intervenção em Orientação Profissional na Perspectiva de Ex-Estagiários. *Psicologia Ciência e Profissão*, 33(2), 84-99.
- Ambiel, R. A. M., Barros, L. de O., Pereira, E. C., Tofoli, L., & Bacan, A. (2017). Avaliação de processos de orientação profissional e de carreira: problemas e possibilidades. *Revista Avaliação Psicológica*, 16(2), 128-136.
- Audi, D. A., Fonçatti, G., & Uvaldo, M. da C. C. (2020). Orientação Profissional e de Carreira para universitários: Experiências do NOP-USP. In A. Knabem, C. S. C. Silva, & M. P. Bardagi (Orgs.). *Orientação, desenvolvimento e aconselhamento de carreira para estudantes universitários no Brasil*. (pp. 287-307). Curitiba: Brazil Publishing.
- Bardagi, M. P., & Albanaes, P. (2015). Avaliação de Intervenções Vocacionais no Brasil: Uma Revisão da Literatura. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 16(2), 123-135.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Personal.
- Baruch, Y; Szucs, N., & Gunz, H. (2015) Career Studies in search of theory: the rise and rise of concepts. *Career Development International*. 20(1), 3-20.
- Benghozi, P. (2010). *Malhagem, filiação e afiliação. Psicanálise dos vínculos: casal, família, grupo, instituição e campo social*. São Paulo: Vetor.
- Bleger, J. (2003). *Temas de psicologia: entrevistas e grupos*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bohoslavsky, R. (Org.). (1983). *Vocacional: Teoria, Técnica e Ideologia*. São Paulo: Cortez.
- Bohoslavsky, R. (2001). Primeira aula do curso sobre Orientação Vocacional ministrada por Rodolfo Bohoslavsky, em fevereiro 1975, Universidade de São Paulo. *Revista do Laboratório de Estudos Sobre o Trabalho e Orientação Profissional*, São Paulo, 0(1), 21-50.
- Bohoslavsky, R. (2003a). Segunda aula do curso sobre Orientação Vocacional ministrada por Rodolfo Bohoslavsky, em fevereiro 1975, Universidade de São Paulo. *Labor-USP*, 1(1), 139-168.
- Bohoslavsky, R. (2003b). *Orientação Profissional: A Estratégia Clínica*. São Paulo: Martins. (Trabalho original publicado em 1977).
- Caldwell, E. (2006). *Agency and Change*. London: Routledge.
- Campbell, J. (2008). *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix.

- Cardoso, P., Silva, J. R., Gonçalves, M. M., & Duarte, M. E. (2014). Narrative innovation in life design counseling: The case of Ryan. *Journal of Vocational Behavior*, 85(3), 276-286.
- Carvalho, M. M. M. J. (1979). *Orientação Profissional em dinâmica de grupo*. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Castells, M. (1999). *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*. Vol. 1-3. São Paulo: Paz e Terra.
- Chase, S. E. (1995). Taking narrative seriously: Consequences for method and theory in interview studies. In R. Josselson & A. Lieblich (Eds.). *Interpreting experience: The narrative study of lives* (pp. 1-26). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Collin, A., & Young, R. (2000). The future of career. In A. Colling & R. A. Young (Eds.). *The future of career* (pp. 276-300). Cambridge: Cambridge University Press.
- Creswell, J. W. (2009). *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches*. California: Sage.
- Datasus (1996). *Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996*. Dispõe sobre Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Recuperado em 20 dezembro de 2012, de <http://www.datasus.gov.br>.
- Datasus (2000). *Resolução nº 016/2000*. Dispõe sobre a realização de Pesquisa em *Psicologia com seres humanos*. Recuperado em 20 dezembro de 2012, de http://www.crpsp.org.br/a_orien/set_legislacao_regulamentacao_profissional.htm.
- Datasus (2005). *Resolução nº 010/2005*. Dispõe sobre o Código de ética profissional do psicólogo. Recuperado em 20 dezembro de 2012, de http://www.crpsp.org.br/a_orien/set_legislacao_regulamentacao_profissional.htm.
- Derr, C. B., & Laurent, A. (1990). The internal and external career: a theoretical and cross-cultural perspective. *Journal of Economic Psychology*, 11, 456-458. Cambridge University Press.
- Dries, N., Pepermans, R., & Carlier, O. (2008). Career success: Constructing a multidimensional model. *Journal of Vocational Behavior*, 73(2), 254-267. Dyer, D. L. (2006). *A narrative exploration of the experience of recurrent major depression*. (Tese de Doutorado). University of British Columbia, BC, Canadá.
- Elizalde Corbal, J. H., & Rodriguez de Costa, A. M. (Orgs.) (2002). *Creando Proyectos en Tienpos de Incertidumbre: desarrollos teóricos y técnicos en orientación vocacional ocupacional*. Montevideo: Psicolibros.
- Eriksson, E. (1976). *Identidade, juventude e crise* (2a ed.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Esbrogio, M. C. (2008). *Avaliação da Orientação Profissional em grupo: o papel da informação no desenvolvimento da maturidade para a escolha da carreira*. (Dissertação de Mestrado). USP, Ribeirão Preto.

- Fontanella, B. J. B., Campos, C. J. G., & Turato, E. R. (2006, setembro/outubro). Coleta de dados na pesquisa clínico-qualitativa: uso de entrevistas não dirigidas de questões abertas por profissionais da saúde. *Revista Latino Americana de Enfermagem*, 14(5).
- Gergen, K. J., & Gergen, M. M. (1983). Narratives of the self. In T. R. Sarbin and K. E. Scheibe (Eds.). *Studies in social identity* (pp. 254-273). New York: Praeger.
- Gergen, K. J., & Gergen, M. M. (1986). Narrative form and the construction of psychological science. In T. S. Sarbin (Ed.) *Narrative psychology: The storied nature of human conduct* (pp. 22-44). New York: Praeger.
- Gergen, K. J. & Gergen, M. M. (1988). Narrative and the self as relationship. In L. Berkowitz (Ed.). *Advances in experimental social psychology* (pp. 17-45). New York: Academic Press.
- Gergen, M. M. (1992). Life stories: Pieces of a dream. In G. S. Rosenwald and R. L. Ochberg (Eds.). *Storied lives: The cultural politics of self understanding* (pp. 127-144). New Haven: Yale University Press.
- Gorz, A. (2005). *O Imaterial: Conhecimento, valor e capital*. São Paulo: Annablume.
- Guichard, J. (2001). Problemáticas e finalidades da orientação. *Revista Europeia, Formação Profissional*, 26, 05-20.
- Guichard, J. (2004). *Novos paradigmas em orientação profissional: questões sociais, construção de projetos e identidade*. Aula apresentada no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Guichard, J. (2012). Quais os desafios para o aconselhamento em orientação no início do século 21? *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 13(2), 139-152.
- Hall, S. (2011). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Hegenberg, M. (2004). *Psicoterapia Breve*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Heppner, M. J., & Heppner, P. P. (2003). Identifying process variables in career counseling: A research agenda. *Journal of Vocational Behavior*, 62(3), 429-452.
- Horstein, L. (1989). *Introdução à psicanálise*. São Paulo: Escuta.
- Kazdin, A. E. (2008). Evidence-based treatment and practice - New opportunities to bridge clinical research and practice, enhance the knowledge base, and improve patient care. *American Psychologist*, 63(3), 146-159.
- Kazdin, A. E. (2009). Understanding how and why psychotherapy leads to change. *Psychotherapy research: journal of the Society for Psychotherapy Research*, 19, 4-5, 418-28 .
- Khapova, S. N., A., M. B., & Wilderom, C. P. M. (2007). The Subjective Career in the knowledge Economy. In H. Gunz & M. Peiperl (Eds.). *Handbook of Career Studies* (pp. 114-128). Thousand Oaks, California: Sage Publications.

- Lassance, M. C. P., Paradiso, A. C., & Silva & C. B. (2011). Terceira demanda-chave para a Orientação Profissional: Como ajudar o indivíduo a desenvolver sua carreira? Enfoque desenvolvimentista e evolutivo. In M. A. Ribeiro, & L. L. Melo-Silva (Orgs.). *Compêndio de orientação profissional e de carreira, volume 1: Perspectivas históricas e enfoques teóricos clássicos e modernos* (pp. 135-166). São Paulo: Vetor.
- Lehman, Y. P. (2001). O Processo de Orientação Profissional como um holding na adolescência. *Revista do Laboratório de Estudos Sobre o Trabalho e Orientação Profissional*, 1(1) 66-75.
- Lehman, Y. P. (2005). *Estudo sobre a evasão universitária: as mudanças de paradigma na Educação e suas consequências*. (Tese de Livre Docência). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Lehman, Y. P. (2010). Orientação profissional na pós-modernidade. In R. S. Levenfus & D. H. P. Soares. (Orgs.). *Orientação Vocacional Ocupacional*. (pp.19-30). Porto Alegre: Artmed.
- Lehman, Y. P. (2011). *A psicanálise no campo da orientação profissional na contemporaneidade: Teoria e técnica*. São Paulo: Vetor.
- Lehman, Y. P. (2013). *Intervenções vocacionais: desenvolvimentos de novos modelos de investigação*. Braga, Portugal: APCD.
- Lehman, Y. P., Ribeiro, M. A., Uvaldo, M. C. C., & Silva, F. F. (2015). A psychodynamic approach on group career counseling: A Brazilian experience of 40 years. *International Journal for Educational and Vocational Guidance*, 15(1), 23-36.
- Lehman, Y. P., Silva, F. F. & Uvaldo, M. C. C. (2006) O jovem e o mundo do trabalho: consultas terapêuticas e orientação profissional. *Imaginário*, 12(12), 81-96. Recuperado em 27 de novembro de 2013, de www.pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-666X2006000100005&lng=pt&nrm=iso.
- Lehman, Y. P., Silva, F. F., Ribeiro, M. A. & Uvaldo, M. C. C. (2011). Segunda demanda-chave para a Orientação Profissional: Como ajudar o indivíduo a atender os determinantes de sua escolha e poder escolher? Enfoque psicodinâmico. In M. A. Ribeiro, & L. L. Melo-Silva (Orgs.). *Compêndio de orientação profissional e de carreira, volume 1: Perspectivas históricas e enfoques teóricos clássicos e modernos* (pp. 111-134). São Paulo: Vetor.
- Levenfus, R. S. (1997). Orientação vocacional ocupacional: à luz da psicanálise. In R. S. Levenfus (Org.). *Psicodinâmica da escolha profissional*. (pp. 227-244). Porto Alegre: Artmed.
- Levenfus, R. S. (2010). Orientação vocacional ocupacional: abordagem clínica psicológica. In R. S. Levenfus, & D. H. P. Soares (Orgs.), *Orientação Vocacional Ocupacional*. (pp. 117-134). Porto Alegre: Artmed.
- Levenfus, R. S., & Soares, D. H. P. (Orgs.). (2010). *Orientação Vocacional Ocupacional*. Porto Alegre: Artmed.

- Lieblich, A., Tuval-Mashiach, R., & Zilber, T. (1998). *Narrative research: Reading, analysis, and interpretation*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Lima, G. A. M., Uvaldo, M. C. C., & Dias, M. L. (2018). *Orientação Profissional & Psicanálise: o olhar clínico*. São Paulo: Vetor.
- Magalhães, M. O. (2011). Quinta demanda-chave para a Orientação Profissional: como ajudar o indivíduo a entender e enfrentar as múltiplas transições em sua carreira? Enfoque transicional. In M. A. Ribeiro, & L. L. Melo-Silva (Orgs.). *Compêndio de orientação profissional e de carreira, volume 1: Perspectivas históricas e enfoques teóricos clássicos e modernos* (pp. 195-224). São Paulo: Vetor.
- Malki, Y. (2015). *A crise com o curso superior na realidade brasileira contemporânea: análise das demandas trazidas ao Núcleo de Orientação Profissional da USP*. (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia da USP, São Paulo.
- Mancuso, J. C., & Sarbin, T. R. (1983). The self-narrative in the enactment of roles. In T. R. Sarbin, & K. E. Scheibe (Eds.). *Studies in social identity* (pp. 233 - 253). New York: Praeger.
- Maree, K., & Di Fabio, A. (Eds.). (2015). *Exploring New Horizons in Career Counselling*. Rotterdam: Sense Publishers.
- McIlveen, P., & Patton, W. (2007). Narrative career counselling: Theory and exemplars of practice. *Australian Psychologist*, 42(3), 226-235.
- Mignolo, W. D. (2009). Epistemic Disobedience, Independent Thought and Decolonial Freedom. *Theory, Culture & Society*, 26(8), 1-23.
- Minayo, M. C. de S. (1996). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec Abrasco.
- Moffat, A. (1991). *Psicoterapia do Oprimido: Ideologia e Técnica da Psiquiatria Popular*. São Paulo: Cortez.
- Moura, M. L. (2014). *Contribuições para a Orientação Profissional na Estratégia Clínica a partir da Psicoterapia Breve Psicanalítica*. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Müller, M. (1988). *Orientação Vocacional: Contribuições clínicas e educacionais*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Neiva, K. M. C. (2002). Escala de Maturidade para Escolha Profissional (EMEP). Em R. S. Levenfus, & D. H. P. Soares (Orgs.), *Orientação vocacional ocupacional: Novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa* (pp. 239-246). Porto Alegre: Artmed.
- Pelletier, D. (2001). S'orienter dans un monde incertain. In D. Pelletier (Ed.). *Pour une approche orientante de l'école québécoise: concepts et pratiques à l'usage des intervenants* (pp. 7-23). Québec: Septembre.

- Quadros, W. (2019, setembro). *A profundidade da atual crise social*. Texto para Discussão. Unicamp. IE, Campinas, n. 361. Recuperado em 5 de janeiro de 2019 de <http://www.eco.unicamp.br/images/arquivos/artigos/TD/TD361.pdf>
- Ribeiro, M. A. (2011a). Breve histórico dos primórdios da Orientação Profissional. In M. A. Ribeiro, & L. L. Melo-Silva (Orgs.). *Compêndio de orientação profissional e de carreira, volume 1: Perspectivas históricas e enfoques teóricos clássicos e modernos* (pp. 15-22). São Paulo: Vetor.
- Ribeiro, M. A. (2011b). Orientação Profissional: uma proposta de guia terminológico. In M. A. Ribeiro, & L. L. Melo-Silva (Orgs.). *Compêndio de orientação profissional e de carreira, volume 1: Perspectivas históricas e enfoques teóricos clássicos e modernos* (pp. 23-66). São Paulo: Vetor.
- Ribeiro, M. A. (2011c). Enfoques teóricos em Orientação Profissional. In M. A. Ribeiro, & L. L. Melo-Silva (Orgs.). *Compêndio de orientação profissional e de carreira, volume 1: Perspectivas históricas e enfoques teóricos clássicos e modernos* (pp. 67-85). São Paulo: Vetor.
- Ribeiro, M. A. (2011d). Sexta demanda-chave para a Orientação Profissional: como ajudar o indivíduo a construir dinamicamente sua carreira em um mundo em transição? In M. A. Ribeiro, & L. L. Melo-Silva (Orgs.), *Compêndio de orientação profissional e de carreira, volume 2: enfoques teóricos contemporâneos e modelos de intervenção* (pp. 15-51). São Paulo: Vetor.
- Ribeiro, M. A. (2014). *Carreiras: Novo olhar Socioconstrucionista para um Mundo Flexibilizado*. Curitiba: Juruá.
- Ribeiro, M. A., & Lehman, Y. P. (2011). Algumas contribuições brasileiras para a Orientação Profissional. In M. A. Ribeiro, & L. L. Melo-Silva (Orgs.). *Compêndio de orientação profissional e de carreira, volume 2: enfoques teóricos contemporâneos e modelos de intervenção* (pp. 53-97). São Paulo: Vetor.
- Ribeiro, M. A., & Melo-Silva, L. L. (Orgs.). (2011). *Compêndio de orientação profissional e de carreira* (Vols. 1-2). São Paulo: Vetor.
- Ribeiro, M. A., Silva, F. F., & Uvaldo, M. C. C. (2011). Novos rumos na investigação das carreiras e do desenvolvimento vocacional: a necessidade de uma abordagem qualitativa, etnográfica e longitudinal. In M. C. Taveira (Org.). *Estudos de Psicologia Vocacional – Readings* (pp. 219-224). Coimbra, Portugal: Almedina.
- Ribeiro, M. A. & Uvaldo, M. C. C. (2007). Frank Parsons: Trajetória do pioneiro da orientação vocacional, profissional e de carreira. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 8(1), 19-31.
- Ribeiro, M. A., Uvaldo, M. da C. C., & da Silva, F. F. (2015). Some contributions from Latin American career counselling for dealing with situations of psychosocial vulnerability. *International Journal for Educational and Vocational Guidance*, 15(3), 193-204.

- Santos, A. R. (2020). *Uma proposta de indicadores para avaliação dos resultados do processo de intervenção em orientação profissional e de carreira com adultos*. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Savickas, M., Nota, L., Rossier, J. & cols (2009). Life designing: A paradigm for career construction in the 21st century. *Journal of Vocational Behavior*, 75(3) 239-250.
- Sennet, R. (2009). *A corrosão do caráter: Consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. São Paulo: Record.
- Sennet, R. (2012). Street and Office: Two Sources of Identity. In Guiddens, A., & Hutton W. *On the Edge: Living with Global Capitalism*. London: Randon House.
- Shedler, J. (2010). The efficacy of psychodynamic psychotherapy. *The American Psychologist*, 65(2), 98-109.
- Silva, J. R. S., & Assis, S. M. B. (2010). Grupo focal e análise de conteúdo como estratégia metodológica clínica-qualitativa em pesquisas nos distúrbios do desenvolvimento. *Cadernos de pós-graduação em distúrbios do desenvolvimento*, 1(10), 146-152.
- Soares, D. H. P., & Krawulski, E. (2010). Modalidade de trabalho e utilização de técnicas em orientação profissional. In R. S. Levenfus, & D. H. P. Soares (Orgs.). *Orientação Vocacional Ocupacional*. (pp. 247-259). Porto Alegre: Artmed.
- Sparta, M., Bardagi, M. P., & Teixeira, M. A. P. (2006). Modelos e instrumentos de avaliação em orientação profissional: perspectiva histórica e situação no Brasil. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 7(2), 19-32.
- Teixeira, M. A. P., Bardagi, M., & Hutz, C. S. (2007). Escalas de exploração vocacional (EEV) para universitários. *Psicologia em Estudo*, 12(1), 195-202.
- Teixeira, M. A. P., & Magalhães, M. O. (2001). Escala de indecisão vocacional: Construção de um instrumento para pesquisa com estudantes do Ensino Médio. *Aletheia*, 13, 21-26.
- Teixeira, M. O. (2011). Quarta demanda-chave para a Orientação Profissional: Como ajudar o indivíduo a compreender seu processo de tomada de decisões e desenvolver um método de escolha? Enfoque decisional e cognitivo. In M. A. Ribeiro, & L. L. Melo-Silva (Orgs.). *Compêndio de orientação profissional e de carreira, volume 1: Perspectivas históricas e enfoques teóricos clássicos e modernos* (pp. 86-110). São Paulo: Vetor.
- Torres, M. L. C. (2002). Orientação Profissional Clínica: Uma Contribuição Metodológica. In R. S. Levenfus, & D. H. P. Soares (Orgs.). (2002). *Orientação Vocacional Ocupacional: Novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa*. Porto Alegre: Artmed.
- Uvaldo, M. C. C. (2010). *Tecendo a trama identitária: um estudo sobre mudanças de carreira*. (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Walsh, W. B. (2001). The changing nature of the science of vocational psychology. *Journal of Vocational Behavior*, 59(2), 262-274.

- Whiston, S. C., Li, Y., Mitts, N. G., & Wright, L. (2017). Effectiveness of career choice interventions: A meta-analytic replication and extension. *Journal of Vocational Behavior*, *100*, 175-184.
- Whiston, S. C., Sexton, T. L., & Lasoff, D. L. (1998). Career-Intervention Outcome: A Replication and Extension of Oliver and Spokane (1988). *Journal of Counseling Psychology*, *45*(2), 150-165.
- Young, R. A., Friedsen, J. F., & Borycki, B. (1994). Narrative structure and parental influence in career development. *Journal of Adolescence*, *17*(2), 173-191.
- Young, R. A., Marshall, S. K., Valach, L. et al. (2011). *Transition to Adulthood: Action, Projects, and Counseling*. New York: Springer.
- Young, R. A., & Popadiuk, N. E. (2012). Social Constructionist Theories in Vocational Psychology. In P. McIlveen, & D. E. Schultheiss. *Social Constructionism in Vocational Psychology and Career Development*. (pp. 9-28). Rotterdam/Boston/Taipei: Sense Publishers.
- Young, R. A., & Valach, L. (2004). Interpretation and action in career counseling. In M. L. Savickas, & W. B. Walsh (Eds.). *Handbook of career counseling: theory and practice*. (pp. 361-376). Palo Alto: Davies-Black, 1996.
- Young, R. A., Valach, L., & Domene, J. F. (2015). Counseling Processes and Procedures. In R. A. Young, J. F. Domene, & L. Valach (Eds.). *Counseling and Action*. (pp. 317-336). New York: Springer.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido - MAIOR DE IDADE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado participante,

Meu nome é Marcos Lanner de Moura, sou psicólogo e estou realizando a pesquisa de Doutorado intitulada “**Impactos da vivência do processo de Orientação Profissional na Carreira**”, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Yvette Piha Lehman, docente do Instituto de Psicologia da USP, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

A pesquisa tem como objetivo compreender as influências que o processo de Orientação Profissional pode exercer no percurso profissional de pessoas que passaram pelo processo de escolha. Diante de um contexto social de muitas mudanças e de grande instabilidade, onde os percursos profissionais são cada vez mais diversos e variados, o estudo busca encontrar elementos para a reflexão e contribuição para a prática em Orientação Profissional.

Sua colaboração consistirá em conceder uma entrevista de aproximadamente 40 minutos, na qual poderá discorrer sobre seu percurso profissional, sobre o processo de orientação profissional que vivenciou e as relações entre esses que você possa identificar. Ao longo da entrevista, poderei intervir com algumas perguntas dentro desses temas ou relacionadas a algum elemento que você tenha mencionado em seu relato.

A entrevista pode ser realizada em qualquer local em que haja privacidade e em que se sinta mais confortável para falar sobre tais temas, podendo ser em sua casa, local de trabalho, espaço público ou outro de sua escolha.

Havendo consentimento, os depoimentos serão gravados para facilitar a compilação dos dados e apenas eu os ouvirei. Comprometo-me com a garantia do sigilo em relação à realização e ao conteúdo da entrevista, assumindo a responsabilidade de omitir nomes e quaisquer dados que permitam sua identificação. As transcrições das entrevistas serão usadas apenas para fins acadêmicos e, em hipótese alguma, serão divulgadas em qualquer outro meio. Dados do seu prontuário disponível no arquivo do Serviço de Orientação Profissional da USP poderão ser acessados por mim, respeitando as mesmas regras de sigilo e uso acadêmico acima mencionadas.

A participação na presente pesquisa é totalmente voluntária. Durante sua colaboração, não é necessário fornecer informações que não queira, além de poder interromper sua participação a qualquer momento, sem qualquer prejuízo a você.

Ao responder a esta pesquisa, você não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Com a sua participação, estará colaborando para o desenvolvimento do campo da Orientação Profissional.

Considerando que toda pesquisa oferece algum tipo de risco, é importante informá-lo que os temas acima mencionados a serem explorados na entrevista podem acarretar em desconfortos ou constrangimentos (riscos subjetivos). Se houver a necessidade de apoio e/ou

orientação psicológica, ou mesmo encaminhamento a outros profissionais, assumo a responsabilidade de prestar tal assistência a qualquer tempo, mesmo após o término de sua participação. Além disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, você tem assegurado o direito à indenização.

Coloco-me à disposição, em caso de possíveis dúvidas e para prestar esclarecimentos adicionais a qualquer momento, mesmo após a realização da entrevista. Os contatos estão listados abaixo.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será emitido em duas vias, que deverão ser rubricadas por participante e pesquisador. Uma das vias ficará em seu poder e a outra ficará comigo.

Atenciosamente,

Marcos Lanner de Moura, Doutorando pelo Departamento de Psicologia Social e do Trabalho - Instituto de Psicologia da USP. E-mail: marcos.moura@usp.br; Celular: (11) 98127-3903.

Secretaria de Pós-Graduação do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho - Instituto de Psicologia da USP: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 – Bloco A, Salas 103/105, CEP 05508-030 - Cidade Universitária - São Paulo/SP. E-mail: ccppsicologiasocial@usp.br; Telefones: (11) 3091-4184 ou (11) 3091-4460.

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – Instituto de Psicologia da USP: Av. Professor Mello Moraes, 1721 – Bloco G, 2o andar, sala 27, CEP 05508-030 - Cidade Universitária - São Paulo/SP. E-mail: ceph.ip@usp.br; Telefone: (11) 3091-4182.

Eu, _____, (idade) _____, RG _____, declaro que fui informado(a) e compreendi os objetivos da pesquisa de Doutorado intitulada “**Impactos da vivência do processo de Orientação Profissional na Carreira**”. Concordo em participar voluntariamente como entrevistado(a) e permito que as entrevistas sejam gravadas. Além disso, estou ciente de que, caso eu queira, posso interromper minha participação nessa pesquisa a qualquer momento. Declaro ainda que possuo uma via devidamente assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Assinatura do(a) entrevistado(a): _____

Pesquisador: Marcos Lanner de Moura _____

São Paulo, ____ de _____ de 20__.

APÊNDICE B - Termo de consentimento livre e esclarecido - MENOR DE IDADE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado participante e responsável legal,

Meu nome é Marcos Lanner de Moura, sou psicólogo e estou realizando a pesquisa de Doutorado intitulada “**Impactos da vivência do processo de Orientação Profissional na Carreira**” sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Yvette Piha Lehman, docente do Instituto de Psicologia da USP, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

A pesquisa tem como objetivo compreender as influências que o processo de Orientação Profissional pode exercer no percurso profissional de pessoas que passaram pelo processo de escolha. Diante de um contexto social de muitas mudanças e de grande instabilidade, onde os percursos profissionais são cada vez mais diversos e variados, o estudo busca encontrar elementos para a reflexão e contribuição para a prática em Orientação Profissional.

A colaboração do participante consistirá em conceder uma entrevista de aproximadamente 40 minutos, na qual poderá discorrer sobre seu percurso profissional, sobre o processo de orientação profissional que vivenciou e as relações entre esses que ele(a) possa identificar. Ao longo da entrevista, poderei intervir com algumas perguntas dentro desses temas ou relacionadas a algum elemento que tenha sido mencionado no relato.

A entrevista pode ser realizada em qualquer local em que haja privacidade e em que o(a) participante se sinta mais confortável para falar sobre tais temas, podendo ser em sua própria casa, local de trabalho, espaço público, ou outro que lhe seja conveniente.

Havendo consentimento, os depoimentos serão gravados para facilitar a compilação dos dados e apenas eu os ouvirei. Comprometo-me com a garantia do sigilo em relação à realização e ao conteúdo da entrevista, assumindo a responsabilidade de omitir nomes e quaisquer dados que permitam a identificação do(a) participante. As transcrições das entrevistas serão usadas apenas para fins acadêmicos e, em hipótese alguma, serão divulgadas em qualquer outro meio. Dados do prontuário do(a) participante disponível no arquivo do Serviço de Orientação Profissional da USP poderão ser acessados por mim, respeitando as mesmas regras de sigilo e uso acadêmico acima mencionadas.

A participação na presente pesquisa é totalmente voluntária. Durante a colaboração, não é necessário que o(a) participante forneça informações que não queira, além de poder interromper sua participação a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

Ao responder a essa pesquisa, não haverá qualquer despesa nem remuneração para participante e responsável.

Considerando que toda pesquisa oferece algum tipo de risco, é importante informar que os temas acima mencionados a serem explorados na entrevista podem acarretar em desconfortos ou constrangimentos (riscos subjetivos). Se houver a necessidade de apoio e/ou orientação psicológica, ou mesmo encaminhamento a outros profissionais, assumo a

responsabilidade de prestar tal assistência a qualquer tempo, mesmo após o término da participação. Além disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, o participante tem assegurado o direito à indenização.

Coloco-me à disposição, em caso de possíveis dúvidas e para prestar esclarecimentos adicionais a qualquer momento, mesmo após a realização da entrevista. Os contatos estão listados abaixo.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será emitido em duas vias, que deverão ser rubricadas por participante, responsável e pesquisador. Uma das vias ficará em poder do(a) responsável/participante e a outra ficará comigo.

Atenciosamente,

Marcos Lanner de Moura, Doutorando pelo Departamento de Psicologia Social e do Trabalho - Instituto de Psicologia da USP. E-mail: marcos.moura@usp.br ; Celular: (11) 98127-3903.

Secretaria de Pós-Graduação do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho - Instituto de Psicologia da USP: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 – Bloco A, Salas 103/105, CEP 05508-030 - Cidade Universitária - São Paulo/SP. E-mail: ccppsicologiasocial@usp.br; Telefones: (11) 3091-4184 ou (11) 3091-4460.

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – Instituto de Psicologia da USP: Av. Professor Mello Moraes, 1721 – Bloco G, 2o andar, sala 27, CEP 05508-030 - Cidade Universitária - São Paulo/SP. E-mail: ceph.ip@usp.br; Telefone: (11) 3091-4182.

Eu
(participante) _____,
(idade) _____, RG _____, declaro que fui informado(a) e compreendi os objetivos da pesquisa de Doutorado intitulada “**Impactos da vivência do processo de Orientação Profissional na Carreira**”. Concordo em participar voluntariamente como entrevistado(a) e permito que as entrevistas sejam gravadas. Além disso, estou ciente de que, caso eu queira, posso interromper minha participação nessa pesquisa a qualquer momento.

Assinatura do(a) participante: _____

Eu, _____ (nome _____ do _____ responsável _____ legal) _____ (idade) _____, RG _____, responsável _____ pelo menor _____, declaro que fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar a decisão do menor, sob minha responsabilidade, de participar, se assim o desejar. Recebi uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas.

Pesquisador: Marcos Lanner de Moura _____

São Paulo, ____ de _____ de 20__.

APÊNDICE C – Dados socioeconômicos dos participantes colhidos da ficha de inscrição no SOP e NOP à época do atendimento

Tabela 3 - Informações socioeconômica dos participantes constantes na ficha de inscrição para atendimento no SOP/NOP USP

Participante	Ano preenchimento	Idade	Est. Civil	Cor/raça	Escolaridade	Trab. ou estágio	Renda pessoal	Renda familiar	Comp. familiar	Estado civil	Idade	Escolaridade
Fernanda	2009	21	Solteira	N/d	Sup.	Sim	R\$800	n/d	Pai	Casado	55	Sup. Comp.
					Incompl.		Mãe	Casada	55	Sup. Comp.		
							Irmã	Casada	28	Sup. Comp.		
							Irmã	Solt.	19	Cursinho		
							Irmã	Solt.	16	2ª série EM		
Rosa	2009	34	Casada	Branca	Sup. Comp.	Sim	Nenhum	n/d	Marido	Casado	37	Sup. Comp.
					N/d	Sim	N/d	Mãe	Divor.	65	Sup. Comp.	
Maria	2013	48	Casada	Branca	N/d	Sim	N/d	R\$6000	Pai	Divor.	76	Curs. Normal
							Marido	Casado	70	Supletivo		
							Filha	Solteira	50	Medicina		
							Filha	Solteira	16	Ens. Med.		
							Filha	Solteira	14	Ens. Med.		
							Irmã	Casada	49	Sup. Comp.		
José	2014	20	Solteiro	Branca	Sup. Incompl.	Sim	R\$870	n/d	Pai	Casado	57	Sup. Comp.
							Mãe	Casada	50	Sup. Comp.		
							Irmã	Solteira	17	Fund. Comp.		
							Vó	Viuva	n/d	Sup. Comp.		
							Vó	Casada	n/d	n/d		
							Vó	Casada	n/d	n/d		
Carol	2015	19	Solteira	Parda	Ens. Med.	Não	n/d	R\$1153	Mãe	Solteira	44	Ens. Med.
					Sup. Incompl.	Não	n/d	De R\$15 a R\$20 mil	Pai	Casado	65	Sup. Comp.
Carlos	2015	23	Solteiro	Branca					Mãe	Casada	58	Ens. Méd. Incomp.
							Irmão	Solteira	41	Sup. Comp.		
							Irmã	Casada	40	Sup. Comp.		
				Irmã	Solteira	24	Sup. Comp.					

Fonte: Elaborado pelo autor a partir das informações dos participantes que constam na ficha de inscrição para atendimento no SOP/NOP USP anexa ao prontuário nesse serviço.

APÊNDICE D – Colocações dos participantes relacionadas a OP

Tabela 4 - Colocações dos participantes relacionadas ao processo de OP

Participantes	Como estava antes da OP	O que motivou a procurar OP	Durante o processo (o que lembra)
Fernanda	E eu tava nessa, tava parada, porque eu tinha medo de fazer qualquer coisa, sabe? Porque, querendo ter tudo, eu não tinha nada.	Eu não pretendia estagiar em arquitetura, não era obrigatório também. Então, eu fui meio com o intuito de uma orientação do tipo “agora eu vou me formar e vou para onde?”	<p>A gente não falava só de trabalho, falávamos sobre a minha vida também.</p> <p>Na conversa eu lembro muito que eu fui incentivada, nessas conversas, a fazer um cronograma, a fazer um calendário, uma programação da minha semana.</p> <p>E também um pouco ela me incentivava a me ver.</p> <p>Acho que ela até me falou para escrever uma carta para uma amiga no futuro, contando como era a minha vida. E eu tinha muita dificuldade de enxergar isso, de enxergar um futuro, um horizonte, o que eu ia fazer.</p> <p>Me orientou a procurar uma psicóloga.</p>
Rosa	Eu acho que estava exatamente na questão que era: vou para a área acadêmica ou vou procurar uma coisa diferente, aplicada.	Para entender um pouco para que lado que eu ia.	<p>Aí, na orientação profissional eu fui vendo que eu gosto muito mais da parte aplicada das coisas. Aí, a questão acadêmica fica um pouco travada. Por que eu não consigo mergulhar um pouco na vida acadêmica? Porque precisa estudar, dar aula, preparar projeto, tem uma coisa meio burocrática de administração de laboratório, que não é bem o que eu quero, não é bem o que eu gosto. E aí eu vi que queria ir pra a parte aplicada de laboratório, fazer experimento mesmo. Podia ser em qualquer laboratório de pesquisa. Por isso que eu fico meio assim, nesse pé, “laboratório” e “pesquisa”, e até hoje é assim meu questionamento, não consegui resolver ainda.</p>
Maria	Em novo laboratório, após sucessivas mudanças, e ainda se sentindo estagnada	<p>Foi essa incerteza se eu queria ou não continuar na minha área de trabalho.</p> <p>A ideia de dar aula, ou simplesmente fazer outra faculdade, outra área. Porque o que eu percebi foi que a maneira de escolher a minha profissão foi muito, assim... eu não tinha certeza sobre o que eu queria fazer. Nunca tinha parado pra pensar nisso até a hora de prestar vestibular.</p>	<p>Eu lembro dessa angústia. Lembro de a gente conversar sobre esse ambiente. E lembro da O. falar que muita gente saía da [UNIVERSIDADE] por causa disso. De repente eu ia ver como era o ambiente fora daqui [caso aceitasse a proposta de dar aulas em faculdade particular que surgiu durante o processo].</p> <p>Quando eu vim aqui, eu estava ainda nessa coisa, não sei se paro ou continuo, e falando com a O., comentei que havia surgido oportunidade para eu dar aula. E ela falou: “Que ótimo! Você vai mandar na sua sala, vai dar aula como você quer, né?”.</p> <p>Conforme eu relatava as coisas para a O., falava sobre essas experiências, sempre ficava pra mim que eu não sou uma pessoa fácil, que não é possível, eu devo ter um gênio desgraçado. Porque, como é que eu não consigo ficar feliz onde estou trabalhando?</p>

Participantes	Como estava antes da OP	O que motivou a procurar OP	Durante o processo (o que lembra)
José	<p>Eu estava em um momento bem frustrante mesmo e sem esperança. Eu adorava a faculdade, mas eu me sentia mais feliz por ser um aluno da USP do que por ser um aluno de gestão ambiental.</p>	<p>Eu senti que precisava de ajuda, mas não sabia onde encontrar e não queria pagar por isso</p> <p>Eu tinha medo de verdade de mudar por causa de dois fatores: a incerteza e a perda de sair de uma universidade pública e ir para uma particular.</p>	<p>Tanto é que eu cheguei a voltar pra lá depois e ele falou que eu só estava reclamando de outras coisas e que eu deveria seguir em frente, e eu continuei no curso.</p> <p>Eu não me lembro muito bem de detalhes de como é que foi, mas lembro que ele chegou a falar sobre projetar os meus próximos passos daqui pra a frente. Eu não sei se segui muito bem isso, porque escolher a [Faculdade] também foi um pouco frustrante, mas acho que eu tenho que lidar melhor com isso, me frustrar menos com as coisas.</p> <p>Eu lembro da pesquisa em si, de olhar os cursos e olhar as grades. Agora, assim, de entrar na faculdade pra a frente eu não</p>
Carlos	<p><i>Tensão cada vez maior entre a identidade pessoal e as perspectivas profissionais na carreira de Geologia;</i></p> <p>Nada está fazendo sentido;</p> <p>Eu sabia o que eu não queria, mas não tinha ideia do que dava pra fazer (...). (...) sabe, assim, você não quer sair de casa e estar há muito tempo assim?</p>	<p>Eu passei anos, 2013, 2014, 2015, sem nem querer sair de casa. Vinha para a faculdade chorando e saía chorando. Isso não é normal!</p>	<p><i>Identificação e diferenciação com o grupo familiar: família de carreiras tradicionais (não se identifica) e empreendedores (se identifica)</i></p> <p><i>Diferenciação de valores em relação ao seu pai:</i> muito diferentemente do meu pai (...) que buscava o material, eu não me importo.</p> <p><i>Clarificação sobre motivações da primeira escolha: mineração em alta na época</i></p> <p><i>Perfil pessoal:</i> interesse por algo mais prático e pelo campo da saúde</p> <p><i>Construção de um novo projeto:</i> Foi o que o O. me falou, a hora de mudar é agora, se quiser dá tempo.</p> <p>Cheguei para o O. e disse “nada está fazendo sentido”, foi a minha primeira frase.</p> <p>Ele me mandou escrever um dia detalhado daqui há algum tempo, minuto por minuto do que eu faria. Daí eu projetei. Eu fiz dois textos. Tanto me veio assim como assim. (...) Foi bem legal esse trabalho,</p>
Carol	<p>Após não aprovação no vestibular para carreira de música: E eu entrei com essa dúvida aqui [pensar em outras carreiras onde eu também seria feliz, pois música é muito difícil], além de estar desiludida com o vestibular que eu não passei.</p>	<p>Querida ajuda nesse processo de escolha. Pra saber se eu estava escolhendo certo. Esse era meu principal medo, escolher certo. Foi o principal motivo.</p>	<p>Ela foi muito atenciosa, mesmo. Todos os encontros foram ótimos</p> <p>A gente fez aquela dinâmica em que ela pega basicamente todas as profissões possíveis, em papeizinhos, e eu organizo por família. Então vou escolhendo as que eu gostaria de convidar pra uma festa, algo assim. (...) Quando eu estava fazendo essa dinâmica, eu não escolhi Música, eu escolhi várias carreiras, mas não música. Eu me lembro que ela até falou pra mim que, mesmo já inscrita no vestibular, porque já era outubro, setembro, e tendo escolhido música, eu não escolhi música no teste, mas escolhi várias carreiras na área de humanas. E então ela me disse, olha só, você está prestando vestibular pra música e não escolheu música aqui. E eu percebi que tinha uma contradição.</p> <p>Me lembro bem de uma dinâmica que nós fizemos com algumas figuras de várias carreiras, que eu tinha escolhido ao longo do processo, e todas as carreiras conversavam umas com as outras, elas tinham uma área em comum.</p> <p>No começo foi um pouco difícil pra mim porque começamos a trabalhar essas questões e eu comecei a falar muito da minha vida. E eu não gostei muito de falar da minha vida. Por isso foi muito difícil pra mim começar o processo. Mas depois que eu comecei, do meio pro final, eu acho que melhorou bastante, eu comecei a pesquisar mais, a ir atrás de tentar falar com as pessoas que faziam o curso, ao invés de ficar só lendo as descrições.</p>

Participantes	O que o processo mobilizou	Após o processo
Fernanda	<p>[Eu] estava parada, porque eu tinha medo de fazer qualquer coisa, sabe? Porque, querendo ter tudo, eu não tinha nada. Acho que era um pouco disso [que foi o processo de OP], [sobre a importância de] escolher o caminho, [aprendizado que] eu levo para tudo hoje em dia.</p> <p>Se for dizer qual foi a parte mais importante, foi ter me dado esse caminho para continuar, isso de 'olha, aqui está o contato de uma psicóloga'.</p> <p>Lembro que foi falado nessa orientação vocacional também, sobre essa dificuldade de fechar portas.</p> <p>De que os finais de semana também são dias em que você pode realizar coisas. (...) busque se realizar no fim de semana com alguma coisa que não necessariamente tenha a ver com os dias úteis.</p>	<p>Eu acho que me deparo com isso sempre, sou muito indecisa. (...) Eu estava vendo um vídeo ontem em que o cara fala "meu, se você fica na dúvida, faz!", e eu acho que isso é muito a minha história mesmo.</p>
Rosa	<p>Veio, para a orientação profissional, o tema de trabalhar com criança, o que é uma mistura bem clara do que é o profissional e a família. Quis juntar as duas coisas e depois fui ver que não era isso.</p> <p>Entrevistador: Você acha que a orientação te ajudou também a ver que você queria um tempo para os seus filhos? (...)</p> <p>Rosa: Eu acho que sim, porque foi quando eu decidi que um pós doc, naquele momento</p> <p>Na orientação eu consegui ver que eu gosto dessa parte aplicada. O que buscar para realizar o que eu gosto, a minha vocação...</p>	<p>Eu acho que terminou a orientação com uma ideia de 'tá, então vou procurar uma coisa prática', e aí eu estava grávida.</p> <p>Me serviu sempre como um questionamento. De lembrar o que eu tinha trabalhado e pensado, como 'não é a questão prática que você gosta? Por que você está indo para a parte acadêmica? Não tem que olhar uma coisa mais aplicada?'</p>
Maria	<p>Me deu coragem pra isso [aceitar a proposta de lecionar]. Porque até então eu estava na Faculdade de Medicina sem enxergar mais longe. Até então eu estava cercada de médicos, e cargo de docente é pra eles, e não pra a gente. E eu nem cogitava prestar concurso para cargos da [UNIVERSIDADE] onde não houvessem médicos, onde houvesse oportunidade pra a gente. Então, a orientação aqui, me abriu esse novo horizonte</p> <p>Aí tem coisas passadas, que eu tratei com a O., de infância que eu vivi, traumas, aquela coisa de mãe comparar filho um com outro, a auto estima no pé.</p>	<p>A impressão que eu tenho é que tenho muita coisa pra resolver. Tanto que pensei em voltar e falar com a O. Dizer: "Olha, eu parei de dar aula, foi uma experiência boa. Se eu conseguir desenvolver um grupinho e tocar um projeto, ficar feliz no lugar onde eu trabalho, acho que eu continuo a pesquisa. Se não, acho que eu me aposento e vou procurar um lugar pra dar aula, ter um salário, e vou desistir disso". A minha chefe é uma pessoa paciente. Ela espera que, uma hora, eu vá deslanchar e começar a produzir mais do que estou produzindo.</p>

Participantes	O que o processo mobilizou	Após o processo
José	<p>eu já estava meio decidido na minha cabeça, não ia mudar muita coisa, mas foi um processo bom pra tentar tirar um pouco desse peso. Pelo menos inicialmente o peso de... até hoje, acho que entrar na USP foi a melhor coisa que eu já consegui na minha vida inteira, e abrir mão disso era muito pesado. Tinha um pouco desse peso, e parar de me preocupar tanto com o que os meus pais iam achar me ajudou um pouco. Acho que isso é que era o mais complicado, não era nem tanto a dúvida do curso.</p>	<p>Eu vendo bolo e salgado na faculdade. Essa é a minha fonte de renda. Isso não é um orgulho pra quem estudou tanto, sabe? (...) Qual é a minha perspectiva de vida? Eu estudei tanto pra, no final, morar numa kitchenet? (...) eu me sinto tão inútil algumas vezes. Qualquer um pode trabalhar com bolo e salgado, você pode trabalhar com bolo e salgado, qualquer um pode passar cartão na maquininha. Que grande decisão é essa? De ser um lixo na vida? Eu não sei mais que grande decisão eu vou ter que fazer. Eu não consigo mais ser o meu melhor. Quer dizer, nunca fui. Não consigo mais ter essa visão de... essa ilusão de que eu vou ser bom em alguma coisa algum dia. Não sei mais o que eu estou fazendo, pra onde que eu vou.</p> <p>Eu não cheguei a pensar nas conversas [do processo de OP] durante as minhas dúvidas.</p> <p>Eu não sei se estou fazendo as melhores escolhas pra a minha vida, eu duvido muito.</p>
Carlos	<p>De outubro para março, a minha segurança cresceu muito mais!; Foi muito bom para autoconhecimento!; Linkar todos os itens de como eu penso, do que eu sou, como eu quero trabalhar;</p> <p>Hoje eu já falo com muito mais entusiasmo do que vai vir para frente do que o que ficou para trás. Isso é uma grande diferença que eu senti. Eu estou pensando para frente e querendo “meter a cara”. Fazia muito tempo que eu não me sentia assim.</p> <p>Eu sabia o que queria mudar. Mas não chegava lá no final. A OP conseguiu me dar o começo o meio e o fim.</p> <p>Me fez ver também onde eu quero chegar na minha vida pessoal. (...) você começa a ver que os dois [o pessoal e profissional] eles tem que se encaixar, tem que ter um equilíbrio, e é isso que eu quero fazer, que o profissional não enterre o pessoal, mas que tenha equilíbrio.</p> <p>Eu não conseguia responder (...) eu não conseguia organizar meu pensamento. O O. conseguiu organizar isso de um jeito na minha cabeça... (...) [hoje] eu consigo responder as coisas com uma facilidade, com uma segurança (...). Hoje eu já falo com muito mais entusiasmo do que vai vir para frente do que o que ficou para trás. Isso é uma grande diferença que eu senti. Eu estou pensando para frente e querendo “meter a cara”.</p>	<p>De outubro para Março, a minha segurança cresceu muito mais!</p> <p>No final do processo eu falei: nossa, estou me entendendo bem melhor!</p> <p>O fato de me sentir bem estudando as aulas no cursinho, tendo entendimento melhor de assuntos de filosofia e sociologia, me fizeram falar: "não, eu vou por aqui". Porque eu moro nesse contexto (...) Não estou disposto a quebrar certas coisas sozinho. Aprendi nos coletivos que participei que não adianta querer gritar sozinho (...). Eu não vou chegar numa cidadezinha no fim do mundo e querer que casais gays sejam respeitados. Eu vou morrer.</p>
Carol	<p>Eu acho que a orientação não me disse o que eu devo fazer da minha vida, o que eu devo seguir, mas ela abriu mais possibilidades.</p> <p>Então não ficou decidido que seria música, no processo, mas ficou aberto um leque de possibilidades e a música seria uma das que eu tentaria, mas seria possível tentar as outras possibilidades também.</p> <p>Eu vou prestar ciências sociais mais uma vez, como segunda opção, e vou tentar pelo ENEM, economia na Federal do ABC, vou tentar humanidades. Esse curso de humanidades da Federal do ABC me chamou muito a atenção. Até na orientação mesmo, porque são dois anos interdisciplinares e depois você escolhe a área que você quer seguir.</p> <p>Eu comecei a ver tudo de uma forma diferente. Acho que a principal mudança foi visão, começar a ver esse processo de forma diferente. Não como uma coisa que eu vou escolher pra sempre, mas como vários caminhos possíveis e que eu posso mudar a qualquer hora.</p> <p>Eu comecei a compreender melhor o processo de porque eu escolho isso, se isso tem a ver em tais pontos. Comecei a observar as pessoas, por exemplo, as pessoas que fazem um tal curso, e eu comecei a observar como elas eram e me perguntando se eu me encaixava.</p>	<p>Eu me lembro muito da orientação e sempre penso sobre as coisas que foram trabalhadas lá</p> <p>Acho que o momento que eu mais retomo são os momentos de dúvida, se é mesmo isso que eu quero prestar. Eu ficava lembrando dos questionamentos que ela me fazia nos encontros. (...) Eu ficava lembrando, várias vezes, das perguntas e ficava tentando me responder. Porque acho que não existe uma resposta clara. Ou existe e eu não esteja conseguindo ver. Então eu acho que esse processo continua influenciando assim, eu sempre lembrava das questões, do planejamento de carreira, que a gente fez no último dia, sobre o que você quer pros próximos 5 anos...</p> <p>Lembro que, no planejamento, eu tinha colocado alguns objetivos a curto prazo e a longo prazo. Então, se eu continuasse com a música, um dos objetivos era montar um grupo, se eu fosse pra Letras, caso eu passasse, o que não aconteceu, eu ia tentar começar a escrever um livro. Eu continuei na música, só que com meu curso técnico, mas eu não montei o grupo. Eu até tentei montar, mas não encontrei pessoas dispostas a montar o grupo. (Risos) (...) então esse objetivo não foi alcançado. Ah, o que não mudou foi que um dos meus objetivos era continuar com meu curso, fazer cursinho de novo e trabalhar. Então isso está acontecendo.</p>

Participantes	Como avalia o processo	Estado-meta	Agenciament
Fernanda	<p>Não cheguei a nenhuma conclusão, não me deu uma 'pô, então vou por aqui'</p> <p>Eu gostaria de ter tido orientação vocacional antes.</p> <p>E eu acho que foi, porque dá segurança ter alguém conversando com você, te acalma um pouco. Como te falei, a análise mais longa depois é muito mais importante por uma questão de autoconhecimento, mas ter pessoas para te ouvir e acompanhar é muito importante, acho bem válido.</p> <p>Foi um negócio breve, até senti falta de um negócio mais extenso, mas é que ela falou: "é assim, mas acho que você devia procurar uma psicóloga mesmo, enfim, uma análise e tal"</p>	<p><i>Competência profissional, realização pessoal e reconhecimento (material e social); trabalhar na empresa familiar.</i></p> <p>[se tivesse feito ADM] estaria melhor posicionada, com um salário melhor.</p> <p>Talvez eu seja melhor em negócios, mesmo.</p> <p>Ir para uma empresa em que o marketing seja realmente o foco.</p>	<p><i>Agente. Conduziu-se para o estado-meta</i></p>
Rosa	<p>Hoje eu trabalharia diferente a orientação vocacional, focada no profissional. Naquele momento eu misturei muito questão pessoal.</p> <p>Acho que talvez eu não tenha definido bem o processo todo, exatamente o caminho que eu tenho que tomar. É empresa, então vai. Uma coisa que não é, assim, clara para mim.</p> <p>Eu acho que foi favorável, tanto que eu pensei em retomar, fazer de novo o processo.</p>	<p><i>Trabalhar em empresas</i></p>	<p><i>Adaptação às contingências; baixa capacidade para agir em direção ao estado-meta</i></p>
Maria	<p>Foi favorável sim. Acho que me abriu essas opções, abriu a cabeça para outras coisas também. Me abriu para outro ambiente".</p>	<p>Formar o meu grupinho (...) e poder desenvolver (...) um microambiente (...) de colaboração entre as pessoas, um pelo outro."</p>	<p><i>Adaptação a situações exigentes;</i></p> <p>"Eu nunca decidi o que eu quero fazer, as coisas foram acontecendo"</p>

Participantes	Como avalia o processo	Estado-meta	Agenciament
José	<p>O processo eu acho que foi legal. Eu acho que deveria ter sido mais profundo, no meu caso. Eu não acho que foi problema da USP, mas talvez eu deveria ter procurado algo maior, não sei. Acho que eu poderia precisar ter visto isso antes, mais sessões e algo mais detalhado. Mas foi importante.</p> <p>Eu queria isso, mas não sabia onde encontrar e foi legal. Algo que acho que precisava ter mais. As pessoas precisavam ter mais acesso a esse tipo de coisa, principalmente acho que nas escolas, antes de saírem aí pra a vida.</p> <p>Eu acho que não teve um trabalho muito grande nesse aspecto de “legal, estou nesse curso novo, e agora?”</p>	<p><i>Ser alguém contratável/autonomia financeira</i></p> <p>Eu quero me tornar a pessoa que as pessoas contratam! Não quero mais seguir sonhos.</p>	<i>Agente-derrotado</i>
Carlos	<p>Com certeza. Eu acho que sim [foi favorável]. Linkar todos os itens de como eu penso, do que eu sou, como eu quero trabalhar, o foco é esse... A carreira não é o curso que você escolhe, a carreira é como você vai passar os próximos anos fazendo. Você pode mudar mil vezes o que você vai fazer. Linkar tudo isso eu só consegui fazer com ele, se não tivesse acho que eu estaria ainda perdido nisso.</p> <p>Foi muito bom para autoconhecimento! Eu nunca tinha tido uma experiência com algum profissional assim. Tudo que eu tive que resolver aqui foi sozinho, eu nunca tinha conversado dessas coisas íntimas com um desconhecido total.</p> <p>Eu acho que a OP possibilitou me dar o começo, o meio e o fim. O fim pode mudar? Pode, mas existem fins! Enxergar isso e ter motivação para correr atrás disso.</p> <p>Você saber que você tem um propósito, uma finalidade. Que você tem uma meta. Isso me tira da cama todos os dias. (...)</p> <p>Ele me fez ver também onde eu quero chegar na vida pessoal</p> <p>Fica mais fácil, quando você enxerga alguma coisa lá na frente, fica mais fácil de você querer correr atrás. Não só de carreira. A carreira vai influenciar em todo o resto também, a</p>	<p><i>Conciliar carreira profissional e identidade pessoal</i></p> <p>Foi bem legal esse trabalho. Você começa a ver que os dois [pessoal e profissional] eles vão se encaixar. Que tem que ter um equilíbrio entre os dois. E é isso que eu quero fazer. Eu quero ter o equilíbrio entre o profissional e o pessoal. Eu não quero que o profissional soterre o outro.</p>	<i>Agente</i>
Carol	<p>Acho que acrescentou bastante no desenvolvimento pessoal. No profissional, eu já não sei... talvez mais ou menos, por um lado sim e por outro lado não, porque eu não tenho uma carreira profissional construída. Talvez por isso. Mas acho que me ajudou, sim, a ver melhor como eu posso dar início pra esse desenvolvimento profissional.</p> <p>Eu acho que eu aproveitei, mas da forma que eu estava naquele momento. Se fosse hoje, eu tenho certeza que aproveitaria mais. (...) do ano passado pra cá, eu mudei muito, e hoje eu me sinto muito mais adequada pra ter uma orientação, porque eu já to mais encaminhada do que no ano passado, quando eu ainda não tinha esse encaminhamento mais bem definido.</p>	<p><i>Entrar no curso superior de música.</i></p> <p>Então eu decidi prestar música porque, de todos os últimos 4, 5 anos, ela sempre foi a cereja do bolo, pra mim.</p>	<i>Agente</i>

Em itálico: síntese do autor.
Fonte: Elaborado pelo autor.

ANEXOS

ANEXO A - Autorização para uso das fichas e relatórios dos atendimentos realizados no SOP da USP.



**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

São Paulo, 13 de dezembro de 2016.

À
Comissão de ética em pesquisa com seres humanos da Psicologia

Prezado Srs.

Autorizo o doutorando Marcos Lanner de Moura a acessar os dados contidos nos prontuários dos atendimentos realizados pelo Serviço de Orientação Profissional da USP de 2008 em diante, para fins exclusivamente acadêmicos, como parte de sua pesquisa de doutorado intitulada "Impactos da vivência do processo de Orientação Profissional na carreira".

Prof. Dra. Yvette Piha Lehman
Responsável pelo Serviço de
Orientação Profissional
Instituto de Psicologia - USP